



*Um romance de*  
CAROL MOURA

*O*  
*Destino*  
DO  
CEO  
*L*



# **O DESTINO DO CEO**

## **CAROL MOURA**

Copyright © 2017 Carol Moura

Todos os direitos reservados.

Título: O Destino do CEO

Autora: Carol Moura

Revisão: Clara Taveira & Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu) Capa: Lua  
Serejo

Para todos que não acreditam na pessoa perfeita, mas mesmo assim esperam  
por ela.

Sumário SINOPSE:

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

DASHIER

SEIS

SETE

DASHIER

OITO

NOVE

DASHIER

QUINN

DEZ

ONZE

DASHIER

DOZE

DASHIER

QUINN

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

DASHIER

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

DASHIER

QUINN

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

DASHIER

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

DASHIER

[TRINTA E SEIS](#)

[TRINTA E SETE](#)

[TRINTA E OITO](#)

[TRINTE E NOVE](#)

[QUARENTA](#)

[DASHIER](#)

[QUINN](#)

[QUARENTA E UM](#)

[QUARENTA E DOIS](#)

[DASHIER](#)

[QUINN](#)

[QUARENTA E TRÊS](#)

[QUARENTA E QUATRO](#)

[EPÍLOGO](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

[CAPÍTULO BÔNUS II](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)



## SINOPSE:

Quem via o forte, imponente e misterioso CEO Dashier Colt não sabia o quanto ele era quebrado.

Aqueles que perceberam Quinn suspirando, cansada, toda molhada e sozinha enquanto via sua festa sendo arruinada pela chuva, não imaginavam o quanto ela era forte e obstinada.

Dash passou os últimos cinco anos de sua vida com dois objetivos: gerir sua empresa e obter a guarda de seu filho, o simpático e inocente Hazel. Para manter tudo em ordem, ele leva a privação como a sua filosofia de vida, até encontrar Quinn Miles, uma organizadora de eventos independente, cordial e linda como um doce *cupcake* decorado.

Quando Quinn coloca os olhos no misterioso homem bem-vestido e absurdamente lindo parado à sua frente, tudo o que ela enxerga é alguém desesperado pelo bem-estar do seu filho. Acostumada a não ligar para o que pensam dela e a pegar o que quer, ela se vê em uma relação conturbada e delicada.

A paixão pode não estar lá à primeira vista, mas a atração e o destino estão, com toda a certeza. Quinn e Dashier estão destinados a ficar juntos, mesmo com todas as dificuldades que espreitam sua relação.

Paixão, sexo quente, muito amor e cumplicidade. Um romance diferente de tudo o que você já viu sobre CEOs e suas paixões avassaladoras.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## PRÓLOGO

— *Dashier?*

— *Pai? Eu preciso de ajuda... — Imploro, já chorando. Levando a mão ao meu nariz em uma tentativa de me livrar da breve coceira, percebo que estou sangrando.*

Acordei sobressaltado, abafando um grito dolorido.

*Merda!*

Levantei da cama imediatamente, iniciando a contagem para me acalmar. Podia ouvir o temporal caindo do lado de fora, então tentei me concentrar no barulho da chuva, já que o silêncio de dentro da minha casa conseguia me deixar ainda mais ansioso. Sentia a ânsia, vontade, o querer queimando debaixo da minha pele trêmula. Era assim sempre que eu tinha um dia ansioso, sempre que os pesadelos vinham.

Sempre que as lembranças me torturavam.

Contei meus passos até a cozinha, tentando me concentrar em qualquer coisa que me tirasse daquele desespero.

Abri a geladeira e peguei uma garrafa, sentindo minha garganta seca e dolorida. Virei a água com desespero em minha boca, com o desejo de aplacar a dor e o horror do pesadelo. Pensei em ir até o quarto de Hazel, talvez uma boa olhada em meu filho me acalmaria, mas a vergonha e a culpa não me permitiam ir até ele. Eu não merecia velar o seu sono. Não naquele momento.

Caminhei até a janela da sala para ver o temporal cair. O barulho da chuva nunca me acalmou, mas, naquele momento, ele me chamou, cantou para mim, oferecendo um conforto que nunca havia oferecido antes. Abri a cortina da janela que abrange toda a parede, de cima a baixo, e que me dava

uma vista privilegiada do lado oeste da cidade. Além da chuva, ouvia o barulho das poucas buzinas que preenchiam as ruas durante a madrugada e o som discreto e abafado de uma música animada. As luzes de algumas poucas janelas ainda estavam acesas nos prédios vizinhos. Eu as analisei e me perguntei o que as pessoas estavam fazendo tão tarde da noite acordadas, apenas para tirar a minha mente daquele pesadelo.

O terraço do prédio em frente me chamou a atenção. Estava mais iluminado do que qualquer outro na rua. Olhei tudo, as luzes, a decoração, as flores e a mulher parada ali, completamente sozinha, olhando em direção à rua. Seu olhar parecia focado em algo, e, ainda assim, eu podia dizer que ela olhava para lugar algum. Ela apenas pensava sozinha, sob a chuva.

A mulher completamente vestida de preto tinha um copo vazio na mão, protegido por seus dedos e apoiado em seu peito enquanto ela simplesmente pensava. Tentei ouvir se a música que tocava poderia embalar os pensamentos aparentemente melancólicos da mulher encharcada. Não consegui, então, para fugir dos meus próprios medos, imaginei uma trilha sonora para ela. *Wish you were here*, do Pink Floyd, me pareceu uma boa escolha para ela, que continuava a deixar a chuva cair sobre seu corpo sem esboçar qualquer reação, sem se defender. Imaginei que talvez precisasse de ajuda, e isso bastou para me tirar de dentro da escuridão de meus pesadelos. Fiquei preocupado com uma mulher que sequer sabia o nome ou conseguia ver o rosto com clareza.

Procurei ao seu redor, buscando alguém para resgatá-la daquele lugar. As flores caídas eram afogadas, enquanto as velas iluminavam os outros convidados da festa dentro do ambiente fechado. Eles sorriam e conversavam, protegidos da chuva, sem lembrar de um dos convidados. Eu não conseguia ver o seu rosto, mas a proximidade dos prédios me dava uma boa visão sobre a sua caída, cansada e solitária expressão corporal.

A parte de estar sem ninguém eu compreendia perfeitamente.

Havia um tempo que eu me sentia sozinho, mesmo estando cercado de pessoas. Quando estava com Hazel, Sylvia e meus pais, eu me sentia um pouco melhor, mas eu realmente nunca me sentia completamente inteiro. Nunca. Nem antes de tudo acontecer, nem quando aconteceu e muito menos naquele momento, quando eu lutava tanto para manter a minha vida nos eixos.

Fechei meus olhos por um momento e logo voltei a mirar a mulher solitária no outro terraço. Sem saber o porquê, me peguei querendo abrir a janela e gritar para ela correr e se proteger da chuva, mas eu sequer a conhecia, ela sequer me ouviria em toda aquela chuva. Então eu simplesmente a deixei, sozinha e molhada, provavelmente com frio, e me sentei no sofá, já mais calmo. Mas, por segurança, reiniciei a minha contagem. Mesmo me acalmando, minha mente escorregava para a maldita lembrança daquele dia. Um arrepio passou por minha espinha, e eu voltei para a cozinha em busca de mais água.

Será que um dia aquilo pararia?

Eu seria livre novamente?

Da cozinha, olhei para a grande janela na sala e senti vontade de observar novamente a mulher solitária. Pensar nela me fazia esquecer de mim. Será que a estranha se importaria em ser usada para esquecer dos meus problemas? Não seria justo com ela... Ou seria? Afinal, ela nunca me conheceria.

A memória veio novamente, me fazendo andar em desespero para a janela mais uma vez, em busca da mulher que, mesmo sem saber, estava me ajudando.

— *Pai? Eu preciso de ajuda... – Imploro, já chorando. Levando a mão ao meu nariz em uma tentativa de me livrar da breve coceira, percebo*

*que estou sangrando. — Eu matei alguém.*

Quando eu olho para fora, ela não está mais lá.

Então eu volto a minha contagem.

— Um... dois... três...

## UM

*Bom dia, NYC, são sete horas da manhã, dia dois de junho, segunda-feira, e esta é a WNYC FM ao vivo, trazendo o melhor do rock para você.*

— Desliga isso, Quinn.

— Não é aqui, é no vizinho, ele não sabe usar o telefone como despertador, eu acho... O que diabos você está fazendo aqui, Kevin? — Saltei da cama, alarmada, enquanto ouvia a introdução de uma música do Kansas na rádio que acabara de me acordar. Pelo menos o vizinho tinha o rádio relógio sintonizado em uma rádio boa, embora a altura fosse absurdamente desnecessária. Eu amava meu apartamento, mas o fato da janela do meu quarto ser praticamente grudada no prédio ao lado era realmente frustrante pela manhã.

— Viemos juntos do evento ontem... — Apertei meus olhos, tentando enxergá-lo enquanto ele contava como paramos nus em minha cama. Olhei em volta, tentando encontrar meus óculos, e não os vi no local onde costumava deixá-los. Voltei para Kevin e continuei me esforçando para enxergar, sem sucesso. — Você me convidou para ficar...

*Eu convidei?*

Eu não me recordava de muito sobre ontem, depois que resolvi afogar a minha frustração em uma garrafa de Patron.

Antes disso, certamente me lembrava.

A maldita chuva arruinando parte do meu evento. Cassandra não ficaria feliz quando soubesse que meu *lounge* foi destruído, mas o que mais

eu poderia fazer? Mandar um e-mail para o céu o impedindo de derramar água? A previsão do tempo era favorável, eu pesquisei, mas no início da madrugada a chuva torrencial resolveu nos agraciar, destruindo tudo. Geralmente sou uma pessoa centrada e tranquila, mas meu trabalho vinha se tornando cada vez mais a minha prioridade, portanto vê-lo estragado não era agradável. Culminando com a solidão, que eu vinha sentindo cada vez mais, e as minhas brigas com a minha chefe... Bem, a noite não foi realmente satisfatória. Então, quando o evento acabou e a equipe se reuniu para relaxar enquanto desmontava os equipamentos e Kevin apareceu com a minha bebida preferida, Patron...

*Kevin...*

Kevin é uma delícia, mas um pouco grudento depois do sexo. Na primeira vez em que eu o contratei para ser barman em um evento, imediatamente me interessei por ele. Cinco anos a menos que os meus vinte e seis, praticamente cheirando a leite e com muita disposição. Eu nunca havia saído com um funcionário de empresa contratada antes, pois sempre fui muito profissional, mas o garoto simplesmente me fisionou com os cabelos negros bagunçados, olhos azuis e clarinhos e sorriso fácil. Ele sabia onde e como tocar, e eu apreciava isso em um homem, mas, após a primeira noite, ele não foi embora, quis ficar, e aquele era o primeiro sinal de perigo, eu devia ter percebido.

Depois, vieram as ligações, as mensagens e até mesmo os encontros “casuais” próximos ao trabalho. Demorou para conseguir me livrar dele, mas, aparentemente, ontem eu deixei o Patron e ele entrarem. Eu não costumava ser uma mulher carente. Gostava de sexo, carinho, atenção e tudo mais e não era avessa a relacionamentos, só não sentia necessidade de um envolvimento mais sério desde Roy. Honestamente, eu estava me sentindo bem, sozinha, focada no trabalho, sem maiores problemas para me preocupar...



Até ontem.

— Que tal eu buscar o café da manhã e ficarmos na cama? Você disse ontem à noite que hoje é sua folga.

*Alerta vermelho, aí vamos nós.*

— Kevin, o que aconteceu... — Comecei meu discurso, mas meu hóspede revirou os olhos e me interrompeu: — Você não precisa dizer nada, Quinn. Está tudo bem. Eu entendo. Você apenas me chamou, e eu vim de bom grado depois da festa. Não significa nada. O café e o sexo extra eram apenas uma oferta de diversão.

*Oh! Ele começou a fazer aquela cara de Golden Retriever.*

*Não a cara de Golden, não a cara de Golden.*

— Kevin, por favor, não me leve a mal, é só que... Me desculpe.

— Está tudo bem. — Sorriu enquanto juntava suas roupas e as vestia. Meus olhos vagaram pelo seu belo corpo, e um suspiro saiu de mim. Eu gostaria de querer mais de Kevin. Queria que ele pudesse preencher o vazio que vinha crescendo em mim mais e mais. Mas eu não conseguia. Ele não era o cara certo, mesmo que eu desejasse. A diversão era boa, o sexo era ótimo, mas eu não conseguia seguir em frente com ele. Algo faltava para mim, mas não era Kevin.

Torci para que ele não reclamasse para ninguém que pudesse espalhar a informação de que eu saí com algum membro da equipe terceirizada. Cassandra não estava feliz comigo, e isso poderia ser mais um motivo de fúria. A dona da Class Eventos não estava facilitando as coisas para mim desde que descobrira minha tentativa de obter a minha própria empresa. Ela não dizia com todas as palavras, mas me via como uma ameaça em potencial, uma vez que era a sua melhor organizadora. Ainda que, em nome da amizade e da minha lealdade de anos, ela estivesse tentando com empenho não ser amarga sobre a minha decisão, Cassie estava chateada por eu não querer

terminar meus dias na Class ao lado dela.

Ela pensava que a concorrência comigo seria desleal, pois eu não somente era uma das melhores organizadoras de casamento em sua empresa, mas também em toda Manhattan. Na verdade, ela estava focando apenas neste fato e esquecendo que levaria ao menos mais três anos para que eu conseguisse sair da Class, pois não tinha todo o dinheiro necessário para comprar o local ideal para realizar os casamentos mais lindos de toda Nova Iorque. Então, meus dias na Class estavam sendo uma mistura de tensão com sorrisos falsos e orçamentos sem fim.

Para completar, minha assistente era uma cadela preguiçosa. Gostaria que Cassandra fosse mais rápida em substituir Mariah, embora houvesse a desconfiança de que ela estava demorando apenas para me castigar.

*Só um pouco.*

Mariah era tão boa, que parecia fazer estágio para vilã da Disney, ainda que fosse muito velha para a tarefa, e tentava me sabotar a cada oportunidade. Deixava os orçamentos acumularem, não preenchia as planilhas mensais e não escondia seu ódio por mim. Pedi sua substituição um mês antes, mas Cassandra simplesmente não me deu nenhuma resposta. Ela queria me fazer sofrer, com certeza.

*Está tudo maravilhoso no mundo mágico da Quinn.*

Eu me sentia carente, solitária e realmente confusa, mas apesar disso tudo, me sentia livre, ao mesmo tempo.

Pouco via meus pais depois que eles venderam o negócio da família e se mudaram para Jersey, e minha vida amorosa afundava desde o ano anterior, quando Roy terminara nosso relacionamento para ficar com uma garota da Pensilvânia e se mudar para lá.

Até meu ex me dar a notícia de sua partida, não tinha percebido o quanto eu precisava ficar sozinha por um tempo. Me senti aliviada.

*Só que talvez, só talvez, nesta madrugada, eu tenha percebido que estar sozinha já não é mais tão legal assim...*

*Minha menstruação está para vir? Porque eu sinceramente estou confusa.*

Acho que eu estava precisando de uma amiga, uma boa conversa e um pedaço de bolo...

*Bolo! Segunda-Feira!*

— Merda! — Gritei, olhando no relógio. Eu tinha vinte minutos.  
*Droga!*

Correndo para vestir algo apresentável, liguei para minha mãe. Para me ajudar naquela manhã, ela não atendeu.

*Eu odeio atrasos. Odeio me atrasar. Porra!*

— Droga, mãe!

Prendi meus cabelos de qualquer jeito e calcei meus tênis.

— Meus óculos. Merda! Onde estão meus óculos? — Olhei em volta do meu pequeno apartamento novamente, na tentativa de encontrar meus óculos. — Eu não tenho tempo para lentes agora. — Resmunguei, abrindo a gaveta e pegando minha antiga armação, de hastes grossas e pretas. — Essa porcaria está na moda novamente de qualquer jeito.

Quando finalmente fechei a porta do meu apartamento, me senti novamente uma típica aluna de Administração de Columbia: tênis, *leggings* e moletom da universidade, sem esquecer os óculos de nerd e o cabelo sujo.

*Ótimo, estou em período de provas finais novamente.*

Corri pelas escadas até chegar a rua, bufando ao pensar em meus trajes. O clima estava um pouco frio, mesmo sendo verão, a chuva da noite passada tinha trazido um céu nublado e um vento frio pela manhã. Ataquei o primeiro táxi que se aproximou e dei o endereço ao motorista.

\*\*

Não demorou mais do que quinze minutos, e estava no local que me era familiar: a Upper Bakery. Sorri, agradecendo por ser meu dia de folga e por poder aproveitar um bom café da manhã com calma enquanto sentia o cheiro e atmosfera do local. A Upper Bakery é uma confeitaria tradicional e bem-conceituada, situada no coração da Upper West Side e quase às margens do rio Hudson. Dois filmes do Woody Allen foram filmados ali. Um deles, eu tive o orgulho de acompanhar, ainda que não fosse fã do diretor ou de seus filmes. De qualquer forma, me enchia de orgulho aquele lugar, principalmente porque meu pai, Edmund Miles, e minha mãe, Fern Miles, fundaram o local.

Então, sim, eu cresci rodeada de massa doce, açúcar de confeitiro e xícaras intermináveis de café, e aquele continuava sendo o meu local preferido no mundo todo, mesmo que não pertencesse mais aos meus pais. Dois anos atrás, cansado de ser escravizado, embora amasse sua empresa, meu pai sentou comigo e resolveu me passar a Bakery, alegando o cansaço e a vontade de viver com mamãe todas as aventuras que não tiveram a oportunidade por causa do local que crescera demais e se tornara famoso.

Eu amava a Upper Bakery, de verdade. Mas realmente aquela história não era minha para continuar. Não me via naquela vida. Então eu agradei ao meu pai, mas recusei a sua proposta de administrar o empreendimento, meu coração ficou apertado ao ver seu rosto decepcionado enquanto eu negava o legado da família Miles. Mas ele, então, sorriu e entendeu que aquela não era a vida que eu escolhera para mim. A verdade é que eles sabiam que a minha paixão era organizar eventos e que meu sonho era virar uma especialista em casamentos.

Sendo assim, meu pai vendeu oitenta por cento da sua tão amada confeitaria para o seu empregado mais antigo, Lowie, Low para mim, já que ele e sua esposa Shelly são meus padrinhos. Os outros vinte por cento eram

meus, mas Low administrava para mim e o dinheiro ia para meus pais guardarem. Eu não tinha nada a dizer sobre o que ele fazia e realmente nem sabia quanto a confeitaria rendia. Eu amava a Bakery, mas não tinha necessidade nenhuma de entrar para os negócios.

— Ei, Low! Por aqui tão cedo? — Cumprimentei assim que entrei no local. O cheiro de café e doces me atingiu e me fez suspirar com satisfação.

— Muito engraçado. — Lowie saiu de trás do balcão e me abraçou. — Sua mesa está reservada, senhorita Miles.

— Obrigada. O de sempre para nós. Ela já chegou? — Perguntei por mamãe, olhando para nossa mesa de sempre, a mesa em que eu fazia o dever de casa e, mais tarde, estudava para as provas da faculdade, fazia minhas planilhas orçamentárias para a Class Events e que uma vez escrevi cartas de amor para o Leonardo DiCaprio.

*O quê? O cara tem um Oscar agora. Eu sabia que ele era um bom partido desde aquela época.*

— Ainda não, querida. — Low respondeu.

— Ela também não me atende. — Revirei os olhos.

— Como se sua mãe fosse atender ao telefone alguma vez. Ela nunca anda com ele.

— Verdade. — Beije o rosto de meu padrinho e andei até a minha mesa reservada. — Onde está Shelly? — Perguntei, olhando o belo e bem decorado balcão. A antiga máquina de café ainda estava lá para ornamentar a mesa de preparo, bem ao lado da nova e mais bem equipada máquina de expresso. Pequenos e delicados vasos com flores estavam colocados em pontos estratégicos no balcão, dando graciosidade ao local.

— Está lá atrás. Tivemos um probleminha com a máquina de fios de ovos, e ela está com o técnico. Fique à vontade.

— Obrigada.

Lowie se afastou, e eu dei um suspiro, pegando meu telefone e tentando mais uma vez ligar para mamãe. Nada.

Olhei em volta do local, admirando todo o espaço. A Bakery não perdeu o seu charme. No mezanino, as pessoas bem-vestidas liam seus jornais enquanto tomavam café. De onde estava, conseguia ver as pinturas lá em cima, obras de artistas locais que usavam a ala VIP para mostrar suas belas artes e talvez conseguir algum comprador.

As garçonetes se locomoviam em seus uniformes perfeitamente alinhados, com gravatas-borboleta de cor borgonha. Seus cabelos presos em coques elegantes e suas maquiagens leves eram a marca registrada do local. Papai fez tudo aquilo ao lado de minha mãe. Parte de mim, uma pequena, sentia por não estar engajada naquele sonho; outra parte, a maior, estava mais do que satisfeita em ver que Lowie dava continuidade ao que foi construído rigorosamente.

Quando minha mãe novamente não atendeu minhas ligações, desisti e resolvi checar minhas redes sociais e e-mail enquanto aguardava minha dose de cafeína, açúcar e, claro, pela minha mãe. Uma vez por semana ela dirigia de Jersey para nos encontrarmos, conversarmos e matarmos um pouco da saudade. Quando ficava muito tempo sem visitá-los nos finais de semana, papai vinha junto com ela, aproveitando para conversar com Lowie sobre o empreendimento.

Ainda estava analisando meu Facebook quando percebi a garçonete colocando o pedido de sempre na mesa: *cheesecake* e uma xícara forte de café fumegante puro para mim e uma bela fatia de bolo veludo vermelho, decorada com um morango e calda de caramelo, e um copo com água gelada e uma rodela de limão.

— Olá, Bianca!

— Como vai, Quinn? – A garçonete sorriu ao me cumprimentar de

volta.

— Bem, e você? Descendo para trabalhar com os mortais? — Perguntei, percebendo que ela vinha da área VIP, a área do mezanino que atendia a clientes que desejavam mais sossego e um atendimento personalizado.

— Sim, ajudando por aqui, temos poucos figurões no andar de cima hoje. — Olhei para a área e sorri ao ver o espaço quase vazio. — E você, como está? — Perguntou e me analisou, levantando uma sobrancelha ao notar o meu look do dia. Eu raramente aparecia vestida de forma tão relaxada.

Geralmente estava vestida com um de meus ternos quando passava por ali, com meus óculos discretos ou lentes de contato. Cara lavada, hastes enormes de estudante nerd não eram coisas que eu apresentava a sociedade havia algum tempo. Mesmo em meus dias de folga, eu costumava estar em melhor aparência, ao menos para sair.

— Acordei um pouco atrasada hoje, embora esteja achando que vou levar um cano no meu encontro. — Eu ri, apontando para o local vazio.

— Ela deve aparecer em breve. — Disse e em seguida se despediu, voltando ao trabalho.

Voltei minha atenção para o telefone, e o tempo logo passou sem que eu percebesse. Quando dou por mim, percebo que minha mãe estava atrasada mais de uma hora, portanto ligo novamente, e ela finalmente atende.

— *Querida, desculpe. Eu deveria ter ligado ontem para desmarcar, mas esqueci.*

— Sem problemas, mamãe. — Meu tom foi caloroso, ainda que eu revirasse os olhos. — Está tudo bem?

— *Oh, sim, desmarquei apenas porque tenho compromisso com minhas amigas aqui e...* — *Claro que ela tem*, penso e sorrio. Eu também já

havia a trocado por minhas amigas antes. — *Você acabou indo me encontrar?*

— É claro.

— *Sinto muito, meu amor. Prometo compensá-la na próxima semana.*

Um movimento em minha frente me chamou a atenção. Um garotinho de cabelos castanhos, olhos grandes e verdes e muitas sardas adoráveis no nariz sentou no local reservado para minha mãe e ficou namorando o bolo no prato como se fosse a grande árvore de natal da Rockefeller Center.

— Não tem problema, mamãe, acho que já tenho alguém para comer o seu *Velvet*. Eu ligo mais tarde, tudo bem?

— *Claro, amo você.*

— Amo você. Mande um beijo para o papai.

Colocando meu telefone na mesa, analisei o menino, que não tirava os olhos do pedaço de bolo. Estava vestido como um pequeno homem: suéter fino em gola “v” por cima de uma camisa polo. Seus cabelos estavam metodicamente penteados para o lado esquerdo. Ele era praticamente uma réplica do pequeno Príncipe George da Inglaterra.

— Posso ajudá-lo?

— A pessoa que você está esperando não está aqui? — Seus olhos encontraram os meus e, por alguns segundos, nós ficamos em silêncio, nos comunicando com o olhar, sem realmente sabermos do que estávamos falando. Era estranho.

— Não. — Finalmente respondi enquanto piscava algumas vezes.

— Não vem? — Questionou novamente.

— Não. — Disse de volta, achando engraçada a forma direta como ele falava comigo. O menino olhou para trás e para cima, na área VIP, e sorriu, se ajeitando na minha frente.

— Eu ganhei cinco dólares do meu pai agora, porque ele soltou um



grande palavrão ao telefone. Se eu der para você, posso comer este bolo?

*Qual é a idade deste garoto?*

— Bem... eu... — Mas o menino já estava largando a nota amassada de dólar no meio da mesa, pegando o garfo e espetando no bolo. — Posso saber o seu nome?

— Eu não deveria dizer meu nome para os estranhos. — O menino informou com a boca cheia.

— Mas comer bolo com eles está tudo bem? — Perguntei, impressionada pela desenvoltura do pequeno homenzinho em minha frente.

— É, você está certa. — *Esse garoto não é deste mundo.* — Sou Hazel.

— Olá, Hazel. Sou Quinn. — Sorri, encantada pelo garotinho sardento e carismático que agia como adulto.

— Então, seu namorado a deixou esperando? — Ele me perguntou enquanto pegava mais um pedaço do bolo. Quase não alcançava a mesa, mas estava se saindo bem. — Eu posso te fazer companhia agora. Meu pai sempre me ensina a tratar bem as damas.

— Oh, não...

— Hazel? — Uma voz alta rompeu pela confeitaria, nos fazendo pular de susto. — Hazel! — A voz ficou mais alta e se aproximou. — Hazel!

O garoto se encolheu antes de chamar o homem: — Aqui, papai.

De repente, aparece uma figura imponente e ...

*Uau! Não consigo sequer começar.*

Pisquei algumas vezes, tentando fazer meu cérebro ligar novamente. Aquele homem não era como nenhum visto antes. Claro que o tempo não parou literalmente, mas dentro de mim tudo parecia congelado. Quente, mas congelado. Tudo, menos meus olhos, que o escaneavam de cima a baixo. O terno obviamente caro caía em seu corpo perfeitamente, o cabelo era raspado

e, pelo pouco que sobrava e pela barba, eu pude ver que eram castanhos como os do filho, em um tom mais claro. Ele me olhou por alguns instantes e rapidamente se virou para o filho.

— Onde você estava com a cabeça ao sair assim? — Deus! A voz dele. Forte, máscula, rouca e que poderia fazer uma mulher pirar em segundos. O tom grave de suas palavras me fazia imaginar coisas obviamente inapropriadas de se pensar na frente de uma criança.

— Desculpe, papai. — O menino disse com tristeza.

— Você está em um local público, Haze, não pode simplesmente sair assim de perto de mim. Eu estava surtando de pavor. — A voz do homem aumentava a cada segundo, e mesmo que ele estivesse me excitando e me deixando completamente atraída por ele, coloquei a atração de lado para tentar amenizar a encrenca em que Hazel havia se enfiado.

— Você estava no telefone... — O menino tentou justificar.

— E? — O pai se alterou ainda mais.

— Hum... Senhor? — Chamei, interrompendo a troca entre pai e filho. Os olhos do homem vagorosamente se voltaram para mim, me fazendo perder o fôlego. Tão intensos e verdes quanto os do garotinho. Mais de perto, eu conseguia ver a barba rala e quase loura, que deixava seu maxilar sexy demais para o meu bem-estar. *Espero não estar corando*. Ele levantou a sobancelha, esperando que eu continuasse a falar. — Ele já entendeu. Não entendeu, amigo? — Disse, tentando evitar uma cena ainda maior.

— Oh! Amigo? — O homem me olhou como se estivesse apavorado antes de se voltar para o garoto. — Quantas vezes já avisei para não falar com estranhos, Hazel?

— Desculpe, papai. Quinn me deu um pedaço de bolo, então... — O menino tentou explicar, mas o pai logo o interrompeu: — Aceitando coisas de estranhos também, Haze? — Brigou novamente.

— Ei! — Levantei-me, sentindo que não deveria ter feito aquilo assim que fiquei frente a frente com o homem: ele tinha bons trinta centímetros a mais do que o meu um metro e sessenta. Ele cheirava bem também. O aroma de perfume sofisticado misturado à sua respiração que exalava café forte me deixou com as pernas bambas. — Acho que ele entendeu, você está assustando ele. — Repreendi, mesmo sabendo que deveria estar calada. Ele não estava realmente sendo bruto com o filho, estava alterado por ter se assustado, e o menino parecia estar mais chateado do que com medo. Mas, de alguma forma, algo em mim quis chamar a atenção daquele cara e fazer com que ele parasse de brigar com o garotinho.

— Oh, sim? E por que você não volta para os seus estudos da faculdade e me deixa cuidar do meu filho, garota?

*Garota?*

Ele me analisou de cima a baixo enquanto me chamava daquela forma, e eu entendia seus motivos. Eu não parecia muito séria da forma como estava vestida. Mas isso não era motivo para me julgar.

— Só porque estou vestida assim, não significa... — Os olhos do homem continuaram analisando as minhas roupas e logo brilharam de forma estranha para mim, vidrados. — Esqueça, eu apenas estou dizendo que seu filho...

— Meu filho e eu estamos de saída. Certamente errei em pensar que este local seria bem-frequentedo. — Ele pegou o garoto pela mão. — Vamos, amigo. — E andou para a porta de saída, me deixando plantada enquanto os outros clientes assistiam a cena.

Lowie se aproximou, querendo saber se eu estava bem, mas eu apenas me virei, pegando os cinco dólares do garoto e indo atrás deles na rua. Eles estava se aproximando de um carro na calçada quando gritei: — Ei! — Os dois travaram e se viraram, e eu me aproximei deles e abaixei em frente ao

menino. — Foi muito doce o nosso encontro, seu pai lhe ensinou realmente a tratar bem uma dama. Aqui. — Sorri e lhe entreguei o dinheiro, me levantando antes de continuar. — O bolo fica por conta da casa, já que a Bakery é da minha família. E certamente é um local bem-frequentedo, já que tem como cliente um garotinho tão lindo e educado como você. — Voltei meus olhos para o menino e sorri. — Você sempre será bem-vindo, Hazel.

Voltei meu olhar para o pai do menino e tentei não me derreter diante das duas esmeraldas que me vigiavam severamente.

— O senhor certamente também é. Tenham um ótimo dia. — O homem ficou me olhando por um momento, seus olhos queimando nos meus, os lábios cheios e rosados duros em uma linha reta, seu maxilar tenso. Pude perceber que ele queria dizer algo, mas estava segurando. Eu o encarei da mesma forma, esperando que ele dissesse o que queria, e imediatamente me surpreendi com um desejo: que suas palavras fossem *“me desculpe, pode me dar seu telefone?”*

E eu teria dado, com toda a certeza eu teria dado.

Mas ele nada disse. Dei as costas para os dois e voltei para dentro da confeitaria, sentindo o meu coração batendo de forma acelerada e minha boca, seca.

## DOIS

*Aqueles malditos e belos olhos não saem da minha mente. Droga!*

Eu simplesmente não consegui me concentrar em nada do que fazia, apenas revivia cada segundo do nosso encontro maluco na Bakery, no dia anterior. E eu me refiro aos dois pares de olhos. Pai e filho. Olhos praticamente iguais. Brilhantes, curiosos e lindos. Porém, os do pai traziam um obscuro amadurecimento, enquanto os do filho eram como estrelas inocentes. De qualquer forma, nenhum dos pares saiam da minha mente.

Eu não fazia ideia nem do nome do pai, apenas do garotinho, e provavelmente havia uma esposa também, então eu tinha de evitar pensar no *papai sexy*. Mas como? Deus, ele parecia um personagem desses livros de romance que estavam na moda. Todo imponente, em seu terno alinhado, seu cabelo de cor clara e curto, de corte recente, o rosto com barba por fazer e, ainda assim, bem-tratada. Sua voz era profunda, grossa, e, Cristo, eu seriamente estava imaginando como seria a sua voz gemendo em meu ouvido.

— Tudo bem, tudo bem. Pare de pensar no homem, Quinn. Provavelmente você não o verá novamente. — Murmurei para mim enquanto arrumava os arquivos em cima da mesa.

— Quinn? Você tem um tempo?

Cassandra entrou em minha sala e fechou a porta atrás de si. Pisquei várias vezes e aguardei, apenas fazendo sinal para que ela se sentasse. Imaginei que fosse sobre o *lounge* arruinado pela chuva no coquetel de

domingo, mas ela sorriu de repente, me fazendo relaxar um pouco.

— No que posso ser útil, Cass? — Perguntei com a minha voz mais animada possível. Eu realmente queria voltar às boas com ela. Cassandra me olhou por alguns segundos e respirou fundo antes de começar: — Sei que você tem trabalhado exclusivamente para os casamentos, mas a esposa de Dylan está tendo problemas com a gravidez, e ele precisará ficar em casa com ela até o nascimento do bebê. Eu sei que não é a sua área e eu não pediria se não fosse de extrema importância. É a primeira vez que estamos fazendo um evento deste porte e neste segmento, e eu preciso desta conta para os próximos anos. Dylan vem cuidando deles há quase um ano, não podemos pôr tudo a perder agora.

Eu me remexi por um momento, intrigada ao ver a folha em sua mão. Era uma ordem de serviço de evento, e era extensa, pelo que minha vista alcançava.

— Bem, tenho certeza de que se não fosse extremamente importante, você não teria vindo pessoalmente falar comigo.

— Por isso eu gosto de você, Q. Você sabe exatamente como eu funciono. — Sorriu, satisfeita. O clima estava finalmente ficando mais leve depois do baque de meus planos de ter uma empresa própria. — Esta é a ordem de serviço, para você ir dando uma olhada. Dylan realmente tem tudo organizado, a equipe dele está em sintonia, e você realmente deverá apenas coordenar a montagem, fazer redução de danos, caso dê algum problema, e ser o rosto que o contratante precisa para entrar em contato se necessário.

— Tudo bem, quando será?

— Último sábado do mês.

— Mas eu tenho o casamento dos Mackenzie no final do mês, Cass. Eu deveria coordenar essa equipe. — Tentei justificar.

— Robbie pode coordenar. — Sentenciou minha chefe.

*Robbie? Mas eu tive tanto carinho por este casamento...* Eles casariam ao pôr do sol, o clima estava perfeito para o que eles dissessem sim, e o bolo tinha sido escolhido a dedo por mim e Leah Memphis, futura senhora Mackenzie.

— Mas...

— A quantia é obscena, Quinn. Obscena. Grande bônus para a sua empresa nova.

*Oh, merda!*

— Vou adorar fazer este evento. Mas eu ainda fico com a organização do Mackenzie e Robbie apenas coordena no dia. — Cassandra abriu a boca para argumentar, mas eu não deixei. — É o mesmo que farei com Dylan. Não há diferença.

— Tudo bem. Mas preciso de atenção neste evento, Miles. E eu falo sério.

— Darei tudo de mim. — Prometi com um sorriso.

— Eu imagino que sim, sua comissão vai ajudá-la a comprar o seu lugar, tenho certeza. — Repetiu ela, mas desta vez com menos simpatia do que antes.

— Cass... — Choraminguei.

— Está tudo bem, Quinn, mesmo. Eu estou apenas me recuperando da notícia.

— Você sabe que eu não vou deixar você antes de três anos, pelo menos.

— E é o tempo que tenho para você treinar alguém tão boa quanto você. — Ela piscou para mim e se levantou. — Falando nisso, eu não me esqueci da questão com Mariah. Espere apenas mais um pouco, ok?

*Então não era um castigo?*

Fiquei aliviada ao perceber que Cassandra não me odiava.

Concordei e me joguei no encosto da cadeira, soltando um suspiro longo e cansado. Eu deveria pensar na boa comissão que teria, ou começar a pesquisar imediatamente sobre a Colt Company, mas a minha mente voltou para o pai sexy de Hazel, e eu apenas ignorei o procedimento padrão de quando tinha um evento em minhas mãos. A ordem de serviço estava pronta, então eu simplesmente me sentia livre para pensar em outras coisas.

— Eu preciso esquecer este homem.

Apesar de minha determinação, eu não o esqueci. Aproveitando a curta distância entre meu trabalho e a Bakery, decidi passar por lá, tentando me convencer que era apenas para me certificar de que estava tudo bem com Lowie e Shelly, quando, na verdade, eu queria era ver se Hazel e seu pai estariam por lá. Era ridículo, eu sei, mas eu não tive chance contra minhas pernas, que me levaram para o local sem que eu quisesse.

Quando passei pela porta, fui recebida pelo aroma de sempre. Doces e café.

— Quinn, querida! — Shelly me cumprimentou do balcão.

O sistema de som tocava *Rolling in the deep*, de Adele, o que me faz sorrir. Shelly e mamãe amavam a cantora britânica.

Aproximei-me da parte mais baixa do balcão e abracei minha madrinha com carinho. Shelly era rechonchuda, loira, de olhos negros e bochechas rosadas. Seus cabelos sempre presos e seu dólmã sempre impecavelmente limpo e passado me pareciam uma fotografia em movimento dela: foram poucas as vezes que eu a vi diferente daquilo. Sempre vestida da mesma maneira, sempre com o cabelo na mesma cor e formato e sempre o mesmo sorriso gentil no rosto.

— Passei para saber como estavam. — Disse, dando uma olhada ao

NACIONAIS-ACHERON



redor. Nada.

*Claro que eles não estariam na Bakery. Besteira.*

— Fico feliz! Quer algo? Um chá? Bolo? Acabei de assar bons folhados de bacon e fio de ovos.

— Oh, a máquina ficou boa, então?

— Hunf! — Ela desdenhou com sua mão gordinha. — Tivemos que comprar outra. Mas é para o melhor. — Concluiu e sorriu, me direcionando a uma mesa.

— Oh, não, não posso ficar. Passei apenas para um abraço.

— Tudo bem, leve algum *muffin* para você, então. — Ofereceu, voltando para o balcão novamente.

\*\*

Foi só passar pela porta da Bakery, meu telefone apitou. Enquanto andava até o final da calçada para conseguir um táxi, li uma mensagem:

*Jantar? Sem expectativas, eu prometo. ~ Kevin*

Eu sabia que não deveria aceitar, já que a cada vez que eu saía com ele, ficava mais difícil me livrar depois, mas algo dentro de mim estalou quando recebi o seu convite. A frustração de ficar pensando no papai sexy estava me levando à loucura.

*Eu provavelmente nunca mais vou ver o cara!*

Era ridículo que eu não conseguisse tirá-lo da minha cabeça, nos falamos por um minuto, e não foi agradável! Mesmo assim, eu não o esquecia. A forma como ele me olhou, mesmo que estivesse furioso naquele momento, mas analisava cada parte de mim. Seus olhos me fitaram assim que me despedi de seu filho. Seu queixo másculo, coberto pela barba sexy, estava travado enquanto me olhava, como se estivesse segurando as palavras que desejava me dizer. Era loucura, mas, em minutos, tudo aquilo me despertou

mais sensações do que Kevin ou meu ex-namorado, Roy, jamais haviam despertado. Aquele homem me atraiu de forma tão avassaladora, que nosso contato continuou martelando em minha cabeça. Imaginei cenários diferentes com outros desfechos para aquele confronto.

Eu desejava que tivesse sido diferente. Era estranho.

Só não era mais estranho do que não conseguir esquecer o garotinho também. Sempre que o homem vinha em minha mente, o pequeno Hazel aparecia também. E aquilo eu não estava entendendo. Provavelmente a solidão que sentia nos últimos tempos não estava me ajudando também.

Então, já que eu não veria o homem que assombrava os meus pensamentos novamente, resolvi aceitar o convite de Kevin.

\*\*

Kevin foi pontual. No horário combinado, ele chegou em meu apartamento e bateu na porta. Pegando minha bolsa e chaves ao lado da porta, eu respirei fundo antes de abrir.

— Você está linda.

Sorri e bufei, achando engraçado. Mal abri a porta, ele nem teve tempo de me checar e já mandou um elogio. Além do mais, resolvi vestir algo casual, um jeans e uma camisa solta, saltos singelos e fechados e pouca maquiagem. Longe de estar linda como ele disse com tanto entusiasmo.

Fechando a porta, respondi a ele tentando ser agradável: — Olá, Kev.  
— Beijei sua bochecha.

— Pronta? — Perguntou enquanto sorria e acariciava minha cintura, finalmente me olhando dos pés à cabeça.

— Claro.

Seguimos para o Chipotle, na 34th, e eu fiquei contente por ele ter acertado o local. Gostava do ambiente, intimista, mas badalado ao mesmo

tempo. E a comida era simplesmente maravilhosa.

O caminho foi leve e descontraído, Kevin era amigável e brincalhão e não procurou fazer movimentos muito incisivos em mim, então pensei que poderia dar a ele algum crédito.

O restaurante estava muito cheio para o horário, notei enquanto me sentava ao bar. Kevin pediu sua bebida e me olhou, esperando a minha escolha: um mojito gelado, refrescante e perfeito para o clima.

— Mojitos? Qual é? Algo quente é melhor. Vinho... — Kevin desdenhou.

— Se eu quisesse algo quente, teria pedido algo quente, querido. — A ironia em minha voz foi captada pelo meu acompanhante e também por uma pessoa atrás de mim, que tossiu e começou a rir, me fazendo virar e encará-la.

*Putá merda! Putá merda! Putá merda!*

Os olhos ridiculamente verdes me fitaram com diversão. Meu corpo todo paralisou e pareceu tremer ao mesmo tempo quando o rosto que eu não conseguia esquecer durante todo o dia apareceu bem na minha frente.

— Então você gosta de bebidas geladas mesmo quando o clima está mais frio? — Ele não me cumprimentou, apenas iniciou uma conversa como se fôssemos amigos.

*Deus!*

Ele estava com o colarinho da camisa aberto, e seus músculos estavam flexionados enquanto ele segurava o paletó em seu braço.

— Eu não gosto de bebidas quentes no geral. — Olhei para sua mão segurando um copo de água com pedras de gelo dentro. — Nem você, pelo jeito. Imagino que não seja vodca.

— Definitivamente não é vodca.

Parei de fitar seu copo e voltei meu olhar para ele.

— Escute, sobre o outro dia... Eu gostaria de me desculp... — O

homem iniciou, mas não terminou sua frase, pois focalizou um ponto atrás de mim. As mãos de Kevin logo serpentearam minha cintura e me puxaram para ele, e eu imediatamente desgostei de sua atitude.

— Vamos? Vagou uma mesa para dois.

Encarei meu acompanhante, mas ele estava fitando o homem que eu ainda não sabia o nome. Eu procurei me afastar um pouco, tentando falar algo, mas não consegui. O homem estava fuzilando meu acompanhante com os olhos, e seu maxilar perfeitamente lambível estava tenso.

— Kevin este é...

— Ei, D! — Um outro homem se aproximou, colocando a mão em seu ombro. — Nossa mesa está pronta.

Ele se afastou em seguida, deixando brevemente o pai de Hazel, que pegou sua bebida no balcão do bar e me olhou mais uma vez.

— Foi um prazer revê-la, Quinn.

E assim como surgiu, se foi. Pensei em ir atrás dele, mas não fui. Eu o chamaria, e então o quê? O que eu falaria? Não fazia sentido. Mas eu não poderia negar que a vontade estava lá. A vontade de saber o seu nome, saber como estava o seu filho, saber o que ele tinha, que não saía da minha cabeça.

— Vamos, querida.

Lembrei-me de Kevin e imediatamente fiquei chateada pela forma com que ele ainda estava agindo. Primeiro porque não era meu dono, segundo porque eu não queria que o papai sexy pensasse que eu tinha alguém.

*O que eu estou pensando?*

*O cara provavelmente é casado.*

Andamos na mesma direção que o senhor D foi com seu amigo. E, para o meu total desespero, a mesa que fomos direcionados era exatamente ao lado da mesa daquele homem.

*Me. Mate. Agora.*

Novamente o olhar dele era divertido, seu sorriso era contido e tenso, mas estava lá e, *Jesus, ele é tão sexy*. Sentei com Kevin, que pegou o local do mesmo lado de D. Óbvio que o cara ficaria de frente para mim, eu o veria durante todo o jantar.

*Porra!*

O esforço para não olhar em sua direção enquanto conversava com Kevin era enorme. O showzinho do meu encontro, me reivindicando na frente do cara, já tinha diminuído a minha consideração por ele naquela noite, então, controlar meu olhar para o cara que habitava meus pensamentos há dias não estava sendo fácil.

— Quinn? Querida? — Kevin me chamou. — Quer pedir ou eu peço por você?

— Eu peço por mim, obrigada. — Meu tom saiu mais ríspido do que eu pensava. Pisquei algumas vezes, sentindo minhas lentes realmente incomodando, e voltei minha atenção para o menu. — Nachos, guacamole, chilli com pimenta separada. Uma porção de quesadilhas e água tônica. — Solicitei, fechando o menu.

Quando levantei o meu olhar, percebi que o papai sexy também fazia seu pedido.

— Cochinita Pibil, guacamole e Coca-cola, por favor. — Ele era objetivo e tinha um paladar apurado. Cochinita é feito de carne de porco, suco de laranja amargo e especiarias fortes. Mas coca? Não combina exatamente.

— Temos um drink que combina perfeitamente com a Cochinita senhor, gostaria de...

— Não, mas obrigado. — Ele sorriu de modo nervoso para o garçom e novamente seu olhar caiu sobre mim. Sua sobrancelha levantou quando ele

percebeu que eu assistia a sua conversa. Imediatamente desviei o olhar, tentando procurar algo em minha mente para discutir com Kevin, mas estava travada. A simples presença daquele homem me deixava sem ação. Quem era ele?

\*\*

Nosso jantar foi assim do início ao fim. Os homens, na mesa ao nosso lado, conversavam sobre o fim do relacionamento do acompanhante do senhor D. Eles falavam sobre quão ruim estava sendo seu rompimento, e percebi que o pai de Hazel não falava sobre qualquer parceira, não havia comparações entre relacionamentos, papai sexy apenas escutava o amigo reclamar de Sophie, sua ex. Seu assunto preferido era o filho e como ele estava evoluindo em sua relação com o pai, e isso me fez pensar que talvez ele fosse divorciado e tivesse a guarda compartilhada do menino.

Esse foi o máximo que obtive sobre o homem misterioso enquanto tentava me concentrar em qualquer que fosse o assunto que Kevin estivesse tentando engatar. Admito que não fui a melhor companhia durante nosso encontro. Ele até tentou alguma conversa durante a noite, mas eu não parecia estar sentada à mesa com ele, e sim com os homens ao meu lado.

— Dash? Está ficando ridículo, cara. — Ouvi o amigo reclamar, me fazendo tirar os olhos da minha tortilha com sorvete de doce de leite para mirá-lo. Dash? É este o seu nome? — Ela está acompanhada, homem. — Fitei rapidamente os dois e depois Kevin, que estava vermelho e me encarando. Nervosa, me levantei de repente.

— Com licença. Eu vou ver o que está acontecendo com minhas lentes.

— Vou pedir a conta. — Kevin replicou amargamente.

*Acho que a noite acabou.*

Fui até o banheiro, já mexendo em minha bolsa em busca de meu estojo de lentes e de meus óculos.

— Você não foi legal, Quinn. — Resmunguei, me repreendendo assim que me olhei no espelho. — Kevin não é seu namorado, mas ficar encarando outro homem na frente do cara é inaceitável.

Lavei minhas mãos com o sabonete líquido que carrego sempre em minha bolsa e retirei minhas lentes. Aliviada por estar sem elas, coloquei meus óculos, os antigos, já que não conseguia encontrar a armação nova.

Já com minha bolsa em mãos, saí do banheiro, quando dou de cara com um peito. Eu logo soube, senti imediatamente quem era. Dei um passo para trás, olhando para cima. Os olhos belos, sombrios e verdes, acompanhados do sorriso sexy e tenso, me contemplaram.

— Com pressa, Quinn? — Sua voz me fez querer pular nele.

*Meu Deus! O que está acontecendo comigo?*

— Hum... Sim. Meu acompanhante está me esperando.

— Oh, sim... Seu acompanhante? — Perguntou intrigado, enquanto analisava meus olhos e lábios e em seguida olhava para todas partes de meu rosto. — Não seu namorado?

— Kevin não é meu namorado.

Será que ele sentiu a força que empreguei naquelas palavras? Na afirmação de que eu não tinha nada com Kevin? Eu certamente senti. Não conseguia me controlar. Precisava que ele visse o desejo que despertava em mim.

— Oh, eu acredito que você tenha deixado isso bem claro durante o jantar. — Ele deu um passo a mais em minha direção, quase colando nossos corpos, a centímetros de distância de mim, sem me tocar, mas muito próximo disso. O suficiente para eu novamente sentir o seu perfume e espremer minhas pernas juntas, tentando aplacar a gostosa dor que estava sentindo em

meu centro e soltando um gemido baixo. — Me diga, Quinn, era comigo ou com ele que você estava aproveitando a sua refeição?

— Eu não... eu...

Coerência era algo supervalorizado e esquecido naquele momento. Eu sequer conseguia falar com ele tão próximo. Seus olhos escaneavam o meu rosto por completo, como se quisessem prestar atenção em cada detalhe meu. Meu corpo todo se arrepiava uma e outra vez, sem parar, sem descanso. Eu estava ficando exausta de tesão. Era possível?

Então ele deu um passo para trás, como se tivesse descoberto que eu planejava pular sobre ele.

— Ouça o que vou dizer, Quinn: não se aproxime. — Seu tom era duro e baixo, e me confundia.

Procurei me refazer e colocar de lado tudo o que ele estava despertando em mim para tentar entender sua frase.

— Do que você está falando?

— Fique longe de mim, apenas isso. — Ele alertou, pegando em meus braços e trazendo uma nova onda de sensações. Não tinha força, era como se ele quisesse tocar em mim, me advertir, mas seus dedos eram delicados em minha pele. Fechei meus olhos, sentindo a conexão que passava entre nós, esquecendo a sua tentativa falha em ser rude comigo. Ele sentia aquilo também? Tinha que sentir. Seu pomo-de-adão subiu e desceu com força enquanto ele lutava para se concentrar.

— Eu não estou entendendo... eu... — Seus olhos me deixavam confusa, eram brilhantes enquanto olhavam dentro dos meus.

— Conheço seu tipo, doce e deslumbrada, mas não vai acontecer. Acredite quando eu digo que é melhor ficar longe. — Seu tom muito ameaçador me fez tremer e, ao mesmo tempo, acabar com a pequena distância entre nós.



Eu não estava entendendo absolutamente nada! *Como assim “o meu tipo”?* *Que homem louco.*

Sua reação era bruta, ainda que seu toque fosse completamente quente e delicado, havia algo a mais em seu olhar, perdido, faminto, dolorido... Medroso? Eu não sei! Mas havia algo lá! Eram tantos sentimentos que passavam ali... Ele estava me intimidando de propósito para que eu me afastasse, ficasse longe, mesmo que durante todo o jantar ele tivesse enviado sinais de que me queria. Mesmo que, naquele momento, suas mãos me prendessem no lugar, como se Dash quisesse me tomar ali mesmo, enquanto sua voz me mandava embora.

Um homem conflituoso, eu pude perceber.

Mas eu não tinha tempo para conflitos, então eu podia muito bem seguir o seu conselho e ficar longe.

— Bem, e eu conheço o seu tipo. O tipo que nega atração quando há, que não *quer querer*. Não se preocupe. Estou de saída. E me mantereí longe tanto quanto você se mantiver também, *Dash*.

— Melhor mesmo. — Ele murmurou, me soltando, como se estivesse decepcionado e aliviado ao mesmo tempo. O cara era muito confuso. — Gostei dos óculos, a propósito.

Então ele se foi.

*Mas. Que. Merda. Foi. Esta?*

## TRÊS

O mês de junho voou.

Eu não vi Dash ou mesmo Kevin. Após o fiasco do nosso último encontro, ele parou de ligar ou mandar mensagens. Talvez o fato de eu demonstrar mais interesse no cara da mesa ao lado do que nele finalmente o fez entender que nunca seríamos nada.

Foi a minha última tentativa de sentir algo mais por Kevin. O vazio continuava lá, e ele não era aquele a fazer com que sumisse o sentimento. Não tive nenhuma conexão além do carnal com ele mesmo antes de colocar meus olhos em Dash. Quando conheci o homem, então... Dash nem havia me tocado, e eu sentia como se ele tivesse me arruinado para todo o resto. Era loucura, eu sabia. Mas não podia negar ou mentir para mim sobre os meus sentimentos. E, com o passar dos dias, os sentimentos e pensamentos que eu tinha não mudaram. Repassei repetidamente, a cada tempo livre que sobrava, tudo o que tinha acontecido entre nós.

*Ele não tirou os olhos de mim, flertou comigo no bar e, durante o jantar, se aproximou o suficiente para que sentíssemos a atração. Não era a minha cabeça. Era real.*

A esperança tentou se infiltrar em meus pensamentos loucos, mas eu a afastei. A solidão e a carência só aumentavam, e eu desconfiava que o fato de Dash e seu lindo filho não saírem da minha cabeça estava só piorando a situação para mim. O que tinha naqueles dois, que eu não parava de pensar neles?

No dia da NY EXPO GAMES, eu me sentia cansada e frustrada. Uma parte por culpa de Dash, a outra porque eu havia feito uma escolha perigosa no trabalho e agora estava mais perdida do que tudo. Só torcia para que as

NACIONAIS-ACHERON

coisas estivessem dando certo no casamento dos Mackenzie.

Eu não abri mão da organização daquela cerimônia. Cassandra queria que eu passasse para Robbie, mas casamentos eram a minha área, então decidi que terminaria a organização e deixaria apenas o operacional com Robbie. A festa dos Mackenzie fora organizada com tanto prazer e carinho por mim, que senti ciúmes em passar a minha comissão para ela. Combinamos, portanto, em dividir o valor, e ela executaria tudo que eu havia minuciosamente preparado por meses. Por isso, a culpa em receber toda a comissão de Dylan no evento da Colt Company me bateu na cara.

O arquivo da Colt Company era enorme, tudo extremamente detalhado.

A Colt Company estava lançando no mercado um novo game mobile para Android e iOS. Eu não tinha a mínima ideia do que significava aquilo, mas Dylan fez um excelente trabalho me explicando cada passo não somente da estrutura do evento, mas também do que era a Colt Company: uma desenvolvedora e publicadora de games. Isso significava que eles não só desenvolviam o produto, no caso os jogos, como também divulgavam e distribuíam, assim como a *Blizzard*, desenvolvedora e publicadora de sucessos como *Diablo* e *Call of Duty*. Eu nunca joguei qualquer um deles. Minha juventude passou rapidamente pelo *Mortal Kombat* e esse foi o máximo que consegui chegar de ser uma gamer.

Não contente em apenas desenvolver e distribuir, eles também criaram uma feira, a NY EXPO GAMES, para que não somente pudessem lançar seus produtos, mas também abrir o evento para que seus concorrentes pudessem participar, alugando espaços na feira para lançar os seus próprios produtos.

A coisa era realmente enorme e, para ser sincera, eu não só deveria ter aberto mão do casamento dos Mackenzie para dar mais atenção a tudo aquilo,

como também deveria informar Cassandra sobre meu desejo de recusar a comissão de Dylan. Ainda mais sabendo que ele tinha um bebê a caminho e uma esposa que precisava de repouso absoluto e que eu nunca tinha feito muito mais além de ler a ordem de serviço do evento. Fui uma cadela relapsa.

Fugindo para o banheiro e deixando a equipe correndo com os ajustes da feira, me tranquei em uma das cabines e enviei um e-mail para Cassie, informando minha decisão sobre Dylan receber integralmente. Era o justo, e minha consciência ficaria limpa.

Eu provavelmente choraria de dor em meus pés e cabeça ao final do evento, mas não era correto eu tomar todo o dinheiro do meu colega quando ele fizera tudo aquilo acontecer. Eu poderia, inclusive, colocar algo a perder porque não havia dado a importância que o evento merecia.

A frustração me encheu.

*Estúpida! Você deveria ter repassado o casamento para outra pessoa.*

*Respire, Quinn! Respire! Você consegue. Não adianta chorar agora. Você consegue, esse não é o seu tipo de evento, mas você consegue. Vista sua postura de chefe e faça acontecer.*

Repeti tudo isso enquanto procurava colocar minhas ideias em ordem, sair do banheiro, encarar a coisa toda e direcionar todos conforme a ordem de serviço e anotações de Dylan.

\*\*

A NY EXPO GAMES era um sucesso. Pouco graças a mim. Eu precisava enviar flores e um cartão para Dylan, suas anotações e o staff contratado eram realmente *hardcore*. Os caras eram como máquinas! Depois de algumas horas, eu finalmente consegui me colocar a par de tudo e fazer algum trabalho também. Estava satisfeita, mas não comigo.

Fiquei na ponta dos pés e procurei esticá-los para cima e para baixo

em um alongamento tipo bailarina, já que começava a sentir minhas panturrilhas doloridas e rígidas. Estava há dias dormindo pouco, falando e andando muito para que tudo estivesse pronto. O dia do evento tinha me colocado louca e perdida. Mesmo em meus sapatos mais confortáveis, eu precisaria de ao menos uns três dias para recuperar meus pés.

— Bela dança, *Cupcake*. — A voz me assustou, e incrivelmente eu a reconheci ao mesmo tempo. O tom de voz forte, másculo, que eu tinha ouvido poucas vezes, mas que não saía da minha cabeça. Virando-me, de olhos arregalados, eu dei de cara com o papai sexy.

*Dash!*

*O que diabos ele está fazendo aqui?*

— Oi... *Cupcake*? — Perguntei, tentando entender por que ele tinha me chamado daquilo.

— Sim, meu filho se refere assim a você.

*Seu filho ainda fala em mim?*

— Como está Hazel? — Perguntei, sorrindo. Sempre que eu lembrava daquele garotinho, sentia meu coração aquecer um pouco mais.

Algo brilhou nos olhos do homem. O sorriso que ele estava segurando finalmente apareceu.

— Está bem, obrigado por perguntar. — Ele olhou em volta e depois olhou para mim, franzindo seu cenho enquanto analisava meu traje e acessórios. — Você está trabalhando no evento?

— Hum... Sim. — Respondi, consciente de seus olhos, aqueles belos olhos verdes e sempre tão torturados, mas que pareciam divertidos naquele momento. — E você? Amante de games?

O homem bufou e riu novamente.

— Podemos dizer que: com certeza.

— Oh, você não parece o tipo de pessoa que... — Deixei escapar e me

segurei. Olhando para minha prancheta, eu tentei disfarçar meu rubor, sentindo seu olhar queimando em mim. Eu me sentia completamente quente. — Esquece.

— Não, me diga: com que tipo de pessoa me pareço? — Perguntou ele cerrando seus olhos para mim.

— Algum lobo de Wall Street? — Pisquei várias vezes enquanto tentava lubrificar minhas lentes (ou jogar longe o nervosismo e pensar em linha reta).

— Lobo de Wall Street? — Seu sorriso se abriu novamente.

— É a coisa do terno e tudo mais. — Dei de ombros como se não fosse grande coisa, mas a verdade é que aquele homem dentro de seu terno tinha ocupado minha mente e meus sonhos mais quentes desde nosso primeiro encontro na Bakery.

*Sexy pra caralho.*

— Então você é a Manda-Chuva do evento? — Perguntou, apontando para a minha blusa preta e crachá que dizia *Coordenação Class*.

— Eu não deveria ser, estou cobrindo um colega. Minha especialidade é casamento, mas eu tive de cobrir a operação de hoje. Está sendo interessante, no entanto. — Respondi, orgulhosa.

— Realmente interessante. — Dash respondeu, ainda com o olhar divertido. Seus olhos dançavam encarando os meus enquanto seu sorriso torto aparecia para me deixar completamente sem chão. — Ficou realmente muito bom. — Elogiou, olhando em volta.

— Você gostou? — Perguntei, tentando focar na conversa e não ficar tão deslumbrada olhando para ele.

— Oh, sim! Eu realmente apreciei. — Seus olhos estavam em mim novamente, e não no local. Eram ardentes e, em conjunto com o sorriso, me diziam que ele não estava falando da estrutura ou do *staff* do local.

— Espero que o contratante também goste. Dylan, a pessoa responsável pelo evento, se esforçou tanto para que tudo desse certo! O seu contato na Colt Company informou que o dono da empresa é muito exigente.

— Procurei voltar o foco para o evento.

— Verdade? — Perguntou atento.

— Sim. Gostaria de encontrá-lo para poder me apresentar formalmente, mas dizem que o cara é sempre muito ocupado. Talvez nem esteja aqui.

— Eu tenho certeza de que ele poderia arranjar um tempo para você...

— Sua voz desceu um tom e se tornou rouca. Novamente o flerte.

— E por que você acha isso, Dash? — Sem pensar duas vezes devolvi o flerte.

— Com licença? — Ouvimos alguém interromper, um homem jovem estava próximo a nós com um telefone em sua mão. — O senhor é Dashier Colt, correto?

*Oh. Meu. Deus!*

*Isso não pode estar acontecendo.*

Eu provavelmente estava verde. Dashier assentiu e olhou para mim com uma expressão zombeteira. Sua atenção voltou para o rapaz que dizia:

— É um prazer conhece-lo. Meu nome é Daniel<sup>[1]</sup>, sou um influenciador digital e gostaria de dar os parabéns a você pelo evento. — O rapaz esticou a mão para Dashier (puta merda) Colt cumprimentando-o. Educadamente Dashier aceitou o cumprimento e agradeceu. — É possível tirarmos uma foto? — perguntou, já posicionando o telefone para cima, para uma *selfie*.

— É claro. — Dash respondeu sorrindo e pousou para a foto do rapaz.

Assim que Daniel agradeceu e se afastou, Colt se virou para mim com uma expressão vitoriosa em seu rosto.

— Acho que realmente nunca nos apresentamos, Cupcake. — Ele

esticou sua mão para mim e sorriu. Realmente um sorriso, simpático, largo e divertido. Era lindo, e conseguia mudar todo o seu rosto. Os cantos de sua boca se enrugavam assim como os de seus olhos. O deixava tão mais jovem. — Dashier Colt. Presidente da Colt Company. E idealizador da feira que a Class tão bem organizou.

*Me. Mate. Agora.*

*Doce Jesus!*

— Eu ainda não estou conseguindo acreditar. Eu... ugh... O que está acontecendo? — A coerência mandou lembranças.

Seu sorriso era debochado, e seus olhos, extremamente brilhantes. Como se ele estivesse satisfeito em me deixar desconfortável.

*Que coisa!*

— Você ainda não disse seu nome todo, *Cupcake*.

— Quinn. — Eu tentei fortemente não gaguejar nem desmaiar.

— Sim, eu sei que é Quinn. Você tem um nome depois deste. Certo?

— Miles.

— É um prazer finalmente conhecê-la formalmente, Quinn Miles. E devo dizer: você realmente fez um excelente trabalho com o meu evento. — Seus olhos escanearam o local antes de voltarem para mim. — Estou realmente satisfeito. Com a feira. — Sua sobrancelha se levantou. — E com a coincidência.

— Eu não tinha ideia... — Engoli em seco enquanto mantinha meus olhos direcionados aos dele. — De que você é o chefe...

— Obviamente. — Ele riu de minha reação.

— Dash, cara! Estão procurando por você para algumas fotos. — Reconheci o homem que se aproximava: era o mesmo que estava no *Chipotle* quando vi Dashier pela última vez. — Eu conheço você. — Afirmou, sorrindo para mim e depois para Dashier. — É a garota que estava no



restaurante e você estava praticamente comendo ela...

— Ok, vamos sair daqui e tirar as malditas fotos. — Ele interrompeu o homem severamente, mas, antes de ir, se aproximou. Sua mão pegou em meu braço delicadamente e seu rosto parou ao lado do meu quando ele se abaixou uns bons centímetros para alcançar a minha orelha.

— Você ficará até o final do evento? — *Por que ele abaixa a voz assim?* Eu queria pular nele exatamente naquele momento.

— Sim. — Disse diretamente, com medo de que minha voz, falha por sua aproximação, me impedisse de ser eloquente.

— Nós nos falamos mais tarde então, *Cupcake*.

Quando ele se separou de mim, seu sorriso torto quase me fez sorrir de volta. Procurei me recompor, talvez fosse um teste para saber quão profissional eu era, ou talvez ele só estivesse interessado mesmo. O cara era completamente confuso sobre tudo. Em nosso último encontro, ele não havia sido legal comigo, e, de repente, estava me fazendo promessa de me ver mais tarde?

Assim que eles se afastaram, pude ouvir o outro homem falar: — Cara...

— Abra a sua boca e vou demitir você. — O tom de Dashier era cortante.

— Você não pode realmente me demitir, sou seu braço direito. — O homem ao seu lado ria.

— Tente-me.

\*\*

O evento terminou por volta das onze, mas o meu trabalho continuou por muito mais tempo. Eu deveria estar exausta, mas não me sentia assim, estava apenas excitada com o fato de que Dashier Colt, o papai sexy, disse

que me veria novamente mais tarde naquela noite. A dor nos pés foi esquecida, o casamento dos Mackenzie nem existia e a minha necessidade por uma cama foi substituída por outra completamente diferente. Foi como uma nova carga de adrenalina.

Enquanto eu dava ordens pelo meu ponto eletrônico para a equipe de montagem e de seguranças, me embalava com a música que o pessoal de áudio e vídeo nos cedeu enquanto desmontávamos a estrutura.

Vi Dashier passando de um lado para o outro, conversando com pessoas diferentes e parecendo mais relaxado em comparação a quando estava próximo ao homem que dizia ser o seu braço direito. Apesar disso, eles pareciam amigos próximos. Quando eu passava por eles, o CEO da Colt também sorria e me seguia com os olhos. Estávamos em uma constante brincadeira, roubando sorrisos e fazendo promessas com os olhares.

Eu nada sabia sobre ele, nossos encontros até então tinham sido turbulentos, e, mesmo assim, era como se eu o conhecesse há muito tempo, como se eu compreendesse seus olhares e sinais.

Se eu não estivesse completamente enganada, diria que Dashier Colt sabia que eu estava atraída por ele, e a recíproca era completamente verdadeira.

— Quinn, a van está carregada. Virei mais tarde apenas para acompanhar a desmontagem dos *Box truss* e das cabines de tradução simultânea. — Um dos ajudantes informou.

— Perfeito. Obrigada. — Agradei enquanto anotava a informação dada em minha prancheta.

— Estamos liberados? — Perguntou o rapaz para mim, mas quem respondeu foi outra pessoa: — Vocês, sim. — Ouvi atrás de mim a voz inconfundível de Dashier. — A Srta. Miles, no entanto, tem alguns detalhes para tratar comigo.

Não tive coragem para me virar, apenas fiquei observando o ajudante, que olhava diretamente para Dashier.

— Você ficará bem? — O rapaz do qual eu realmente não lembrava o nome, mas que me deixou satisfeita com a sua preocupação, perguntou.

— Sim, pegarei um táxi para casa, obrigada. Agradeça a todos por mim, por favor.

— Claro. Boa noite.

Mantive-me de costas para Dashier enquanto o rapaz se afastava.

— Eu a convidaria para jantar, mas está tarde. — Sua voz era baixa, tão perfeitamente sexy.

— Eu entendo. — Virei pronta para encará-lo, tentando não parecer decepcionada demais.

— No entanto, poderíamos tomar o café da manhã juntos.

*Ele está me chamando para dormir com ele? Assim?*

*Devo ficar ofendida? Porque, honestamente, não estou.*

Meus olhos se arregalaram, e tive quase certeza de que minhas lentes de contato estavam bem visíveis naquele momento. Senti meu rosto aquecer e uma parte considerável de sangue se acumular em minhas bochechas. Não era nenhuma mocinha, de fato costumava ser bem ativa na arte do flerte, mas nunca havia flertado com alguém tão imponente e intenso quanto Dashier Colt, que me fazia tensa e ao mesmo tempo querendo estar com ele, ou tímida e mesmo assim querendo flertar de volta. Era como se eu constantemente desse um passo para a frente e outro para trás. Ficasse em um vai-e-vem sem fim. Ele havia mexido comigo desde o primeiro contato, não era possível que não soubesse os efeitos que causava em mim.

Percebi que ele também ficou desconfortável pelo que havia acabado de sugerir.

— Eu quero dizer em uma cafeteria de verdade. Isso é tudo. — Ele

havia ficado envergonhado, mais do que eu. Realmente, uma incógnita. Uma hora, estava todo Don Juan, e no próximo momento, parecia um garoto da escola. Inexperiente.

— Eu não pensei outra coisa. — Eu me defendi e sorri, sem graça. — De qualquer forma, nesta hora é complicado encontrar um local para tomar um café decente.

— Imagino que nenhum café seja bom o suficiente, uma vez que você é dona daquele lugar. Por sinal, isso me faz perguntar: o que está realmente fazendo aqui? — Percebi, pela primeira vez naquela noite, a sua desconfiança. Se eu era dona da Upper, por que estaria trabalhando em seu evento?

— Oh, a Upper Bakery não é de fato minha. Apenas tenho uma pequena porcentagem. Meu pai se aposentou e foi morar em Jersey com minha mãe, então vendeu para o meu padrinho. — Justifiquei rapidamente.

— Entendo. Eu fiquei confuso por um momento. — Respondeu, trocando seu peso de um pé para o outro. Desconfortável. — Sobre aquele dia...

— Sobre aquele dia... na Bakery. — Interrompi rapidamente. — Eu não queria me intrometer entre você e seu filho. Eu apenas o vi assustado e agi... por instinto? Eu não sei.

Seu olhar suavizou.

— Eu sou aquele que devo me desculpar com você. Eu estou me adaptando a esta coisa de ser pai em tempo integral agora, e isso ainda me deixa um pouco louco. E também o meu comportamento no Chipotle no outro dia foi inaceitável. Me desculpe, Quinn.

O silêncio se fez sobre nós novamente. Olhei para os lados e notei que estávamos completamente sozinhos.

— Tudo bem, Sr. Colt. — Respondi, sorrindo.

— Por favor, continue me chamando de *Dash*. — Ele deu a mesma ênfase debochada empregada por mim quando havíamos discutido no Chipotle. Eu ri e assenti para ele. — Bem, podemos partir? — Perguntou.

— Sim. Vamos.

Caminhamos em silêncio por um momento antes de ele voltar a falar.

— Onde você mora? — Questionou enquanto abria a porta da saída de incêndio para mim.

— Harlem. — Dashier sorriu ao ouvir minha resposta. — O quê?

— Gosto de lá. — Respondeu simplesmente.

— Qual é? — Soltei, não acreditando que alguém como ele pudesse gostar do Harlem. — Você, no Harlem?

— O quê? A música do Harlem é a melhor. A comida também e ...

— O cheiro. — Eu completei com um sorriso satisfeito.

— Exatamente, tudo naquele lugar parece ser diferente.

— Você costumava ir ao Harlem então. — Afirmei, fazendo Dashier travar seu maxilar.

— Sim, costumava, na época da faculdade.

— Ah, claro. — Bufeí.

— Que foi? — Ele relaxou novamente.

— O *CEO* não vai agora. — Brinquei.

— Aparentemente estou indo hoje, já que a deixarei em casa.

— Não há necessidade.

— Eu insisto. Mas antes desejo um café. Vamos?

Sua mão repousou sobre minha lombar e pressionou levemente minha pele enquanto caminhávamos para a saída. Em silêncio, retirei meu equipamento do ouvido direito e enrolei os fios conectados ao rádio. Parei diante dos armários da saída e puxei minha bolsa de um deles, dando boa-noite para o vigia que segurava a porta para nós. Na saída, um homem alto e

corpulento nos aguardava em seu terno preto.

— Sr. Colt? Para onde, senhor? — Perguntou o homem.

— Jimmy. — Cumprimentou.

*Porra, Jimmy?* Um cara daquele tamanho não deveria se chamar Jimmy, ele era alto e grande demais, exatamente como um segurança deveria ser. Acho que aquele sim seria o segurança ideal para o Jason Momoa, o cara era enorme. Mas com esse nome?

— Esta é Quinn Miles. Quinn, este é Jimmy, segurança e motorista.

*E um troll.*

— Como vai, senhorita?

— Olá, Jimmy. — Eu tentei o meu melhor para não rir, mas Colt percebeu. Enquanto o homem abria a porta para entrarmos, ele perguntou: — O que houve?

— Jimmy? Sério que aquele homem todo se chama Jimmy? — Soltei quando o segurança fechou a porta. Dashier ficou tenso.

— Aquele homem todo, hein? — Dash brincou.

— Bem, sim. Olha o tamanho e largura dele. Pelo amor de Deus. O cara deveria se chamar Stroke, Mortmer, Vulcano... Sei lá! Jimmy é marca de sapatos. Nome do menino gênio. Jimmy Neutron? Não é nome para um cara que possui as mesmas dimensões do meu closet.

E foi ali, naquele momento, que meu coração tremeu de verdade e me fez reconhecer que talvez estivesse me apaixonando rapidamente por Dashier Colt: quando ele jogou sua cabeça para trás e sua boca se abriu em uma gargalhada alta e forte.

— Senhor? — Jimmy sentou-se, olhando para trás, sua face contorcida em preocupação. — Está tudo bem?

— Sim, tudo bem, Jimmy.

Olhei para o homem sorridente e para o segurança, preocupado e sem

entender.

— O que foi? — Perguntei a Dashier.

— Ele está apenas assustado. — Respondeu enquanto desabotoava os botões de seu terno.

— Comigo?

— Com fato de você ter me feito rir tão... hum... tão alto.

— Você não costuma rir?

— Não. Não realmente.

— Isso é triste. — Falei mais baixo, focando em seus olhos. Dashier respirou fundo e me olhou seriamente.

— Você não tem ideia do quanto. Jimmy? — Sua voz era tensa, quase dura demais.

— Senhor?

— Para o Harlem.

— E o café? — Perguntei, me sentindo um pouco decepcionada.

— Eu não acho uma boa ideia.

Eu queria perguntar a razão daquela súbita mudança de planos, mas ele parecia outro homem naquele momento. Então eu simplesmente me calei e tentei ficar o mais confortável que pude até chegar em casa.

## QUATRO

Eu continuava me perguntando o que havia acontecido naquela noite.

*O cara é perturbado, Quinn. Sai dessa!*

Procurei me convencer daquilo.

*Ele não merece sequer um pensamento meu.*

Então por que ele era a primeira coisa em que eu pensava ao acordar e a última ao dormir? Ficar caidinha por alguém que sequer havia me dado um beijo era coisa de adolescente. Eu não deveria ficar daquela forma.

Mas se não conseguia tirar Dashier Colt dos meus pensamentos, por que continuar tentando? Eu provavelmente não o veria mais, então eu remoeria a situação e finalmente tudo iria embora.

Eu esperava que a carência e a solidão pegassem carona com aquela quedinha pelo dono da Colt Company e fosse embora também. Mas então Cassandra me deu uma cópia do e-mail de Dashier agradecendo pelo evento e só faltou chorar enquanto agradecia o meu excelente trabalho. Eu também me amaria se lesse as palavras de Dashier sobre mim.

*Prezada equipe Class, Gostaria de parabenizá-los pelo excelente trabalho prestado para a Colt Company. Fiquei positivamente impressionado pela atuação de toda a equipe, em especial da senhorita Miles, que não poupou esforços para que todo o árduo trabalho do senhor O'Neil se realizasse com perfeição. Com desenvoltura e carisma impressionantes, ela conseguiu encantar a todos, e suas ideias foram providenciais para o sucesso de nosso evento. São de pessoas como a senhorita Miles e sua equipe que precisamos para a realização dos nossos eventos. Sendo assim, gostaríamos*



*de marcar um jantar para que possamos conversar sobre um contrato para as próximas três edições da NY EXPO GAMES.*

*Sinceramente, Dashier Colt CEO – Colt Company*

Deixei claro à Cassandra que meu trabalho foi o mais ordinário possível e que o dono de todos os louros era realmente Dylan O’Neil. Mesmo assim, Cassandra solicitou a minha presença no jantar, uma vez que Dashier Colt havia insistido na minha presença quando ela confirmou o encontro.

Queria acreditar que era porque eu fiz parte do seu evento. Tentar pensar que era apenas profissional a sua insistência para que eu estivesse no jantar, mas não conseguia. Então optei por tentar esquecê-lo até a hora do encontro, ou ficaria louca. Precisava parar de deixar que meus pensamentos sobre ele interferissem mais nas minhas ações do dia-a-dia.

Uma corrida no parque faria bem, tinha que fazer. Era a quinta ou sexta alternativa que estava buscando para não me sentir tão sozinha. E nem pensar nele.

Eu tinha esquecido de como os homens podem complicar as nossas vidas. Quando me liberei do meu último relacionamento, parecia que um peso imenso havia sido retirado de minhas costas.

Um ano se passou desde que Roy se apaixonara por outra e me deixara. Eu fiquei tão aliviada quando ele me contou, que sequer consegui ficar ressentida com a sua traição. O alívio me trouxe a certeza de que eu não era mais apaixonada por ele, e sim acomodada em uma relação insossa. Sem cor, sabor ou vida.

Nas minhas férias, comprei um pacote de viagem para a Europa, senti que um tempo sozinha me faria bem, e foi a melhor decisão que tomei. Conheci lugares novos, lindos e que me fizeram pensar, mas, definitivamente, nada me deixou mais maravilhada do que Le Havre. Uma pequena e moderna cidade portuária onde até o ar cheirava a chocolate quente

e *macarons*. Foi sentada no Le Sublim's, com uma xícara de café e uma porção dos melhores *macarons* que já comi em toda a minha vida, tomei uma decisão: me concentrar em mim. Parar de pensar que a Class era o auge da minha carreira, parar de pensar que o homem da minha vida seria alguém no estilo de Roy, parar de esperar tão pouco dos meus sentimentos. Apenas *gostar* de alguém em um relacionamento era como sobreviver, não viver plenamente. Eu não queria sobreviver. Queria sair da dormência e procurar novas aventuras sem pensar que era errado, perigoso ou ruim para mim.

Ficar sozinho é bom. Quando é sua opção.

Estar acompanhado é bom, quando é sua opção.

*Mandar se foder* é bom quando é para libertar você.

Foi naquele lugar que percebi que as regras da sociedade não deveriam ser minhas regras se eu estivesse apenas tentando ser feliz e não estivesse prejudicando ninguém. Se eu quisesse ingerir mil calorias comendo alguma porcaria, eu poderia fazer. Se quisesse soltar um palavrão, soltaria. Se a minha vontade fosse ir para a cama com um desconhecido no primeiro encontro, eu tiraria a calcinha, sim! Porque, no fim, quando tudo estivesse realmente acabando para mim, eu gostaria de ter vivido. Curiosamente, eu precisei estar em uma cafeteria, sozinha, a quilômetros e quilômetros de distância de casa, para entender que eu precisava viver mais. Que da forma que eu estava vivendo, estava bom, mas era apenas aquilo. Bom. Ordinário.

Eu precisava de mais.

E eu precisava me encontrar antes de encontrar alguém.

Enquanto eu corria no East Park, sorria, lembrando de tudo naquele momento no Le Sublim's, o lugar onde eu tomei a melhor decisão da minha vida, pensei que talvez fosse a hora de uma grande nova decisão.

Se a solidão já não me deixava mais tão feliz, talvez fosse a hora de  
NACIONAIS-ACHERON

não ficar mais sozinha.

Sentia minhas pernas queimando pela intensidade da atividade física enquanto pensava. O desconforto me fez parar e apenas apreciar o rio. Sentei o mais próximo possível da margem e olhei para a água enquanto recuperava meu fôlego.

— Quinn! — Ouvi uma voz animada gritar e olhei para trás, vendo um menino largando a sua bicicleta e logo correndo para mim. Ele parou a poucos centímetros antes de se chocar contra mim. Dando um passo para trás, esticou a sua mão em minha direção para me cumprimentar. — Eu vi você de longe.

— Olá, Hazel! Bom ver você. — Peguei a mão do menino, permitindo que ele balançasse a minha com empolgação. Olhei para além dele e vi que Dash estava se aproximando. Ele se abaixou e, resgatando a bicicleta largada de Hazel, caminhou em minha direção. Estava vestido de uma forma que eu nunca havia visto, jeans apertados, mostrando um belo par de coxas, camisa por cima de uma regata branca, que dava um vislumbre dos seus músculos fortes, e um óculos estilo aviador, para me deixar com mais água na boca.

*Senhor, me ajude!*

— Papai, olha quem eu encontrei! — Exclamou o menino, feliz. — A Cupcake. Lembra dela?

Um sorriso divertido dançou discretamente nos lábios de Dashier.

— Eu lembro, amigo. — Quando se aproximou mais, eu pude analisar melhor a sua aparência, seu peito esticando a regata branca e seu abdômen, que com toda certeza trazia músculos bem definidos. Precisei me controlar para não pedir que ele virasse de costas para que eu pudesse ter uma noção da sua bunda. — Como vai, Quinn?

— Olá, senhor Colt...

— Me chame de Dashier, por favor. — Pediu, olhando fixamente para mim. As pequenas rugas nos cantos de seus olhos me diziam que ele estava relaxado e feliz. Talvez fosse o filho e o ar puro, mas parte de mim gostaria de saber se era porque ele havia me encontrado ali também.

— Estou andando sem rodinhas, Quinn. Papai tirou no final de semana passado. — Hazel nos interrompeu, andando em direção a sua bicicleta e subindo nela. Fitei o orgulhoso menino e coloquei minha expressão mais impressionada e empolgada enquanto assistia ele dar o primeiro impulso com o seu pé. Olhei para a sua roupa e notei que era parecida com a de seu pai. — Quer me ver pedalando?

— Claro! — Exclamei, animada.

Hazel se afastou com sua bicicleta e pedalou alegremente enquanto Dashier e eu apenas assistimos sua performance, lado a lado.

— Desculpe pelo que aconteceu naquela noite. — Soltou como se estivesse falando sobre o tempo. Seu olhar continuava direcionado para frente.

— E o que aconteceu? Eu não tenho ideia do que aconteceu.

— Quinn, eu... Eu tenho questões em minha vida... que são complicadas.

*Mulher.*

Certamente ele era casado, ou estava no meio de um divórcio. Sempre o encontrava sozinho, e Hazel nunca havia mencionado a mãe. Talvez fosse aquilo mesmo, uma separação. E se ele tinha problemas, eu tinha uma solução: distância. Ficar distante dele, e ele de mim.

— Você não precisa justificar nada, Dashier. — Eu me virei para ele, que se mantinha de frente, acompanhando Hazel. Era óbvio que ele era um pai zeloso. — Eu só não entendi o que fiz de errado...

— Desculpe, eu apenas... me desculpe. — Repetiu, cansado. — Você

vai ao jantar amanhã?

— Não é uma opção não ir. — Dei de ombros. — Cassandra está fazendo questão.

— Posso buscá-la. — Ofereceu, finalmente se virando para mim.

— Não é necessário. — Procurei ser cordial e sorrir ao dar a minha resposta. Não era porque eu estava chateada que precisava ser rude, mesmo ele não tendo a mesma cortesia comigo no passado.

— Eu quero. — Com um sorriso mais aberto, ele tirou os óculos, e seu olhos incrivelmente verdes e belos me olharam com um brilho diferente.

— Mas eu não quero, Dashier. É um jantar de negócios. Vamos manter assim.

— Você viu, Quinn? — Hazel se aproximou com a bicicleta, perguntando animadamente, interrompendo a nossa troca.

— Eu vi! — Exclamei, sorrindo. — Foi demais, Hazel. Parabéns! — Levantei minha mão para um *high five* com ele, que chocou, orgulhoso sua mão na minha. — Mas agora eu preciso ir, amigo. Tenho algumas coisas para resolver em casa. Foi ótimo vê-los.

— Quinn... — Dashier tentou falar, mas eu já estava beijando a bochecha de Hazel e me despedindo.

— Até o jantar, Dashier. — Sorri e comecei a correr novamente.

\*\*

Eu me vesti para um jantar formal. Imaginei que um encontro de negócios com Dashier Colt e Andreas Collins pedia uma atenção especial na minha produção. Eu não sabia quem era Collins quando Cassie disse que ele estaria no jantar, mas suspeitava que era o amigo e braço direito de Dashier que estava na Colt Fair e no Chipotle.

Enquanto escovava meus cabelos loiros, fitei o brilho deles. Eu havia

usado uma quantidade obscena de hidratante para deixá-los daquela forma. Eles caíam além da altura dos meus ombros, com um tom entre mel e dourado. Eram coloridos daquela forma graças a longas horas no salão. Meus cabelos eram louros naturalmente, mas não em um tom tão bonito quanto ao que o salão me proporcionava.

Eu me maquiei cuidadosamente para marcar meus olhos, mas ainda manter meu rosto suave. O tom azul de minha íris se destacara no leve esfumado preto. Caprichei no rímel para abrir o meu olhar e, por último, coloquei minhas lentes de contato. Usei meu perfume mais suave e escolhi um tom nude e matte para meus lábios. Dei uma rápida olhada no espelho e gostei da aparência.

Eu estava em uma boa forma, considerando todos doces que eu ingeria e minha baixa estatura. Meus quadris eram largos, e meus peitos, de um tamanho pequeno. E eu me sentia satisfeita daquela forma.

Eu podia mentir para o CEO, para as pessoas a nossa volta, mas não para mim. O vestido negro que havia escolhido, embora comportado, era sexy, e era para Dashier. A mistura de “não devo dar mole para um cara problemático” com “quero que ele fique louco por mim” estava me deixando cada vez mais confusa, mas, mesmo assim, eu não parei, não queria parar.

Nosso encontro seria no Jean-Georges, apenas o restaurante mais caro de Nova Iorque, localizado no Central Park West. O senhor Colt estava dispensando muita energia em um jantar em que a Class deveria impressionar, não ele.

Eu me sentia nervosa e ansiosa, queria vê-lo logo, queria ver como ele reagiria ao me ver produzida...

*Não, Quinn!*

*Você deixou claro que manteriam o contato estritamente profissional. Você não quer complicações.*

A atração que eu sentia por ele estava me deixando confusa, não conseguia pensar direito.

\*\*

No momento em que cheguei em frente ao Jean-Georges, engoli em seco. Olhei no pequeno relógio em meu pulso, escondido entre duas grandes pulseiras, e verifiquei que estava dois minutos atrasada. Era provável que eles nem tivessem chegado ainda. Fiquei em dúvida se deveria entrar ou aguardá-los na porta, mas logo alguém se aproximou, chamando meu nome.

— Quinn Miles? — Olhei rapidamente, identificando o amigo de Dashier. — Olá, sou Andreas Collins, sou vice-presidente da Colt Company. Como vai?

— É um prazer, senhor Collins. Estou bem, obrigada por perguntar.

— Por favor, me chame de Andy. Dashier está lá dentro, aguardando. Queira me acompanhar. — Ele sorriu encantadoramente para mim.

Andreas, ou Andy, era realmente um belo homem. Seu cabelo tinha um corte *undercut* bastante despojado, e ele vestia um terno de três peças, o cara era quente, para ser sincera. Com certeza, se o visse em alguma balada, eu cairia dentro dos seus olhos cor de chocolate e seu sorriso perfeitamente alinhado, branco e de estilo comedor. Ele era tão bonito quanto Dashier, mas tinha algo que Dashier não tinha. Andy era um predador.

Dashier, embora fosse galante e sexy, não tinha a ansiedade para seduzir que Andy emanava. Não que estivesse dando em cima de mim, parecia simplesmente algo que ele não controlava – e que era o oposto do amigo, que parecia querer controlar tudo a sua volta. Segui Andy para dentro do restaurante e nos aproximamos da *hostess*, que tinha um sorriso profissional e simpático no rosto. Ela nos indicou a mesa mais reservada do local, e caminhamos até lá, quando Dashier nos avistou.

*Deus me ajude.*

Seu terno era azul em um tom escuro, mas, ainda assim, era claro suficiente para destacar os seus olhos verdes. Não havia gravata, e os primeiros botões da camisa estavam abertos. Seu sorriso era contido em nossa direção.

— Adoro quando ele sorri para mim assim. — Suspirou Andreas. — Brincadeira, sabemos para quem ele está sorrindo. — Seu tom brincalhão me fez revirar os olhos e rir.

Quando nos aproximamos, Dash saiu da mesa e veio me cumprimentar. Estendi minha mão para ele, na intenção de receber um aperto, mas, no lugar disso, Dash me puxou para um abraço discreto.

— Como vai, Quinn? — Sua pergunta foi feita como se fosse um segredo, e sua voz completamente excitante me arrepiou o corpo todo.

A noite seria longa.

— Estou ótima, Dashier. E como está Hazel? — Novamente surgiu o brilho nos olhos quando eu perguntei pelo menino.

— Está bem, obrigado pela preocupação.

Andy puxou a cadeira para que eu sentasse e deixou a ao lado da minha para que Cassie ocupasse quando chegasse. Dashier ficou de frente para mim enquanto seu companheiro sentou ao seu lado.

Logo Cassie se juntou a nós, se desculpando pelo atraso. Nós fizemos nossos pedidos, e apenas Cassandra bebeu algo alcoólico. Dashier pediu água, Andy, Coca-Cola, e eu, suco de morango. Nossos pratos variaram entre risoto e apenas salada, e a conversa fluiu profissionalmente, ainda que um pouco descontraída.

— Tenho que parabenizar Quinn. — Andreas disse para Cassandra, que estava derretida pelos seus flertes. — Ela foi maravilhosa no evento. Não foi, D?



Os olhos de Dashier se levantaram e olharam diretamente nos meus.

— Sim. Quinn foi agradável. — Ele sorriu e voltou sua atenção para seu prato.

— E é difícil agradar o chefe. — Andy brincou. — Quinn definitivamente o agrada, não é, Dash?

— É claro, Andreas. — Ele apenas concordou e voltou o seu olhar para mim, como se estivesse envergonhado pelo amigo.

A medida em que a noite foi terminando, Dashier estava mais solto e sorridente. Andreas praticamente conduzia a reunião sozinho enquanto Dashier e eu dávamos olhares significativos de flerte um ao outro. Cassie estava ocupada demais bajulando quem queria ser bajulado, Andy, enquanto eu e o belo homem de olhos verdes fazíamos o ambiente ficar cada vez mais quente. Embora estivéssemos conversando sobre a feira, o tempo morno de Nova Iorque ou um pouco sobre Hazel, nossas palavras e olhares eram repletos de algo que eu não conseguia nomear. Mas estava lá. Porém eu precisava colocar minha cabeça no lugar antes de simplesmente tomar a iniciativa e pedir seu telefone ou convidá-lo para sair. Ou encurralar ele em um beco escuro. Quem sabia?

— Eu preciso me ausentar por um momento.

Levantei da cadeira e me retirei em direção ao banheiro. Quando me senti segura, soltei o ar que parecia estar preso durante todo o jantar. Deus! É claro que tive atração por outros homens, com Roy, por exemplo, que senti uma química no primeiro beijo trocado. Ao menos nos primeiros meses de namoro, éramos puro fogo. Kevin também, ele era lindo e deixou claro que me queria desde a nossa primeira conversa. Nossa desenvoltura na cama era maravilhosa.

Mas Dashier?

Eu nunca tinha sentido química, ânsia, arrepios e muito menos

atmosfera pesada e quente em volta de mim quando estava perto de um homem naquela dimensão, naquele nível. Ele me trazia tudo aquilo ao mesmo tempo. Toda aquela gama de sentimentos conflituosos sem ao menos ter me tocado.

*Estou me perdendo.*

*Estou me perdendo...*

Respirei fundo, lavei minhas mãos e, no momento em que abri a porta do banheiro e andei em direção a mesa, vi que Dashier não estava mais. Olhei para Andreas, que me olhava como que se desculpando.

— Onde está o senhor Colt? — Perguntei, tentando o meu melhor para não parecer interessada demais.

— Ele simplesmente levantou e foi embora no momento em que você saiu da mesa. — Cassandra respondeu, ainda atordoada.

Andy olhava para mim e para o outro lado do restaurante sem parar, segui o seu olhar pensando encontrar Dashier, mas apenas notei um casal de senhores conversando no bar.

— Oh! — Eu exclamei, deixando transparecer a minha decepção.

*Ele esperou que eu sáísse para fugir de mim? Precisava disso?*

Olhei para Andy e sorri, sem graça.

— Eu acho que... eu... Boa noite. — Disse, simplesmente andando em direção à porta.

— Quinn, espere! — Ouvi Andreas dizer, mas eu estava envergonhada demais para esperar.

Eu me senti realmente idiota por pensar que aquilo era mais do que um jantar de negócios. Cassandra me daria uma boa bronca pela forma que me comportei durante a noite, embora ela não tenha sido muito mais profissional do que eu. Ainda assim, foi errado misturar as coisas e flertar com Dashier. Acabou resultando naquela saia justa.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## CINCO

Rolei até a borda da minha cama, sentei e fiquei olhando para o chão por um momento, esperando poder acordar adequadamente, mas lembrei do constrangimento da noite anterior. Cassie havia me ligado, perguntando o que havia acontecido, e não vi motivos para esconder dela a história toda. Ela pediu apenas para que eu não compromettesse a Class.

Respirando fundo, fui até as janelas, em meu pequeno e charmoso apartamento, e as abri, deixando a claridade invadir o local. Não era muita luz, uma vez que meu apartamento era praticamente grudado no prédio ao lado, mas era suficiente para saber que havia luminosidade lá fora. O verão havia começado tímido, mas o sol estava mais quente do que o costume e aparecendo mais vezes para a época. Eu gostava desta estação, mas minha preferida era o outono, então eu teria que esperar por ele mais alguns meses.

Com o outono, apareciam mais casamentos, o clima nem tão frio e nem tão quente era o preferido das noivas modernas. Seu dia especial geralmente era ao ar livre e durante o dia. Esse era o tipo de casamento que eu mais gostava de organizar. Além disso, no meio de novembro o ritmo dos eventos começava a cair até serem praticamente inexistentes para mim. Cassandra nunca me colocava em eventos natalinos, a menos que envolvessem a Time Square, o que aconteceu apenas uma vez. Eu costumava fazer mais trabalhos internos nesta época e ficava livre para as festas de final de ano. O ritmo maluco de vários casamentos por mês só retornava mesmo nos meses de abril e maio. Eu gostava daquele arranjo, as festas de final de ano me deixavam animada para ficar com meus pais.

Dei um longo suspiro e iniciei o meu dia de folga. Tomei um banho para me animar e procurei não me concentrar nos pensamentos que

espreitavam a minha mente. Mas, ao olhar para meu closet e mais uma vez resmungar sobre quão pequeno ele era para minhas roupas, lembrei imediatamente da brincadeira que fiz com Jimmy, sobre seu nome não combinar com o seu porte. Então me lembrei de Dashier, sua gargalhada, seu sorriso aberto e relaxado. Seu peito se abrindo, e suas costas se espalhando no assento do carro enquanto sua cabeça pendia para trás. Tão belo. Também lembrei de seu olhar em minha direção, com aquele brilho intenso único. E logo veio a noite anterior em minha mente, quando ele foi embora sem ter a consideração de dizer adeus depois da nossa interação naquele jantar. Balancei minha cabeça de um lado a outro, tentando focar minha atenção em meu encontro com minha mãe.

Após me vestir, liguei para ela enquanto escovava meus dentes.

— *Estou a caminho.* — Cantarolou. — *Cinnamon roll para você? Ou cheesecake?*

— *Roll.* — Foi o máximo que consegui responder com a boca cheia de espuma de creme dental.

— *Ok. Cinnamon roll e café esperando por você.*

Agradei e, logo após, desliguei.

Eu me olhei no espelho e gostei do resultado, optando por um vestido florido, solto e confortável. Sequei meus cabelos e os preendi em um rabo firme. Continuava uma incógnita para mim onde estavam os meus óculos novos, portanto me contentei com os meus antigos novamente.

\*\*

Eu não precisei procurar por ela. Nossa mesa, não por sorte, sempre estava disponível para nós. Shelly sempre a deixava livre. Sentei ao lado de minha mãe e acenei para todos no balcão decorado da Bakery.

— Oi, mãe! — Abracei-a de lado e beijei seu rosto. Seu perfume

cítrico era inconfundível, assim como a sua beleza conservada. Tudo isso era natural para ela, como piscar. Mesmo seguindo meu pai na aposentadoria antecipada, ela permanecia vaidosa e cuidava de si, todos os dias era como se ela fosse aparecer em uma capa de revista, e ainda assim ela continuava com o seu jeito acolhedor e maternal. Deus! Eu sentia falta de estar mais perto dela.

— Olá, querida. — Apenas quando ouvi o seu cumprimento, senti vontade de chorar. Minha mãe era tão delicada quando falava... Abraçando-a, eu percebi o quanto me sentia sozinha. Respirei fundo, travando as lágrimas que espreitavam pelos meus olhos, e me levantei, pegando o lugar em frente a ela para que pudéssemos conversar. O *cinnamon* estava quentinho e cheio de caramelo e amêndoas, como eu gostava. Macarons eram os meus doces preferidos, sempre seriam, mas meus favoritos estavam tão longe, que eu me contentava com *cheesecakes* e aqueles bolinhos de canela. Peguei a xícara de café e tomei um gole para ajudar a descer a bola de angústia que parecia ter se alojado há dias em minha garganta.

Quando meus olhos focalizaram mamãe, ela me analisava com interesse e desconfiança.

— O que está acontecendo? — Perguntou sem rodeios. Seu tom parecia testar as águas, e a suavidade em sua voz me fez relaxar por um breve momento.

— Do que está falando? — Tentei me fazer de desentendida, mas responder com outra pergunta só a deixava mais intrigada. Seus olhos se apertaram ainda mais.

— Você está chateada. — Afirmou um pouco mais alto, pegando o garfo e espetando seu pedaço de *velvet*.

— Eu? Não! — Mas, no momento em que eu disse não, a imagem de Dashier olhando para mim enquanto bebia a sua água na noite anterior me

bateu em cheio e minha voz falhou. Desviei meus olhos para o café e o bebi.

— É Cassandra? Ela não está aceitando bem os seus planos? — Mamãe me perguntou com mais delicadeza e cuidado, como se estivesse pisando em um terreno perigoso, e analisou cada uma das minhas reações enquanto eu me preparava para falar. Sabia que ela estava testando os assuntos para saber o que estava me incomodando. Eu precisava conversar, mas se contasse a ela sobre Dashier, seria como assumir que eu estava desenvolvendo sentimentos por ele, e eu sequer queria assumir para mim que tais sentimentos estavam crescendo.

— Cass está melhor, ela entendeu que não sairei tão cedo da Class.

— Mas você sabe que pode. Você pode vender a sua parte da Bakery. — Lá estava a solução simples novamente.

— Não é uma opção. — Neguei, buscando o garfo para finalmente desfrutar do meu *Cinnamon*.

— Você vai levar pelo menos mais três anos para montar a sua empresa. Com sorte.

— Está tudo bem. Eu tenho um bom dinheiro guardado, mãe. Não é necessário vender a minha parte na Bakery.

— Seu pai vai entender você se quiser vender para realizar seu sonho. — Insistiu novamente.

— Eu sei que ele entenderá, mamãe, eu só não quero entristecê-lo. O fato de ele entender não diminuirá a sua decepção. O sonho dele era que eu tomasse conta disto aqui, e eu não estou fazendo isso. Eu prefiro fazer desta forma. Enquanto isso, adquirei mais experiência e fico mais conhecida no mercado. Além do mais, vocês podem precisar dos rendimentos da Bakery.

— Temos dinheiro... — Ela tentou argumentar novamente, sussurrando para que a entonação da sua voz não fosse ouvida pelos outros no local. Mas, sinceramente, eu não estava com clima para discutir sobre

aquilo, ou qualquer assunto sério. Eu só queria jogar conversa fora com a minha mãe.

— Mamãe? Realmente estamos aqui para falar sobre isso de novo? Eu estou com saudades. Gostaria de saber sobre você e o papai. Como está Jersey?

Então ela relaxou, compreendendo que eu não estava disposta a discutir sobre a decisão tomada. Ela começou a falar sobre quão feliz ela e papai estavam, sobre como tinham aprendido a acordar às dez horas da manhã e a dormir depois da meia-noite. Estavam assistindo a seriados na Netflix, e seu novo amor era Outlander. Sorri e deixei que ela contasse sobre sua felicidade, até que ela interrompeu sua fala e o mesmo olhar de antes voltou.

— O que está acontecendo com você, Quinn? Sei que tem algo. Seus olhos estão, eu não sei... inquietos? Chateados?

Estava pronta para responder que não havia nada me perturbando, quando o movimento ao lado de nossa mesa nos chamou atenção.

— Olá, Quinn! — O pequeno garotinho segurando um cupcake com chantilly cor-de-rosa e confeito colorido me cumprimentou. — Eu sabia que você estaria aqui! Eu sabia que sim!

— Hazel! Olá! Como está, querido? — Virei-me em meu assento, ficando de frente para o menino, e beijei seu rosto, o fazendo corar. Olhei em volta, procurando por Dashier, e o encontrei encostado no balcão com o blazer aberto e as mãos no bolso. Um sorriso amistoso e discreto estava em seu rosto enquanto assistia a minha conversa com o seu filho.

— Estou bem. Eu trouxe isso! — Disse e me entregou o cupcake. — Me lembra você. Papai e eu não sabíamos seu outro nome no dia em que nos conhecemos e resolvemos chamá-la de Quinn Cupcake. — Ele sorriu, olhando para o pai e se sentindo orgulhoso. — Você foi embora quando eu



estava andando de bicicleta no parque e esqueci de perguntar, papai já me disse que é Miles, mas eu gosto mais de Cupcake.

*Deus! Ele é tão fofo!*

— Uau! É lindo. Obrigada, Hazel.

— Desculpa, eu não tinha dois. — Hazel olhou para minha mãe, se desculpando.

— Não há problema. Eu posso dividir com ela. — Mamãe respondeu, encantada pelo garotinho. — Quem é este jovem adorável, querida? — Perguntou. Seus olhos estavam variando entre pai e filho.

— Este é Hazel, mamãe. Nos conhecemos aqui há alguns dias. Hazel, está é Fern, minha mãe.

— Olá. — Hazel sorriu para minha mãe enquanto Dashier se aproximava.

— Bom dia, senhoras.

Precisei me controlar para não fechar meus olhos e suspirar ao ouvir a sua voz.

— Bom dia. — Murmurei, olhando para ele desconfortavelmente. Ele agiria como se a noite passada não tivesse acontecido?

— E este cavalheiro é...? — Claro que ela queria saber quem era Dashier. Minha mãe era muito esperta.

— Dashier Colt. Pai de Hazel e... amigo de Quinn. — Ele me olhou como se estivesse testando a palavra “amigo”, querendo saber se eu o corrigiria. Dashier se apresentou humildemente como se ele fosse apenas pai de Hazel e meu amigo, mas eu havia pesquisado sobre ele na noite anterior.

Dashier Colt era dono de uma fortuna incalculável, sua empresa e investimentos em outros ramos faziam dele um homem realmente rico, além de ser uma celebridade no mundo dos games. Meu objetivo era ter acesso a parte romântica da sua vida, encontrá-lo em alguma rede social para obter

alguma informação que justificasse a sua saída abrupta do Jean-George, mas só encontrei fotos suas com fãs e vídeos de *youtubers* falando sobre ele. Era um homem discreto em sua vida pessoal.

Mamãe me olhou e levantou uma sobrancelha enquanto eu maneava minha cabeça minimamente, avisando que ela fosse discreta em suas ações.

— Amigo... sim. É um prazer, Sr. Colt. Gostariam de se juntar a nós para o café da manhã? — Ela sorriu amistosamente, mas eu sabia que estava armando para enredar Dashier em um interrogatório sem fim, pensando que ele era um pretendente meu.

— Eu agradeço, senhora Miles. Mas Hazel tem que ir para a colônia de férias agora, e eu tenho alguns compromissos. Entretanto... — Colt se virou para mim. — Tem um segundo?

Assenti e caminhei até a mesa ao lado junto com ele enquanto minha mãe engatou uma conversa com Hazel perguntando a sua idade.

— Eu completarei seis anos em breve.

— Oh, sim? Quando?

— Maio.

Eu ri. Não seria tão em breve assim, era realmente muito tempo. Hazel estava ansioso para crescer, pelo visto.

— Oi. — Dash cumprimentou timidamente.

— Dashier. — Retornei o cumprimento da forma mais fria que eu poderia. — O que você quer?

— Me desculpar pelo o que aconteceu ontem. — Sua resposta foi rápida.

— E o que aconteceu ontem? — Perguntei, me permitindo olhar para ele. A barba estava um pouco menor, seus olhos pareciam estar mais claros e seu semblante menos tenso.

— É complicado. — Respondeu finalmente.

Revirei meus olhos.

— Complicado? É isso? E você espera que agora esteja tudo bem porque você me deu essa explicação? Aliás, você não me deve explicação alguma. Está tudo bem.

— Eu vim aqui tentando me desculpar, tentei a sorte vindo aqui, tinha esperança de que você aparecesse e assim eu pudesse dizer que sinto muito.

— E um *cupcake* resolveria? — Cruzei meus braços, tentando não sorrir, era realmente fofa a sua tentativa.

— Bem, algo me diz que você é uma mulher mais de doces do que de flores. — Seu sorriso começava a aparecer, como se ele soubesse que eu estava cedendo.

Mas o cara estava certo. Traga-me uma bomba de chocolate e deixe as rosas vermelhas para as garotas normais.

— E colocou seu filho para fazer o jogo sujo?

— De alguma forma, você encantou o meu filho, Cupcake. Ele acha que você é uma princesa, que seu cheiro é doce como um bolo e mencionou que se fosse grande como eu, namoraria você.

— O quê? — Corei, olhando para o menino conversando com minha mãe e voltei para o seu pai.

— Oh, sim, ele acha você incrivelmente linda, e depois do beijo que você deu nele naquele dia, acha que está destinado a ficar com você para sempre. — Ele riu. — Ele está confuso com seus sentimentos. Eu posso entender o apelo. — Dash brincou, me deixando ainda mais envergonhada.

— Com o beijo de hoje, suponho que serei pedida em casamento, então? — Entrei na brincadeira.

— Provavelmente. — Dash sorriu para mim, mas logo ficou sério. — Ele não costuma ter muitas pessoas dando atenção para ele, especialmente estranhos. Você conquistou a amizade de Hazel.

— Obrigada. — Eu me senti alegre ao ouvir aquilo. Olhei para Hazel mais uma vez e sorri, vendo o quanto minha mãe parecia encantada com o menino.

— Eu gostaria de convidá-la para um encontro. — Voltei minha atenção rapidamente para Dashier assim que ouvi seu convite. Seu olhar fugiu para o outro lado e seus pés mudaram de um lado a outro. Era engraçado ver um homem daquele tamanho parecendo desconfortável.

— Um encontro? — Agora eu parecia uma garota do colegial.

— Hum, eu acho que sim, eu realmente não sou muito experiente no assunto.

*Tá bom! Piada!*

Dashier era problema. Apesar de seus lindos olhos verdes, sorriso sacana, barba por fazer e peitoral capaz de dar orgasmos múltiplos apenas com sua visão, ele era problema, e eu tinha que ficar longe de problemas. Por muito menos, eu afastei Kevin, e ele era apenas um cara normal que fazia um bom sexo. Dashier era um homem, jovem, cheio de dinheiro e com semblante de quem já havia vivido muito. Não, eu não cairia no jogo do “não sei o que estou fazendo aqui”. Ele sabia. Sabia exatamente como eu estava me sentindo. E ele estava jogando comigo. Eu não queria jogos.

— Não acho que seja uma boa ideia, Dashier. — Respondi, sem muita convicção.

— Sei que ficou chateada pelo o que aconteceu. Eu sinto muito, Quinn. Eu vi alguém e fiquei um pouco... nervoso. Apenas me deixe mostrar a você que não sou horrível como estou me esforçando para parecer.

— Eu... eu...

De repente, a porta da confeitaria se abriu, e Jimmy se aproximou, chamando o chefe.

— Storm, olá! — Brinquei com o motorista de Dashier, que se

aproximava.

— Senhorita Miles. — Ele sorriu comedidamente e se voltou para Dashier. — Sylvia está no carro, senhor.

— Tudo bem, leve Haze, e eu já estou a caminho.

— Sim, senhor.

*Quem é Sylvia?*

Hazel beijou o rosto de minha mãe e correu para mim, beijando o meu também.

— Até breve, Quinn.

— Até breve, Haze. — Beijei seu rosto, e novamente ele corou. Tão incrivelmente fofo.

Voltando minha atenção para Dashier, suspirei, pronta para negar o convite.

— Acho melhor não fazermos isso.

— Dê-me seu telefone. — Exigiu, puxando o seu do bolso e o esticando para mim.

— Dashier...

— Dê-me seu número e me deixe convencê-la. — Seus olhos brilhantes eram pídes.

*Deus! Por que ele tem que me olhar assim?*

— Descubra o meu número e você me terá para um encontro.

Desafiei.

— Está brincando comigo! — Suas sobrancelhas se levantaram e seus olhos mostraram um brilho divertido. O sorriso de lado quase me fez tomar o telefone de suas mãos e colocar o meu número ali naquele momento. Logicamente que seria fácil para ele, mas uma brincadeira não faria mal a ninguém.

— Entro em contato em breve, então. Até logo, *Cupcake*. — Disse ao

guardar seu telefone no bolso.

— Até logo, Dashier.

— Senhora Miles. — Ele se despediu, passando por minha mãe. — Foi um prazer conhecê-la.

— Igualmente, Senhor Colt. — Mamãe respondeu, o analisando. Sem olhar para trás, Dashier saiu da Bakery, me deixando lá, quente, analisando a sua bela bunda e com uma mãe curiosa para dar explicações.

— Eu sabia que havia algo! — Ela exclamou, me fazendo gemer. Joguei-me novamente na cadeira e respirei fundo antes de começar.

## DASHIER

Por um tempo, muito tempo eu fui sozinho.

Depois do caos que eu mesmo instalei em minha vida, o trabalho foi árduo para conquistar a confiança de todos novamente. Exceto das autoridades, deles eu tive que comprar a confiança. Não me orgulho, mas também não escondo o fato de que paguei uma quantia exorbitante para ter meu filho comigo novamente depois de quatro anos longe dele. Bernard estava fazendo qualquer coisa para que eu ficasse longe do meu filho. Eu precisei fazer alguma coisa para acelerar o processo e assim ficar com ele. Os pais de Vicki eram um problema para mim.

Desde a morte de Victoria, seus pais ficaram com a guarda de Hazel. Eu os entendia. Realmente entendia. Mas eu provei para eles mais vezes do que poderia que era capaz de ficar com o meu filho. Queria recuperar o que eu tinha posto para fora de minha vida. E quando finalmente, em fevereiro, Hazel veio para mim, minha vida finalmente começou a fazer sentido. Como se meu filho tivesse nascido naquele momento para mim.

Sylvia foi roubada de meus pais para cuidar dos empregados da casa e principalmente para dar assistência ao meu filho. Ela chegou à casa dos meus pais quando eu tinha dez anos e tomou conta de mim como se fosse minha segunda mãe. Eu queria que Hazel sentisse a segurança e o carinho que eu tive durante a minha infância, então enquanto eu tinha Andy como meu braço direito na empresa, eu tinha Sylv como meu braço direito em casa.

Eu estava levando a atividade de ser pai muito a sério. Até o último mês, estávamos indo juntos ao psicólogo e fazendo todas as atividades possíveis juntos. Passear no parque, tomar café da manhã, jogar videogames, comprar *action figures* novos para nossa grande coleção e, todas as noites, eu me encarregava de lhe dar o jantar e o banho. Era o nosso momento. Quando tenho algum evento, reunião ou jantar de negócios nesse horário, me certifico

NACIONAIS-ACHERON

de ter todo o nosso ritual realizado antes de partir. Mas Haze nunca fica sem a minha atenção. Ele nunca ficaria sem a minha atenção novamente.

Eu seria o pai que não fui em seus primeiros anos de vida. Eu estaria lá para ele. E Hazel era um menino tão bom e doce, que desde o primeiro momento em que voltamos a nos falar, há dois anos, ele pareceu me aceitar. Mesmo com pouco entendimento do que estava acontecendo, o menino me aceitava e me via como o seu pai. Isso era mais do que eu poderia esperar depois de tudo que ocorrera.

Durante muito tempo, desde a morte de Victoria, meu foco foi melhorar e estar com meu filho. Eu não me permiti ter tempo para sequer pensar em qualquer outra coisa. Queria dar a Hazel tudo o que eu não dei no início de sua vida.

Eu estava bem com isso.

Até conhecer a maldita Quinn *Cupcake* Miles.

Fiquei louco quando perdi Hazel dentro da confeitaria. Se algo acontecesse com ele, se ele se perdesse ou se machucasse, eu poderia nunca mais vê-lo. O juiz o tiraria de mim por qualquer passo fora da linha que eu desse no período de um ano. Isso não poderia acontecer.

Então, acredito que seja bastante justificável o fato de eu ter enlouquecido e ter dado uma bronca nele. Mas uma certa garota se ergueu em defesa do meu filho, uma criança que ela nunca tinha visto na vida, e eu... Droga, eu nem mesmo sei descrever como me senti quando coloquei meus olhos nela.

Cabelos bagunçados, óculos gigantescos, moletom, calças, tênis e cara lavada.

Chame isso de: feita sob medida para o nerd da faculdade, Dashier Colt.

Seus olhos azuis enormes, as sardas adoráveis em cima do seu nariz e



seus lábios cheios eram mais do que convidativos. Eu tive de começar a minha contagem imediatamente no momento em que a vi. Linda, meiga e altruísta, defendendo o meu filho, uma criança que invadiu seu espaço pessoal. O tipo de garota que eu teria me envolvido com toda a certeza se eu fosse eu na faculdade, e não quem eu me transformei. Eu sabia que tinha que ficar longe dela. Ela fazia coisas inexplicáveis comigo apenas com um olhar.

Mas então ela falou. Porra, ela foi atrás de mim e Haze apenas para se certificar de que eu conhecesse o meu lugar. Ela não era apenas uma universitária, era uma mulher.

E ela encantou Hazel também.

O garoto tinha cinco anos e estava caído por ela. Eu ri. Realmente entendia o apelo. Olhos de anjo, azuis, sorriso de menina.

— *Ela parece uma princesa, papai. — Ele dissera naquele dia. — Ela não disse o seu outro nome.*

— *Como?*

— *Você sempre diz seu nome todo, eu também devo dizer meu nome todo para a Senhorita Smith na escola. Ela disse apenas Quinn, não disse o nome todo.*

*Hazel obviamente era mais desenvolvido do que as crianças da sua idade.*

— *Invente um para ela. — Respondi, tentando dar uma solução, uma vez que eu tinha certeza de que não a veria mais.*

— *Ela é linda como um cupcake, papai.*

*Eu nunca mais veria um cupcake com os mesmos olhos.*

Então a encontrei no Chipotle, parecia que eu estava vendo outra mulher. Uma mulher sexy, ainda que vestida com simplicidade. Estava em um encontro, mas pela forma que agia, não queria estar. E quando visivelmente ignorou o cara com quem estava, para aproveitar a tensão sexual

entre nós, eu tive a certeza de que ele não era importante para ela. No entanto, o fato de ela estar exercendo tanto poder sobre mim estava me deixando desconfortável. Eu estava há um bom tempo fora desses jogos de flerte, e parte de mim gostaria de voltar. Sentir novamente todas as sensações. Mas não poderia. Era muito arriscado.

Então fiquei frustrado.

Muito.

Ao vê-la caminhar para o banheiro, me levantei sem ao menos disfarçar e a seguí. Aguardei que voltasse e fiz meu movimento. Seus olhos diziam que me queria, mas ela era forte. Obstinada. Fui um imbecil com ela naquela noite, e ela não deixou por menos novamente. Meu medo estava me fazendo atacar para evitar que ela se aproximasse. Por quê? Outras mulheres se aproximavam, e eu era educado em afastá-las, mas com Quinn era diferente. Ela fazia eu me sentir completamente diferente, com medo. Medo de mim.

Deus, eu a chamei de deslumbrada. Que babaca.

Mas ela não deixou por menos.

— *Bem, e eu conheço o seu tipo. O tipo que nega atração quando há, que não quer querer. Não se preocupe. Estou de saída. E me mantereí longe tanto quanto você se mantiver também, Dash.*

Lembrei de suas palavras, sorrindo, ela sabia que existia atração entre nós. Mas não me importei naquele momento, pois pensei que seria a última vez que nos veríamos.

Até eu dar de cara com ela na Colt Fair.

Vê-la em seu uniforme de trabalho me deixou louco. Tudo bem, um homem em abstinência há quatro anos é capaz de ter uma ereção por uma árvore se ela tivesse curvas, mas, porra! Calças pretas coladas, blusa colada, deixando todo o seu corpo curvilíneo exposto para mim enquanto ela subia e

descia nas pontas de seus pés, feito uma bailarina empinando a sua bunda em minha direção. Aquilo me deixou louco.

Era o mesmo que ver Quinn se esfregando em um pole dance, ainda que não fosse a sua intenção.

Foi como se eu tivesse treze anos novamente. Uma porra de adolescente com tesão.

Quinn ficou pasma quando descobriu que na verdade eu era dono da Colt Company. Foi quase hilário vê-la descobrir que o Sr. Colt que ela gostaria tanto de agradar era, na verdade, o cara que vinha sendo um completo idiota com ela.

Então, eu acabei lhe convidando para tomar café comigo. Eu deveria saber que já estava brincando com fogo, que já estava mais do que interessado por ela. Mesmo Andy já sabia.

— *Cara...*

— *Abra a sua boca e vou demitir você.*

— *Você não pode me demitir, sou seu braço direito.*

Andreas Collins era meu melhor amigo e, sim, meu braço direito também. Ele era o único além da minha família, Sylv e Jimmy que sabia da minha merda. E, também, o único que não conseguiu se livrar de mim ou das minhas lamúrias sobre Quinn *Cupcake* Miles.

Novamente, eu não fui a melhor pessoa com Quinn.

Ela havia me deixado relaxado e sorridente quando saímos do evento, sua brincadeira com Jimmy me fez rir como há muito não acontecia. E quando ela perguntou se eu não costumava rir, eu me lembrei dos motivos pelos quais eu não o fazia mais. Então a levei para casa e me despedi, esperando que aquela fosse realmente a última vez que eu a visse.

Mas eu não consegui me manter longe e inventei um jantar de negócios para vê-la novamente. O contrato com a empresa de eventos que ela

trabalhava poderia ser resolvido sem mim, eu não precisava me envolver. Mas a vontade, a ânsia de encontrá-la novamente levou a melhor. Andreas riu da minha cara por horas, é claro, mas, como sempre, estava lá para me apoiar e entreter Cassandra enquanto eu e Quinn flertávamos durante o jantar. Não que isso fosse um problema para ele. Desde que havia se separado de Sophie, Andy estava agindo como um homem galinha.

Olhares roubados aqui, sorrisos sedutores ali e palavras de duplo sentido como a cereja do bolo. No momento em que ela foi ao banheiro, eu estava disposto a levá-la para casa e conversar sobre um encontro de verdade, mas então eu vi que Bernard e Leslie resolveram jantar no mesmo lugar.

E a noite foi por água abaixo. Olhei para Andreas, e ele sabia que algo estava errado. Eu apenas pedi para que ele cuidasse da conta e fui embora.

Deixando Quinn para trás.

\*\*

Naquela noite eu não consegui dormir... Mas quando eu conseguia? Caminhei até a cozinha em busca de água, tentando aplacar a queimação em minha garganta. Quando me aproximei, a luz da cozinha já estava acesa, e Sylvia estava lá, com uma xícara de chá em suas mãos.

— Algum problema, querido? — Perguntou, assim que pôs seus olhos em mim. Ela me lembrava muito minha mãe.

— Não. Você? — Respondi, sabendo que ela não engoliria minha resposta.

— Apenas alguma água para o chá. — Sylvia era uma mulher de cinquenta anos, seus cabelos eram uma mescla de louros e brancos, sempre muito bem-apresentada e elegante. Seu coração era enorme, e Hazel se apaixonou por ela instantaneamente quando veio para casa, assim como eu quando era um menino. — Algo está lhe incomodando.

— Hum... sim, um pouco. — Não adiantava tentar esconder algo dela. Jimmy podia fofocar como uma velha, então as chances de ele ter contado para ela sobre Quinn eram grandes.

— Quer falar? — Ela sentou no banco da ilha da cozinha e colocou sua xícara no mármore.

— Eu não sei. Já tomei a decisão de qualquer forma. — Dei de ombros. Eu não procuraria mais por ela. Deixaria Quinn viver a sua vida.

— Quer falar sobre a decisão?

Decidi que sim, que eu gostaria de falar com ela, de compartilhar a confusão na qual eu tinha me metido.

Então eu lhe contei sobre Quinn. Assim que eu disse que era sobre uma garota, ela sorriu e se remexeu ao meu lado, como uma velha fofoqueira, e eu despejei tudo. Ao final, depois de ter contado toda a história, ela simplesmente me olhou nos olhos e disse: — Se depois de quatro anos sem um segundo olhar para qualquer mulher, essa conseguiu um segundo, terceiro ou vários pensamentos seus, deve valer de algo.

— Mas e se eu puser tudo a perder? Essa é a única maneira de manter tudo sob controle. Ficar longe de um problema desses me deixa longe de tudo, Sylv.

— Você sabe que não é verdade. Dr. Conerlly já conversou com você sobre isso. Você fez grandes progressos e pode sim levar uma vida normal. Basta querer.

— Tem Hazel também. Ele é prioridade.

— Proteja Hazel, se acha que assim é melhor. Não a traga para o seu lar enquanto não estiver seguro, mas não se prive de tentar, Dashier. Você merece isso.

— Mereço?

— Você precisa parar de se atormentar. Não foi culpa sua.

— Como não? — Perguntei, frustrado. — Vocês não entendem.

— Quem não entende é você. Pare de se sabotar. Procure a garota.

Sinceramente? Era tudo o que eu precisava ouvir. Alguém que me incentivasse. Não que Andreas não tivesse me dado todo o incentivo, mas ele apenas queria que eu transasse e deixasse de ser um chato mal-humorado. Eu precisava de alguém que não pensasse com o pênis. E Sylv foi perfeita para o trabalho. Ela levava em consideração meus medos, principalmente as minhas ressalvas com relação a Hazel. Eu precisava proteger o meu filho, mas se realmente estava interessando em Quinn, depois de nenhuma mulher ter conseguido despertar qualquer reação em mim, por que não tentar? Por que ao menos não dar uma chance a ela? Ou mesmo uma chance a mim?

Segui e reencontrei Quinn Miles, não por acaso, mas realmente contei com um pouco de sorte ao voltar na Bakery. E eu voltaria quantas vezes fossem necessárias. Ou mandaria alguém atrás dela na Class, não importava. Eu queria vê-la novamente.

— Acho melhor não fazermos isso. — Eu entendia a sua recusa ao meu convite, eu tinha sido um idiota com ela.

— Dê-me seu telefone. — Pedi, puxando meu próprio do bolso e o esticando para ela.

— Dashier... — Ela tentou negar novamente.

— Dê-me seu número e me deixe convencê-la. — O que eu precisava fazer? *Droga Quinn, não me negue agora.*

Então ela sorriu para mim.

— Descubra o meu número e você me terá para um encontro.

Fácil assim?

Ela estava brincando, certo?

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## SEIS

*“O Chipotle não nos traz uma boa lembrança, então pensei no Wined Up. Sábado, 8 pm.”*

Eu não precisava pensar nem por um segundo de quem poderia ser aquela mensagem, aceitei o número no aplicativo de conversas e salvei em minha agenda. Sabia que ele descobriria, mas, mesmo assim, resolvi brincar com ele.

*“Desculpe. Quem é você?”*

Meu telefone apitou quase que imediatamente com a resposta.

*“Desculpe, sou eu, Kevin, troquei meu número.”*

Putá merda. Não era Dashier.

A decepção bateu com força em mim. Respirei fundo, ponderando o que eu deveria dizer a ele. Eu não queria magoá-lo, mas tinha que colocar um ponto final de vez naquela história.

*“Ei, Kev. Infelizmente não posso sair com você.”*

*“É porque você vai sair com Dashier Colt?”*

Como diabos ele sabia disso?

A resposta veio em seguida.

*“Te peguei, Cupcake!”*

— Filho da mãe!

Como diabos ele lembrava do nome de Kevin?

Meu telefone tocou no momento em que cheguei em casa. Olhei no visor e vi que era ele. Sorrindo, atendi e sentei no sofá.

— Não foi engraçado. — Resmunguei enquanto tirava meus sapatos e colocava meus pés para cima.

— *Foi, um pouco.* — Sua voz rouca e profunda estava sorridente. Eu



gostava de saber que ele estava sorrindo, era sempre tão sério perto de mim.

— Como você lembra do nome do meu encontro daquele dia?

— *Eu lembro de tudo daquele dia, Cupcake.* — Por que suas palavras sempre me causavam arrepios?

— Vai continuar me chamando assim? — Tirei meus óculos e a borrachinha que estava em meu cabelo e suspirei, massageando meu couro cabeludo com a mão livre.

— *Você não gosta?*

A verdade é que gostava. Muito. Algumas pessoas me chamavam de Q no trabalho, e Quinn já era um nome tão pequeno, que parecia um apelido por si só, portanto eu gostava que eles tivessem escolhido esse apelido, era fofo.

— Eu gosto. — Respondi mais baixo, estava sorrindo feito uma boba.

— *Bom, eu e Haze achamos que combina.*

— Como ele está? — Perguntei, verdadeiramente interessada. Hazel era uma criança adorável e extremamente inteligente.

— *Apaixonado por você.*

— Pare! — Meu tom saiu mais alto do que eu pretendia.

— *Você o conquistou quando deu bolo para ele, agora só fala e suspira por você.*

— Então talvez não seja uma boa ideia eu sair com o pai dele, certo? — Brinquei.

— *Oh, não. É uma boa ideia você sair com o pai dele. Ele verá a sedutora que você é e não terá esperanças.* — Meu riso saiu meio engasgado.

— *É brincadeira, Cupcake, Hazel apenas gosta muito de você.* — Então a linha ficou muda.

— Dashier?

— *Me chame de Dash, se você quiser.*

— Ok, Dash.

— *Sábado?* — Ele perguntou, indo finalmente ao ponto.

— Bem, você descobriu o meu número.

— *Foi fácil, e você sabe.*

— Eu sei. — Ri. Ele só tinha que fazer uma ligação para a Class.

— *Então?*

— Estarei pronta às oito. — Ele conseguia ouvir o sorriso em minha voz?

\*\*

A semana se arrastou até que finalmente fosse sábado. Tentei me concentrar no trabalho, e o resultado até que foi favorável. Embora não houvesse eventos para o final de semana e tivéssemos perdido a conta do grande baile de máscaras que a Manier Corp estava promovendo naquele mês para alta sociedade de Manhattan, o que deixou Cassandra extremamente brava, tínhamos vários eventos menores de julho a outubro. Ação de Graças e Natal eram períodos praticamente zerados de eventos. Eu me foquei em preparar as ordens de serviços e analisar as estruturas dos eventos menores. Havia apenas dois casamentos ao ar livre, o que me deixou frustrada. E o único casamento confirmado, Cass passou para minha ainda assistente, pé no saco, Mariah.

Eu não queria entrar em atrito com Cassandra, mas Mariah estava realmente me dando nos nervos. Ela não poderia tirar meu lugar ou mesmo me sabotar, era ridículo. Mas me irritava profundamente que ela pensasse que conseguiria isso em algum momento.

Eu precisava de uma nova assistente.

Entrei em contato com o nosso serviço terceirizado de som e projeção apenas para reforçar o e-mail enviado com as planilhas dos eventos em que

eles seriam requisitados. Liguei para a companhia de televisão a cabo para mudar meu pacote de canais. Uma vez que teríamos poucos eventos nos finais de semana, eu teria um tempo para poder relaxar e dedicar a mim. Aproveitei para comprar alguns bons livros pela internet também.

Quando finalmente acordei, era sábado. Olhei no relógio e vi que tinha um dia inteiro até que Colt viesse me buscar. Ele escolhera um bar sofisticado de vinhos, queijos e pães para o nosso encontro. Eu teria que caprichar na produção.

Procurei fazer tudo com muita calma para que o tempo não agisse contra mim, estava nervosa e ansiosa para revê-lo. Cada vez que eu relembrava as palavras de Dashier meu corpo esquentava, meu estomago se agitava de uma forma gostosa e me pegava sorrindo.

É possível se apaixonar por alguém sem ao menos tê-lo beijado? Eu sequer gostava dele uns dias atrás. E, no entanto, estava agindo como uma menininha saltitante.

Talvez ele não queira nada além de se desculpar por suas grosserias.

*Qual é? Você viu a forma como ele te olha e fala com você. Ele te quer.*

Fiquei pensando nisso enquanto arrumava meu apartamento. Quando finalmente estava tudo limpo, fui tomar um banho demorado e debati mentalmente se deveria ou não usar meu creme depilatório. Meus pelos não estavam grandes, mas definitivamente eu não estava muito apresentável para uma transa.

Uma transa?

*Eu transaria com ele no primeiro encontro?*

*Porra, claro que sim.*

E perder a chance de ver aquele corpo maravilhoso nu e ter orgasmos  
NACIONAIS-ACHERON

oferecidos por aquele pedaço de homem maravilhoso? Nunca.

Decidi que não pecaria por omissão. Assim, me depilei em todos os locais necessários, lavei meus cabelos até sentir que eles estavam muito limpos, os sequei e escovei, deixando-os modelados. Repeti a maquiagem da outra noite, tinha gostado do resultado dela. Assim, preparei minha pele sem apagar minhas sardas, realcei meus olhos azuis com um esfumado negro fino em volta dos olhos e usei um batom nude de cobertura *matte* em meus lábios. Optei por um vestido cinza chumbo e *ankle boot* preto, aberto na ponta. Eu me olhei no espelho e analisei minha aparência. Sim, eu estava bonita e me sentia sexy.

Por um momento, me senti meio boba, além de sensual, por estar me arrumando toda, tentando ficar perfeita para um homem que mal conhecia, mas resolvi assumir isso sem ter vergonha. Era o que *eu* desejava. Eu queria ficar bonita, queria que ele me achasse irresistível.

Queria me sentir irresistível perto dele.

E não havia nada de ruim naquilo. Não era uma imposição, era a minha decisão.

Não me lembrava da última vez em que realmente quis ficar linda, por isso aproveitei cada momento. Nem mesmo quando estava com Roy, me dedicava tanto a uma produção.

Não que o bastardo merecesse, de qualquer forma.

Com Dash, era diferente. Era incrível como eu podia relembrar da sua voz, de suas palavras, e sentir novamente os mesmos arrepios, as mesmas sensações dentro de mim. E não era apenas isso. Embora ele fosse comedido, tenso e contido demais, havia algo nele, algo dentro daquele homem que exalava selvageria. E eu estava totalmente atraída para isso.

Eu não estava sequer considerando que ele poderia ter uma esposa.

*Ele não teria me chamado para sair se tivesse uma esposa. Teria?*

*Homens são sacanas.*

*Mas ele não teria feito isso praticamente na frente de Hazel. Talvez eles fossem divorciados, talvez nunca tenham sido casados também. E, se ele fosse casado, tinha aparecido algo na internet, não?*

Balancei minha cabeça, tentando tirar aquilo da minha mente. Eu não queria pensar demais sobre sua vida pessoal antes de realmente lhe perguntar. Conjecturas traziam preconceitos, e eu não gostava de fazer isso com as pessoas. Nós nos conheceríamos. Com sorte, aprenderíamos um sobre o outro.

Às sete, recebi uma mensagem de Dashier dizendo que se atrasaria alguns minutos.

*“Desculpe, me atrasarei. Haze precisa de mim.”*

*“Podemos cancelar, Hazel em primeiro lugar.”*

Eu estava chateada e com medo de ele realmente querer cancelar, mas um garotinho precisava do pai, e eu não seria aquela que traria problemas. Conheci o filho antes do pai, então sabia exatamente aonde estava me enfiando. Além do mais, é louvável que ele coloque o menino em primeiro lugar, quando muitos pais não o fazem.

Novamente me perguntei sobre a mãe de Hazel.

*Será que ela faz isso? Deixa o menino de lado?*

Sacudi a cabeça, me repreendendo. Não era minha responsabilidade ficar pensando nisso.

*“Não é necessário cancelar. Apenas nossa rotina atrasou um pouco. Vejo você em breve, Cupcake.”*

Droga! Cada vez que esse homem me chamava Cupcake, eu me transformava em outra sobremesa: *gelatina*.

\*\*

Oito e vinte e três.

Foi o momento em que ele estacionou em frente ao meu prédio. Saí da janela, peguei a bolsa e casaco e saí do apartamento enquanto via uma mensagem no celular.

*“Qual é o seu andar?”*

Apertei no ícone de microfone e gravei uma mensagem de voz lhe dizendo que estava descendo. Sua resposta veio rapidamente: *“Fique onde está, Cupcake, estou indo te pegar.”*

Tudo bem, eu ouviria aquele áudio durante toda a semana. Sua voz profunda e sexy me dando uma ordem. Eu não costumava obedecer a ninguém, mas Dashier não estava realmente me ordenando nada. Ele apenas queria fazer a coisa toda de encontro da forma que ele pensava ser a correta.

Eu lhe respondi que tudo bem e voltei para meu apartamento, até que ouvi a batida. Respirando fundo e tentando não tremer de emoção, andei em círculos em frente a porta, para ele pensar que eu estava longe, e não plantada esperando por ele, e finalmente abri.

E lá estava o Dashier despojado novamente. Eu tinha visto o quanto ele era delicioso em um jeans no dia em que nos encontramos no parque, mas eu não estava preparada para o que apareceu em minha porta.

Seu jeans escuro e sua camisa de botão, vinho, extremamente apertada em todos os lugares certos do seu corpo musculoso, quase me fizeram pular nele. Ele era perfeito. A barba em volta do seu rosto perfeito e o sorriso sacana me deixaram sem ar. Ele teria percebido se não estivesse me checando também.

— Olá, Cupcake.

— *Ei.* — Engoli, tentando trazer minha voz de volta. — *Ei*, Dash.

— Você está linda. — Disse, sorrindo de forma tensa. No momento em que prestei atenção, percebi que seu corpo todo estava tenso. Por quê?

— Obrigada, você também.

Ele se aproximou e beijou meu rosto, seu corpo todo se apertou no meu no processo, mas logo ele estava longe de mim, mantendo certa distância. Seu sorriso se abriu para mim e sua mão se esticou em direção à escada. Finalmente soltei minha respiração, eu sequer sabia que a estava segurando.

Sempre fui uma mulher consciente da minha aparência e de minha sexualidade. Sabia que atraía os homens e não tinha medo de flertar quando estava interessada, mas eu nunca estive interessada por um homem naquela intensidade. A presença dele mudava um ambiente inteiro, era quase sufocante.

— Vamos?

— Vamos. — Peguei a chave e caminhei com ele para fora do apartamento.

Descemos as escadas silenciosamente, a mão de Dashier não saía da minha lombar. O zunido entre nós era praticamente palpável, mas eu não tinha coragem de dizer nada ou mesmo fazer alguma piada. Era como se eu estivesse paralisada, só que de excitação. Se apenas seu toque fazia aquilo comigo, o que seria de mim se ele me beijasse?

Chegamos ao carro, e Jimmy nos aguardava com a porta aberta.

— Olá, Jimmy! — Cumprimentei antes de entrar.

— Senhorita. — Respondeu de volta antes de fechar a porta.

— Para o *Wined Up*. — Dashier ordenou e sentou ao meu lado no carro. Não era o mesmo carro da outra noite, aquele era uma Mercedes. Esse era... eu não tinha ideia. Mas cheirava a algo caro. Era um belo e imponente carro. Até para mim que não ligava para isso, chamou minha atenção. — Algum problema?

— Que carro é esse? — Olhei em volta e ouvi Jimmy rindo. — O

quê?

— Este é um *Rolls-Royce Ghost Serie II*. — Ele explicou, orgulhoso.

— Esnobe. — Resmunguei.

— O quê? Não estou sendo esnobe.

— Talvez não. — Dei de ombros. — Afinal, você tem dinheiro para brinquedos, então acho que está tudo bem. — Sorri para ele, mas quando vi que seu sorriso era arrogante para mim, bufei, revirando os olhos. — Comprar um carro de o quê? Duzentos mil dólares, não faz de você o rei de Manhattan, Dashier Colt.

Jimmy gargalhou, fazendo Dash bufar e rir um pouco também.

— O que foi? — Perguntei ao motorista.

— É um pouco mais caro que isso, senhorita. — Jimmy riu um pouco mais e olhou para Dashier com humor pelo retrovisor.

— Tudo bem, então você é um CEO nerd com muito dinheiro. Continua não sendo o rei de Manhattan. Dashier riu.

— Eu sou, digo, um CEO nerd com muito dinheiro e um pouco famoso também. Não o rei de Manhattan. Embora eu procure não fazer muito alarde disso tudo.

— Por que um carro tão caro hoje, então?

Dashier ficou mudo e olhou para a rua. Eu acabei ficando muda também. Se ele não queria falar, não forçaria.

Quando Jimmy finalmente estacionou, Dashier saiu do carro e estendeu a mão para que eu a pegasse. Quando me puxou para fora do carro, seus lábios colaram em minha orelha.

— Eu queria impressioná-la.

Seu hálito quente me fez tremer, e talvez eu possa ter gemido um pouco também. Quando ele se separou de mim, olhei em seus olhos e vi luxúria neles, mas seu corpo continuava extremamente tenso.



— Não há necessidade, Dash. Você me impressionou muito mais enviando o seu filho com um cupcake. — Pisquei e sorri abertamente para ele. Seu sorriso também se abriu, era enorme, e seus olhos brilhavam. Provavelmente falar de Hazel era algo que ele gostava de fazer. Bom, eu também gostava de falar daquele menino lindo.

Nós entramos e assim que ele nos identificou, a *hostess* nos levou para nossa mesa. Era uma mesa pequena, de *pub*, com cadeiras altas. Dash me ajudou a sentar em uma das cadeiras e se sentou em outra praticamente ao meu lado. Ele fez sinal para o garçom, que rapidamente se aproximou.

— Água para mim e... — Antes que eu pudesse dizer algo, ele continuou. — Uma garrafa do seu *Montrachet*.

Eu quase caí do banco.

— *Montrachet*? Você está brincando?

— Você não gosta? É branco e servido gelado, você disse que não gosta de bebidas quentes, e eu lembrei disso no carro, pensei ser uma boa pedida.

Eu me senti tocada por ele lembrar que eu não gostava de bebidas quentes, mas não menos apavorada por sua escolha.

— Eu gosto, bebi uma vez no final de um evento, uma ou duas taças de *Montrachet*. É um vinho maravilhoso, mas é extremamente caro e você não vai beber comigo?

— Eu não bebo. — Respondeu enquanto analisava o guardanapo de papel dobrado em nossa frente.

— Nunca? — Insisti.

— Nunca! — Seus olhos focaram nos meus, e ele sorriu, mas não foi sincero.

— Oh. — Assim que o garçom chegou com a garrafa, eu o dispensei. — Não há necessidade de abrir. Vou ficar com uma Coca-Cola com gelo, por

favor.

O garçom ficou decepcionado, certamente isso seria um grande *up* na sua comissão, mas não seria daquela vez. Dashier estava tentando me impressionar com o seu dinheiro, eu não cairia nessa. Com um suspiro, Dash assentiu para que o garçom me obedecesse, e assim o garoto foi embora com a garrafa.

— Qual é o seu problema? Pensei que você fosse uma garota de gosto sofisticado. — Ele parecia frustrado comigo.

— E por que você pensa isso? — Perguntei, analisando sua reação.

— Bem... Eu não sei. — Ele respondeu, me fazendo rir.

— Dashier, eu não sou assim. Adoraria dividir uma garrafa de um bom e caro vinho com você, mas se você não bebe, não há necessidade de me comprar uma garrafa de quatro mil dólares. — Olhei diretamente em seus olhos e me aproximei um pouco mais. — Olha, não sei qual é o tipo de garota que você leva em encontros, mas eu...

— Eu não tenho encontros, Quinn. — Ele me interrompeu.

— Como assim? — Pisquei, tentando entender.

— Eu não vou a encontros há pelos menos... Bem, nunca, se eu for considerar a fase adulta apenas.

— Eu não entendo. Como você, um cara assim... — Apontei para ele, que sorriu e levantou a sobrancelha para mim. — Não vai a encontros?

— Fui a poucos encontros na adolescência. Cinema, pipoca, me renderam amassos no sofá ou no carro de meus pais, e depois, na faculdade, conheci a mãe de Hazel. Nós tivemos um relacionamento por quase todo o tempo em que estudei, montei a Colt Company e um pouco após ter me formado. Um relacionamento... hum... conturbado. Se é que posso chamar de relacionamento. E depois, não mais.

— Você é casado? — O medo da sua resposta estava quase me

paralisando.

— Não, nunca fui casado. — Relaxei no mesmo momento. — Não há ninguém.

— Ok. Conversa tensa para um primeiro encontro. — Joguei, tentando limpar o ar.

— Eu concordo. — Dash respondeu, sua mandíbula estava tensa.

— Bem, eu vou ensiná-lo a levar uma garota para um encontro na vida adulta. — Eu me aproximei dele e sorri quando notei o seu interesse em aprender. — Você faz exatamente o mesmo de quando era adolescente. — Ele bufou e voltou a ficar reto, pegando o cardápio. — Bem, comigo é assim, pelo menos. Eu gosto de restaurantes, noites de vinho e tudo mais. Mas cinema, maratona de séries, bons livros também fazem a minha cabeça, senhor geek.

— Você é diferente. — Dash sorriu como se estivesse admirado comigo.

— Isso é bom. — Respondi, piscando um pouco. Minhas lentes estavam querendo me incomodar. — Eu gosto de ser diferente.

— Por que não veio de óculos?

— Eu... — O que eu diria? Que estava querendo parecer linda para ele?

— Prefiro os óculos de nerd da Columbia. — Seus olhos verdes brilhantes me fitaram intensamente. Olhei para ele, intrigada. — No dia em que nos conhecemos, você estava com um moletom... — Ele engoliu em seco e riu nervosamente. — De Columbia. E com os óculos... Achei você...

— Uma garota. — Completei o que pensei que seria a sua sentença.

— Achei você linda, Cupcake. — Seu sorriso tremeu, como se ele estivesse um pouco envergonhado, e eu me perdi em seus olhos. O brilho me hipnotizou, e suas palavras conseguiram me deixar ainda mais atraída por ele,

lisonjeada por ter percebido a minha beleza mesmo não estando produzida.

Negando com a cabeça minimamente, pisquei algumas vezes e sorri, sem graça.

— Eu vou ao banheiro. — Disse, sorrindo para ele, peguei minha bolsa e saltei da cadeira de bar.

Quando voltei, eu usava meus óculos.

\*\*

— Ok. Vinte perguntas. — Propus.

— Quero ter o direito de não responder.

— Quem não responder, come um pedaço de queijo gorgonzola.

Era o único queijo que nenhum de nós ousou comer de toda a tabua de queijos e salames apresentada a nós naquela noite, por um motivo: era fedido.

— Ok, tudo bem. — Ele topou. — Você começa.

— Idade?

— 30. Você?

— 26.

— Aniversário? — Joguei em seguida.

— Fevereiro, dia dos namorados.

— Mentira.

— Verdade. Você?

— Janeiro. Primeiro.

— Ano-novo? — Perguntou, arregalando os olhos. Eu ri, assentindo.

— Ok, então... Filme favorito? — Continuou ele.

— “O ritual”. — Respondi, prontamente.

— Terror? — A expressão em seu rosto era impagável.

— *Yep.*

— Você gosta de filmes de terror? — Ele não parecia acreditar.

— Especialmente os que desafiam o catolicismo. “O exorcismo de Emily Rose”, “Stigmata”, e, principalmente, “O ritual”.

— Estou impressionado, Cupcake.

— O quê? Você pensou que eu diria “Um lugar chamado Notting Hill”?

— Não tão específico. — Ele se defendeu. — Mas, sim, estava pensando em algo mais voltado para romance.

— Gosto de “Um lugar chamado Notting Hill” também, e amo “O Diário de Bridget Jones”. Também gosto de filmes de heróis, mas meus preferidos são os de terror. E você?

— Meu preferido acho que é “Patch Adams”. — Dashier respondeu e analisou a própria resposta. — Em geral, todos os filmes do Robin Williams.

— Sensível. — Apertei meus olhos enquanto ele ria e revirava os dele.

— É! Ok, próxima pergunta. Cor favorita? — Perguntou.

— Pensei que fosse minha vez. — Retruquei.

— Responda...

— Você primeiro. — Insisti.

— Estou entre verde e azul. — Seus olhos continuavam firmes nos meus.

— Devo perguntar por quê? — Indaguei, colocando minha mão embaixo do meu queixo e olhando para ele por cima dos óculos. — Ou quer comer queijo fedido, senhor Colt?

— Se não me fizer comer o queijo, eu prometo responder mais tarde. Quando deixar você em sua casa. — Seus olhos eram divertidos, e estávamos agora apoiados com os cotovelos na mesa, quase nos encostando. Os rostos estavam muito próximos, e eu podia ver cada linha de expressão no seu rosto,

seus cílios grossos e até a covinha escondida embaixo da barba.

— Tudo bem. Próxima.

— Não, você me deve a sua resposta ainda. Sua cor. — Exigiu.

— Hum... Acho que rosa. — Brinquei, piscando meus olhos como uma menina apaixonada.

— Fala sério. — Ele riu.

— Eu sou uma menina. — Brinquei. — Acho que sempre foi branco, para ser sincera.

— E por quê?

— Casamentos. Eu amo organizar casamentos. Cassandra me deixou exclusivamente cuidando deles. Eu só cuido de outros eventos quando envolvem muito dinheiro ou por alguma emergência, como o caso que aconteceu no seu. Mas, no geral, eu sou a garota que faz o conto de fadas acontecer.

— Sim? — Seus olhos não estavam mais nos meus, eles devoravam a minha boca, e eu estava louca para pedir que ele substituísse seus olhos por seus lábios. Eu realmente queria ser beijada por ele.

— Sim. — Disse, sussurrando enquanto ele se aproximava um pouco mais.

— Hum... Quinn? — Seu tom era baixo, e ele ainda olhava para os meus lábios. — Tem muito tempo que não faço isso.

— Tudo bem, tenho certeza de que você se lembra, Dash.

— Quando eu digo muito tempo, eu realmente quero dizer isso. — Sua voz tremia e toda a sua postura destemida e imponente estava longe dali.

— Vamos devagar. — Eu o tranquilizei. Seus lábios então vieram até os meus, nos fazendo suspirar ao mesmo tempo. Nossas bocas entreabertas apenas testando um ao outro. Não houve língua, não aprofundamos o beijo, apenas movemos nossos lábios, os encaixando, nos acostumando um com o

outro.

E adivinha.

Eu já estava acostumada antes mesmo daquele beijo, como se já tivesse beijado Dash inúmeras vezes antes.

Quando finalmente nos separamos, ficamos olhando e sorrindo um para o outro. Dashier parecia aliviado com algo. Como se ele tivesse recebido uma notícia após uma grande tensão na espera do resultado.

— Isso foi... bem. — Ele parecia um menino falando.

— Parece até seu primeiro beijo. — Brinquei, tentando descontraí-lo.

— Foi ruim? — Era engraçado e surreal que um homem do seu porte parecesse tão inseguro.

— Teve gosto de queijo. — Sorri, me aproximando novamente para beijá-lo. — Mas definitivamente não foi ruim.

— Não? — Ele me beijou rapidamente, em seguida se separando de mim.

— Não. Foi perfeito.

E realmente foi.

\*\*

Eu sabia que Dashier não entraria em meu apartamento quando chegamos. Então abri a porta e dei um passo para dentro, logo em seguida me virando para lhe dar boa noite.

— Quinn? — Interrompeu ele antes que eu me despedisse. — Tenho dúvidas entre o verde e o azul porque verde é a cor dos olhos de meu filho. E azul... é a cor dos seus.

Sorrindo, eu caminhei até ele e me joguei em seus braços, o beijando novamente. E não foi apenas um beijo. Foi profundo, sexy e apaixonado. Meus lábios se abriram, convidando sua língua para explorar minha boca.

Seu beijo era tão gostoso quanto ter seu corpo forte e quente colado ao meu. Com um suspiro, Dashier pareceu se soltar e finalmente me tomou em seus braços com mais força. O beijo foi brutal. Não era doce. Foi excitante, molhado e me deixou louca.

Quando finalmente nossos lábios se separaram, nossas testas se juntaram, eu estava pronta para convidá-lo para entrar, mas ele quebrou minhas esperanças com uma pergunta ofegante: — Isso significa que tenho a chance para um segundo encontro?

— Isso significa que você pode ter quantos encontros quiser. E Dash?

— Prefira o ciano.

— O quê?

— A mistura de verde e azul dá a cor ciano.



## SETE

Eu sequer pensei no que Dashier diria sobre eu enviar uma mensagem no dia seguinte. Não esperaria um movimento dele. Queria vê-lo novamente, então eu tomaria a iniciativa. Se ele pensasse que eu estava sendo desesperada ou mesmo oferecida, não merecia um segundo de pensamento meu.

*“Muito cedo para pedir o segundo encontro?”*

Enviei a mensagem e esperei, nervosa, pela resposta. Talvez ele não respondesse imediatamente, mas eu tinha esperanças de que isso pudesse ocorrer. Um homem de negócios fica atento ao seu telefone, correto?

Mas era domingo, e ele não tinha obrigações com o trabalho naquele dia. Eu acho.

*“Eu gostaria.”*

Sorri e suspirei quando li sua resposta. Ele gostaria de me ver novamente.

*“Hoje?”*

Respondi, rapidamente. Muito cedo? Eu não ligava.

*“A babá está de folga hoje, estou com Haze e não gostaria que ele visse qualquer coisa entre nós, ainda.”*

A decepção me bateu. Mas eu tinha que entender, era domingo, e ele tinha que ficar com o filho.

*“Tudo bem, outro dia, talvez.”*

Toquei em enviar e sorri. Estava triste, é claro, mas admirada por ele

ser tão presente na vida do filho. A mensagem dele logo chegou e me surpreendeu.

*“Claro. Com certeza. Desculpe.”*

Ele não deveria se desculpar por fazer o correto.

*“Não se desculpe por ser um bom pai. Hazel em primeiro lugar.”*

Em seguida, enviei um emoji feliz para lhe certificar de que eu realmente estava bem com a negativa dele.

*“A menos que você esteja disposta a não me agarrar na frente de meu filho. Neste caso, eu a convidaria para um passeio ao ar livre, um sorvete no Riverside.”*

Eu sorri.

*“Pff, por que eu agarraria alguém como você?”*

Brinquei.

*“Muito engraçado. Às três?”*

*“Encontro você lá.”*

*Enviarei Jimmy.”*

Eu não precisava de Jimmy.

*“Não seja esnobe.”*

Enviei para ele com um emoji com a nota de dólar.

*“É só um motorista.”*

Disse, se defendendo.

*“Posso pegar um ônibus.”*

*“Com Jimmy, você chega mais rápido até nós.”*

Meu coração deu um pulo ao ler sua última mensagem. Enviei a resposta de que aguardaria Jimmy, então. Para alguém que não ia a encontros ou sequer beijava na boca, Dashier Colt definitivamente sabia como conquistar uma mulher. Imaginei que algo muito ruim aconteceu para um homem como ele não namorar. Talvez o fim do seu relacionamento o tivesse

feito sofrer. Ou Hazel fosse absolutamente a sua prioridade.

Então eu pensei em algo: Se ele não namorava ou beijava a algum tempo, segundo ele... era possível que Dashier não tivesse feito sexo também.

Eu realmente não tinha pensado sobre este detalhe na noite anterior. Mas como poderia? Como conseguiria pensar em qualquer coisa quando ele estava me fazendo esquecer até meu nome quando me beijava?

Mas se Dashier realmente não tinha se relacionado com alguém há tanto tempo, como ele lidava com a frustração?

## DASHIER

Eu malhava.

Malhava muito, a cada momento em que eu estivesse livre do trabalho e de Haze. O boxe ajudava também. Socar coisas sempre ajudava quando eu estava tendo um dia ansioso.

Foi uma das soluções para manter o controle sobre mim. Os gatilhos eram vários, e eu os evitava como peste. Felizmente, tinha dado certo até então. Eu conseguia evitar os gatilhos, e quando estava ansioso, descontava tudo em minha bela e bem equipada academia. Com Quinn aparecendo, eu tinha medo de que minhas fugas não resolvessem mais.

— Papai? — Haze apareceu na porta da academia, me fazendo parar de socar o saco e ir até ele enquanto eu tirava minhas luvas.

— Bom dia, amigo! Você dormiu bem? — Ele assentiu enquanto esfregava seus olhos. Seus cabelos era uma bagunça total, a cor era exatamente como a minha, mas comportados e bonitos como os da mãe. Ainda bem, se fossem como os meus estariam sendo raspados em breve.

— Uhum. Posso acordar Sylv? Estou com fome.

Eu me levantei e beijei a sua testa, pescando a toalha jogada na cadeira ao lado da porta e o levando para descermos as escadas.

— Sylv não está em casa, amigo. Hoje é seu dia de folga.

— Podemos ir na loja de Quinn para o café, então? — Seus olhos de repente estavam arregalados em expectativa.

— Hoje não, amigo. — Ele suspirou, tristonho. — Mas o que você acha de um passeio no parque mais tarde?

— Tudo bem. Posso comer alguma coisa? — Ele era realmente um bom menino. Leslie e Bernard tinham iniciado bem a sua criação.

— Claro, vamos lá. Vou fazer panquecas. — Falei com entusiasmo.

NACIONAIS-ACHERON

— Você sempre queima. — Hazel bufou, me fazendo rir.

— Nem sempre. — Eu me defendi enquanto caminhávamos para a cozinha.

— Sim. Você queima. — Ele riu enquanto o acomodava em uma das cadeiras da bancada.

— Posso tomar um banho primeiro? — Haze negou com a cabeça.

— Estou com fome, papai. — Sorri, orgulhoso ao ouvir meu filho me chamando de papai. Não era incomum, mas me deixava feliz de qualquer modo. Hazel foi fácil desde o começo comigo. Quando ele me chamava de papai, era como se eu pudesse respirar de novo, como se eu recuperasse pouco a pouco o que eu perdi anos atrás.

— Suco de laranja?

— Sim, por favor.

Tentei não pensar pela milésima vez em quão sortudo eu era por ter Hazel bem emocionalmente, fisicamente e fisiologicamente. Depois de tudo, era realmente um milagre. Desde o início arqueei com todas as despesas que meu filho necessitou. O problema foi que eu fiz apenas isso. Eu lhe dei dinheiro. Nada mais.

Quando tudo aconteceu e eu finalmente entendi que deveria ser um pai, era quase tarde demais. Mas eu me empenhei do início ao fim. Eu o visitava todos os finais de semana e tínhamos encontros semanais até que a psicóloga estivesse segura e que o juiz o liberasse para mim. A parte do juiz foi a mais difícil, até que tive de usar as outras maneiras para que ele finalmente simpatizasse com a minha causa. Nunca me orgulharia daquilo, mas o fim justificou o meio. E aquela foi a última coisa que fiz de errada em minha vida. Mas recuperei meu filho.

Pensei que seria difícil quando ele veio para casa em definitivo. Que ele me odiaria por lhe tirar do único lar que tinha. Mas que nada! Hazel

realmente era um bom menino, calmo, educado, sensível e amoroso. Ele sentia falta de Leslie e Bernard, claro, mas estava se adaptando bem, e desde o começo sempre foi aberto e ansioso para estar comigo. Exatamente como eu era com ele. Mesmo sendo odiado por eles, eu agradecia a Leslie e Bernard por tudo o que eles haviam feito pelo neto.

Meus pais eram bons avós também. Viam Haze tanto quanto podiam e sempre o enchiam de amor e presentes. O garoto adorava e arrancava boas gargalhadas do meu pai com suas conversas inteligentes demais para a sua idade.

As coisas estavam se encaixando, e eu me sentia mais leve naquele dia. Logicamente, eu sabia que essa leveza também se dava ao fato de que na noite anterior, eu havia beijado Quinn e nada de ruim havia acontecido. O mundo não havia acabado, e eu me mantive controlado. Bem, até eu tentar dormir, ter um pesadelo e ficar até de manhã malhando e socando como um louco.

Tinha sido um sucesso total. Até o pesadelo.

Ela era uma excelente companhia. Linda, com uma boca inteligente e deliciosa para beijar – agora eu sabia –, sexy, tinha atitude e não tinha medo de dizer o que pensava.

E por falar em atitude...

Não muito mais tarde, recebi uma mensagem dela.

*“Muito cedo para pedir o segundo encontro?”*

Eu adorava o fato de que ela não usava as frases femininas normais. Ela não precisava daquilo, mas quando pediu para ser naquele mesmo dia, eu fiquei frustrado em dizer não. Eu não queria dizer não a ela. Nunca. Mas Haze vinha em primeiro lugar. Sempre.

Eu me desculpei com ela, sentindo o meu peito apertar um pouco. E sua resposta me tocou de forma tão forte, que não resisti e a convidei para um

passeio no *Riverside*. Estava calor, e Haze gostava de passear por lá, andar em sua nova bicicleta.

Até então, eu não sentia falta de mais nada em minha vida, tendo meu filho como prioridade. O foco me permitia clareza nos pensamentos e principalmente uma vida saudável. Mas quando Quinn apareceu, uma nova necessidade cresceu em mim, e eu não a negaria. Mas estava com medo.

Em uma troca de mensagens com meu terapeuta, Dr. Conerlly, deixei isso claro. Tinha medo de deixar Quinn entrar. Ele disse que o medo era bom. Medo me faria pensar antes de minhas ações, mas que eu não podia deixar de tentar se eu finalmente estava disposto e aberto a um relacionamento.

Então lhe respondi que não estava disposto a encarar um relacionamento.

Sua resposta veio como uma porrada na minha cara: *“Então por que você a convidou para ir ao parque com o seu filho?”*

Boa pergunta.

Lucas Conerlly precisava de um bônus e um troféu por me aturar. Eu era o seu paciente mais irritante, tinha certeza absoluta disso. O homem me atendia no horário que fosse, por qualquer meio que fosse só para garantir o meu bem-estar. E chamá-lo em um domingo foi ridículo, mas eu precisava de um conselho.

Sylv havia me dito para proteger Haze. Não a trazer para casa se eu não estivesse seguro. Eu estava fazendo o contrário. Por quê? Claro que não estava trazendo ela para dentro de minha casa, mas certamente estava expondo Haze a ela. Eu deveria ter esperado, aguardado o retorno de Sylvia, e só assim ter chamado Quinn para sair novamente. Ela tinha entendido a minha negativa. Por que eu voltei atrás?

Por que o fiz?

Porque eu queria, porra! Muito.

Eu queria estar perto dela tanto quanto possível. Antes de Quinn, eu pensava que não merecia mais do que já tinha. Quando ela apareceu em minha vida, tudo começou a ser questionado.

— Haze. — Chamei do corredor por meu filho, que colocou sua cabeça na porta, usando a máscara do Batman. — Então, vamos ao parque ou não?

— Podemos ficar e brincar? Estou no meio de uma missão. — Ele ergueu seus bonecos do Thor e do Homem Aranha, um em cada mão.

— Quinn estará lá. — Informei, aguardando a sua resposta.

— Eu vou me trocar.

Sua cabeça sumiu da porta imediatamente e não consegui para de rir. Ela nos tinha a seus pés.

\*\*

Quando finalmente chegamos ao parque, enviei Jimmy para buscá-la e me certifiquei de que Hazel estava protegido com o seu equipamento antes que pudesse montar em sua bicicleta e pedalar por aí. Dei um aviso para não se aproximar muito do rio, andar apenas na ciclovia e não falar com estranhos. Ele concordou como um bom menino e andou calmamente, empurrando a sua bicicleta até o local indicado.

Olhei em meu telefone por um momento, me certificando do horário. Quinze minutos, e ela estaria por perto. Droga! Eu não deveria me sentir tão ansioso. Mas era uma ansiedade, eu não sei... boa? Eu estava ansioso por ela, não por qualquer outra coisa destrutiva, embora ela pudesse me levar a algo destrutivo.

Jesus!

*Definitivamente tenho que ver Conerlly esta semana.*

— Quinn! Quinn! — De longe, Hazel a viu andando, largou sua



bicicleta e correu em sua direção. Ela correu para ele também, me fazendo sorrir, coisa que eu vinha fazendo com frequência ultimamente.

Ele parou de correr de repente e esticou sua mão em um gesto polido para cumprimentá-la. Quinn se abaixou na sua frente e o abraçou.

Coisas aconteceram dentro de mim. Coisas boas. Senti meu coração disparado. Eu não estava acostumado com isso, tais sentimentos poderiam me tirar do controle. E eu era simplesmente atormentado com isso. Com este medo.

Quando ela se aproximou de mãos dadas com Hazel, me levantei para cumprimentá-la. Beije seu rosto rapidamente, a fazendo suspirar e sorrir. Seus olhos brilhavam através de seus óculos, na armação que eu achava incrivelmente adoráveis.

— Olá, Cupcake. — Cumprimentei mais baixo.

— Ei, *Danish*.

— Danish? — Perguntei, achando graça no apelido repentino.

— Vim testando alguns apelidos para você no carro, já que você parece não se desfazer do meu.

— Danish? — Indaguei novamente.

— Sim, é parecido com Dashier e é um pão doce muito... — Ela travou, olhando para baixo, nos lembrando que havia um garotinho entre nós observado. — E eu tenho um apelido para você também. — Disse, apontando para Hazel.

— Você tem? — A voz de Haze subiu alguns oitavos em excitação, e seus olhos brilhavam, dançando enquanto me encarava empolgado por receber seu apelido.

— Eu tenho! — Quinn fez um mistério antes de revelar. — Você é um *Macaron*.

— Eu sou?

— Sim. Sabe por quê? — Haze maneou sua pequena cabeça em negação e em expectativa. — Porque *macaron* é o meu doce favorito no mundo todo.

Ele sorriu abertamente para ela.

— Eu gosto, Quinn. — Ela piscou para ele, e então nos sentamos no banco, olhando Haze voltar para a sua bicicleta. Ficamos em silêncio enquanto o garoto corria de um lado ao outro, até que engoli o medo que estava sentindo e aproximei minha mão discretamente da dela. Meu dedo mindinho entrelaçou o seu, e sem nos olharmos, vigiamos meu filho enquanto eu sentia algo que há muito eu havia ignorado.

Esperança.

## OITO

*“Há um baile de máscaras beneficente no próximo sábado, e eu gostaria que você me acompanhasse. E você tem razão, são realmente gostosos, mas eu acho que prefiro Cupcake. — Danish.”*

Eu sorri e suspirei como uma boba ao ler o cartão que havia chegado junto de uma caixa com deliciosos *macarons* parisienses. E, puta merda, a caixa era do Le Sublim’s, de Le Havre. Ele havia prestado atenção no que eu havia dito sobre meu gosto ao longo da semana.

Depois de domingo, quando passeamos no *River Park* com Hazel, combinamos de nos encontrarmos na segunda para tomar café da manhã juntos na *Bakery*. Comemos, nos divertimos com Hazel e jogamos mais um pouco nossa brincadeira de vinte perguntas.

— Você tem algum animal de estimação? — Perguntei, mirando Hazel, que estava absorto, brincando em um joguinho eletrônico em seu tablet.

— Não. Você? — Maneei minha cabeça em negação. — Algum hobby? — Emendou na próxima pergunta.

— Eu gosto de ler e cozinhar. Amo fazer *muffins* e *brownie*. É quase terapia. — Dashier sorriu, assentindo. — E você?

— Academia, muita. — Bem, eu podia notar pelo tamanho dos seus  
NACIONAIS-ACHERON

braços que ele falava a verdade. — Eu tocava piano também.

— Mesmo? Você era bom?

— Decente. — Ele sorriu.

— Não toca mais?

— Eu acho que esqueci de tocar.

Não entendi muito bem a sua declaração, mas não tive tempo de lhe pedir para elaborar melhor sua ideia: logo Haze entrou em nossa conversa e tinha nossa atenção completa.

Despedimo-nos com um abraço sem jeito, já que Hazel estava por perto e não queríamos que ele visse nada. Entretanto nossos olhares diziam o quanto gostaríamos de nos beijar. Mas não fizemos, apenas combinamos de nos encontrar novamente na terça, e isso se repetiu durante quase toda a semana.

Quinta e sexta, ele não apareceu, pois tinha compromissos: Dash e Sylvia, sua governanta, levariam Hazel para comprar uniforme e material escolar para seu primeiro dia na Manhattan Prep. Eu não podia acreditar que em breve agosto chegaria.

No final de semana, precisei cobrir um evento de última hora, pois Mariah dera uma desculpa qualquer para não ir. Aquilo aparentemente foi a gota d'água para Cassandra, então ela garantiu que não demoraria mais tanto tempo para me conseguir uma nova assistente. Não me importei, estava mais chateada com o fato de não poder ver Dash no final de semana.

Na semana seguinte, segunda-feira, nos encontramos novamente, e foi quando eu conheci Sylvia.

— Senhorita Miles. — Sylvia cumprimentou formalmente, mas o sorriso e brilho em seus olhos me diziam que ela simpatizava com a causa Quinn.

Sylvia era Time Quinn!

— Por favor, me chame de Quinn.

— Ou Cupcake! — Hazel falou, empolgado, enquanto subíamos para a área VIP da Bakery.

Tomamos nosso café da manhã em meio a muitas conversas, Haze e eu. Eu não gostava apenas do papai ali, estava encantada pelo garotinho esperto de olhos curiosos também.

Dashier ficou analisando nossa interação com um esboço de sorriso nos lábios. Naquela manhã, ele não estava vestindo seu terno de três peças como costumava. Ainda estava formal, calça social e camisa preta, mas longe da forma como ele costumava se vestir para ir a empresa. A barba por fazer o deixava ainda mais tentador. Seus músculos, inchados, esticavam um pouco a camisa, e eu tinha que me esforçar para não ficar o encarando. A frustração por não poder beijá-lo e a falta de tempo para um encontro mais íntimo estavam me deixando sem forças para manter a discrição.

Quando Hazel estava satisfeito de seu café da manhã, Sylvia o levou para lavar as mãos no banheiro, prometendo demorar algum tempo ao passar por Dash, que lhe enviou um olhar de advertência, mas riu da audácia da governanta.

— Desculpe, por isso. Sylv não costuma ser intrometida, mas está sendo ultimamente.

— Tudo bem, eu gosto dela. — Sorri, olhando para o meu café e meu *Cinnabon roll* comido pela metade. Nós ficamos em silêncio, e de repente eu soube que ele estava me analisando, sentia em minha pele. Formigava, ardia em fogo quando ele colocava seus olhos em mim daquela forma. — Então, nada de ternos hoje?

— Você não gosta? — Perguntou, abrindo os braços e olhando para si.

— Oh, eu gosto! Acredite. Eu apenas estava pensando... Você é nerd,

tem uma empresa milionária de games. Por que ternos?

— O quê? — Ele riu, se jogando no encosto de sua cadeira, parecendo mais relaxado. — Então eu devo ser como Mark Zuckerberg ou os donos da Google? Chinelos e camisetas com frases espertinhas? — Dei de ombros. Para mim, era mais adequado. — Bem, acontece que eu cuido de outras coisas, tenho alguns investimentos, e eu não sou mais aquele a programar os jogos, e, sendo sincero, acho que passei da idade de parecer um adolescente com dinheiro.

— Qual é? Passou da idade? Você não viveu nada ainda. — Eu sorri.

— Acredite quando eu digo: sim, eu vivi. — Seus olhos escureceram no mesmo momento e seu maxilar pareceu estalar quando ele o apertou.

— Mudança de assunto? — Sugeriu, tentando quebrar o gelo. Um suspiro veio dele, e seus ombros pareciam mais relaxados ainda que eu pudesse ver a tempestade em seus olhos. — Vinte perguntas. — Sugeriu, e seus lábios se contraíram um pouco. — Qual a sua brincadeira favorita com Hazel? — Foi o que bastou para ele sorrir mais.

— Não é exatamente uma brincadeira, mas eu gosto de debater com ele sobre as histórias de nossos heróis favoritos.

— E qual é o seu her...?

— Oh, não. Minha vez. — Ele interrompeu.

Eu espero enquanto ele pensa em algo para me perguntar.

— Seu doce preferido é realmente *macaron*?

— Sim, é. Mas como sou exigente com os meus *macarons*, é mais raro eu consegui-los por aqui. — Sorri, justificando a ele. Provavelmente ele pensara que eu apenas havia inventado a história para Hazel.

Dash suspirou, satisfeito com a minha simples resposta.

— Tem algum doce preferido? — Perguntei, imediatamente me arrependendo. Tinha duplo sentido. Ele poderia dizer qualquer doce, mas nós

dois sabíamos o que passou por sua mente.

— Eu não sei, você tem alguma sugestão? — Seu tom de voz era carregado de luxúria, seus olhos estavam de repente pesados. Eu deveria dizer *cupcake*, eu sei, mas o ambiente não era propício para aquele tipo de flerte, Hazel poderia voltar a qualquer momento. Claro que flertar era excitante, mas flertar com Dashier Colt era como explodir em orgasmos e frustração ao mesmo tempo. A tensão sexual entre nós era gigantesca e, naquele lugar, era inapropriada.

— *Macarons*! — Exclamei como se fosse óbvio. — Eu posso dividir minha paixão por *macarons* com você.

— *Macarons*. — Repetiu, erguendo a sobrancelha novamente, desta vez em desafio.

— Sim. São gostosos. Você deveria experimentá-los. No entanto, eu aviso. — Minhas palavras saíam livremente, quase sem pausas. Eu estava constrangida. Comecei a sentir o calor e o suor brotar em minha testa. Deus! Meus óculos ficariam embaçados em breve. — Os melhores são feitos em Le Havre. França.

— Imagino que há uma história aí. — Sua mão atravessou a mesa e pegou a minha, me fazendo sorrir. Nossos dedos se entrelaçaram.

— Pergunte qual é o meu local favorito no mundo. — Pedi a ele enquanto nos encarávamos.

— Qual é o seu lugar favorito no mundo, Cupcake? — Sua pergunta saiu baixa. Seu polegar fazia carinho em minha mão, que quase sumia dentro da sua.

— Le Sublim's, em Le Havre, França. — Disse, sorrindo.

— Me parece bem específico.

— Foi lá que eu decidi ser quem eu sou agora. — Atrás de Dashier, eu podia ver Sylvia e Hazel saindo do banheiro e descendo as escadas de

fininho. — A decisão que eu tomei dentro desta pequena e charmosa cafeteria especializada em *macarons* me trouxe todos os bons momentos em que tenho vivido, inclusive os com você e Hazel.

O sorriso de Dashier era cheio de ternura, como se eu tivesse atingido algo dentro dele. Algo bom, uma certeza.

— Fico feliz. Deve ser um lugar muito especial.

— Acredite, é. Talvez um dia possamos ir lá. — Dizer que não sabia a razão para ter dito aquilo seria mentira. Eu sabia. Eu queria dividir coisas com ele. Eu queria que Dashier partilhasse de momentos especiais comigo.

— Talvez... — Seus dedos apertaram um pouco mais os meus. — Então os melhores macarons são os de Le Havre, no Le Sublim's?

— Mas há alguns muito bons por aqui também.

— E você acredita que sejam ainda melhores do que... — Ele olhou em volta e deu de ombros. — Eu não sei. *Cupcakes*, por exemplo? — *Não faça isso comigo, Dashier. Pensei.*

Meu corpo todo reagiu ao flerte. Quanto tempo mais eu aguentaria sem sentir as suas mãos e seus lábios em mim novamente?

— Eu... — Tentei responder, mas Haze nos interrompeu, gritando.

— Papai!

A névoa tensa se desfez e de repente estávamos de volta à realidade.

— Vamos nos atrasar. — O menino gritou em direção ao mezanino para nós. Todos no local nos olharam. Sylvia rapidamente chamou a atenção do dele, que se desculpou, ainda gritando.

— Desculpe, papai. — Dashier riu e se levantou.

— Acho que está na minha hora. Eu, hum... Posso ligar?

— Claro. — Respondi, me levantando. Ficando de frente para mim, ele deu mais um passo e olhou para baixo, verificando se o filho nos olhava. Acreditei que não, pois assim que seu rosto voltou para mim, seus lábios



roubaram um beijo rápido dos meus. Ele sorriu minimamente, olhando em meus olhos e então se foi.

O que este homem estava fazendo comigo?

— Quinn? — Estava lembrando desse encontro enquanto comia meus *macarons* legitimamente franceses, me derretendo por ele, quando Cassandra me despertou e causou um sobressalto. — Tem um minuto? Gostaria de te apresentar uma pessoa. Dorothea Lewis. — Uma bela garota entrou na sala, seus cabelos cacheados e extremamente volumosos levavam um sofisticado lenço vermelho como uma faixa que combinava perfeitamente com o vestido verde-esmeralda e sapatos coral. Uau, a garota era estilosa, sua pele negra reluzia, era bela e bem-cuidada. — Doty, esta é a sua nova chefe imediata. Q, Doty é sua assistente a partir de agora.

Eu me levantei imediatamente e andei até a garota, sem me deixar intimidar pela sua altura e postura imponente.

— Dorothea, é um prazer recebê-la. — Sorri, empolgada. Aquilo significava que Mariah estava em um lugar bem longe de mim.

— Senhorita Miles, é um prazer fazer parte da sua equipe. — Quando ela falou, eu soube que, mesmo confiante, Dorothea estava assustada em seu primeiro dia de trabalho.

— Obrigada, mas me chame de Quinn. — Apertei sua mão enquanto acompanhava com os olhos minha chefe que se dirigia a minha mesa de olhos em meus *Macarons*.

— Então me chame de Doty.

— Com prazer. — Respondi enquanto analisava a ação de Cassandra em volta dos meus doces.

*Sai daí!*

— Hum... *macarons*! Adoro. — Ela pegou um vermelho e levou a boca. Seus olhos ficaram no cartão. — Quem é Danish? E esta é a festa a qual perdemos a conta?

— Eu imagino que sim. — Disse, indo para a minha mesa e apontando a mesa de Doty para que ela se acomodasse.

— Você tem que ir. Quero saber como vai ser o evento.

— Sim, senhora. — Como se eu já não fosse de qualquer jeito.

— Quem é Danish, Quinn? — Cassandra perguntou novamente.

— Dashier Colt, Cass, é ele. — O sorriso no rosto dela dizia que não estava surpresa.

— Apenas não estrague as coisas para mim, Q. No mais...

Ela roubou mais um *macaron* antes de sair da sala, me fazendo querer arrancar o doce da mão dela.

Peguei a caixa e levei até Doty, oferecendo a ela sem muita vontade.

— Oh, eu agradeço, mas não. Obrigada.

— Vamos, experimente.

— Você não parecia muito feliz com ela pegando, então...

*Observadora, gostei dela!*

— Porque ela sequer me pediu, e eles são especiais, mas eu estou oferecendo. Vamos, pegue.

— Especiais, hein?

— Sim, são franceses. Direto de Le Havre, especialmente para mim.

— Respondi com orgulho.

— Uau. — Ela pegou o doce e levou aos lábios sorrindo. — Um namorado?

— Eu ainda não sei.

Eu não sabia se ele era meu namorado, mas eu tinha certeza de que eu

queria que ele fosse. Sem dúvidas.

Essa coisa que estávamos fazendo, o flerte, os toques escondidos, os beijos roubados não eram apenas para esconder tudo de Hazel. Eu sabia disso. Dash estava indo devagar, ele precisava, por algum motivo, e eu havia prometido ir no tempo dele quando tivemos nosso primeiro encontro.

Não ter um relacionamento desde a sua ex-namorada era estranho. Será que ele ainda gostava dela? Não tinha mais mencionado essa mulher e parecia tenso sempre que eu tocava em algum assunto mais pessoal, principalmente sobre o passado. Mas se Dashier precisava ir com calma, eu entendia e faria isso por ele, embora o ritmo lento estivesse me matando.

Eu queria tanto aquele homem.

Meu telefone apitou e o peguei imediatamente, na esperança de ser ele.

Era mamãe.

Respondi a mensagem e entrei no contato de Dashier para agradecer o mimo.

*“Macarons? Do Le Sublim’s? Como?”*

Não muito tempo depois, a resposta dele chegou: *“Qual foi o termo que você usou no outro dia? Nerd da empresa milionária de games?”*

Ri enquanto lhe enviava a resposta: *“Agora você está se exibindo.”*

E aparentemente lembrava de cada detalhe das nossas conversas. O que realmente era adorável.

*“Você vai comigo ao baile?”*

*“Preciso olhar a minha agenda...”*

Comecei a escrever. Mas então eu parei e olhei para a mensagem. Se eu queria ir com ele e não tinha outro compromisso, para que aquele jogo? Deletei as palavras e digitei uma nova resposta: *“Será um prazer, Danish.”*

Sua resposta me deixou realmente excitada.

*“Acredite quando eu digo, Cupcake: realmente será.”*

## NOVE

### DASHIER

O que eu estava fazendo?

O que eu estava fazendo, porra?

Eu sou uma espécie de retardado mental. Não há outra explicação para isso.

— Dash? Tudo bem com você? — Andreas perguntou enquanto entrava em minha sala sem bater. Ele tinha essa liberdade. Ele era apenas Andy para mim, meu bom e velho amigo.

Houve uma época em que estávamos distantes, ele tocava a minha empresa praticamente sozinho. Andy nunca desistira de mim, mesmo quando eu já tinha desistido. Então, como agradecimento, eu nunca mantinha nada em segredo para ele, não depois de tudo o que aconteceu. Eu o decepcionaria novamente se o fizesse, e nossa amizade poderia não aguentar outra ruptura. Eu não estava disposto a perde-la, não quando eu precisava dele para ser muito mais do que meu vice-presidente. Eu precisava dele para ser meu irmão.

— Eu estou fazendo merda. — Suspirei, jogando o telefone em minha mesa.

— Imagino que isso tenha algo a ver com a sua Cupcake. — Andy soltou o botão de seu terno e sentou à minha frente, como ele sempre fazia, se jogando no mobiliário como se nada mais importasse. Sua postura relaxada, praticamente deitada na cadeira, e seu sorriso fácil me deixavam com inveja, algo que eu não tinha direito.

Andy foi com calma. Deu um passo de cada vez e não almejou tudo junto e ao mesmo tempo. Agora ele tem tudo e pode ter mais, sem nenhum

NACIONAIS-ACHERON

problema, sem nenhum esqueleto em seu armário.

Peguei meu telefone, digitei minha senha e em seguida deslizei o aparelho para ele por cima da mesa. Meu amigo leu as mensagens. Sua sobrancelha levantava enquanto lia a evolução da conversa.

— Prazer, hein? — Uma risada escapou dele. — Isso aí, cara!

— Onde eu estou com cabeça? — Bufeí, frustrado.

— Nas calcinhas dela, obviamente. Qual é o problema? — Colocou o telefone de volta na mesa e deslizou em minha direção.

— Eu não sei se posso. — Minha voz subiu algumas oitavas.

— Dashier, vá falar com o seu médico. É algo simples.

— Ela estará esperando alguma ação na noite do baile. — Eu parecia um virgem do colegial.

— Dê a ela alguma ação, homem. Veja isso. — Ele apontou para o telefone. — Ela não fica se esquivando, ela recebe seus flertes, não fica fugindo de você. Algumas garotas são cheias de merda, e você tem sorte, porque se interessou por uma que não quer você miserável e pronto para pedi-la em casamento antes de finalmente liberar para você.

— Sim, eu aprecio isso. Se Quinn tem vontade de fazer ou dizer algo, ela simplesmente faz. Ela não fica fazendo personagem de mulher recatada. Se ela quer ligar, ela liga. Se ela quer beijar, ela beija. Ela só não faz isso tudo porque sabe que estou reticente, ela espera, respeita meu espaço. Só não exploramos mais essa coisa que temos porque estou com Haze na maior parte do tempo.

— Então leve o pequeno H com você. Meu garoto vai adorar se vestir de pinguim. — Brincou, relaxando ainda mais em sua cadeira.

— Você não está ajudando.

— *Você* não está *se* ajudando, Dashier. Passou da hora de você relaxar. Quatro anos, cara. Quatro. Anos! — Pontuou.

— E você está contando como se eu não soubesse dessa porra.

— Vá falar com o seu médico. — Repreendeu novamente.

Eu já tinha ido.

Ele falou o que eu já sabia: estava na hora de tentar. Se pensava que Quinn era alguém que valia a pena, eu precisava ser sincero com ela e explorar nossa relação, desde que ela estivesse disposta.

Mas como?

Como?

Eu não estava pronto. Não estava.

\*\*

## QUINN

Meu vestido era lindo e sexy. Optei pelo preto acetinado que colava em meu corpo e separei uma máscara de renda com um belo bordado de flores. Meus cabelos loiros foram presos em um coque elegante todo para trás, sem nenhum fio solto, e a maquiagem era escura com batom vermelho rubi. Eu me senti linda e poderosa. Estava ansiosa para que Dashier me visse daquela forma.

Eu não havia visto ele desde antes da nossa troca de mensagens em que ele me prometera prazer na noite do baile, nem mesmo na Bakery. Ele não ligou ou mandou mensagens, eu enviei duas ou três, mas suas respostas foram algo entre vácuo total e “*desculpe, estou ocupado.*”

Eu realmente nem sabia se ainda estava convidada para o baile até a noite anterior, quando meu telefone apitou.

“*Busco você às oito.*”

*Tudo bem*, pensei, um tanto chateada.

Qual era o seu objetivo em manter o convite, se ele estava tão distante? Como sempre, eu não conseguia decifrar Dashier Colt. O homem era quente e frio. Em um minuto, ele estava sorrindo e brincando comigo, no próximo, seu rosto era tomado pela escuridão. Eu estava ficando louca com isso.

A batida em minha porta me fez saltar em frente ao espelho. Eu me olhei novamente e pisquei, umedecendo as lentes de contato, e chequei o meu batom. A batida soou novamente, então comecei a andar em direção a porta, tentando me controlar para não tremer.

Ao abrir a porta, me deparei com Dashier de *smoking*, segurando uma tulipa laranja em sua mão esquerda.

E eu me tornei uma adolescente indo para o baile de primavera da NACIONAIS-ACHERON



escola.

— Oi. — Eu disse, o observando enquanto ele me analisava por completo. Seus olhos estavam sérios e escuros, como eu nunca havia visto antes. Sua garganta subia e descia, tentando engolir algo, e seus lábios pareciam indecisos entre um sorriso e uma carranca. Eu me mantinha olhando para ele, deixando que visse como minha respiração ficava mais rápida e meu peito inflava em expectativa.

— Quinn, você está... Eu não sei como dizer isso... — Ele olhou em meus olhos por um momento e o desejo cru estava lá. Eu realmente podia visualizar ele me fodendo contra a parede naquele momento. Apertei a máscara em minha mão, esperando por suas palavras. — Tão, tão linda. Você é deslumbrante, Cupcake.

*Me beije agora, Dashier. Me leve para dentro do meu apartamento e me tome contra a porta.* Implorei apenas dentro da minha mente.

Deus! Esse homem estava me enlouquecendo.

Como se um interruptor tivesse sido desligado, Dashier piscou, respirou fundo e me ofereceu a única flor. Eu me recompus e sorri enquanto levava a flor delicada até meus lábios.

— Obrigada. É linda. E você está lindo também. — Que verdade! Ele estava lindo. A barba continuava por fazer, mais comprida agora. Seus cabelos, cortados de forma quase militar, e seu rosto bem-alinhado eram como a imagem perfeita do próprio Adônis. Seu *smoking* era belo, como todos os seus ternos, e alguns detalhes mais brilhantes na lapela e na gravata deixaram Dash ainda mais bonito. E, Cristo, o cheiro dele era algo que... puta que pariu! Eu queria pedir permissão para lambê-lo. Ou lambê-lo sem permissão mesmo.

— Bem, vamos. — Novamente o Dashier frio. Mas que porra!

Respirando fundo, assenti e me virei para fechar a porta. Nós

descemos silenciosamente e entramos no carro da mesma forma, exceto pelo meu pouco entusiasmado “boa noite” a Jimmy.

Alguns quilômetros depois, respirei fundo. Dashier virou para mim e me perguntou: — Tudo bem?

— Perfeito. — O ácido não passou despercebido por ele.

— Você realmente está linda. — Ele elogiou novamente.

— Obrigada. — Olhei de relance para ele e sorri antes de voltar a minha atenção para a rua que passava diante dos meus olhos.

Eu queria perguntar sobre Haze, mas estava egoísta demais para dar meu braço a torcer. Então caímos no silêncio novamente até que chegamos ao nosso destino. Eu imediatamente procurei tirar Dash de meus pensamentos e comecei a analisar profissionalmente o evento, de dentro do carro mesmo. Estava impecável aos olhos dos convidados, tinha certeza, e também era quase perfeito aos meus. O grande anfiteatro estava completamente iluminado, o tapete vermelho, os fotógrafos, os seguranças... Tudo me fez quase acreditar que eu estava na cerimônia do Oscar. Era realmente pomposo e glamoroso.

Dashier estendeu sua mão, me ajudando a sair do carro, e os flashes quase me cegaram.

— Essa é a parte que não gosto.

Dashier podia ser um homem rico que procurava se manter longe dos holofotes, mas eles definitivamente sabiam quem ele era. Uma celebridade em seu meio. Eu poderia sentir pela forma que cochichavam o seu nome entre si enquanto nos fotografavam. Mas era um feito ele ter conseguido manter sua vida pessoal fora dos holofotes. Eram raras as imagens dele com Haze na internet.

Nós entramos no grande salão, e não consegui evitar a bufada que dei ao ouvir *Frank Sinatra*. Típico.

Tão mais do mesmo.

Se eu tivesse organizado este evento, David Bowie, Dire Straits e Bruce Springsteen estariam tocando no início do evento. E, para fechar, certamente Lady Gaga estaria explodindo em todos as caixas de som.

— Olha quem finalmente chegou. — Andy se aproximou com o riso fácil nos lábios. — Quinn *Cupcake* Miles.

— Andreas. — Dashier resmungou, alertando o homem enquanto este pegava minha mão e levava aos lábios.

— É um prazer ver que você ainda não desistiu do meu amigo rabugento aqui.

Eu não me contive e deixei a risada escapar.

— Como vai, Andy? — Sorri para o homem belo e sexy à minha frente.

— Onde está a sua acompanhante? — Dash perguntou ao amigo.

— Eu não tenho uma, não é realmente obrigatório, você sabe.

— Eu sei. — Dashier confirmou. — Mas eu realmente não poderia deixar de exibir a mulher mais bela que já conheci. Poderia? — O braço de Dashier serpenteou em volta da minha cintura, me puxando para perto. Olhei para ele e sorri, agradecendo, mas não me sentia realmente lisonjeada. Não quando ele brincava de *morto-vivo* comigo.

Quando Dash tirou a máscara branca do seu bolso, senti meu coração acelerar. Quase explodir. Não era possível que ele estivesse realmente fazendo aquilo comigo. Ele colocou cuidadosamente a máscara do Fantasma da Ópera e me olhou enquanto eu estava tentando colocar a minha mente em ordem.

Acontece que o maior protagonista dos meus sonhos eróticos desde a adolescência era O Fantasma da Ópera, e ele rivalizava apenas com Dashier. E então... puta que pariu! Eles eram um só.

— Muito sexy, Dash. Também trouxe a minha. — Andy riu enquanto tirava do bolso uma máscara preta de cetim do bolso e a amarrava. Eles olham para mim em expectativa, então abri minha *clutch* e retirei minha máscara, a colocando imediatamente. Meus olhos cruzaram diretamente com os de meu acompanhante, que novamente tinha aquela tempestade louca e tentadora em seus olhos.

O garçom se aproximou, nos oferecendo bebidas e nos tirando da nossa conexão. Eu peguei um espumante, Dashier água com gás, enquanto Andy pegou uma dose de uísque.

Começamos a nos misturar no evento. Dashier tirou fotos com alguns executivos, andamos ao redor mais um pouco até o jantar ser anunciado. Era regado a comidas sofisticadas e extremamente caras ao paladar. Admirei os pratos e fiz notas mentais de levar algumas ideias para Cassandra. Eu me mantive alheia à seja lá o que Dashier estivesse tratando com os outros executivos em nossa mesa. Senti suas esposas me analisando, mas me mantive discreta e quieta enquanto absorvia tudo o que podia daquele evento. Após a segunda taça de espumante, passei a beber apenas água, não estava particularmente animada para beber sozinha.

Com o passar da noite, o evento já tinha sido totalmente analisado por mim, e as esposas já não me observam mais, mas Dashier também não me dava qualquer segundo de sua atenção. Andy, notando que eu não estava feliz, voltou para a mesa e procurou conversar comigo. Ele foi legal e gentil, além de ser um excelente piadista. Realmente o oposto do amigo. Enquanto Dashier era reservado e tenso, Andreas era relaxado, simpático e risonho. Sabia que Dash poderia ser assim também quando quisesse, a questão era que ele não queria.

A pista de dança abriu após o jantar, e eu assisti alguns casais se balançarem por ela ao som de mais músicas ultrapassadas de Frank Sinatra.

— Você dança, Quinn? — Andy perguntou enquanto bebia um longo gole de minha água.

— Hum... Não este tipo de música. — Sorri à guisa de desculpas para ele.

— O quê? Música lenta?

— Música “batida” demais. Sério? Frank Sinatra?

— Eu gosto de você! — Andy exclamou entusiasmado.

— Que tal parar de flertar com o *meu* encontro, Andreas? — A voz de Dashier era baixa e sinistra.

— Que tal dar alguma atenção ao *seu* encontro, Dashier? — Andy lhe sorriu, irreverente.

— Que tal eu ir até o *toilet*, cavalheiros? — Levantei e me direcionei para a área que indicava ser dos banheiros com minha bolsa na mão.

Quando finalmente estava segura dentro do banheiro, me apoiei na pia e arranquei minha máscara. A lufada de ar na área coberta pelo assessorio foi refrescante. Peguei meu batom rubi na bolsa e reapliquei com cuidado e excesso, deixando meus lábios com uma camada grossa da maquiagem vermelha. Pisquei algumas vezes, peguei o colírio, pinguei uma gota em cada olho para evitar que minhas lentes ressecassem e irritassem minha visão pelo resto da noite. Quando eu finalmente resolvi sair do banheiro, Dashier estava me aguardando do lado de fora.

Parei em frente a ele e me mantive calada; não tinha nada a dizer.

— Eu estava aguardando por você. — Disse, se aproximando mais e pegando minha mão.

— Estou aqui. — Resmunguei, evitando seus olhos. Eles eram letais. Cada vez que eu os encarava, me perdia. Os sentimentos que aquele homem estava despertando em mim estavam me mudando. Eu ainda não sabia se eram mudanças boas, mas começava a ter medo delas. Principalmente porque

eu não tinha certeza de que estava sendo correspondida.

— Eu gostaria de uma dança. — Assenti, não querendo dar a mesma resposta que dei a Andy para ele.

Eu queria estar próxima de Dashier. Não importava a música que estivesse tocando. Após dançarmos poucos minutos de uma música antiquada, uma nova melodia iniciou, me fazendo sorrir. A *backing vocal* ocupou o lugar do homem que cantava as músicas soníferas de Sinatra e começou a cantar *Glitter in the Air*. Uma das canções mais lindas da P!nk estava embalando a minha dança com o cara que estava fazendo eu gostar dele mais e mais a cada segundo que passava.

*Você já conseguiu alimentar um amor Apenas com suas mãos?*

*Já fechou seus olhos e confiou, Apenas confiou?*

*Já jogou um punhado De glitter no ar?*

*Você já encarou o medo E disse “eu não me importo”?*

Sem conseguir me conter, eu cantei a música enquanto ele me embalava em seus braços de forma delicada e firme. Quem diria, o nerd era realmente um bom dançarino. Não havia nada de estereótipo em Dashier Colt.

— Você gosta desta canção. — Ele afirmou, olhando para meus lábios. Meus saltos permitiam que eu estivesse mais próxima de seu rosto, mirando em seus olhos com mais proximidade.

*Acabamos de passar O ponto em que não há mais retorno A ponta do iceberg O sol antes da queimadura O trovão antes do clarão A respiração*

*antes da frase Você já se sentiu dessa maneira?*

*Você já se odiou Por ficar olhando para o telefone?*

*Sua vida inteira esperando que ele tocasse Para provar que você não está sozinho Você já foi tocado Tão gentilmente que teve que chorar?*

*Alguma vez já convidou Um estranho para entrar?*

*Acabamos de passar O ponto de esquecimento A ampulheta sobre a mesa A caminhada antes da corrida O suspiro antes do beijo E o receio perante as chamas Você já se sentiu dessa maneira?*

— Eu realmente sou apaixonada por esta canção, embora a cantora original seja melhor do que essa.

— É uma boa trilha sonora, Cupcake. — Dashier se aproximou mais, colando seu rosto no meu. Senti seus dedos pressionarem as minhas costas. — Acha interessante para uma trilha sonora?

— Deu um filme? — Perguntei, não querendo tirar conclusões.

— Não, não para um filme. — Ele se afastou de mim e olhou em meus olhos novamente. — Para um casal? Talvez?

Ele não estava dizendo que era para nós. Eu não iria pedir a confirmação, mas também não via necessidade em tê-la.

— Sim, definitivamente é uma boa trilha sonora.

*Lá está você Sentado no jardim Me servindo café Me chamando de “querida”*

*Você me chamou de “querida”*

Uma emoção diferente passou pelos olhos de Dashier, e eu não tive tempo de tentar decifrar. Ele desceu sua boca na minha e a tomou com delicadeza. Nossos olhos estavam abertos ainda e se fecharam vagorosamente, como se fôssemos as últimas imagens que quiséssemos ver antes de deixar a escuridão nos levar e o desejo tomar conta de nós dois.

Tudo e todos sumiram.

Éramos apenas Dash e eu naquela pista.

E eu apenas rezei. Pedi para que o tempo parasse naquele momento.

*Você já desejou por Uma noite sem fim  
Laçou a lua e as estrelas  
As prendeu bem forte?*

*Já ficou sem fôlego e perguntou a si mesmo “Poderá algum dia ser  
melhor que esta noite?”*

*Esta noite*



## DEZ

Meus dedos trabalhavam nos lábios e barba de Dashier. Embora o batom que eu usava fosse de forte fixação, a quantidade que havia passado no banheiro foi o suficiente para manchar sua boca. Sorríamos, olhando um para outro enquanto eu passava cada um dos meus dedos em seus lábios, tentando desfazer a confusão vermelha que havíamos feito.

— Senhor, consegui entrar em contato com Kuller, está tudo bem. — Jimmy chamou enquanto dirigia o carro para longe do anfiteatro. — Seguimos o itinerário?

— Sim.

— Itinerário? — Perguntei, me acertando em seus braços. Eu estava sentada com os joelhos dobrados em cima do banco e voltados para o encosto, de frente para Dash, metade do meu corpo descansando contra o dele. Era o mais próximo e íntimo que já havíamos estado.

E era tão confortável.

— Hum... sim. Eu imaginei que a noite não precisaria terminar cedo. — Seu sorriso era mais relaxado, e seu rosto parecia livre da tensão que costumava carregar. — Então pensei em irmos a um local para lhe mostrar algo.

— Que local?

— É uma surpresa.

— Eu adoro surpresas. — Sorri para ele antes de beijá-lo. — Você não comeu muito no jantar, talvez possamos passar em algum lugar para pegar algo. — Disse, preocupada. Ele realmente havia tagarelado a noite

toda.

— Eu não estou com fome. — Respondeu, levando a mão em meu cabelo e tirando um grampo do coque. — Eu comi bastante batom vermelho. — Brincou, me fazendo bater em seu braço.

— Não tem graça. Eu estava frustrada e descarreguei no batom.

— Imagino que ele tenha acabado.

— Pare! — Bati mais uma vez, e Dash me puxou, me beijando enquanto enfiava a mão em meu coque para tirar mais grampos.

— Quantos pregadores tem na sua cabeça? — Ele resmungou, analisando meu penteado.

— Vários. E se você os tirar, ficarei com o cabelo duro. E feia.

Dashier continuou a tirar todos os grampos dos meus cabelos até que eles estivessem soltos. Enfiei meus dedos em meu couro cabeludo, tentando fazer os fios ficarem mais soltos e menos duros de laquê, e bufei.

— Viu? Duros.

— Sim. Mas é impossível você ficar feia, *Cupcake*. — Ele sussurrou em meu ouvido. — De fato, você é a mulher mais linda que vi, eu não estou mentindo.

Seu tom era rouco, e sua mão acariciava meu rosto enquanto seus olhos perfuravam os meus, tamanha a sua intensidade.

Aproximei meus lábios novamente dos dele e me perdi ali. Enquanto o carro se movimentava para o nosso destino, eu simplesmente me permiti esquecer de tudo. Dashier sabia usar a sua boca, isso era inquestionável. Mas sempre que a situação estava esquentando e a ponto do nosso beijo evoluir para um toque mais ousado ou um gemido que denunciasse nossa excitação, ele recuava.

Não aconteceria naquela noite. Ou...

*Será que ele reservou um quarto no Four Seasons para nós?* Eu me

perguntei enquanto mantínhamos nossos lábios dançando um com o outro.

Logo a minha pergunta foi respondida.

E a resposta era não. Dashier não estava tentando me levar para a cama naquela noite. No lugar do Four Seasons, estávamos estacionados em meu bairro. Mais precisamente, em frente ao Harlem Jazz Club. Eu nunca havia ido ao bar, mas era definitivamente famoso. Diziam que a música era de altíssima qualidade.

— Jazz? — Perguntei, sorrindo para ele. — Eu não estou muito vestida para o bar?

— Não há nada de errado quando somos apenas nós. — Foi quando eu percebi o silêncio e o vazio em frente ao local. Era assim tão tarde? Eu não tinha ideia. O toque de recolher no bairro não era assim tão cedo de qualquer forma.

Dashier me levou até o local e abriu a porta para mim como se fosse o dono. Eu ergui a sobrancelha em questionamento, mas ele apenas sorriu e fez um gesto com a cabeça para que eu entrasse. As cadeiras estavam empilhadas em cima das mesas, e apenas uma luz no letreiro luminoso do bar foi ligada, iluminando o local em um tom azul. Quase me senti na Nova Orleans dos anos vinte.

Eu olhei em volta, esperando o próximo passo, quando Dashier me levou até o pequeno palco onde vários instrumentos descansavam. Ele parou em frente ao piano.

— Vai tocar? — Perguntei, empolgada.

— Você disse que eu não precisava de dinheiro para impressionar você, pensei em passar aqui, tocar piano pela primeira vez em anos e exclusivamente para você, na tentativa de impressioná-la com algo simples.

— É uma bela forma de impressionar uma garota. Definitivamente.

— Você acha, Cupcake? — Ele parecia orgulhoso.

— Espero que não tenha comprado. — Olhei para ele, desconfiada.

— Não, eu apenas aluguei para a noite. Pensei em tocar alguma música para você em um local simples e que estivéssemos apenas nós dois. E esse local me traz boas lembranças. — Uma certa melancolia passou pelos seus olhos.

— Você vinha aqui?

— Logo que entrei para a faculdade, foi o primeiro local que eu vim. Me pareceu um rito de passagem, eu era apenas um garoto. — Ele deu de ombros e sentou em frente ao belo e negro piano. — Se tornou um lugar especial.

— Obrigada por compartilhar comigo. — Respondi, realmente emocionada que ele estivesse se abrindo para mim. Eu me apoiei na base superior do piano e assisti enquanto Dashier abria e fechava as suas mãos, tentando relaxar seus dedos. Ele levantou a proteção do teclado, ou seja lá como aquilo se chamava.

— Eu não toco há muitos anos. Cinco. — Ele suspirou e uma tristeza atravessou seus olhos.

— Bem, *Sr. CEO Nerd Sexy em um Smoking e Pianista...* — Comecei, tentando fazer piada. — Você pode continuar sem tocar e podemos nos divertir de outra forma. Ou... podemos testar a possibilidade de você me impressionar mais do que já estou impressionada essa noite.

— Você está impressionada comigo? — Ele sorriu da forma charmosa costumeira, discretamente, levantando apenas um lado dos seus lábios.

— Eu disse a você, não há necessidade de qualquer grande feito. Você, só você já me deixa impressionada.

Então, ainda me olhando, ele deslizou seus dedos sobre as teclas, as testando, sem tocar nenhuma nota contínua, apenas aleatórias. Em seguida,

ele começou. Eu conhecia. Tínhamos acabado de dançar aquela música.

Olhei para ele, impressionada.

— Eu gostei daquela música. — Ele suspirou enquanto espiava seus dedos deslizarem pelas teclas. — Não tive vontade de tocar por um longo tempo, mas você me fez ter vontade de tocar novamente.

— Por que você parou? — Perguntei, querendo entender mais sobre ele, aproveitar que finalmente estava me dando uma parte de sua história.

— A última vez em que toquei, foi quando Hazel nasceu. Foi um jeito de ... — Seus dedos falharam no mesmo momento em que a tempestade tomou conta de seus olhos.

Lá estava. A escuridão novamente.

Aquela que chegava sempre para estragar tudo e terminar com o que quer que estivéssemos aproveitando. Que o afastava de mim. Mas, desta vez, não! Eu não deixaria.

Eu me sentei em seu colo, de lado, levando minhas mãos em seu rosto, e o puxei para mim.

— Não. — Comecei, olhando em seus olhos. — Volte para mim, não deixe o que estiver te assombrando estragar o que está acontecendo aqui. Não me afaste, Dashier. Não faça isso, por favor.

Ele parecia estar lutando uma batalha enorme dentro de si. Um suspiro cansado e um olhar dolorido depois, ele finalmente respondeu.

— Eu temo não poder dar o que você quer.

— Você não sabe o que eu quero. — Respondi antes de tomar seus lábios nos meus e devorar sua boca.

Eu o beijei rudemente, deixei que toda a frustração sentida desde que nos conhecemos fosse despejada naquele beijo. Suas mãos fortes se apertaram no final de minhas costas, seus dedos desfilaram na linha imaginária entre elas e meus quadris, e quando finalmente ele cedeu, suas

mãos desceram para a minha bunda e me levantaram. Em uma sincronia incrível, eu estava com minhas pernas abertas, sentada nele, o tecido do vestido acumulado acima dos meus joelhos me possibilitava ficar naquela posição, e minhas mãos alisavam o seu rosto firmemente.

Nossos beijos eram cada vez mais urgentes, suas mãos apertavam minha carne por cima do vestido enquanto as minhas passaram a explorar seu peito e braços por dentro do blazer do smoking. Meus lábios saíram dos seus e foram direto para o seu pescoço, meu quadril se moveu tentando alguma fricção contra o seu corpo.

Ele estava duro.

Muito.

Eu queria simplesmente arrancar suas roupas e transar com ele ali mesmo, naquele banco. Queria me entregar por completo. Meus dedos frenéticos foram para a sua gravata borboleta e sua camisa. Trêmula de puro êxtase, tirei a gravata e comecei a abrir a sua camisa enquanto friccionava para frente e para trás, sentindo o prazer se formar em meu núcleo. Dash gemeu novamente, sua voz grossa e carregada de prazer, mas junto com o gemido vieram suas palavras: — Temos que parar.

Eu queria dizer “não! Cale-se, eu sei que você me quer”.

Mas eu não era assim, ninguém deveria ser.

Eu parei.

Parei e o fitei, esperando ao menos uma explicação. Dash pegou minha cintura e me afastou para o lado, me fazendo sentar no banco novamente. O que havia de errado com ele? Seu pau estava duro, suas mãos me amassavam como se eu fosse massa de pão e seu gemido era a prova nítida de que aquilo era muito bom.

— Desculpe, não é você, acredite...

— Tenho certeza de que não sou. — Apontei para a sua ereção, me

levantei e ajeitei meu vestido. — Dashier, estou ficando realmente confusa aqui.

— Eu sei. — Ele respirou fundo, frustrado. — Eu tenho algumas questões que são realmente difíceis para mim.

Sentei novamente e olhei para as teclas do piano, recobrando o fôlego.

— Se você não falar comigo, vai ser realmente difícil de entender o que está acontecendo, Dashier.

— Eu sei, mas tem tanto em jogo... E tem Haze e eu... — Seus olhos eram perdidos, ele estava tão nervoso...

— Não coloque Hazel nisso antes do tempo, sequer sabemos o que está acontecendo para envolver seu filho nisso. Apenas me diga. — Eu sabia que não deveria pressioná-lo demais, mas eu estava muito frustrada. Pensei que estaria fazendo sexo quente naquela noite. Que ele finalmente se soltaria e entraríamos nisso de cabeça.

— Eu preciso de um tempo.

— É a mãe de Hazel? Você ainda é ligado a ela? — Perguntei, tentando entender.

— Eu disse que preciso de tempo. — Sua voz era mais sombria. Olhei em seus olhos e me assustei, ele parecia acuado, com medo.

— Tudo bem, mas uma pista...

— Eu disse que preciso de tempo! — Seu grito ecoou por todo o bar vazio. Levei um susto e me levantei. Sua voz era ódio puro. — Desculpe, me desculpe, Quinn. Eu... eu não posso ficar aqui, não agora. — Ele olhou em volta, para o bar, e depois olhou nervoso para mim. — Eu vou te levar embora. Venha.

— Dashier... O que está acontecendo?

— Apenas vamos sair daqui. — Ele pegou a minha mão e me puxou em direção a saída como se o prédio estivesse em chamas. Eu mal conseguia

acompanhar seus passos.

— Dashier, o que há com você? — Sua mão tremia, e ele estava completamente desequilibrado, parecia um animal selvagem enjaulado.

— Você pode, por favor, fazer o que estou pedindo? — Meus olhos estavam arregalados com a sua fúria.

— Desculpa se eu falei sobre a mãe de Hazel. Eu não sabia que você ainda tinha algum sentimento por ela, eu só... Se você ainda a ama...

— Meu Deus, por favor, pare de falar! Pare! Cale-se. — Seu grito se ampliou pela noite, e eu congelei, olhando para ele.

— Dashier! Por favor.

— Jimmy, leve ela daqui! — Dashier gritou a ordem para o motorista, que já parecia pronto.

— Não, Dashier... Espere. — Eu ainda tentei.

— Vá embora, Quinn. — Seus olhos eram tristes quando ele disse aquilo.

Foi difícil decifrar o que eu senti naquele momento. Eram vários sentimentos. Mas eu não era uma pessoa de me forçar onde não era bem-vinda. Então eu assenti, fui até o carro, pegando minha *clutch* e passei por Jimmy, caminhando direto pela calçada.

— Quinn, não seja ridícula, Jimmy vai levá-la.

— Moro perto. Não preciso de Jimmy, nem de você e nem desta merda! — Falei alto suficiente para que ele ouvisse e continuei andando em direção a minha casa. Dashier não disse mais nada, mas eu vi o carro me seguindo lentamente até que eu estivesse em casa.

Quando cheguei, corri para a geladeira e peguei um pote de sorvete, o levei para o sofá, liguei a televisão, procurando por um filme qualquer, e me concentrei em esquecer Dashier para não chorar.

Falhei miseravelmente.



PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## ONZE

Estaria mentindo se dissesse que não tinha esperanças de que Dashier viesse atrás de mim. Tudo o que recebi dele foi um: “Me desculpe”. Por mensagem. Isso me matou. Se antes eu havia ficado triste, sua mensagem acabou comigo. Então eu apenas passei a viver um dia de cada vez.

Eu evitei a Bakery como uma praga na semana seguinte. Não por medo de encontrá-lo, eu sabia que não o veria mais. Algo na forma como ele falou naquela noite me dizia que ele fugiria de mim também. Evitei porque aquele lugar acabou acumulando novas lembranças, memórias com Dash e Haze. Doeria estar lá, precisava acalmar meu coração antes de voltar. Agora não era apenas a mesa em que eu havia perdido minhas tardes e noites estudando para as provas da faculdade. Nem os bolos e cafés com a minha mãe uma vez por semana. Eram *cupcakes*, *danishes* e *macarons*.

Oh, Deus!

Eu não veria mais Hazel. O garotinho inteligente que adorava a minha companhia.

Quando a raiva passou e as lágrimas secaram, eu me perguntei se não havia exagerado com ele. Se deveria ter insistido mais, mas sua mensagem ridiculamente formal, vazia, descartável, sem qualquer indício de que poderíamos consertar aquilo me fez ver que o melhor era simplesmente deixar do jeito que estava.

Mas dez dias depois eu não havia conseguido esquecer. Agosto chegou, e eu não havia esquecido. Passava cada momento do meu dia e da noite, até dormir, revivendo os momentos que eu tive com ele.

Seus esforços para me fazer gostar dele, ostentar o carro, me enviar os

NACIONAIS-ACHERON

*macarons*, o *cupcake*, me levar ao bar apenas para tocar piano para mim...

Nada se encaixava. Nada se encaixava. Por que ele faria tudo aquilo se não me quisesse por perto?

— Você está aérea. — A voz de Doty me fez saltar em minha cadeira. Sua mesa estava completamente organizada, um vaso de flores estava cuidadosamente colocado ao lado de um porta-retratos que ostentava a imagem dela e sua cachorra, *She-Ha*. Ela era diferente de Mariah, era educada, solícita e discreta. Discreta na maior parte do tempo, na verdade.

— Eu estou. — Suspirei, forçando um pouco mais a minha tristeza. Era patético, realmente. Eu sempre fui uma pessoa de ir direto ao ponto, mas aquela maldita solidão estava me deixando realmente esquisita, eu era outra pessoa desde que conhecera Dashier. Queria uma amiga para partilhar o que estava sentindo. Precisava de uma amiga, ou eu iria explodir.

— Quer falar?

Ela não precisou perguntar novamente.

Despejei tudo nela. Cantei como um pássaro. Desde o começo. Desde a minha intenção de sair da Class para abrir minha própria empresa de organização de casamentos até o momento em que recebi a mensagem imbecil de Dashier.

— Bem... você quer eu diga o que você quer ouvir ou a verdade? — Doty perguntou, sentando em sua mesa e balançando sua perna para frente e para trás. Seus sapatos eram uma mistura de marrom com ciano, e aquela merda também me fazia lembrar de Dash. A porra do detalhe de uma mistura de azul e verde me fez lembrar da porcaria da cor preferida de Dashier Colt.

— Eu não sei... — Respondi, com medo de ouvir algo que eu realmente não queria.

— Não tem problema, você sabe. Tanto um quanto o outro coincidem na mesma opinião.

— É? — Olhei um pouco mais assustada para ela.

— Sim. Aqui está: você me parece alguém decidida, que sabe o que quer.

— Eu sou. — Respondi, certa daquilo.

— Tudo bem. E você também não parece ser uma pessoa que desiste. Você não é de largar o osso nos orçamentos aqui, não deixa os clientes desistirem de você e não se deixa vencer por sua óbvia dificuldade em fazer uma planilha.

— Você é perspicaz, Dorothea.

— Sim, eu sou, e não me chame de Dorothea. — Reforçou. — Minha pergunta é: por que deixar isso desta forma? Por que simplesmente recuar? Vá e mostre a ele que você não está indo a lugar nenhum. — Olhei para ela um pouco assustada com o seu discurso motivacional. Revirando os olhos, Doty continuou: — O cara tem um problema, isso é óbvio, mas ele estaria se esforçando tanto se não gostasse de você?

— Não sei... me perguntei isso, mas...

— E se ele apenas estiver fazendo o que ele acha que você quer que ele faça? Pense um pouco, Quinn... Ele está lidando com alguma merda e disse que precisava de tempo, dê a porra do tempo para ele, esteja por perto e não force. Um cara que manda trazer *macarons* da loja onde você disse que teve um grande significado na sua vida não quer apenas uma brincadeira com você na cama dele. Se fosse assim, ele já teria atingido o seu objetivo. — Ela levantou uma sobrancelha como se fosse toda sábia.

— Ele gritou comigo. — Justifiquei.

— Oh, sim, e tenho certeza de que se você não der uma chance para ele, terá sido a última vez que ele gritou com você, ou que você teve a chance de gritar com ele, Quinn. Pessoas se alteram e brigam. Ele não agrediu você, nem mesmo verbalmente, algo o incomodou, e ele estava claramente confuso,

com medo. Homens também ficam histéricos, querida.

*Por que ela estava sendo tão coerente?*

— Tome as rédeas novamente. Pare de chafurdar e o faça saber que tem mais uma chance, garota.

— Você acha?

— Não! — Doty saltou da mesa e abriu a porta da sala. — Eu tenho certeza. Agora vá e mostre a ele que está tudo bem.

Eu mordi o lábio enquanto pegava minha bolsa e fingia para mim mesma que estava seguindo uma ordem da minha assistente, mas a verdade era que eu estava fazendo exatamente o que eu queria.

## DASHIER

— Papai? — Saltei em meu escritório, ouvindo Haze no corredor em plena madrugada.

— Olá, amigo. — Disse, saindo e o pegando em meus braços imediatamente. — Está tudo bem? — Perguntei no mesmo momento em que senti seu pijama molhado.

— Desculpe, eu sonhei que estava usando o banheiro. — Meu garoto disse como se tivesse cometido um grave crime.

— Está tudo bem, você pode dormir em minha cama, sem problemas.

Isso nunca havia acontecido antes, mas ele parecia tão arrependido, que resolvi perguntar a ele: — Por que está tão chateado, filho? — Indaguei enquanto ligava o chuveiro do meu quarto.

— Eu nunca mais tinha feito. Vovô diz que meninos grandes não podem fazer xixi na cama ou na calça, mas eu sonhei, não consegui evitar.

*Bernard.*

Ele conseguia entrar até em minha casa.

— Bem, vou te dizer o que eu penso. — Comecei enquanto esperava ele tomar um breve banho. Eu segurava sua toalha na mão. — Penso que acidentes acontecem, e está tudo bem. Algumas coisas acontecem sem que a gente queira.

— Você já fez xixi na cama, pai?

— Já.

— Vovô Phil brigou? — Seus olhos eram inocentes enquanto ele passava a esponja de banho em sua barriga em movimentos circulares. Sorri e caminhei até ele para ajudá-lo no banho. Era madrugada, e ele não podia demorar muito ou ia ficar desperto.

NACIONAIS-ACHERON

— Não, amigo. Vovô Phil nunca brigava.

— Ele é legal como você, pai! — Haze sorriu, me deixando orgulhoso. Meu filho me achava legal.

Nós dávamos um passo à frente a cada dia que passava. Ele brincava e conversava cada vez mais comigo, e aquilo me deixava radiante.

Mas, ainda assim, depois de ter conhecido ela, eu sentia falta de algo mais.

*“Não preciso de Jimmy, nem de você e nem desta merda”*

Algo doeu dentro de mim quando a vi partir naquele vestido enquanto ouvia seus saltos clicando na calçada, em uma marcha para longe de mim, furiosa. Mas também machucada.

Eu não conseguiria contar a ela, não ainda. Se eu despejasse tudo, eu a assustaria, precisava contar com calma. Mas como contar, se apenas a lembrança do que aconteceu trazia o meu pior pesadelo de volta?

Quando ela perguntou sobre Victoria, foi como se tivesse apertado um botão. Um botão que desencadeou tudo de ruim e obscuro dentro de mim. Inclusive a vontade, a necessidade.

Não era justo envolver Quinn, aquela bela e inocente mulher, em toda a minha merda.

Era melhor eu ficar longe dela.

Ficando longe, eu conseguiria manter o controle, conseguiria continuar levando a minha vida da forma que estava até ela aparecer. E eu não a envolveria em tudo isso. Não faria ela sofrer. Quinn não merecia sofrer.

Eu precisava ficar focado em Hazel também, Bernard estava apenas aguardando por um deslize meu para tirar meu filho de mim. Ele ainda estava procurando por uma brecha apenas para me acusar de ter pago para conseguir a custódia provisória de Hazel. Quinn não precisava entrar no meio disso. Era melhor assim.

Mas Quinn apenas não saía da minha cabeça. Dias se passaram, e eu mal podia me controlar para ir até ela.

\*\*

Na manhã seguinte, eu estava exausto. Não havia dormido nada, então optei por um logo e frio banho e uma xícara imensa de café, puro e forte. Haze fora com Sylv para um café da manhã na Bakery e saiu com esperança de finalmente encontrar Quinn lá. Ele fora quase todos os dias e voltou, em cada um deles, decepcionado. Quinn nunca estava.

Eu também não fui. Não podia.

Assim que me arrumei, peguei um táxi e fui para o trabalho sem muita expectativa. Andy tentou conversar, mas eu apenas pedi espaço a ele. Eu não estava lhe negando qualquer informação, eu só precisava de um tempo para pensar, especialmente depois da madrugada que tivera.

Recebi algumas ligações sobre o desenvolvimento de um novo game mobile para Android e iOS que estávamos cogitando produzir mas logo transferi todas as chamadas para Andreas. Ele não estava muito feliz comigo, mas eu explicaria em algum momento o que estava acontecendo. Minha mente não estava no trabalho.

Meu pai também quis conversar sobre meus investimentos no mercado financeiro, mas eu simplesmente disse que estava de acordo com o que ele decidisse, ele era o especialista, afinal de contas. Se fosse possível se colocar em coma, acho que eu teria feito isso naquele momento. A agonia e ansiedade estavam me espreitando, tentando surgir a qualquer momento. Eu estava muito cansado.

Memórias da noite que Quinn e eu tivemos antes do meu colapso vinham à minha mente o tempo todo. Ela estava tão linda, perfeita em seu vestido e sexy para caralho naquela máscara, com os cabelos presos. Eu



queria atacar seu pescoço e lambar cada parte dele. Eu a queria por inteiro.

Fiquei excitado imediatamente e me odiei por isso.

Esse era o grande problema. Eu não era o homem que ela precisava. E, de qualquer forma, ela foi esperta suficiente para escapar.

Era melhor assim.

Uma batida na porta me fez acordar dos pensamentos dolorosos e sair de perto da minha janela com vista para quase toda Manhattan.

— Sr. Colt? — Uma das assistentes entrou em minha sala, completamente corada.

Kimberly, apaixonada por mim. Segundo Andy, ela planejava nosso casamento havia um bom tempo, e toda vez que eu me aproximava ou chamava por ela, seu rosto ficava vermelho.

— Sim? — Perguntei, respirando fundo.

— Há, hum... uma entrega para o senhor.

— Tudo bem, pode entrar. — Ela abriu mais a porta, e o rapaz de boné e colete amarelos entrou na sala com um buquê enorme de rosas brancas.

— Tem certeza que é aqui? — Perguntei, me aproximando.

— Se o senhor é Dashier Colt, *CEO nerd e sexy*. — O rapaz disse, visivelmente desconfortável com o apelido que fez o coração saltar em meu peito como eu nunca havia sentido antes. Bem, não de uma forma boa. — Então acredito que eu esteja no local certo.

Sem conseguir me segurar, caminhei rapidamente até as flores e as peguei. Quando alcancei o topo do enorme buquê, percebi que havia pequenos bonequinhos de personagens diferentes, alguns de Star Wars, outros do Mario Bros, heróis da Marvel e da DC Comics. Todos colocados minunciosamente no centro de cada uma das rosas brancas, com seus botões completamente abertos. E um cartão grande, do tamanho de uma fotografia.

— Assine para mim e feche a porta ao sair, Kimberly. Obrigado.

Dispensei minha secretária e o entregador sem pensar duas vezes e sentei na cadeira, colocando o buquê de flores e bonecos cuidadosamente sobre a mesa antes de abrir o cartão.

*Dashier, Eu não sei se você gosta de flores, essa é uma das muitas coisas que não sei sobre você, mas, por mais que eu tente negar, eu realmente quero saber. Quero conhecer. Então eu pensei: qual nerd não gosta destes personagens?*

*Eu procurei por cada um deles e os escolhi apenas para você.*

*Este é um agradecimento pela noite maravilhosa que você me proporcionou antes de tudo acontecer. E quero que saiba: eu posso te dar tempo. Desde que você me dê honestidade e, bem, você. Quando chegar a hora.*

*Sua, Quinn.*

## DOZE

### DASHIER

— Uau. Vai dar flores a alguém? — Andreas perguntou quando entrou na sala sem bater.

— Ei! — Cumprimentei, ainda olhando para os bonecos. — Veja isso. — Chamei Andy para se aproximar e analisar o presente.

— Você quer entregar flores com *action figures*? — Ele analisou.

— Eu as recebi. — Expliquei enquanto ele se jogava na cadeira de visitas.

— De quem? Quinn? — Assenti, esticando o cartão para que ele lesse. O silêncio era ensurdecedor enquanto ele absorvia as palavras dela. — Cara, o que diabos aconteceu? Você está a semana toda com a cabeça enfiada na bunda e em um mau humor impossível. Fora o mundo de ligações que eu tenho que atender porque você não está no clima. É um saco. O que aconteceu?

Então eu soltei tudo. Conteí cada detalhe do que havia acontecido para ele. Quando finalmente terminei de explicar o meu ataque na última sexta-feira, ele suspirou.

— Cara, preciso de uma bebida. — Ele riu, fazendo sua piada imbecil. Olhei para ele, apertando meu maxilar com força. Que merda de colocação. — Desculpe. — Pediu, verdadeiramente mortificado.

— Tudo bem, agora... Eu não sei o que fazer, Andreas.

— Como você não sabe o que fazer, Dashier? — Andy levantou, esbravejando. — Você gosta desta garota!

Assenti como se ele precisasse de uma resposta, o que não era o caso. Ele sabia, todos a minha volta poderiam ver que eu estava me apaixonando por Quinn. Sylv, Jimmy, até mesmo Hazel acho que desconfiava de algo. Eu

NACIONAIS-ACHERON

me esforçava para que ela gostasse de mim, que me quisesse.

— Eu acho que contei para você a parte em que eu surtei porque ela estava me lambendo como um maldito picolé? Que homem normal afasta uma mulher daquelas, pronta para dar uma foda quente a ele?

— Você afasta. E não porque você é um babaca, você tem certas questões a serem resolvidas, ela vai entender. Ela escreveu neste cartão que está disposta, Dashier. — Por que eu tinha a impressão que meu melhor amigo estava frustrado comigo?

— Mas eu fiz algo horrível... — Tentei justificar, fui até a minha cadeira e me atirei nela. Olhei para a janela lá fora e admirei o sol. Estava alto e brilhante, iluminando tudo. Como Quinn. Minha Cupcake parecia o sol.

— Foda-se Dashier, só tem duas pessoas nessa porra de mundo que acreditam nesta merda, você e ...

— Não diga o nome dele. Eu já estou puto suficiente com ele.

— Dash, cara... Não deixe a garota escapar. Não faça isso com você, irmão.

— Eu não sei como começar a contar a ela.

— Dê a ela o que você está confortável em dizer. — Meu amigo disse suavemente, de repente senti sua mão apertando meu ombro. Ele parou ao meu lado, em frente à janela, e sorriu. — Não deixe ela ir. Ela é especial.

— Sim, ela é.

— E pelo amor de Deus, qualquer mulher que se dispões a comprar tantos *action figures* para um cara, merece nada menos do que a eternidade de pura felicidade.

— Não é? — Eu ri, olhando novamente para os bonecos. — Você acha que devo ligar para ela?

— Não. Ligar é muito pessoal, mande um cartão do escritório com uma carta oficial em papel timbrado agradecendo. — Ele debochou, como era

normal da sua personalidade babaca. — Vá para a casa dela. Bata na porta, e quando ela abrir, simplesmente a leve para o quarto e faça sexo quente com ela. — Olhei com raiva para ele novamente. — Não me olhe desta forma, simplesmente faça.

— Você sabe que não posso simplesmente...

— Sim, você pode e precisa perder esse medo de merda.

— Fácil falar...— Resmunguei.

— Mais fácil é fugir.

— Foda-se. — Atirei com raiva. — Saia. — Mandeí, apontando para a porta, e ele riu.

Maldito.

— Foda-se você. — E ele saiu. — E eu quero dizer isso, irmão. Foda.

*Babaca.*

Mas era um babaca com alguma razão. Apenas ligar para ela não era o ideal. Principalmente quando eu não tinha muito o que dizer por telefone, ela estava disposta. Eu tinha que estar disposto também se quisesse ficar com ela, ao menos para lhe entregar uma parte da minha história.

Eu tinha que organizar a minha cabeça.

Cara, como eu queria poder simplesmente falar tudo. Despejar toda a porcaria e seguir em frente. Mas era patológico. Aquele medo de voltar, lembrar. Mesmo meus pesadelos, eles eram editados. Até do meu subconsciente eu conseguia me proteger.

Aquela porra de gatilho.

Suspirando, eu me sentei à mesa e procurei trabalhar. Analisei relatórios sobre o console que estávamos lançando e finalmente respondi alguns e-mails sobre os investimentos novos que eu estava fazendo e que meu pai estava cuidando. Olhei os gráficos sem realmente enxergá-los, as flores ao meu lado me tiravam a concentração a cada segundo.

Eu bufei, deitei minha cabeça sobre minhas mãos e fechei meus olhos com força.

Eu queria me privar de ter Quinn para mim, eu queria mantê-la afastada, mas eu simplesmente não conseguia me sentir bem com aquela determinação.

Peguei o telefone e liguei para o consultório do meu médico, pedindo uma consulta de urgência.

— *Sim, temos horário para a próxima terça-feira, Sr. Colt.* — Ela não estava entendendo. Eu não passaria o final de semana naquela porra de dilema, eu precisava me concentrar.

— Você não está entendendo. Peça ao Dr. Conerlly para cancelar a sua agenda, eu pago todas as consultas dos cancelamentos se for necessário. Eu apenas preciso vê-lo.

— *Um momento, por gentileza, senhor.*

A linha ficou muda e, de repente, a voz do meu médico falou comigo.

— *Dashier? Algum problema?*

— Eu preciso falar sobre a... hum... Quinn.

— *Entendo.*

— Precisa ser hoje.

— *Consegue estar aqui em meia hora?*

— Estarei aí em quinze minutos.

Lucas Conerlly era jovem, talvez tivesse um pouco mais de idade do que eu, mas aparentemente regulávamos. Ele fora indicado para o meu caso quando tudo aconteceu e desde então sabia de tudo o que se passava comigo, inclusive Hazel, seus avós, aquelas pedras no meu sapato, e saberia sobre Quinn também, tudo sobre ela.

Não havia muito tempo eu tinha lhe contado sobre essa garota que habitava meus pensamentos, quão linda, sexy e inteligente ela era. E o

tamanho do apelo sexual que ela tinha para mim.

Só que seu apelo não era somente este, estar com ela ia além das minhas expectativas todas as vezes em que eu a encontrava. Ela era gentil e acolhedora com todas as pessoas que faziam parte da minha vida. Hazel principalmente. Ela conversava com meu filho com afeição e carinho, não o tratava bem porque desejava me agradar, como eu vira tantas outras mulheres fazerem. Elas sequer tinham alguma atenção minha. Mães de colegas, professoras, mesmo minha estagiária. Aquilo só me deixava ainda mais arisco perante o sexo oposto. Hazel era a minha prioridade e isso nunca mudaria. Nunca.

Um dia não foi assim. Eu cometi o erro de colocar meu filho em último plano na minha vida, e isso não aconteceria novamente. Nada e nem ninguém poderia tirá-lo de mim. A quantidade exorbitante de dinheiro que eu investira para tomar a guarda dele judicialmente de volta era a prova disto.

\*\*

— Bem, imagino então que Quinn Miles seja realmente alguém que mereça a sua atenção. Uma sessão exclusiva apenas para discutir sobre esta senhorita? — A sobrancelha levantada de Lucas me dizia que ele estava brincando. — Vamos, Dashier. Você tem quarenta minutos para falar.

— Eu posso estar mais do que gostando de Quinn. — Suspirei, me sentindo seguro para admitir isso ao meu psicólogo.

— Sim?

— Sim. Mas algo aconteceu há alguns dias. Um gatilho.

— Você está bem? — Sua voz mudou um tom, era muito sutil, Lucas era realmente muito bom em esconder as suas reações. Uma característica normal para alguém da sua profissão, mas foram quase cinco anos de consultas, nos conhecíamos bem. Nos primeiros dois anos, nos

encontrávamos duas vezes na semana.

— Estou bem, não fiz nada. Na verdade, acho que foi mais medo de sentir alguma necessidade por causa do gatilho, do que realmente a necessidade em si.

— Entendo. E qual foi?

— Vicki. — Sua caneta se mexia enquanto ele olhava para mim, eu sabia que ele estava anotando algo. — Quinn acha que eu ainda sinto algo por ela. — Bufei e ri sem humor.

— Quinn sabe que Victoria está morta?

— Não. E gostaria de mantê-la sem esta informação.

— Sabe que não pode fazer isso se quiser levar qualquer relacionamento adiante.

— Eu sei. — Suspirei. — Só não sei o que fazer. Eu surto só de pensar que ela pode se afastar caso saiba de tudo. Não que já não esteja afastada de qualquer forma.

— Você tem duas opções aí, mas ambas levam a mesma situação: a verdade. — Ele suspirou, olhando enquanto eu me contorcia em meu assento. — Você pode dar a ela a verdade em parcelas. Conte o que precisa para que ela entenda a sua situação. Ou arranque o *band-aid*.

Como se fosse fácil.

— Ela me deixará. Eu sei que sim. — O medo em minha voz era quase palpável.

— Deixe-me perguntar algo: vocês têm algo sério?

Eu não precisei responder.

Ele tinha razão. Porra!

Ele sempre tinha.

Quinn não era minha de qualquer forma, então por que ter medo de perdê-la?



Eu respirei fundo e assenti para ele como se eu tivesse entendido o que ele queria dizer.

— Agora conte-me o que desencadeou tudo isso.

E eu despejei tudo nele.

\*\*

## QUINN

Bem, eu havia tentado, certo? Enviei as flores com os bonecos que eu demorei duas horas para escolher. Escrevi o cartão da forma mais clara e singela possível, e mesmo assim... Nada.

Então eu deveria seguir em frente e esquecer, e era exatamente o que eu faria.

*Não esta noite, Quinn! Esta noite você chafurda.* Pensei nisso assim que saí do banho.

O pote gigantesco de sorvete Ben & Jerry's, *triple caramel chunk*, na minha frente enquanto eu assistia um tributo a Janis Joplin em um canal qualquer na televisão parecia uma boa maneira de passar a noite. Ouvir blues deprimente enquanto eu me afogava em açúcar, vestida em minha camiseta mais velha dos Ramones. E depois daquilo, eu enterraria Dashier Colt.

Então, às nove horas, uma batida discreta em minha porta me fez saltar. Eu não estava pensando muito quando fui abrir, apenas andei até lá e abri. A corrente de segurança não permitiu que eu abrisse a porta, mas assim que eu vi quem estava do outro lado, praticamente arranquei a proteção e escancarei a porta. Dashier estava lá, com uma garrafa de suco de uva integral em sua mão direita e, na esquerda, um buquê de rosas azuis ou verdes. Não dava para distinguir direito as cores... Era ciano.

— Mesmo com todo o dinheiro que ofereci, os *macarons* não chegariam a tempo de Le Havre, então eu fui atrás de alguma floricultura que tingisse as rosas com o tom correto, já que coisas simples impressionam você. Olá, Cupcake.

Não que pedir importação de *macarons* fosse um ato simples, mas me agradava que ele se esforçasse para me agradar.

— Olá, Dash. — Engoli em seco enquanto esperava o seu próximo

passo.

— Eu gostaria de conversar, se estiver tudo bem para você. — Sua voz era quase um sussurro. Ele parecia um garotinho novamente. Nestas horas, eu queria colocá-lo em meu colo e embalá-lo em meus braços. Era quase estúpido, levando em consideração toda a sua aparência, mas Dashier era muito diferente por dentro. Sua insegurança não condizia com o seu porte.

— Vem. — Eu disse, permitindo a sua entrada. — Eu vou apenas vestir algo mais decente e volto. Você pode servir o, hum... suco de uva?

— Parte da história. — Balançou a garrafa em sua mão e sorrindo um pouco sem graça.

— Ok, então você pode servir o suco, e tem sorvete. Eu vou vestir calças.

Ele assentiu, mas logo deu um passo em minha direção e ofereceu o pequeno buquê.

— São para você, a propósito.

— Obrigada. — Meu sorriso era imenso. Eu não era uma garota de flores, mas eu definitivamente era uma garota de presentes com significados.

Eu as levei comigo e sorri ainda mais quando cheguei ao meu quarto. Colocando-as em cima da cama, fui até o armário e peguei uma calça de moletom folgada. Quando voltei, Dashier estava parado ao lado do sofá com duas taças de suco de uva em sua mão.

Estendi minha mão em direção ao sofá e pedi que ele sentasse. Assim que ele o fez, eu segui e me sentei de frente para ele enquanto notava seu gesto de colocar as taças na mesinha de centro.

— Eu quero me desculpar sobre aquela noite e tentar explicar um pouco o que houve. Preciso que você entenda que não posso dizer tudo, Quinn. Eu...

Eu me estiquei para ele e peguei seu rosto com minhas mãos.

— Apenas aquilo que você quiser e se você estiver confortável, Dashier. Eu não quero mexer em feridas.

Seu olhar estava completamente vidrado no meu. Então um sorriso se abriu e suas mãos vieram para o meu rosto.

## TREZE

— Mas se eu quiser ter qualquer relacionamento com você, eu preciso ser sincero, mesmo que isso arrisque tudo...

— Você quer um relacionamento comigo? — Minha pergunta saiu um pouco esganiçada, fazendo Dashier rir.

— Se você quiser, *Cupcake*, sim, eu quero também.

Eu me aproximei e o beijei rapidamente ficando de joelhos no sofá. Quando nos separamos, seu sorriso era grande e satisfeito, mas algo em seus olhos ainda era triste.

— Eu preciso lhe contar algo, Quinn.

Largando as mãos de seu rosto, eu assenti e me acomodei, esperando por suas palavras.

Dashier respirou fundo e passou suas mãos trêmulas pelo rosto.

— Eu sou um viciado, Quinn. — Seu olhar desviou do meu antes que ele continuasse. Acho que não tinha uma forma melhor de contar do que aquela. Arrancando o *band-aid*, certo?

*Tudo bem, eu só preciso respirar fundo.*

*Viciado.*

Analisei Dashier enquanto ele esperava ansiosamente por uma reação minha. Então olhei para as taças de suco de uva. Olhando fixamente para elas, eu lembrei.

Quando nos encontramos no *Chipotle*, ele tinha água com gelo.

Quando a garçonete ofereceu uma bebida para acompanhar o seu prato, ele preferiu Coca-Cola.

Dispensou o garçom quando ele nos ofereceu bebidas alcoólicas no evento dele.

Ele pediu vinho apenas para mim em nosso primeiro encontro.

Não bebeu absolutamente nada alcoólico no baile.

Como fui estúpida.

— Em álcool. — Afirmei baixinho, quase com medo quando voltei a olhar para ele.

— Também. — Ele confirmou.

*Put a que pariu. Também? Tudo bem, Quinn, acalme-se.*

— Você usa drogas? Tipo, cheira?

— Não mais. — Ele afirmou com a voz trêmula.

Como pode o ar ficar tão denso de repente? Eu sentia calor.

— Mas... você disse que é um viciado. Tipo, no presente.

— É a verdade, Quinn. Não existe ex-viciado. Para ser honesto, eu sou um dependente. Não só um viciado. Viciados tem mal habito, cigarros por exemplo. Eu meio que sou um devoto, um submisso às drogas. Cheguei a um ponto onde elas regem a minha vida e todos os meus passos. Mesmo quando não consumo. Eu faço tratamento com um psicólogo e já fiz acompanhamento psiquiátrico. Estou limpo há quatro anos. E firme. Mas...

— Mas você tem vontades? — Continuei, querendo que ele falasse mais.

— Sim. Você é perspicaz. — Ele concordou, olhando para suas mãos. Eu podia ver que ele estava com medo do meu julgamento.

Bem, é claro que eu o julguei, sou humana, mas no segundo seguinte, eu estava apenas disposta a ouvir para que não continuasse dando espaços para sentimentos que fariam eu me arrepender mais tarde se me deixasse julgá-lo sem lhe dar uma chance.

— E essas vontades... elas vêm com gatilhos. Veja, eu me tornei uma pessoa compulsiva por tudo. Então eu preciso levar uma vida regrada e me permitir ser compulsivo apenas com coisas que não são, hum... ruins? Eu não

sei se consigo explicar. — Resmungou, frustrado, levando as mãos em seu rosto e esfregando com força.

Fiquei de joelhos novamente no sofá, de frente para ele e puxei suas mãos.

— Leve seu tempo. — Eu me aproximei mais e deitei em seu peito, colando minhas costas nele e descansando a minha cabeça em cima do seu esterno, nossos dedos se entrelaçaram em nossas mãos e puxei seus braços para cima de mim. Ele precisava entender que eu não estava indo a lugar algum.

— Bem, acho que vou começar pelo começo então.

— Estou ouvindo, *Danish*. — Sussurrei, me aconchegando em seus grandes braços.

— Quando eu fui para a faculdade, eu queria esquecer o horror que foi a escola. Eu era realmente um nerd, só que não tinha esta aparência.

— Qual é? — Eu ri, era impossível Dashier ter sido feio algum dia.

— Oh, eu era horrível. Magro, cabelo realmente feio, o que justifica ele sempre raspado, óculos fundo-de-garrafa, uma vez que eu era cego como um morcego, e acnes horrendas onde a barba está hoje. — Olhei para a pele de seu rosto, procurando as imperfeições, e apertei meus olhos, mas desisti assim que ele continuou. — Quando me formei na escola, deixei o ensino médio para trás, tentando mudar radicalmente antes de entrar para a faculdade. Queria um novo começo. Não que minha vida tenha realmente sido um inferno, mas, para mim, naquela época, era realmente ruim. Então eu raspei fora meu cabelo, fiz tratamento para acne e deixei a barba crescer para cobrir as imperfeições da minha pele, cirurgia a laser para corrigir a praticamente cegueira que me acompanhava e malhei.

— Estou vendo. — Apertei seu braço grande e musculoso.

— Oh, não, querida, sou assim agora porque desviei todas as minhas

compulsões para a academia e o boxe, mas, sim, eu malhei na faculdade. Eu queria tudo o que não tive na adolescência, principalmente começar novamente.

“Esqueci piano e clube de matemática ou xadrez porque isso realmente não era considerado algo legal. Eu fiz novas amizades, inclusive Andy. Não conseguimos virar colegas de quarto ou frequentar todas as matérias juntos uma vez que ele se formou em administração, mas nos mantivemos próximos. Eu queria tudo. Eu queria continuar sendo um super gênio, desenvolvendo jogos, programas e todas as merdas que eu podia, queria manter minhas notas altas, escrever trabalhos impecáveis e ter meus artigos em primeiro lugar. Mas eu também queria as festas e a atenção das garotas que eu estava começando a ganhar. Então meu primeiro ano de faculdade foi praticamente eu adoecendo e não dormindo para conseguir ter o melhor dos dois mundos.”

“No segundo ano, quando minhas notas começaram a cair, eu fiquei furioso comigo mesmo. Foi quando comecei a participar de um grupo de estudos. Andy pulou fora, dizendo que tinha o suficiente na sua bunda para se preocupar. Nesse momento, comecei a idealizar a minha empresa, um projeto de faculdade qualquer, mas eu realmente me empolguei com a ideia da Colt Company ir para frente. Enfim, neste grupo de estudos, eu tive meu primeiro contato com as drogas.

“No começo, consumi principalmente anfetamina misturada com Ritalina, estimulantes para aumentar a capacidade cognitiva e me manter desperto enquanto eu fazia tudo, mas, no final das contas, eu ainda queria as festas e as garotas. Então os estimulantes eram misturados com álcool, e eu curtia as festas também.”

“Um tempo depois, me ofereceram cocaína.”

“Eu realmente sabia que aquela merda me foderia, mas eu estava



deslumbrado com o fato de não ser mais o garoto deslocado do ensino médio e estar me tornando o rei do campus. Até mesmo os *CAPA ZETA* e *qualquer merda* começavam a me venerar. Eu realmente fiquei famoso, tinha boa aparência, tinha inteligência e dinheiro suficiente para conquistar as garotas. As pessoas passaram a me admirar, e eu amava ser uma espécie de astro entre eles.”

“No final do segundo ano, duas coisas aconteceram: a primeira foi que consegui um dinheiro para investir em minha empresa com meu pai, que estava muito orgulhoso de mim por estar me transformando em uma espécie de rei.”

“Sendo filho de um figurão da Wall Street, você pode imaginar que minha estreia não somente foi fácil como brilhante e rentável. Coloquei Andreas para trabalhar comigo, o que naquela época era, na verdade, trabalhar *para mim*. Eu continuava precisando prosperar, continuava precisando me formar na faculdade, continuava querendo participar de todas as festas que me era possível e, bem, impossível também. Então, eu continuava usando drogas.”

“A segunda coisa foi que conheci a mãe de Hazel, e esta é a parte que eu gostaria de deixar de fora. Por favor.”

Assenti rapidamente. Meu estômago se contorcia em dor pelo o que eu estava escutando. Era chocante saber como fora a sua vida. Ele buscou *glamour* por ter se sentido inferiorizado na escola. Embora ele não tenha feito disso um grande drama, naquela época era difícil para ele. A cabeça de um adolescente *é* difícil.

— O tempo passou, eu perdi um ano de faculdade por continuar na loucura. Andy continuou me cobrindo, e finalmente consegui me formar, mesmo sem honras e com notas vergonhosas. Eu já havia perdido a batalha para o pó, mas eu me formei. No ano em que me formei, Victoria engravidou.

Então seu nome era Victoria.

Um suspiro cansado escapou dele. Peguei a taça de suco e lhe entreguei, voltando a me aconchegar em seus braços e aguardando o final da história.

— Eu não dei a mínima, apenas dei dinheiro. Paguei literalmente, monetariamente, pelo meu segredo. A empresa dava lucro, muito. Andy conseguira milagres com o investimento do meu pai, e os projetos em que eu trabalhava sem parar traziam frutos. Mesmo eu cheirando como um camelo bebendo água no deserto, ainda fazia as coisas acontecerem, e eu usava esse fato para justificar a minha merda.

“Quando eu vi o fundo do poço, eu tinha um filho completando um ano de idade. Eu não dava a mínima para ele e escondia sua existência, assim como a de sua mãe...”

Ele respirou fundo, e eu podia sentir o seu peito tremer enquanto ele falava. Doía, eu sabia que ele estava sofrendo enquanto me contava.

— Eu não contei para meus pais sobre a existência de Vicki ou de Hazel. E quando finalmente a merda bateu no ventilador, eu tinha acabado com a minha família, porque isso é o que as drogas fazem: elas não destroem apenas você, te tornam uma grande bomba-relógio, e quando explode, todos ao redor acabam feridos. Meus pais ficaram arrasados, meu melhor amigo de alguma forma ainda mantinha meu rabo salvo financeiramente e tocava a minha empresa quando eu sequer me importava. Estava arruinado, no fundo do poço”.

Olhei em seus olhos tristes e senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto, limpei rapidamente e fiz um gesto para que ele continuasse.

— Demorou um pouco para cair a ficha de que eu havia perdido um ano de vida do meu filho. Mesmo tendo finalmente noção disto, eu ainda perderia mais. Para conseguir Haze de volta, eu precisava ir para a

reabilitação e me livrar de tudo o que era ruim. Lá eu percebi que eu realmente não poderia me aproximar de nada que remetesse às drogas. — Ele me olhou tristemente antes de continuar. — Eu procuro não fazer nada do que eu fazia excessivamente naquela época, inclusive... — Engolindo seco, ele se preparou para dizer o que eu já suspeitava, mas sabia que doeria quando ele falasse. — Sexo.

— Oh! — Foi tudo o que saiu de mim, apesar de já desconfiar.

— Eu não sou um viciado em sexo, mas as drogas inibiam o orgasmo então, quanto mais eu usava, mas queria sexo. Era um ciclo sem fim.

Coloquei-me de lado e apoiei meu cotovelo no braço do sofá, continuei olhando para ele, tentando lhe passar tranquilidade enquanto aguardava o restante da história.

Continuei olhando-o, tentando passar tranquilidade para ele.

— Meu médico realmente pensa que isso é muito mais um medo do que um gatilho para mim, por envolver outras questões do meu passado. Eu estou... hum... traumatizado? — Ele parecia em dúvida. — Mas ele não pensa que a vontade de usar drogas possa vir caso eu comece a ter relações, logo, ele queria que eu tentasse desde meu primeiro ano sóbrio.

— *Ele* queria? — Minha voz era estrangulada quando perguntei.

— Eu nunca quis. Primeiro porque eu estava me punindo, depois por medo. Quando eu finalmente estava sem qualquer droga em meu organismo e tinha passado pela fase absurdamente dolorosa da abstinência, entendi tudo o que eu havia perdido e causado por causa das minhas escolhas e entrei em pânico. Resolvi que minha vida seria dedicada a recuperar meu filho e ficar longe de tudo. Eu estava satisfeito em me manter assim... — Seus olhos brilharam quando desviou para os meus lábios e voltaram rapidamente para o foco nos meus olhos. — Até que conheci alguém que despertou todos os tipos de sensações e sentimentos em mim.

Ele estava falando de mim.

Eu sorri, meio boba, e me senti corar, mesmo não sendo algo comum para mim.

— A sua beleza, força, a sua capacidade de manter tudo simples e belo ao mesmo tempo me fez querer reconsiderar. — Ele falava com admiração, me analisando como se eu fosse uma divindade. — Seu jeito...

— Que jeito? — Perguntei em um sussurro.

— Você é segura. Você vai atrás quando quer, não faz joguinhos. Eu realmente nunca havia visto ninguém assim. Eu me senti atraído imediatamente por você. E então... — Ele respirou fundo. — Você me deixa apavorado, Quinn. Porque você exala erotismo, e tudo o que eu quero é ir para a cama e fazer você sentir tudo o que desperta em mim... Mas eu tenho...

— Você tem medo de querer usar drogas... De desencadear uma vontade que você não consiga conter. — Sussurrei, entorpecida com a sua sinceridade.

— Sim. — Dash concordou, visivelmente desgastado. — Eu não sei como será, mas eu quero tanto tentar. Eu realmente quero explorar esses... esses sentimentos que você tem despertado em mim todos os dias.

Sorri para ele, levando minha mão até seu rosto e acariciando sua barba, que, agora eu sabia, escondia sua imperfeição.

— Eu posso ter paciência, Dashier. Eu sei que posso. — Disse com convicção. — Só não me afaste. Quando você estiver nervoso, com medo, mesmo surtando, não me afaste. Não grite comigo. Respire fundo, eu vou respirar fundo junto com você.

— Você vai respirar fundo junto comigo... — Seu tom era admirado quando ele repetiu minhas palavras e seus braços fortes me puxaram para cima dele, me fazendo sentar de pernas abertas. Seus olhos perfuraram os meus com tantas emoções, que eu sequer conseguia descrever.

— Eu vou, *baby*. — Reafirmei, querendo tirar toda a vulnerabilidade do seu lindo rosto. — Eu vou, me deixa tentar com você.

— Eu quero você, Quinn. — Ele sussurrou, tomando meus lábios rapidamente antes de voltar a falar. — Eu peço apenas paciência, um pouco. Não se sinta negada por mim. Não é sobre você.

— É sobre mim também. Agora o que é sobre você será sobre mim também. — E o beijei. Delicadamente e vagarosamente, era languido e quente. Um gemido foi mal contido em sua garganta quando Dashier me apertou ainda mais para ele. — E Haze...?

Ok, então não era o melhor momento para perguntar sobre o seu filho. Mas o que seríamos na frente de Hazel? Como agir?

— Eu gostaria de não ter muitas demonstrações na frente dele. Ele é esperto, tenho certeza de que em algum momento vai ligar as coisas. Mas, se não for demais para você, gostaria de manter discreto o nosso... — Ele parou me olhando por alguns segundos, parecia considerar algo.

— O nosso o quê? — Levantei a sobrancelha, esperando por suas palavras.

— *Cupcake*? — Um sorriso torto despontou em seus lábios.

— Hum?

— Você quer namorar comigo? — Sua sobrancelha levantou e um sorriso tremeu em seus lábios enquanto ele aguardava a resposta.

— Se eu tiver mais *macarons*... — Dei de ombros como se não fosse grande coisa, mas eu estava sorrindo como uma menina.

— Deixe-me pegar meu telefone. — Ele se esticou comigo ainda em cima dele para pegar o seu celular. — O quê? — Eu ri, me equilibrando e tentando não pensar na pequena fricção que tivemos naquele momento.

— Vou comprar nossas passagens para Le Havre, neste momento. — Ele disse seriamente enquanto digitava a senha do seu telefone.

— Não seja esnobe.

— Se isso vai fazer com que você me queira, baby, eu comprarei uma casa do lado do Le Sublim's. Eu comprarei a porra da loja. — Ele riu, me fazendo suspirar e pegar seu rosto.

— Eu já quero, Dashier Colt. Pare de tentar me impressionar. — Pedi, aproximando meus lábios. — Você fez um grande trabalho apenas olhando para mim.

Beijei seus lábios com carinho e depois a ponta do seu nariz e a testa.

— Cupcake? — Chamou, me fazendo olhar em seus olhos.—  
Desculpe ter gritado com você na outra noite.

— Eu já perdoei você. — Respondi.

— E você está bem com o meu passado?

— Eu estou bem. — Afirmei antes de voltar a beijá-lo.

## QUATORZE

O mês de agosto voou, e setembro foi bem-vindo. Primeiro porque era o mês que me traria o outono. Mais alguns dias de calor e sol, e finalmente o clima começaria a ficar ameno. E segundo porque eu e Dashier estávamos completando um mês de namoro e três meses que estávamos juntos. Não conseguia evitar, eu me sentia uma adolescente e realmente contava o tempo em que brincamos de gato e rato, mas o importante é que estávamos felizes namorando.

Estávamos indo discretamente, muito para o meu gosto, para ser sincera. Não estava acostumada a ir devagar com nada, especialmente não em relacionamentos amorosos. Se eu quisesse algo, deixava claro e teria o que queria.

Houve muitos cafés da manhã na Bakery, muitos passeios no parque com Haze, muitos encontros para o almoço, muitos toques e carinhos singelos, não tantos beijos roubados quanto eu queria e nenhuma ação. Mas eu tinha tomado a decisão de fazer as coisas no tempo de Dashier. E era importante para mim que Hazel me aceitasse e gostasse de mim. A última coisa que eu desejava era que ele me visse como uma ameaça que roubaria seu pai.

Foi difícil nos encontrarmos no período da noite. Alguns eventos aconteceram, exigindo a minha atenção, e Dash precisava estar com Haze. Em um dos fins de semana, fui visitar meus pais, deixando Dashier livre com o filho. Nós queríamos mais intimidade, mas entendíamos que se quiséssemos que nossa relação desse certo, precisávamos agir com cautela.

Por isso era raro Dashier ir ao meu apartamento e eu nunca tinha sido convidada para ir a sua casa. Não era o momento. Porém, à medida que os dias passavam, nós chegávamos um pouco mais perto de assumirmos nosso

relacionamento para Hazel.

Razão. Agir com a razão era o que fazíamos. E se tinha algo que eu sabia fazer, era dar ouvidos a minha razão. Aprendi que eu precisava ouvi-la se não quisesse meu coração sofrendo. Eu era boa naquilo, mas estar apaixonada trazia alguma dificuldade para o processo. Especialmente quando eu queria pular em meu namorado e arrancar as suas roupas.

Foi em uma quarta-feira, ao meio-dia, que descobri que as coisas começariam a mudar. Dashier anunciou que um assunto o fez ficar preso no escritório e que não poderia sair. Algo sobre “uma papelada”. Eu pensei: *por que não fazer uma surpresa?*

Dando um “até logo” para Doty, peguei minha bolsa e corri para fora da Class na hora do almoço. Passei em um restaurante e pedi um bom prato de salada tropical, dois sanduiches grelhados de queijo cottage e manjerição e dois chás gelados. Entrei no primeiro táxi que parou e dei o endereço da Colt Company. Ironicamente não ficava em um edifício arranha-céu em Manhattan, ainda que o local fosse um edifício sofisticado e imponente. Na portaria, me identifiquei e aguardei enquanto liberavam a minha entrada. A recepção do prédio cedeu passagem para que eu fosse ao vigésimo nono andar. Assim que as portas se abriram, dei de cara com um Dashier ansioso.

— Oi! — Sorri, mas não obtive o sorriso de volta. — Hum... surpresa?

Dash retribuiu meu sorriso, mas não foi sincero.

— Oi, *baby*! Certamente é uma surpresa. Vamos por aqui. — Ele me guiou enquanto olhava em direção aos elevadores novamente.

Enquanto andávamos, sequer tive tempo para analisar o ambiente do andar ou as pessoas que nos olhavam.

— Cheguei em má hora, Dashier? — Perguntei quando chegamos em sua sala, e ele fechou a porta.



Consegui avaliar por um momento o espaço: grande, com a parede leste toda de vidro, trazendo uma visão maravilhosa da cidade, enquanto a parede norte era um misto de quadros de filmes e desenhos de heróis e prateleiras com *action figures*.

— Sim, *baby*, chegou em má hora, mas foi a melhor coisa que me aconteceu. — Ele disse, tirando as coisas das minhas mãos e depois me tomando em seus braços e lábios. Eu deixei que ele me beijasse e acariciasse seu rosto e pescoço enquanto ele gemia em meus lábios. Mais dois beijos estalados, e ele se separou de mim. — Você está aqui. — Sorriu com suas mãos ainda em minha cintura. Seus olhos desceram pelo meu vestido, e um sorriso se formou em seus lábios quando viu meus saltos vermelhos. — Você está linda, Cupcake.

Beijei seus lábios delicadamente em agradecimento, mas logo perguntei: — Vai me dizer o que houve?

Com um suspiro chateado, ele se separou de mim totalmente e foi até as sacolas, remexer no que eu havia levado para o almoço.

— O avô de Hazel, Bernard Sanders, estava aqui, ele entrou no elevador no momento em que você saiu do outro.

— Está tudo bem? — Perguntei, preocupada.

— Ele veio me pedir para ficar durante duas semanas com Hazel a partir de domingo. É aniversário de Leslie, a avó e ela pediu isso de presente.

— Mas e a escola? Ele já não está sendo alfabetizado?

— Eles o levarão para a escola e buscarão. E Sylvia estará com eles o tempo inteiro.

— Eu não entendo... — Resmunguei.

— É uma chantagem da parte de Leslie, já que o próximo natal será o primeiro que ele não passará com os avós, mas eu já havia permitido que eles levassem Haze para a Disney no feriado de Ação de Graças, e agora

inventaram essa palhaçada antecipando tudo. É uma espécie de vingança de Bernard, uma vez... — Ele engoliu e piscou algumas vezes. — Ele não está bem com o fato de eu ter conseguido a custódia temporária de Hazel e sabe que eu não posso criar caso com ele. O acordo era que eu permitisse que eles tivessem acesso ao meu filho a hora que eles quisessem.

— Você não gosta dos avós maternos?

— Não sei se “não gostar” é o termo. Eu tenho ressalvas. Eles são bons e adoram meu filho, mas eles o querem para si. Quando consegui a guarda dele de volta, Bernard não ficou feliz. Ele me odeia, então faz qualquer coisa para tirar o menino de mim.

— Isso pode atrapalhar o desenvolvimento de Hazel na escola, ou mesmo a relação de vocês?

Dashier puxou uma das cadeiras de visitante para que eu me sentasse.

— Acredito que não, ele continuará indo à escola e estará com Sylvia. Eu também darei um jeito de vê-lo ao menos quatro dias durante a semana.

— Ele vai no domingo então? — Meu coração se apertou um pouco, eu não entendia o porquê, mas não gostava de saber que Hazel não estaria acessível por duas semanas inteiras. — Posso enviar uns cupcakes para ele antes de partir?

— Por que não vem almoçar conosco no domingo? Ele só irá de tarde.

— Na sua casa? — Perguntei antes de pegar meu chá.

— Sim. — Respondeu e pegou o copo com a salada e o garfo.

— Não será estranho?

— Acho que está na hora de você conhecer a nossa casa. — Dashier afirmou com um sorriso.

— E o que dirá para Haze?

Era preciso saber como apresentar nosso relacionamento ao menino.

Não queria que Haze me visse como uma invasora em seu lar.

— O mesmo que venho dizendo, que você é uma amiga especial. —  
Explicou com simplicidade.

— Oh. — Não consegui disfarçar a minha decepção.

Dashier me olhou por um momento, então largou sua salada e puxou sua cadeira bem próxima a minha, nossas pernas se encaixaram, e ele pegou minhas mãos.

— *Baby*, eu tinha planejado contar para ele antes, mas com a questão de Bernard, eu não quis dar a notícia e arriscar que ele diga algo que possa fazer Bernard ficar alerta.

— Acha que ele interferiria?

— Acho que não quero que ele saiba da minha vida por agora, é isso.

Mas eu sabia que não era isso. Era parte do segredo que Dashier ainda não havia compartilhado comigo, mas tudo bem. Eu estava aceitando e tendo paciência. Teria paciência.

— Tudo bem. — Beijei seus lábios rapidamente.

— Obrigado por entender.

Assenti e beijei seus lábios com delicadeza. Eu só tinha que entender. Não havia espaço em mim para o sentimento de dúvida. Outros sentimentos já tinham tomado conta de tudo.

\*\*

Minha primeira opção de vestuário para almoçar com Dash e Haze foi um vestido vermelho de gola alta. Surpreendentemente estava um dia frio e chuvoso e pensei que seria uma boa opção. Era bonito, elegante e sexy.

Mas então me lembrei que era um almoço de domingo com pai e filho. Algo simples. Parecer sexy e toda elegante não combinaria com a ocasião. Com Haze e Dashier, as coisas deveriam ser simples: doces na

Bakery, passeios no parque, apelidos de comida. Nada formal e muito menos sexy, afinal, aparecer daquela forma para meu namorado, com todas as questões que ele tinha para resolver, o deixaria tenso para o almoço. Não era justo eu usar roupas provocantes com Dashier.

Troquei o vestido por calça jeans e uma regata. Como estava um pouco frio, separei meu grande e frouxo moletom da Columbia. Deixei meus cabelos soltos, troquei os sapatos pelos tênis e, ao me olhar no espelho novamente, pensei estar informal demais, mas era tarde demais. A batida soou em minha porta e corri para abrir e cumprimentar um sorridente Jimmy.

— Olá, Jimmy! — Cumprimentei com alegria, — Senhorita Miles.

— Qual é? É Quinn. Vamos, você consegue. Diga Quinn.

— Não é apropriado, senhorita. — Respondeu, mas o sorriso se mantinha em seu rosto, como se ele estivesse apenas seguindo o protocolo. — Você é namorada do Senhor Colt agora, não devo...

Dashier contou? Mas tínhamos combinado não contar para que não chegasse aos ouvidos de Hazel.

— Como sabe que estamos namorando? Oficialmente, eu digo. — Perguntei, alarmada, enquanto fechava a porta atrás de mim para ir com ele.

— Oh, ele faz questão de manter em segredo, senhorita, mas ele deixa escapar e nem percebe.

— Ele deixa? — Sorri abobalhada para Jimmy enquanto descíamos as escadas.

— Oh, sim. Algo como: “Jimmy, por favor, passe na *delicatessen* e compre aquele prato de cortes de queijos e salames que gosto e pegue minha namorada na casa dela. Ela virá para o almoço.” Mas ele sequer percebeu que estava chamando a senhorita de namorada.

— E como sabe que a namorada sou eu? — Perguntei, rindo da sua imitação.

— Até o rapaz cego que canta no *Central Park* sabe que a namorada dele é você, senhorita.

Tudo bem, agora eu estava agindo como uma adolescente apaixonada, pois meu sorriso estava quase dividindo o meu rosto no meio.

— Ei, Jimmy, podemos passar na Upper Bakery, por favor? Quero levar alguma sobremesa para os meus meninos. — Vesti meu moletom rapidamente antes de entrar no carro.

— Claro, senhorita. — Respondeu o motorista pouco antes de fechar a porta.

Ajeitei meus óculos em meu nariz e peguei meu telefone para olhar minhas mensagens e pedir para meu padrinho preparar uma grande caixa de doces para eu levar.

*Cannolis.*

*Cupcakes.*

Tortilhas.

Hum... seria uma orgia gastronômica.

*Ok, nota mental para não falar e nem pensar na palavra orgia.*

Eu me mantive focada em meu telefone enquanto Jimmy fazia o caminho para a casa de Dashier. Quando finalmente o carro parou, estávamos dentro do estacionamento de um prédio. Notei que o elevador era panorâmico assim que começou a se movimentar após Jimmy digitar alguns números e mostrar a vista Oeste de Manhattan. A visão do River Park era de tirar o fôlego, percebi que Dashier morava perto do local em que nos encontramos naquele domingo, após o nosso primeiro encontro oficial.

Quando finalmente havíamos parado, a voz feminina da ura do elevador informou: *cobertura*. E eu tive que revirar os olhos.

Dashier era um homem simples quando estava comigo. Logicamente havia ternos, carros, relógios e outras coisas caras, mas nada parecia se

encaixar com ele. Nem mesmo um elevador falante que abria as portas e dava direto para a sua casa sofisticada e pomposa. Quase parecia que ele se forçava a gastar dinheiro para manter a sua posição de empresário rico.

Ao entrar, dei de cara com um ambiente amplo, sala de estar, jantar e cozinha ficavam praticamente no mesmo lugar, mas a decoração dos ambientes os separava perfeitamente. Era tudo em tons claros, branco, marfim, creme, com algumas almofadas marrons no sofá apenas, dando algum destaque e combinando com os poucos quadros e porta-retratos que tinham o mesmo tom de marrom. Todo o lado que dava vista para o parque era como seu escritório, tomado por vidros, com exceção de uma parte que ostentava uma lareira branca de granito.

Olhei de relance para fora e tive a sensação de que conhecia algo naquela visão, mas ignorei e continuei checando o belo lugar. Passando à sala de jantar, havia uma escadaria que eu suspeitava dar para o segundo andar da cobertura, uma vez que estávamos no último andar. A parte da cozinha eu não conseguia ver de onde estava, apenas a bancada da ilha denunciava que aquele era o local.

— Quinn! — O grito agudo de Hazel preencheu toda a sala quando coloquei meus pés fora do elevador. — Você está aqui! Legal! — O menino fofo me abraçou enquanto eu equilibrava a caixa de doces em minha mão.

— Ei, Hazel! Eu senti sua falta, amigo. — Minhas palavras foram sussurradas apenas para o menino, mas a veracidade delas me assustou.

— Eu também! Estou feliz que veio me visitar. Venha, vamos ao meu quarto, quero mostrar meus brinquedos e jogos.

Eu sorri e me levantei, passando a caixa de doces para as mãos de Jimmy e olhando em volta enquanto tentava ver onde Dashier estava. Quando o avistei na cozinha, andava de um lado para o outro como um perdido.

— Deixe-me apenas cumprimentar seu pai.

— Tudo bem, vou separar o que eu quero que você veja.

O menino correu para o seu quarto, e eu me aproximei da cozinha, analisando aquele belo homem. Quando finalmente cheguei ao seu lado, ele sorriu como se eu já estivesse ali há muito tempo, conversando com ele.

— Ei. — Disse, se aproximando mais. Fiquei na ponta dos meus pés, beijei seu rosto e respirei fundo o seu cheiro. Ele sorriu assim que meus calcanhares voltaram para o chão.

— Você está cozinhando? — Eu sorri, maravilhada. Ele era organizado e meticoloso.

— Eu estou me preparando para cozinhar. — Ele mostrou todos os itens que usaria para fazer nosso almoço dispostos no balcão como se fosse um mini *buffet*. Assim levaria o dia todo para comermos. — Eu não consigo não organizar. Me relaxava no começo e ocupava a minha mente, você sabe, na reabilitação... — Seus olhos eram suplicantes, como se estivesse se desculpando por encontrar formas de tirar a sua mente do seu vício.

— Bem, eu tenho o dia todo, se os garotos me quiserem por aqui. — Sorri, o fazendo relaxar e assentir.

— Nós queremos. — Ele garantiu. — Vou fazer risoto.

— Hum... — Eu sorri. — Eu trouxe a sobremesa. Doces da Bakery. — Sorri novamente. De repente, Dashier travou e me analisou dos pés à cabeça. Seus olhos eram vidrados enquanto fazia isso.

— O quê?

— Nada, é só que... — Ele apontou para o meu moletom e começou a falar, mas fomos interrompidos.

— Quinn, estou pronto! — Haze gritou do corredor. Eu sorri para Dashier, dei de ombros, como se não pudesse negar o chamado de seu filho, e corri para o quarto com ele.

Haze me mostrou seus brinquedos, livros e jogos e sua estante de

games ao lado do equipamento obscuro com monitor, videogame, óculos de realidade virtual, caixas de som e duas cadeiras muito confortáveis. Era um quarto tipicamente de garoto geek.

A cama era um pouco grande demais para um menino daquela idade, e o quarto não tinha um tema único definido, era apenas muito nerd. Tapete de nave espacial, estrelas no teto, quadros de heróis e bonecos de personagens, carros colecionáveis em prateleiras estrategicamente distribuídas pelas paredes e uma imensa janela protegida por tela, que também dava a visão para o parque. Tudo em cores vibrantes contrastando com o branco das paredes e dos móveis. Era realmente belo.

Contou animadamente que estava começando uma coleção de gibis dos X-men com o pai, e que Dashier lia para ele cada uma daqueles quadrinhos que comprava. Seus olhos brilhavam cada vez que ele contava algo que estava aprendendo na escola. Aparentemente eu não era mais a sua musa, e sim Melanie Hillis, sua colega de classe.

— Ela é linda, Quinn, seu cabelo é grande, meu pai disse que é *black power*, eu não sei o que é. — Eu ri com a empolgação do menino. — E sua pele é marronzinha. Bem bonita. Ela é minha segunda melhor amiga. A primeira é ainda você, Cupcake.

Eu sorri, maravilhada com as palavras do garotinho. Ele tinha admiração pela sua coleguinha, uma pequena quedinha, mas não esquecera de mim.

— Sabe, gosto que você seja amiga especial do papai. — Contou enquanto folheávamos uma edição de X-men Evolução. — Ele fica mais feliz e brinca mais quando vocês são amigos.

— Seu pai ama muito você e tenta realmente fazer o melhor, tenho certeza que ele adora brincar com você.

— Ouvi ele contar para Sylv um dia que você estava chateada com



ele. — Seus olhos me analisaram de perto, ele era tão parecido com o pai. — Ele estava chateado também.

— Sim, amigos brigam, às vezes... — Tentei explicar enquanto procurava adivinhar em que momento Hazel ouviu as conversas do pai.

— Namorados também brigam. — Respondeu ele como se não fosse grande coisa, e realmente não era, a não ser pelo fato de que o menino havia percebido mais do que deveria.

— Sim, também brigam. — Tentei ser a pessoa mais tranquila possível.

— E vocês são namorados de novo?

*Oh, merda!*

— Haze, quem disse a você que seu pai e eu estamos namorando?

— Eu já sabia. Vocês se beijaram como namorados na Bakery.

Bem, merda! Eu não deveria estar sendo encurralada por um menino de cinco anos de idade que conversava como se tivesse dez.

— Você está bem com seu pai e eu namorando?

— Eu acho que sim. Se eu for ficar mais perto de você... — Ele sorriu animadamente. — Podemos jogar videogame agora? — Era tudo tão fácil e simples no mundo das crianças. Olhei chocada para Hazel enquanto ele esperava minha resposta com os controles em suas mãos.

— Claro. — Respondi, quando um vulto na porta me chamou atenção. Dashier estava parado com a boca aberta e a face branca como papel. Eu olhei em direção a Haze e arregalei meus olhos, tentando entender o que estava acontecendo.

*Como diabos seu filho sabe que estamos namorando?*

Ele me olhou com a cara de quem dizia: *Eu não tenho ideia, porra.*

— Ei, pessoal! Hora do almoço. Haze, lave as mãos. — Dashier anunciou. Haze rapidamente levantou e correu para o banheiro. Caminhei até

meu “não secreto” namorado e peguei sua mão.

— Estavam se divertindo? — Perguntou ele.

— Hazel sabe sobre nós. — Respondi com um tom acusatório.

— Eu sei, não fui muito discreto. Desculpe.

— Não há do que se desculpar. Eu apenas fui pega de surpresa, pensei que manteríamos isso longe dele um pouco mais de tempo. Para ele assimilar aos poucos.

— Era este o objetivo, mas ele é tão esperto... — Dash suspirou e se aproximou para me beijar, mas virei o rosto e o abracei.

— Mesmo assim, acho melhor não ficarmos nos beijando na frente dele.

— Tudo bem. Tudo bem. — Ele parecia frustrado, mas feliz ao mesmo tempo. Sorriu e me apertou mais um pouco em seus braços antes de me soltar. Nós encontramos Hazel no corredor e fomos até a enorme sala de jantar.

— Uou, pai. Vamos comer aqui hoje? — O menino olhou animado para a sala de jantar.

— Sim, temos uma convidada especial. — Dash sorriu enquanto tirava a cadeira de perto da enorme mesa de vidro para que eu me sentasse. -  
— Costumamos a comer na bancada da cozinha, é mais prático. — Dashier justificou.

— Podemos ainda, eu não me importo.

— Mas você é especial para o papai e para mim, Cupcake. — Haze disse animadamente enquanto pegava o garfo pronto para devorar o seu risoto. — O que é isso? — Seu nariz franziu da forma mais graciosa enquanto ele olhava para o prato de comida.

— Risoto. — Dashier disse, se sentando à mesa.

— Parece vômito. — O menino retrucou com nojo.

— Haze! — Dashier exclamou para o filho.

— Desculpe! Mas parece.

Dashier fechou os olhos, frustrado. Comecei a rir imediatamente.

Alto.

Os olhos de Dash se voltaram para mim, assustados, enquanto Haze sorria orgulhoso da sua declaração ter me feito rir.

— Haze... — Comecei, me controlando. — Isso é como se fosse um arroz cremoso. Pode comer. Não tem gosto ou cheiro de vômito, eu posso garantir. — Peguei meu garfo, enfiei no belo bolo de arroz e tirei uma boa quantidade, enfiando em minha boca.

Sorrindo e me acompanhando, Dash fez o mesmo. Hazel nos analisou por mais alguns segundos e finalmente cedeu, experimentando a comida.

Estava divina. Maravilhosa, na verdade.

Nós comemos conversando sobre filmes de heróis e jogos de videogame. Era realmente lindo ver pai e filho debatendo sobre jogos e novos lançamentos, mesmo eu não entendendo porcaria nenhuma do que diziam.

Quando a sobremesa chegou, eu estava feliz que Haze e Dashier tivessem aprovado minha escolha de doces, mas triste porque, com a sobremesa, a hora de partir se aproximava. Dashier me olhou e, admiravelmente, pareceu entender a minha recente tristeza.

Quando finalmente tomei coragem, coloquei minha xícara de café sobre o balcão da cozinha e suspirei.

— É hora de ir. — Eu sorri para Haze. — Espero que você se divirta muito com seus avós, Haze.

— Você precisa mesmo ir? — Ele perguntou, triste, olhando para o seu pai com expectativa. — Podemos convidá-la para uma sessão de cinema no seu quarto, papai? — Ele pediu, se virando para mim em seguida. — Ele tem uma cama enorme, Quinn e uma televisão maior ainda. — Empolgou-se,

pulando em sua cadeira. — Podemos pai?

— Claro. — Dashier engoliu em seco. — Eu gostaria muito que ficasse conosco, Quinn.

— Tudo bem. — Sorri, tentando não analisar o brilho em seus olhos. Haze correu em minha direção e me puxou, me levando em direção ao quarto do seu pai.

\*\*

Escolhemos “Divertidamente” para assistir, e não demorou muito para Hazel cair no sono. Ele ficou entre nós dois na enorme cama *super king size* de Dashier. Quando tivemos certeza de que o menino estava completamente desmaiado, Dashier e eu nos levantamos e fomos para a sala. No momento em que chegamos ao local, suspiramos e nos olhamos. Eu observei em volta, analisando o ambiente e esperando o próximo passo que daríamos, quando me deparei com a imagem na janela me trazendo aquela sensação novamente. Eu andei rapidamente até a janela e pisquei várias vezes ao identificar o prédio.

— Eu fiz uma festa há alguns meses neste prédio. Que coincidência.

— Onde? — Dashier se aproximou e me abraçou por trás, olhando para rua.

— Vê? A grade de madeira que aproveitei para decorar ainda está lá. — Aponte. — Fiquei tão brava, choveu neste dia e estragou toda a minha decoração. Todo mundo correu da chuva, e eu...

— Você ficou! — A voz de Dashier exclamou alta, como se ele estivesse estupefato com o acontecimento. — Você ficou próxima ao parapeito do prédio e deixou que a chuva a molhasse.

Eu me virei, olhando para ele, assustada.

— Deus! Era você? — Ele perguntou, quase perturbado. — Eu tive

um pesadelo naquela noite. Eu fui para a cozinha e vim para a janela olhar o movimento da madrugada. Eu estava frustrado e nervoso, então pensei que olhar pela janela tiraria meus pensamentos do pesadelo. Não sei por que, só senti a necessidade. Então eu vi. Havia uma mulher naquele terraço. Você estava com um copo na mão, deixando a chuva cair. Você parecia pensativa. Eu não sei o motivo, mas comecei a idealizar uma história para você, uma desculpa para você estar lá, criei até uma trilha sonora para aquela situação. Parecia que você estava se sentindo sozinha.

— Eu *estava* me sentindo sozinha. — Eu sussurrei, olhando quase apavorada para ele. — Não mais, no entanto. — Eu me virei em seus braços e abri um sorriso.

— Bem, eu apenas acho que é o destino. Eu vi você lá e, de repente, você está aqui, em meus braços. — Ele sorriu, maravilhado com a constatação.

— Destino... — Sussurrei, me lembrando do que eu havia pensado hoje mais cedo.

— Eu não costumo acreditar muito em acasos, mas acho que não podemos chamar mais de coincidência o que aconteceu conosco. — Dash brincou.

## QUINZE

Tomar banho e colocar o melhor creme e o melhor perfume: *confere* Escovar os dentes duas vezes e usar enxaguante bucal: *confere* Secar os cabelos, os deixando brilhantes e com ondas: *confere* Arrumar seu quarto, beirando a perfeição: *confere* Coração saindo pela boca: *super confere* Eu me sentia uma adolescente de quinze anos dentro do corpo de uma mulher adulta.

*Porra!*

Respirando fundo, olhei em volta e depois para o relógio em meu telefone, que não desgrudava da minha mão. Mais alguns minutos, e ele bateria em minha porta. Meu coração pulsava como louco. Era segunda-feira, e Dashier viria para assistirmos um filme. Ele queria que fôssemos para a sua casa, mas algo me dizia que era o seu medo de estar em um terreno desconhecido comigo. Eu garanti que tinha sorvete e *brownie* e que ele iria relaxar. Não precisei de muito para convencê-lo, mas, naquele momento, estupidamente, eu me sentia nervosa também.

Ele bateu na porta não muito tempo depois do horário combinado, e eu me olhei no espelho e chequei mais uma vez o visual. *Leggings* e minha camiseta surrada do Ramones, amarrada na cintura. Não havia necessidade de me vestir toda sensual para ele, Dashier não era assim. Aliás, ele precisava exatamente disto, eu simples, sem nenhum apelo sexual. Nós combinamos de ir devagar. Isso era perfeito para ir devagar.

Ele ficaria bem, ficaríamos bem. Eu estava bonita, mas não sexy. Isso ajudaria. Então, antes de abrir a porta, eu voltei para meu armário e coloquei meu moletom da Columbia. Sim! Perfeito! Ele se sentiria melhor assim.

Abri a porta emocionada em encontrá-lo. Ele estava fora de sua vestimenta habitual, jeans, suéter e uma jaqueta de couro. Seus olhos eram

brilhantes e caminharam por todo o meu corpo.

— Você com isso novamente. — Sua voz era tensa. Qual era o problema com o meu moletom?

— Hum... sim, é confortável. Eu gosto. — Abri mais a porta para que ele pudesse entrar.

— Eu aposto que sim. — Seu tom era sério e seu cenho, franzido. O que foi?

— Você não gosta dele? — Perguntei sem entender.

— Não é isso...

Pisquei algumas vezes, olhando para baixo, e encaixei meus óculos no nariz.

Um gemido veio dele me fazendo olhá-lo.

— Qual é o problema?

— Por que está vestindo isso?

*Que raio de pergunta era essa?*

— Estou vestindo algo confortável, Dashier, você não gosta? Ótimo. O objetivo era justamente este.

— O-o quê? — Indagou, confuso, olhando novamente para o meu vestuário.

— Escolhi esta roupa por não ser revelador, não coloquei maquiagem nem nada porque queria que o dia de hoje fosse confortável, especialmente para você. Não quero que se sinta pressionado a... você sabe. — Murmurei, envergonhada.

Pensei que, usando aquelas roupas, não seria desconfortável para ele. Ficaríamos em casa, então, qual era o problema?

Os olhos de Dashier me olharam, e havia algo que eu não conseguia decifrar neles. Suas mãos me puxaram para perto, e em segundos sua boca estava na minha. Sedenta, faminta, entregue. Eu deixei que ele me tomasse

com toda a vontade que tinha. Suas mãos me levantaram e, de repente, minhas costas estavam batendo na parede, e eu estava sendo prensada lá.

Quando finalmente nos separamos, ofegantes, Dash perdeu o foco, parecendo ter ido rapidamente para outro lugar, olhando para o nada por alguns segundos antes de sorrir e prestar atenção em mim. Sem me soltar, ele levou sua mão e acariciou o meu rosto enquanto me olhava com... Eu não sabia o significado daquilo... admiração?

— Eu estou bem. — Sussurrou, como se estivesse falando sozinho. Até que sua voz ficou mais alta quando ele finalmente resolveu falar comigo. — Primeiro, Cupcake, eu realmente amo quando você se mostra empenhada no meu bem-estar. — Não preciso comentar o que a palavra amor fez dentro de mim quando ele a pronunciou. — Segundo, querida... Você é a coisinha mais sexy que eu já vi na minha vida. Você me deixou louco quando eu a conheci muito mais por causa deste moletom e dos seus óculos de nerd do que qualquer coisa espertinha que saiu da sua boca linda naquele dia. Depois, no meu apartamento, ontem... Deus, Quinn! Eu quase enlouqueci quando a vi nele novamente. Você não tem noção de quão louco você me deixa. — Suas mãos apertaram a minha cintura.

“Você é personificação da garota perfeita para mim. Se eu estivesse na faculdade, sendo eu mesmo e não o imbecil que eu era, com certeza você seria a minha namorada.”

— Oh? — Foi o que eu consegui dizer.

Sua voz rouca me revelando tudo aquilo estava me deixando quente, e Quinn quente não era bom para os homens. Eu os mastigava e cuspia apenas os seus ossos. Gostava de sexo, não escondia de ninguém e nem fazia o estilo recatada. Se eu queria, deixava claro, sem joguinhos. Mas com Dash eu tinha que manter a calma. Respeitar seu tempo e seus limites.

Dashier me soltou, rindo, e deixou que pisasse no chão novamente.



— É claro que você é linda arrumada e produzida, mas, Quinn? Você vestida assim traz o jovem Dashier de volta.

Isso era bom para ele? O jovem Dashier não era irresponsável e viciado?

Como se estivesse lendo minha mente, Dash suspirou e me puxou em direção ao sofá. Eu olhei rapidamente para os *brownies* em cima do balcão e voltei minha atenção para ele quando fui puxada para o seu colo.

— É muito gentil da sua parte se importar comigo e Hazel neste nível. Eu realmente aprecio, me enche de sentimentos...

— Isso que me preocupa, seus sentimentos. Se o jovem Dashier vem à tona quando me visto assim, então...

— Eu acredito que seja a parte boa do jovem Dashier, *baby*. — Eu ficava louca quando ele me chamava daquela forma. — Eu não posso dizer que você não traz vontades em mim, Quinn, você traz. Mas, por enquanto, e eu espero que continue, são apenas as melhores vontades. Quer saber quais são? — Seu tom mudou e era sedutor novamente, eu estava perto suficiente para sentir o seu calor, seu hálito e a malícia empregada em sua voz.

— Eu quero. — Eu me aproximei, beijando e mordendo seus lábios enquanto olhava em seus olhos.

— Tenho vontade de tocar, cheirar, beijar você, abraçar, acariciar, fo... Fazer amor com você.

Eu sabia que ele ia dizer foder.

Eu queria que ele fizesse isso. Fizesse amor comigo, é claro. Mas foder? Sim! Eu almejava, muito. E algo me dizia que ia ser transcendental a experiência.

— Eu sei que pedi para irmos devagar e deve ser difícil para você, mas preciso que você entenda...

— Você não tem que explicar novamente, eu sei que não sou eu. É

realmente você. — Ri com a brincadeira, o fazendo relaxar embaixo de mim.

— Obrigado. — Disse, beijando meu pescoço e me abraçando.

Então acomodou seu rosto em meu peito e soltou um longo suspiro, como se estivesse em pura satisfação. Eu o abracei e me deixei aproveitar aquela sensação, seus braços fortes, músculos e peito duros e lambíveis, completamente colados em meu corpo, e ainda assim aquele abraço era muito mais do que apenas carne, do que apenas corpos. Eu gostava da sensação e não queria que terminasse nunca. Era um daqueles momentos em que eu desejava que o tempo parasse.

Eu tinha certeza que teria mais momentos como aquele.

\*\*

Enquanto escolhíamos um filme, deitados em minha cama, Dashier sugeriu que assistíssemos a um seriado.

— Séries são longas, vai demorar dias para terminarmos. — Respondi, levando a colher ao nosso *brownie*, pegando um pedaço e o mergulhando no sorvete de baunilha. Quando olhei para Dashier, ele estava sorrindo com a sobrancelha levantada. Era exatamente isso que ele queria. Uma rotina comigo, queria que nos víssemos todos os dias. — Ok, eu acho que quero assistir algum seriado então.

Eu peguei meu telefone e conectei no Chromecast da televisão, discutimos sobre o que assistiríamos. Optamos por *The Following*. Ele gostava de Kevin Bacon, e eu, bem, eu venerava o cara desde *Footloose*.

Acontece que *The Following* era realmente bom, e a tensão que estávamos dividindo por estarmos tão próximos em minha cama acabou se dissipando, nos acomodamos confortavelmente e assistimos cinco episódios seguidos. Quando o quinto havia acabado, eu analisei com medo os segundos sendo contados na tela para o próximo capítulo começar. Ele diria que

precisava ir? Eu não queria que ele fosse.

— Eu preciso... — Ele começou, se levantando, e minha mão agarrou seu braço.

*Um pouco desesperado demais? Não me importava.*

— Não vá ainda... — Pedi.

*Ou simplesmente não vá e passe a noite comigo.* Queria dizer a ele, mas minha língua travou.

— Eu estava indo ao banheiro, *baby*. E eu vou ficar até você me expulsar. — Ele piscou e caminhou para longe de mim.

Como se eu fosse expulsá-lo.

Quando Dash voltou do banheiro, eu estava decidida a convidá-lo.

— Por que não passa a noite aqui? — Sua sobrancelha levantou, e um sorriso atravessou seu rosto. Eu me lembrava daquele sorriso, era o mesmo que eu recebera no Chipotle, quando eu quase havia me liquefeito na frente dele. — Para dormir, é claro.

— Não acha que é muito cedo?

*Ele estava brincando?*

— Não. Eu acho que devemos fazer o que queremos e o que nos deixa confortáveis para fazer. Se você não está bem com isso, tudo bem.

— Não é isso, eu só não quero que você se sintam...

— Eu sinto que quero estar com você, Dashier. E se você sente que quer estar comigo, não há motivo para questionarmos nada. Mas é claro que se você não se sentir confortável... preparado...

— Para estar perto de você, eu estou sempre preparado. — Ele disse, se ajoelhando na cama e engatinhando em minha direção. — E eu estou preparado para tentar algumas coisas, se estiver tudo bem para você também. Droga, eu me sinto um menino bobo falando essas coisas. É patético, realmente.

Deitei na cama e acariciei seu rosto, o puxando para mais perto.

— Não é patético. E eu estou pronta para o que você estiver.

Puxei-o para cima de mim, dando livre acesso a ele. Seus lábios tomaram os meus lentamente, seus olhos se fecharam, e só então eu fechei os meus. O corpo dele desceu gradualmente até que estivesse metade sobre o meu, suas mãos acariciaram meus cabelos e rosto enquanto nossas línguas dançavam e nossas bocas se encaixavam perfeitamente. Seu suspiro me dizia que ele estava tão extasiado quanto eu. Seus lábios desceram para o meu queixo e depois para o meu pescoço, o moletom não estava ajudando muito, não estava dando a liberdade necessária para que ele pudesse explorar a minha pele.

— Deixe-me tirar isso. — Ofereci.

Ele se ergueu e me colocou sentada para que eu tirasse a roupa. Revelei minha camiseta dos Ramones e logo a tirei também, ficando apenas com sutiã simples e branco que vestia. Dash olhou meus seios com fome e um pouco de insegurança, mas logo sua mão estava em mim, causando novas sensações em meu corpo, fazendo minha pele arrepiar com o toque dos seus dedos.

— Sua pele é tão macia. Delicada. Eu... Eu acho que nunca toquei ninguém tão bela assim.

Sorri para ele, me deitando novamente e o convidando para voltar a sua posição e explorar minha pele com a sua boca. Eu podia sentir minha carne tremendo entre minhas coxas, minha excitação refletia nos lugares mais inusitados. Aquilo nunca havia acontecido antes, eu sentia minha língua dormente e com um gosto diferente, como se tivesse comido algo muito doce, muito mais doce do que o brownie com sorvete, muito mais doce do que um cupcake. Os dedos dos meus pés se curvavam quase a ponto de doer, eu me sentia completamente excitada apenas com o simples toque dos seus dedos.

— Está tudo bem? — Ele perguntou, mas seus olhos não saíam dos meus seios, acumulados para cima devido a minha posição. Mordi meu lábio e sorri fechando os olhos.

— Mais do que bem. E você? — Retribui a pergunta.

— Eu estou perfeito, *Cupcake*. — Sua cabeça desceu e seus lábios tocaram a minha pele exposta, fazendo com que eu suspirasse e ele gemesse. O rastro seguiu até o meu pescoço, próximo de minha orelha. — Eu estou tão excitado... — Sussurrou antes de morder levemente a ponta dela.

— Deus! Não faça isso. Você vai me deixar louca. — Eu pedi, agarrando seus ombros e o trazendo mais perto. — Eu quero tanto você... — Dashier sorriu e levantou a cabeça, me beijando apaixonadamente.

— Eu quero você também, *baby*. Como eu quero, mas...

— Você não precisa se justificar, eu estou mais do que satisfeita em ir devagar. Agora venha, volte a me deixar louca. — A risada ficou presa em sua garganta, mas seus olhos eram tão amorosos quando me olhavam... Ele era tão simples mesmo dentro da sua complexidade...

Dashier Colt estava apenas quebrado. Mas, ao contrário de muitos, ele não estava negando seu conserto. Não estava evitando o meu querer.

Estava disposto a seguir comigo.

E eu o levaria. Para onde ele quisesse.

Da forma que ele pudesse.

\*\*

Pela manhã, quando acordei, percebi estar sozinha. Dashier tinha ido embora, mas o sorriso em meu rosto estava engessado. Se ele foi, era porque precisava ir.

Levantei e fui ao banheiro para um banho, precisava enfrentar o dia. Eu tinha um evento para orçar, uma ordem de serviço de um coquetel

importante para fazer e ainda uma equipe para designar neste evento. Eu estava chateada que teria que trabalhar no próximo sábado. Doty iria também, e disse que me cobriria se eu quisesse fugir assim que o evento começasse. Eu ainda nem havia contado a Dash que não teríamos um sábado naqueles dias que estaríamos longe de Hazel. Era ridículo eu ficar chateada por isso, mas eu estava agindo como uma adolescente apaixonada, então meu comportamento era explicável, ainda que não justificável. De repente, a porta do meu apartamento bateu, e eu entrei em pânico. Dashier havia deixado aberta? Ela trancava quando era batida por fora. Então, como...?

Saí rapidamente do banheiro e fui para a sala, dando de cara com um Dashier de terno cinza escuro, camisa preta e banho tomado.

— Ei. — Ele sorriu, colocando uma sacola de papel pardo em cima da bancada.

— Você voltou. — Afirmiei, maravilhada com sua beleza.

— Eu tinha que me aprontar para o trabalho, mas queria tomar café com você.

Eu corri para ele e o abracei. Deus! Ele cheirava tão bem...

*Tão, tão bom...*

— Bom dia, *baby*.

— Bom dia!

Sorri antes de beijá-lo.

## DEZESSEIS

Eu já havia tomado café naquela manhã, na Bakery, com Dashier. Sentamos na sessão do mezanino, um ao lado do outro, e tomamos café, comemos *muffins*. Não eram meus favoritos, mas eu sequer estava pensando quando fiz o pedido. E nos beijamos como adolescentes. Ele parecia relaxado, então pensei que era um bom momento para que eu falasse que no sábado não nos veríamos.

— Escuta, eu terei que trabalhar neste sábado. Um coquetel. Não costumo coordenar estes eventos, mas Cassandra quer que eu esteja lá para ajudar minha assistente, Doty. Ela vai começar a tocar eventos pequenos sozinha.

— Mesmo? Vou perder você no sábado? — Dash suspirou.

— Eu sei, mas é meu trabalho, você sabe.

— Eu sei. E entendo. Mas não estou exatamente exultante. — Ele sorriu, relaxado, apesar de suas palavras. — Que evento será?

— É um coquetel para uma revista nova que está sendo lançada, coisa simples, mas o cliente é exigente. Será no Seraphins.

— O restaurante? — O Seraphins era um restaurante de elite, situado no coração do Upper East Side.

— Sim, a parte superior foi fechada para este evento. Será um coquetel de apresentação, e, posteriormente, eles descerão para o jantar. Mas como estes eventos demoram, você sabe... eu chegarei tarde.

— Eu posso buscar você. — Disse, pegando minha mão e beijando os

nós dos meus dedos.

— Não é necessário. — Sorri feito boba, encarando o seu olhar sexy para mim.

— Sei que não. — Ele mordeu o nó do meu dedo médio e sorriu no processo. — Mas eu quero. — Abriu suas pernas e puxou minha cadeira para ele, me arrastando até que estivéssemos colados. Seus lábios encostaram nos meus, delicadamente, me fazendo gemer.

— Hum... Gosto de tomar café da manhã com você. — Sussurrei, deixando seus lábios pousarem sobre os meus e explorarem delicadamente, como se quase não se tocassem.

— Eu preferi o café da manhã na segunda-feira. Na sua casa. Temos mais liberdade lá, e certamente não tem seu padrinho em volta, me atirando adagas o tempo todo.

Dashier não tinha sido apresentado para Lowie formalmente, e ele contaria para meu pai, que ficaria muito chateado em saber que não seria o primeiro a conhecer meu namorado. Mas isso não significava que meu padrinho ou meu pai não soubessem que eu estava saindo com alguém, eles só estavam aguardando as formalidades.

Dash e eu também não estávamos fazendo questão de esconder nada. Nossas caras de bobos diziam tudo.

— Eu preciso ir. — Disse, me dando um último beijo e tirando a carteira do bolso do paletó. — Quero ver se pego a entrada de Hazel na escola para dar um beijo e saber como ele está.

— Hoje eu pago. — Dispensei a sua carteira, e ele assentiu, a guardando novamente. — Mande um beijo para ele por mim, por favor. Diga que estou com saudades.

— Eu direi.

\*\*



— Terra para Quinn. — Doty continuava segurando meu copo de café. — Você está aérea. A cara de boba me diz que desta vez é por uma boa causa.

Doty sorriu, me entregando um copo de café na manhã de quarta-feira. Seria bom para me manter acordada, uma vez que nos últimos dois dias eu havia dormido pouco.

— Desculpe. — Pedi, pegando o copo. — Estava pensando em Dashier.

— Obrigada por admitir. — Doty revirou os olhos.

— Não há motivos para esconder, mas vou me concentrar. Ao trabalho! — Bati palmas, tentando focar no trabalho e fazer com que ela prosseguisse com o dela.

Não muito tempo depois, meu telefone apitou, e me peguei esperançosa de que fosse ele. E era.

*“Pensando em você, mas isso você já sabia.”*

— Uou, garota! Diminua o sorriso, ou seu crânio vai rachar. — Doty sorriu para mim. — O namorado?

— Obviamente. — Sorri de volta para ela e voltei minha atenção para responder a mensagem: *“E eu pensando em você, mas isso você também já sabia”*

Logo sua resposta chegou.

*“Eu acho que sim, mas é bom ter a confirmação. O que faremos esta noite?”*

Em três dias, havíamos criado uma rotina nossa, uma que eu já adorava e ansiava.

*“The Following e amassos?”*, perguntei, ignorando a pergunta de Doty.

NACIONAIS-ACHERON

— Quinn? Responda!

— Desculpa. — Olhei para cima. — O que você precisa?

— Que você me dê alguma atenção aqui. Tenho duas solicitações que não tenho ideia do que fazer com elas. — Resmungou.

— Tudo bem, envie para o meu e-mail, que eu verei.

— Obrigada.

*“Minha casa ou sua casa?”*, Dashier enviou.

*“Não importa, embora a sua tenha um cinema no seu quarto”*, respondi, pensando em como seria rolar em sua cama enorme.

*“A sua tem seu cheiro.”*

Deus! Como pode ser tão... Ugh! Eu quero comê-lo.

*“Meu cheiro pode ser facilmente incorporado à sua cama”*, barganhei.

*“Fechado. Busco você no trabalho”*, respondeu em seguida, me fazendo rir. Mas então lembrei de um detalhe importante.

*“Roupas para trabalhar. Preciso.”*

*“Providenciaremos. Até breve.”*, respondeu depois de alguns minutos.

*Devo mandar um coração?*

*Porra, sim! Quero enviar um coração, então um coração será.*

“♥”

Enviei sem qualquer arrependimento, mas com receio de que ele se assustasse.

Logo recebi a resposta: “♥♥♥♥♥”

Sua resposta me fez saltar da cadeira e ficar de pé. Larguei meu telefone em cima da mesa e tentei puxar algumas respirações.

*Respire fundo. Profundamente, Quinn. Isso não quer dizer nada.*

*Corações são supérfluos e não valorizados hoje em dia.*

— Quinn? Está tudo bem? — Doty perguntou, se levantando.

— Dashier me enviou emojis.

— E?

— São corações. — Talvez a minha voz tenha saído engasgada.

— Puff... Corações são supérfluos e desvalorizados hoje em dia.

— Sim! Foi o que pensei. — Minha voz trazia aquele misto de alívio com mágoa. Eu não sabia o que sentir.

— Mas... — Ela continuou, me fazendo a observar.

— Mas?

— Não acho que seja o caso de Dashier. Acho que o cara realmente gosta de você, Quinn. Ele tem um monte de merda fedorenta para resolver e limpar? Claro! Mas o cara está se esforçando.

Doty novamente estava me dizendo as palavras certas.

— Você é como o meu Grilo Falante.

— Grilo falante? Prefiro ser a Fada Madrinha. — Brincou.

— Fada Madrinha com nome de Dorothea? Isso combina? — Debochei recebendo um olhar mal-humorado dela. Doty odiava ser chamada pelo seu nome inteiro, era o nome de sua avó, e ela não gostava muito.

— Muito engraçado. — Seu sorriso era cínico. — Me pergunto como Dashier vai reagir quando você descobrir o seu nome do meio.

— Cale a boca. — Eu ri, jogando minha bolinha de alongamento de mãos nela.

\*\*

Ele foi pontual na hora de me buscar. Jimmy sorriu e abriu a porta para mim. Eu entrei e encontrei um Dashier sentado relaxadamente em seu carro, sua gravata estava fora do corpo, jogada no banco, a camisa, aberta, e sua cabeça, encostada no banco. Seus olhos estavam fechados.

— Ei! — Cumprimentei levemente, me sentando ao seu lado. — Algo errado? — Beije seus lábios, e quando ele me olhou, vi que seus olhos estavam vermelhos.

— Dor de cabeça, muita. — Resmungou, me abraçando e trazendo meu corpo para o dele.

— Precisa descansar. Posso ficar em casa.

— Não. Eu tomarei um remédio em casa e logo passará.

— Tem certeza?

— Uhum. — Murmurou em resposta. — Como foi seu dia?

— Está melhor agora. — Murmurei, beijando o seu pescoço.

— Muito melhor. — Seu tom era sorridente. Continuei beijando e acariciando o seu rosto. — Podemos ir direto para o meu apartamento? Eu levo você para se vestir amanhã.

Eu pensei nos sapatos que eu usara o dia todo, eram botas confortáveis, mas certamente não eram agradáveis quando tiradas. Poucos sapatos me davam chulé, e eu escolhera um deles justamente naquele dia. Por mais que minha intimidade com meu namorado estivesse bastante avançada, coisas como chulé ou fazer o número dois de porta aberta eram inadmissíveis e sempre seriam. Não importava a quantidade de anos ou intimidade envolvida.

— Eu adoraria, mas realmente queria passar em casa. — Tentei pensar em algo para justificar. — Roupas limpas e tudo mais, e ainda tem algum *brownie* que, se não comermos, vai para o lixo. — Dash sorriu, provavelmente lembrando do porquê de não termos comido todos os *brownies* ainda. Desde domingo, nossas sessões de seriado acabavam virando amassos. O sorvete derretia, e o brownie ressecava, mas os beijos, as mãos, as línguas... nenhum perdia a graça ou o sabor.

— Tudo bem. — Ele suspirou.

— Podemos ficar em minha casa. — Ofereci novamente.

— Não! — Ele exclamou rapidamente. — Ouvi uma promessa sobre deixar um bom cheiro em meus lençóis, quero isso agora.

\*\*

Um banho, um pote de plástico com *brownies*, uma mochila para a noite e alguns quilômetros depois Dash estava apertando o código do seu andar no prédio. O sol estava se pondo. Quando entramos na cobertura, tudo estava apagado e silencioso.

— Dispensei Jimmy por hoje. Somos eu e você, *baby*. — Seus braços me apertaram, e um beijo foi depositado em meu pescoço, me fazendo suspirar. Era normal, como se estivéssemos juntos há tanto tempo...

Olhei em volta da enorme sala e vi um espaço vazio entre os sofás e a sala de jantar que havíamos almoçado quando fui visitá-los pela primeira vez. Era um bom espaço para um...

— Você não conhece a cobertura ainda não é? — Perguntou.

— Não. Você me mostra depois... Havia um piano ali? — Perguntei, apontando para o local. Era tão grande o espaço, que parecia ser perfeitamente reservado para o instrumento.

— Não, eu comprei este lugar alguns meses depois de voltar da reabilitação. Morei no loft de Andy por um tempo, pois não queria ficar com meus pais. Quando comprei, sequer cogitei um piano. De fato, eu sequer cogitei tocar novamente até o dia em que toquei para você. — Quando me soltou, pude me virar e olhar para ele. Seus olhos estavam tristes. — Eu nunca vou esquecer a forma como tratei você naquele dia. Nunca vou me desculpar suficientemente.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei com carinho.

— Deixei você nervoso, pessoas se descontrolam. Já falamos sobre

isso.

— Desculpe.

— Eu já esqueci. E desculpei. — Acaricieei seu rosto e sorri. — Mas acho um desperdício uma pessoa tão talentosa não tocar mais. E você tem um espaço perfeito para colocar o piano. — Sorri, apontando para o local novamente.

— E você me veria tocar? — Seu tom charmoso e sexy era baixo e provocava arrepios pelo meu corpo todo.

— Eu adoraria vê-lo tocar. — Respirei fundo, o abraçando e beijando seu queixo. Nossos corpos se esfregavam, e seu gemido foi quase dolorido.

— Está ficando difícil manter as coisas assim...

— Assim como?

— Inocentes. — Resmungou.

— Não haja como se o que estamos fazendo seja chato. Não é chato. — Briguei com ele, nos separando e olhando em seus olhos. — Eu não vejo nada de ruim ou errado no que estamos fazendo.

Dash sorriu, mas logo seu sorriso morreu.

— Eu realmente preciso daquele remédio. — Pegando a minha mão, ele andou até a cozinha e abriu a geladeira. — Quer algo para beber?

— Estou bem. — Ele serviu água em copo e abriu um dos armários na parte de cima, tirando uma caixa de plástico de dentro. Sentei, analisando suas ações enquanto me perguntava sobre os remédios. Ele era um viciado, logo deveria ser algo complicado para ele também.

— Você pode perguntar, Quinn. — Dash murmurou pouco antes de virar dois comprimidos de ibuprofeno na boca e logo beber a água, me olhando nos olhos.

— Como sabe?

— São anos lidando com pessoas tentando entender o meu vício e

buscando saber como agir ao meu redor. — Ele sorriu, abaixando o copo. Não parecia ofendido.

— Bem, como é para você lidar com medicamentos?

— Eu nunca precisei de nenhum medicamento forte depois que saí da reabilitação. Os remédios que tomo para dor de cabeça ou para alguma dor muscular são todos aprovados pelo meu médico, e os exercícios me ajudam a manter o corpo e a mente saudáveis.

— Isso me fez lembrar: você não tem feito academia nestes dias? — Perguntei, saltando da cadeira enquanto ele estendia a mão para eu segui-lo até seu quarto.

— Eu faço. No horário do almoço. Há uma academia próxima ao trabalho.

— Agora estou me sentindo uma preguiçosa. — Resmunguei.

— Seu trabalho é mais operacional do que o meu, você se cansa mais. — Era fofo que ele estivesse tentando justificar a minha preguiça sem fim.

— Obrigada, mas eu sou preguiçosa e preciso fazer algo. Não tenho problemas com alguns quilos a mais, mas minha saúde precisa ser cuidada. — Suspirei.

— Acho incrível essa sua autoestima, sua consciência de si mesma. — Seu tom trazia admiração. Eu sorri quando chegamos ao seu quarto, e ele acendeu a luz. Dash me beijou rapidamente. — Eu vou tomar um banho rápido. Fique à vontade para subir e olhar o terraço, se quiser.

Mordi meu lábio, segurando as palavras. Eu queria me oferecer para ir com ele e teria feito isso se somente a minha vontade estivesse valendo naquele momento, mas ele poderia ficar desconfortável.

Quando ele sumiu no corredor, fui até as escadas que davam para o terraço e subi de dois em dois os degraus. Quando abri a porta, dei de cara com um curto corredor. Com mais alguns passos, encontrei a academia. Suas

paredes eram todas de vidro, parecia um aquário, com aparelhos aeróbicos e de musculação, todos novos e de última geração. Seu saco de boxe parecia ser a coisa mais velha ali dentro. Passei pela academia e, ao lado dela, vi uma sauna seca que dava quase na grande piscina, que parecia infinita. Dava a sensação de que se nadasse nela, eu poderia cair do prédio. Era realmente lindo. Os futtons e sofás delicados, em tons diferentes de vermelho, davam um ar arrojado ao local.

Andei mais alguns minutos pelo terraço, analisando o ambiente, e logo descí, indo direto para o quarto de Dashier. Entrei e me acomodei na beirada de sua cama, olhando o quarto em volta. Era elegante, grande e simples, como Dashier. Exceto pela monstruosidade da televisão, que eu já conhecia. O espelho do tamanho de uma parede era de correr e dividia o quarto do closet e do banheiro.

Era realmente difícil resistir ao dinheiro quando ele proporcionava coisas tão legais. Eu não era ligada a muitas futilidades, meus pais ganhavam um bom dinheiro com a Bakery e me proporcionaram uma boa vida, mas luxo não era a nossa escolha, tanto que meu apartamento foi comprado em um bairro mais simples. Nós desfrutávamos de boas coisas, sim, mas nada como Dashier.

Eu me aproximei do espelho enorme para me analisar enquanto passava o tempo. Eu havia tomado um banho rápido em minha casa, tirei a maquiagem e coloquei roupas confortáveis. *Leggings* e um suéter. O moletom da Columbia tinha de ser lavado, afinal de contas. Minha maquiagem era praticamente inexistente, rímel apenas. E as lentes de contato estavam há muito tempo longe. Dashier gostava de mim de óculos, e eu gostava da forma fofa a qual ele reagia sempre que acariciava meu rosto e arrumava meus óculos, os empurrando para que não ficasse no meio do meu nariz. Meus cabelos estavam soltos, eu havia lavado e secado rapidamente,



logo não estavam bem modelados, eu só estava sendo eu mesma. Quinn. Aquela que naquele momento tinha um novo, lindo e quente namorado.

O espelho se moveu, correndo para a esquerda, e um Dashier sem camisa, com apenas uma calça de pijama e uma toalha em volta de seu pescoço apareceu para mim. Sobressaltado quando me viu logo atrás do espelho, disse: — Aí está você. — Ele sorriu, segurando as pontas da toalha em volta do seu pescoço, seu peito grande e másculo tensionou com a ação, assim como seus braços, me fazendo salivar como um cão em frente a uma churrasqueira. Eu precisava me controlar. — Quinn? — Seu tom era brincalhão quando me chamou atenção.

— Eu estava me olhando no espelho... — Ele levantou ainda mais sua sobrancelha. — Sim, agora eu estava checando você descaradamente, você também não está jogando limpo, Dashier. — Novamente meus olhos dançaram pelo seu peito e barriga. Puta que pariu. Eu queria muito lambê-lo como um picolé.

*Cacete!*

Dei um passo para trás e desviei meus olhos para qualquer outro lugar, o fazendo rir.

— Desculpe, eu vou colocar uma camisa.

— Não! — Fui rápida em protestar. — Eu gostaria de... hum... abraçar você assim. Tudo bem?

— Tudo bem, Cupcake.

Dashier caminhou até a cabeceira da cama e pegou o controle remoto, e alguns botões depois, os acordes da guitarra de *Dosed*, do Red Hot Chili Peppers começou a preencher o ambiente. Eu amava aquela música, e ela era um tanto parecida conosco. Principalmente com ele.

Seu braço se esticou e seus dedos se flexionaram, me chamando e desejando que eu me aproximasse. Eu andei até ele, e nos sentamos um de

frente para o outro em sua cama. Sua mão tirou meus óculos e logo voltou ao meu rosto, me acariciando.

— Você é linda... tão linda... — Ele parecia impressionado comigo, como se estivesse vendo a coisa mais linda do mundo. — Você tira o meu ar em qualquer momento. Qualquer ocasião, Quinn. Eu perco o ar quando você está vestida com um moletom barato de universidade, quando está vestida para trabalhar, quando você está conversando, tomando café da manhã ou jogando videogame com o meu filho. Você me deixou absolutamente sem fôlego quando usou aquele vestido no baile.

Seu olhar ficou triste, e ele prosseguiu: — E eu não consegui respirar quando você foi embora naquela noite. Pensei que nunca mais teria a chance de ter você. E depois, quando recebi as flores mais... Deus! Foram fofas! E inusitadas, as mais inusitadas que vi em minha vida. E aí eu novamente não pude encontrar ar. — Seu sorriso cresceu e seu rosto se aproximou. Seu olhar caiu sobre meus olhos, e ele complementou: — Você constantemente me tira o ar. Constantemente. — Ele deu ênfase a última palavra antes de me beijar com carinho. Seu beijo era doce. Todo ele era doce.

Dashier, em todo o seu tamanho, corpo forte e rosto sério, era um menino. Um menino doce e sensível. Ele perdera tanto para as drogas, que fases da sua vida, as fases que ele deveria ter vivido intensamente, foram esquecidas. Eu daria isso a ele. Estava disposta a ajudá-lo.

— Dash? — Minha voz embargou quando eu tentei falar.

— Hum?

Eu queria dizer a ele que estava apaixonada. Eu queria. Muito. Mas algo travou, algo me disse que ainda não era o momento, e eu não queria que ele se assustasse. Eu não estava acostumada a sentir medo dos meus sentimentos, não estava mais acostumada a me reservar para preservar alguém.

— Deixe-me provar você. — Eu pedi, empurrando levemente seus ombros para que ele deitasse.

— Eu não sei, Quinn... — Respondeu, parecendo vulnerável. — Estar assim com você... Eu tenho medo de que possa me levar a lugares escuros.

— Confie em mim. — Eu pedi, e ele relaxou imediatamente, como se minha voz fosse um comando, ou apenas um calmante. Ele deitou, relaxado, e eu me ajoelhei ao seu lado na cama. — Feche os olhos. — Pedi, tirando meu suéter e ficando apenas com uma blusa segunda pele fininha preta que estava por baixo. — Tente relaxar. Eu não pretendo ultrapassar nenhum limite, mas se eu acabar ultrapassando, apenas me diga. Tudo bem?

— Eu me sinto tão...

— Não diga nada para se depreciar, Dashier. Se fosse o contrário, sei que teria a mesma consideração por mim.

— Como tem tanta certeza? — Seus olhos se mantiveram fechados, mas tremularam com a pergunta.

— Eu simplesmente tenho fé e confio em você, *baby*. Eu confio em você. Talvez seja mais. — Seu corpo ficou tenso com minhas palavras. — Mas ainda não é hora de falar sobre isso. Apenas tente relaxar. Eu confio em você, confie em mim também.

Minhas mãos, trêmulas, pairaram sobre o seu tronco, a milímetros de distância de seu corpo, e ele sentiu apenas sua temperatura. Somente o calor de minha pele o fez suspirar. Os pelos em seus braços se arrepiaram, e sua testa franziu minimamente antes dos meus dedos levemente o tocarem. Alisei primeiro, delicadamente, a sua barriga, e os músculos belamente esculpidos foram desenhados um por um com meus dedos. Os pelos que faziam o caminho para dentro da sua calça incrivelmente sexy, encostei levemente neles também.

Subi minhas mãos e contornei seu peito da mesma forma. Quando eu

o tive completamente relaxado, desci meu rosto e beijei o local exato do seu coração. Esperei um pouco para ver sua reação, se ele diria algo, se me empurraria, mas suas mãos subiram e acariciaram meus cabelos, me dizendo que ele estava pronto para as sensações que eu estava disposta a dar a ele naquele momento. Ele estava pronto para pegá-las, aceitá-las e senti-las.

Então minha língua delicadamente passou em sua pele. O ar saiu pelos seus dentes, e suas mãos apertaram meus cabelos um pouco mais forte.

— Quinn? — Seu tom era baixo e rouco.

— Hum? — Perguntei sem tirar meus lábios do seu peito.

— Não pare, *baby*.

Sorri em seu peito, projetei minha língua e o lambi com mais força, o fazendo se contorcer embaixo de mim. Subi em cima dele, deixando nossos centros encostados, separados apenas por nossas roupas. Era suficiente por ora. Movimentei-me para frente e para trás, sentindo a sua dureza roçando contra a minha umidade, e gemi. As mãos de Dashier foram para os meus quadris e os forçou a mexerem novamente enquanto fazíamos os movimentos para frente e para trás, para cima e para baixo. Gememos, e meus lábios e mãos não pararam de explorar seu peito perfeito e tonificado. Eu provei o gosto de sua pele, chupei seus mamilos sensíveis e gozei com um gemido alto quando nosso contato chegou ao fim. O ar estava quente e pesado quando finalmente levantei minha cabeça para fixar seus olhos. Estavam brilhantes, e o sorriso satisfeito em seus lábios.

— Tudo bem? — Perguntei.

— Tudo bem. — Ele sorriu, e eu fiquei tranquila. Não vi qualquer escuridão ou aflição em seus olhos. Ele estava bem e satisfeito. — Eu só acho que preciso de outro banho.

— É? — Foi minha sobrancelha quem levantou daquela vez. Eu ri enquanto saía de cima dele.

— Sim! Ria do adolescente de quinze anos aqui. Você... hum... precisa de um banho?

Meu rosto com certeza corou, eu o senti quente.

— Eu acho que preciso.

— Você, hum... quer vir comigo?

— Teria algum problema? — Perguntei, me levantando da cama.

— Em ver você nua? — Ele riu, me puxando para ele. — Só de gozar novamente, *baby*.

Seus lábios famintos tomaram os meus em um beijo quase violento, mordendo e chupando minha boca. Seus braços fortes me ergueram, e minhas pernas rodearam seu tronco enquanto andávamos para o banheiro de Dashier.

Ele estava cada vez mais solto e leve comigo. E se as preliminares eram daquele jeito, eu mal podia esperar pelo sexo completo.

## DEZESSETE

— Jeniffer, Dalia, Phil, Connor e Marcus ficarão servindo as bebidas. Josh, Lucas, Harry, Tammy e Lola, nos petiscos. Rafael e Dan, na limpeza. Qualquer coisa, falem com a Doty, ela estará com um dos rádios. Eu ficarei com o outro, mas estarei em contato com a segurança e o manobrista, então centralizem nela. Nós não devemos sair tarde. Assim que os convidados descerem para o jantar no restaurante, o Seraphins assumirá o atendimento e poderemos ir.

Todos assentiram com as minhas coordenadas, eu dei mais uma olhada em toda equipe, verificando seus uniformes, cabelos e maquiagem feitos nas meninas e barba aparada nos rapazes. O uniforme preto e o avental com a logomarca da Class estavam alinhados, e todos pareciam prontos para trabalhar. Eu bati palmas duas vezes, liberando a equipe, e puxei Doty comigo. Entreguei a prancheta na sua mão antes de falar: — Respire, garota! Você conhece o evento, fez a ordem de serviço. Não tem o que temer. Será fácil, e a noite passará rapidamente.

Ela assentiu, e começamos a trabalhar.

Enquanto o coquetel acontecia, todos se moviam com harmonia e trabalhavam com eficiência. Eu parei no canto do salão do mezanino e analisei o movimento por inteiro. Não demorou muito para eu entrar em transe, lembrando da noite que eu e Dashier tivemos juntos. Nas seguintes, demos um tempo para que não atropelássemos nada em nossa relação. Aquele banho nos levou a coisas realmente íntimas.

Quando chegamos ao banheiro, Dashier trocou o seu peso entre seus pés, visivelmente sem graça. Era fofo e desnecessário, havíamos acabado de gozar em nossas roupas enquanto eu o lambia e chupava como se fosse um sorvete. Eu tirei minhas roupas como se não fosse grande coisa, e quando

todas estavam no chão, Dashier se transformou em outra pessoa. Seu olhar bateu em meus seios e imediatamente sua boca pareceu soltar o ar como se ele estivesse trancado por um tempo.

— Deus, você é tão, tão linda... — Suas palavras eram rápidas e cheias de urgência quando se aproximou e puxou o meu corpo para perto do dele. Abraçamo-nos, colando pele com pele, calor com calor, arrepios com arrepios. Tudo junto. Encaixando nossos corpos como se finalmente estivéssemos encontrando nosso lugar no mundo. Foi apavorante, principalmente, mas também foi gentil.

Foi belo.

Carinho puro.

Em seguida, nos separamos, e Dashier entrou no boxe, me puxando com ele. Assim que abaixou a alavanca que ligava seu chuveiro ridiculamente enorme com oito saídas de água, o vapor começou a levantar imediatamente, deixando o vidro embaçado. Eu escrevi com o meu indicador a palavra “Oi” para ele, que sorriu e também me cumprimentou. Em volta do seu “Ei”, ele desenhou um coração.

*De novo?* eu pensei.

Mesmo que eu refletisse racionalmente sobre isso, a verdade estava ali. Não havia como negar. Eu apenas não estava externalizando porque não o queria desconfortável.

Mas a verdade era exatamente aquela.

Estava apaixonada por Dashier Colt. Em um nível tão alto, que eu me via fazendo coisas como piqueniques no parque. Eu me via cozinhando para ele e seu lindo menino, que nunca seria meu. Ele tinha uma mãe que, embora fosse um assunto proibido, estava em algum lugar. Ela existia. Mesmo assim, eu não consegui parar de me imaginar ao lado deles, como se fôssemos uma família. Eu não parei de desejar isso mesmo sabendo que havia uma

possibilidade de nada daquilo dar certo.

Olhei para Dash e suspirei antes de voltar para o vidro e desenhar um ponto de interrogação. Dashier me abraçou por trás, colando nossos corpos molhados. Senti sua ereção em minhas costas e estremei, me lembrando de que precisava olhar muito para o seu corpo. Eu queria ver cada centímetro dele. Ele esticou seu braço e, sem dizer nada, novamente desenhou um coração, desta vez em volta da minha interrogação. Eu me virei para ele, e seus olhos queimavam nos meus. Ele sorriu e assentiu, mas ele não falaria em voz alta. Não estava preparado ainda.

Não precisava.

Eu sorri para ele também e dei um passo para trás, olhando todo o seu corpo, a água escorrendo pelo seu peito, barriga, seu membro duro, suas coxas, joelhos... Deus! Seus pés e mãos eram tão belos quanto o restante de seu corpo.

Quando meu olhar voltou para o seu, Dash fazia o mesmo comigo. Com admiração, ele via a água escorrer pelos meus cabelos, rosto, seios, barriga, meu centro e todo o resto. Eu me aproximei e coloquei minha mão direita em seu peito, circulando em volta dele. Então deixei minha mão deslizar pelo seu peito, descer por sua barriga e contornar seu corpo até que chegasse em suas costas. Desci a direita e deixei a esquerda subir, alisando suas nádegas, realmente apreciando sua bunda máscula, malhada e rígida. Eu acariciei como se fosse algo precioso e beijei suas costas largas. Algumas manchinhas de antigas espinhas continuavam lá, assim como em seu rosto coberto pela barba, e eu achava tudo muito belo. Fazia dele um homem real por baixo do terno e de sua carranca séria do dia a dia.

Abracei Dashier, arrastei meus seios por suas costas enquanto acariciava sua barriga com minhas mãos e descí até que encontrei seu comprimento. Dashier jogou a cabeça para trás, mas o barulho da água não



me permitiu ouvir seu gemido. Eu apenas consegui senti-lo. Acariciei seu pênis e deixei minhas mãos se familiarizarem com ele. Para cima e para baixo, com todos os meus dedos, com minhas duas mãos. Depois de algum tempo, eu contornei seu corpo novamente e fiquei de frente para ele. Sorri, pegando cada uma das suas mãos e não tirei os olhos dos dele enquanto trazia suas palmas grandes para os meus seios. Seus olhos se fecharam por um momento, e seus lábios se moveram, jogando um pouco da água que caía sobre eles para fora. Os olhos dele se abriram novamente, e ele sorriu para mim.

Nenhuma escuridão novamente.

Nós estávamos bem.

Então foi a vez de ele começar a sua exploração. Não houve orgasmo, mas houve satisfação mútua e conhecimento. E isso era tão bom quanto.

\*\*

— Quinn? Quinn! — Doty me cutucou, fazendo com que eu voltasse de minhas lembranças.

— O que há?

— Dashier está aqui. — Ela sorriu, apontando para ele na parte de baixo do restaurante.

— O que ele está fazendo aqui? Como sabe que é ele? — Perguntei enquanto observava Dash conversando com um homem. Logo ele olhou para cima, procurando por mim. Quando me avistou, sorriu largamente e cutucou o homem para que me visse também. Era Andy. Eu sorri, me segurando no parapeito e maneando minha cabeça em negação. O que ele estava fazendo ali?

— Um dos garçons lá de baixo veio me trazer o recado de que ele estava aqui para vê-la. Pensou que eu fosse você. Quem dera. — Doty riu. —

Garota, ele é gostoso. Muito.

— Ele é, Doty... — Suspirei, sem ter mais o que dizer.

— Você o ama, não é?

— E ele também me ama. Só estamos com medo de dizer, mas, Doty, é forte. Muito forte.

\*\*

Quando o coquetel acabou e todos desceram, Dashier e Andy subiram. Eu sorri para ele quando se aproximou de mim e de Doty.

— Ei. O que faz aqui? — Perguntei quando beijou meu rosto.

— Vim buscar você para sairmos. Andreas tem algo que quer nos mostrar.

— Quinn! Bom ver você, garota, estive no escritório e não foi me ver. — Ele cobrou com o seu sorriso galanteador.

— Isso porque ela não é sua namorada, amigo. — Dashier riu, batendo no ombro do amigo de forma descontraída.

— É um prazer revê-lo, Andy. Esta é Doty, minha assistente e amiga. Doty, conheça Dashier e Andreas. — Doty os cumprimentou e sorriu educadamente e profissionalmente para os intrusos. Andy a olhou por um pouco mais de tempo, a checando. Eu podia entender o porquê. Doty era linda. Sua pele reluzente, parecendo ter sido *photoshopada*, e seus cabelos perfeitamente cacheados caíam em uma montanha leonina. Ela era graciosa e sexy ao mesmo tempo. — Então, sair?

Dashier olhou para Andy e Doty e levantou a sobrancelha.

— Hum... sim. Há um clube que Andreas está querendo investir, e ele nos convidou para ir conferir com ele. Dizem que sábado é dia de maior movimento.

— Você está convidada também, Doty. — Andy sorriu para a minha

assistente como se quisesse tirar a sua calcinha ali mesmo.

— Eu... — Ela me olhou, preocupada. — Não sei... — Seu olhar para Andy era cauteloso. Talvez ela estivesse se sentindo desconfortável por parecer um encontro duplo, mas fiz questão fazer com que relaxasse.

— Sim, você sabe. — Eu ri. — Vamos nos divertir, garota. Mas rapazes, sairemos apenas daqui a mais uma hora. E não estamos exatamente vestidas. Olhei para nossos vestidos de trabalho e saltos confortáveis.

— Você está maravilhosa, *baby*. — Dashier sorriu para mim.

— Você também, querida. — Andreas piscou para Doty, que perdeu um pouco do ar.

— Ok, Romeu e Casanova, vão pegar algo para beber e nos aguardem. — Eu pisquei e sorri para os dois homens, que se afastaram.

— Oh, meu Deus! — Doty exclamou baixinho para que apenas eu ouvisse.

— Alguém se dará bem esta noite. — Cutuquei minha colega.

— Hum... Não sei. Ele parece ser um homem que quer ação na primeira noite. — Ela sussurrou, revirando os olhos.

— E qual é o problema, você não dormiria com ele na primeira noite?

— Sim, mas o que ele pensaria de mim?

— Doty! — Bufei. — Corta essa. Quem dá a mínima para o que ele vai pensar? Se você quer, faça. Não permita ser agredida de nenhuma forma, nem por machismos, nem pelos seus próprios preconceitos. Se você quiser, faça. — Pisquei para ela, e ela sorriu, assentindo. — Honestamente, Dorothea! Onde está a garota que me deu todos os conselhos de não deixar meu homem escapar? Você é daquelas que tem a solução para o problema dos outros, mas não para os seus? — Bufei. — Você vai e vai aproveitar.

— Não me chame de Dorothea! — Foi a sua resposta me fazendo rir.

\*\*

Andy foi no carro dele, enquanto Doty, eu e Dash fomos com Jimmy. O clube se chamava Invictus e ficava, logicamente, na Upper East. Era de alto padrão e, segundo Dashier, tinha uma ala VIP gigantesca.

— Andy disse que gostaria de expandir seus investimentos. Ele e meu pai tem conversado muito, já que ele cuida tanto dos meus investimentos quanto dos de Andreas. Ele foi à boate na semana passada e, desde então, não para de falar sobre isso. — Meu namorado explicou, acariciando minha mão. Doty nos olhava com um sorriso bobo nos lábios.

— Você tem notícias de Haze? — Perguntei.

— Falei com ele logo após você ter partido esta manhã. Ele está bem, disse que está se divertindo com Bernard e Leslie. Pedi para ficar um pouco mais. — Seu tom era triste. — Acho que Bernard conseguiu o comprar de alguma forma.

Fiz a pergunta na hora errada, Dash não estava a fim de falar sobre como os pais de sua ex estavam se divertindo com seu filho.

— Ele é uma criança, *baby*. Ele gosta de ser mimado. Você o deixou ficar?

— Eu não tinha outra alternativa, e ele parecia tão animado... — Pelo seu tom, eu sabia que ele estava chateado, então resolvi mudar o assunto.

— Você vai dançar comigo, hoje?

— Eu não danço, Cupcake. — Sua resposta foi tão rápida, que parecia que ele estava pronto para a minha pergunta.

Fiquei quieta e esperei até que estivéssemos fora do carro e em frente ao clube para lhe dar uma resposta.

— Eu posso fazer você dançar, amor. — Sussurrei para ele. Seus olhos se arregalaram minimamente quando ouviu eu o chamar de amor, mas um doce sorriso de menino se fez em seus lábios, e novamente eu soube que tudo estava bem.

\*\*

*The Greatest*, da Sia, tocava na boate enorme de dois andares. Eu caminhei pela multidão, seguindo Andy, enquanto Doty me seguia e Dash ia logo atrás. Andy encontrou um local confortável para nós, como se fosse um camarote, mas não parecia ser VIP, e logo uma garçonete apareceu para anotar nossos drinques. Dashier pediu uma Coca-Cola.

— Você pode beber, se quiser.

Eu não sentia a mínima vontade de beber uma gota de álcool desde que começamos a ficar juntos.

— E não beijar você, querido? Estamos em uma boate, eu quero dançar e beijar você, *Danish*.

— Eu ainda beijaria você, *baby*. — Ele disse em meu ouvido.

— Eu não preciso de álcool. — Virei para a garçonete. — Água para mim, obrigada.

Andy fez seu pedido e, ao que parecia, estava pedindo para Doty também. Ele e Dashier conversavam, sentados lado a lado, enquanto eu olhava a estrutura do local. Era boa. Muito. Apostei que grandes eventos ocorressem ali. Doty balançava seus ombros enquanto mexia em seu telefone.

*Closer*, de The Chainsmokers, começou a tocar, e eu não pude evitar, me levantei e puxei Dashier.

— Essa é a hora em que eu vou te fazer dançar. Com licença, pessoal. — Eu gritei, levando ele comigo. Antes que pudéssemos sair da cabine, ele tirou o blazer e abriu o terceiro botão de sua camisa. Eu sorri, erguendo minha sobrancelha para ele. Andamos pela multidão, e assim que tínhamos algum espaço, me virei para ele e o puxei para perto.

Comecei a me balançar, olhando para ele, que levou as mãos em meus quadris e balançou comigo no ritmo eletrônico da música. Estreitei meus olhos quando percebi algo: ele sabia dançar, sim.

— Você sabe dançar. — Eu disse alto.

— Eu disse que não dançava, não que não sabia.

Suas mãos fortes me viraram, fazendo com que eu ficasse de costas para ele. De repente, rebolávamos juntos. Meus braços subiram e entrelacei meus dedos em seu pescoço. Fechei meus olhos e puxei seu rosto para o meu. Ali, de costas para ele, beijando-o e rebolando, senti toda a sua excitação, o que me deixou completamente excitada também. Ele era tudo. O menino e o homem. O sensível e o sedutor. O bom e o mau. Ele era incomum.

Eu estava caída demais por ele.

— Se eu quiser subir com você para a ala VIP, você viria comigo? — Sua voz em meu ouvido era um misto de tesão puro com nervosismo.

Ele queria transar lá? *Será?*

— Claro! — Disse, com firmeza.

— Não se sentirá barata ou ofendida?

Que raio de pergunta era aquela?

Ele não me fazia sentir barata. Ele me dava opções. Eu tinha opções, eu dava as cartas e fazia o que eu queria. Isso não mudaria simplesmente por ele querer algo a mais de mim naquele momento. Apenas neguei com a cabeça para que ele soubesse que eu estava disposta.

Dashier me puxou pela mão e fomos até a cabine onde Andy e Doty estavam conversando muito mais próximos do que pessoas que haviam acabado de se conhecer conversariam. Dashier se aproximou e falou algo no ouvido de Andy. Seu amigo assentiu e tirou um cartão do bolso, entregando a Dashier. Ele pegou seu blazer e andou, me puxando junto com ele pelas escadas.

Nós subimos, ouvindo a música retumbar por todo o espaço enquanto pessoas dançavam amontoadas. Quando chegamos na sala, percebi que era grande, e a mesma música tocava, porém em um volume mais baixo.

— Andy tinha pedido para reservar a área VIP aqui em cima para analisarmos melhor o movimento, mas ele acabou se empolgando com festa e com Doty, então eu pensei em irmos para cá para aproveitar.

Olhei em volta e apenas avistei um sofá e uma mesa.

— Quer algo para beber? Chamo o garçom pelo interfone.

— Não. — Eu me aproximei e coleí meu corpo no dele. — Quero que você faça comigo exatamente o que está passando na sua mente.

Seus olhos se apertaram, e um sorriso travesso dançou em seus lábios.

Dash me beijou e seguiu explorando minha boca com sua língua enquanto caminhava e me empurrava para trás até que eu quase deitasse de costas no sofá. Ele pegou seu blazer e estendeu no assento e depois voltou a me beijar, me deitando sobre ele.

— Eu quero fazer você se sentir bem, *amor*. — Ele sussurrou, usando as minhas palavras para mim com seus lindos olhos verdes brilhantes.

Tirando minha meia-calça e minha calcinha, ele se colocou entre minhas pernas e as abriu, apoiando uma no encosto do sofá e a outra no chão. Mais um beijo profundo e intenso, e então ele desceu. Sua língua descendo em meu centro sem cerimônia e sem parar. Meu corpo todo se curvou, e um gemido alto saiu dos meus lábios quando senti sua língua me lambe de um ponto ao outro por toda a extensão do meu núcleo.

*Merda. Ele era bom. Tão bom.*

— Deus, Dashier!

Gemi enquanto sentia sua língua hábil brincar com minha boceta. Ele a chupava sem reservas, sem qualquer restrição. Sua língua era forte e dura e abrangia todo o meu ponto sensível. Eu ia explodir.

— Sim, *baby*. Sim! — Gritei mais alto quando meu orgasmo veio. Minhas pernas tremeram e novamente aquela sensação agri-doce em minha língua veio.

Foi delicioso.

Quando Dashier subiu novamente e me beijou, me fazendo provar o meu próprio gosto, eu soltei: — Mal posso esperar para ter você dentro de mim.

— Eu mal posso esperar também.

— Podemos arrumar isso agora. — Sorri, deslizando minhas mãos em sua bunda.

— Não aqui, *baby*. — Ele me beijou delicadamente. — Quando eu estiver dentro de você, será como você merece.

Seu sorriso era enorme e brilhante.



## DEZOITO

Nós nos recompomos e saímos da sala VIP quando estávamos devidamente arrumados. Dash segurou minha mão e me puxou com ele enquanto atravessávamos a multidão de volta para o camarote onde Doty e Andy estavam. Pelo que pudemos notar, eles estavam quase subindo para a sala VIP também. Eles estavam perdidos um no outro, pernas, bocas e até gemidos, eu tinha certeza, estavam misturados naquele momento. Dash sorriu e me olhou com diversão. Eu retribuí e olhei para nossos amigos.

— Você quer dançar mais um pouco ou podemos ir para casa?

— Casa! — Eu disse, sem perceber como era íntima a sua pergunta. Casa. Onde era a casa? Ele estava falando da minha ou da sua?

— Eu vou avisá-los. Talvez Doty queira vir conosco. — Ele disse em meu ouvido e beijou meu pescoço antes de ir falar com Andy. Eu sorri com a familiaridade que estávamos construindo um com o outro. Parecia que eu o conhecia por anos e, ao mesmo tempo, faltava saber muito ainda sobre ele.

Ele se curvou falando com Andy e Doty, eles sorriram, e Dash se despediu. Antes que ele voltasse para mim, minha amiga me olhou com um sorriso perverso e provavelmente muito bêbado e puxou Dashier para ela. Em seu ouvido, ela disse algo que o fez franzir seu cenho e depois olhar para mim com diversão.

O que ela havia dito a ele?

Ele se aproximou e beijou meus lábios.

— Vamos? Minha ou sua?

— Você escolhe.

— Sua.

Fiquei satisfeita ao ouvir sua escolha e assenti. Ele gostava da minha casa, embora a sua fosse muito boa também.

— Podemos pegar uma água antes de irmos? Estou com a garganta seca. — Gritei próxima a ele enquanto andávamos.

Dash olhou para trás e assentiu, já caminhando em direção ao bar. Nós paramos lado a lado no balcão, e ele pediu duas garrafas de água.

— Quinn? — Uma voz masculina me chamou, fazendo com que eu virasse na hora.

— Kevin, Ei! — Eu o cumprimentei, sem graça. Ele parecia feliz ao me ver, empolgado, e a presença de Dashier parecia ter sido ignorada. Kevin e eu nunca tivemos nada sério, mas ele parecia ter dificuldade em entender isso.

Dash segurava as duas águas em suas mãos e olhava para Kevin com a aparência neutra. Ele não parecia irritado, tenso ou bravo, simplesmente estava ali, aguardando o que viesse em seguida.

Kev fez questão de me abraçar e, quando me soltou, continuou com os braços em meus ombros.

— Você não ligou ou mesmo chamou para trabalho extra. Esqueceu de mim?

— Estamos sem grandes demandas, Kev. Deixe-me apresentar meu namorado, Dashier. — Virei-me de lado, dando espaço para Dash se aproximar antes de continuar. — *Baby*, este é Kevin. Trabalhamos juntos às vezes.

— Como vai, Kevin? — Dashier cumprimentou educadamente.

— Ei, Daniel. — Kevin devolveu o cumprimento com o velho truque do “não sei seu nome e não me importo”, mas eu quase ri.

— É Dashier, mas não tem problema. — Sorriu, apertando a sua mão.

— Bem, nós estávamos de saída, foi bom vê-lo, Kev. — Olhei para Dashier, que parecia estar se divertindo com a tentativa patética de Kevin em incomodar. — Vamos.

— Claro.

— Foi um prazer te conhecer D...? — Kevin novamente quis bancar o engraçadinho. — Desculpe, não consigo lembrar.

— Não importa. Meu nome não deveria ser relevante para você de qualquer forma. — O sorriso dele era tranquilo enquanto falava. — O seu não é para mim.

O braço de Dashier apertou meus ombros e me puxou para andarmos para longe. Quando finalmente nos desvencilhamos das pessoas e chegamos na rua, eu gargalhei.

— Oh, meu Deus! O que foi aquilo? — Eu gritei, ainda rindo. Dashier ficou me olhando sem entender enquanto equilibrava as águas em sua mão direita e pegava o telefone com a outra.

— O que foi? — Dashier ria da minha reação, mas não parecia entender o que eu estava dizendo. — Jimmy? Estamos prontos. — Ele disse ao telefone e desligou rapidamente. Quase imediatamente, eu vi os faróis do Mercedes de Dash acenderem, e o carro começou a se movimentar em direção a porta do clube.

— Você! O que você fez com Kevin... Deus!

— Ele é apenas um babaca. Você namorou ele? — Dashier perguntou, me olhando como se eu fosse louca por me envolver com um cara como Kevin. Não havia ciúmes em seu tom, aquilo era o mais incrível.

— Não tivemos nada sério. Mas a questão aqui é que você foi tão...

— Adulto? — Ele levantou a sobrancelha. — Vamos, Jimmy está bem ali. — Disse, pegando a minha mão. Quando entramos no carro, ele me puxou para ele e avisou ao motorista nosso destino.

— Sim, mas eu não esperava... Eu não sei. — Eu não conseguia formular um argumento. — Geralmente o ser humano quer demarcar território. É ridículo, claro, mas foi impressionante a forma como você lidou

com ele...

Dash pareceu entender o que eu estava dizendo.

— Eu explico quando chegarmos, tudo bem? — Ele beijou meus cabelos. — Depois de um banho, porque seu cabelo está com cheiro de cigarro.

Eu me desencostei dele na hora.

— Desculpe. O cheiro traz...

— Meu problema com o cheiro é apenas o cheiro, *baby*. Fique tranquila.

Eu precisava aprender a lidar com o vício dele. Não queria pisar em ovos quando estava em sua companhia, mas também não o queria expor a algum desconforto.

\*\*

Assim que acendi a luz da sala, Dash me abraçou por trás e andou comigo pela sala em direção ao sofá.

— Não, eu preciso de um banho, primeiro. Vai ficar cheiro no sofá.  
— Eu travei e nos direcionei para o meu quarto.

— Isso significa que eu também preciso de um banho?

— Pode apostar que sim, senhor. — Sorri, me separando dele e ligando a luz da pequena luminária ao lado da minha cama. — Meu chuveiro não tem oito saídas de fluxo e nem gasta absurdos de água, o que é bem importante, uma vez que estamos acabando com ela. Mas é decente.

— Tenho certeza que é tão bom quanto o meu.

— Você não deve afirmar isso, senhor Colt. — Rimos juntos da comparação entre nossos banheiros.

— Estou sem roupa aqui, Cupcake.

— Me dê as suas e colocarei para lavar. Eu tenho uma bermuda

grande de ginástica masculina em minhas coisas. — Analisei a reação de Dashier com a minha declaração, ele continuou se despindo e sorrindo para mim. — Era do meu ex, você se importa?

— Não. — A sua negativa era surpreendentemente verdadeira.

— Tudo bem. — Soltei, registrando suas ações.

Caminhamos para o banheiro, e ele beijou o meu ombro enquanto eu girava o registro e testava a temperatura da água. Nós entramos no box, e Dashier logo pegou o meu xampu, colocando em meu cabelo e me direcionando para baixo do jato de água. Ele começou a esfregar meu couro cabeludo, me fazendo suspirar em satisfação. Seus dedos eram delicados e faziam um trabalho incrível em minha cabeça. Inclinei meu corpo para ele, até que estivéssemos colados, e senti sua ereção em minhas costas. Não fiz nada a respeito, nem ele. Era como um consenso mudo entre nós: sempre que tínhamos uma troca muito intensa, nós nos acalmávamos e tentávamos manter as coisas sob controle.

Nossa intimidade havia crescido de forma assustadora e a sensação era de que estávamos namorando há muito mais tempo. Era assustadoramente bom.

Eu estava flutuando. E tinha certeza de que Dash estava também.

\*\*

Eu saí primeiro do banho. Enquanto me secava, olhei para Dash que havia apoiado as mãos na parede e deixava a água escorrer por sua cabeça e costas. Seus músculos tensionados reluziam em contato com a água e me deixavam louca. Luxúria e amor me enchiam, trazendo um misto de sentimentos que eu não me lembrava de ter sentido antes.

Saindo para meu quarto, fui até o armário e cacei a única peça de roupa de Roy que mantive. Não era por nostalgia nem nada, apenas porque eu

gostava da bermuda e a usava quando estava em casa. Eu a deixei sobre a cama e vesti uma camiseta larga, calcinha e meias de lã. Estava cada vez mais frio. Eu me sentei na cama, secando meus cabelos, quando Dash chamou por mim.

— *Baby?*

Cada vez que ele me chamava desta forma, meu corpo todo se aquecia.

— Sim? — Levantei e caminhei até a porta do banheiro. Ele estava parado no boxe com a cabeça para fora da porta.

— Pode me alcançar uma toalha? — Ele sorriu para mim e piscou.

— Desculpe. — Eu abri o armário embaixo da pia e retirei uma toalha nova para ele. Era fofa e perfumada. Estiquei para ele e me virei para sair do banheiro.

— Quinn?

— Hum?

— Você é absolutamente linda. — Ele disse e logo levou a toalha no rosto para secá-lo.

Eu sorri como uma menina boba e voltei para o quarto, esperando por meu namorado. Ele era assim, quando tinha vontade, simplesmente deixava escapar o quanto me achava linda, como se ele não acreditasse que eu estivesse ali, com ele. Dashier tinha inseguranças, mas não eram as supérfluas, como ter medo de outro cara dar em cima de mim. Ele era um cara ocupado demais com seus medos e gatilhos para se preocupar com algo tão pequeno.

Deitados na cama, de frente um para o outro, Dash acariciando meus cabelos, agora secos, seus olhos ainda brilhavam. Eles sempre brilhavam. Qualquer que fosse o momento, o acontecimento, os olhos de Dashier emitiam um brilho intenso.

— Sobre o que aconteceu na boate... — Ele começou, e eu aguardava ansiosamente ele continuar. — Você gostaria que eu tivesse alguma reação? Veja, eu não sou experiente em relacionamentos, então eu não sei agir diante de certas situações. — Sua voz transmitia toda a sua incerteza.

— Na verdade, a reação que você teve me chocou. Pessoas gostam de competição, gostam de mostrar quem manda, de demarcar território, dizer de quem a garota ou o cara é.

— Essa é questão, Quinn. Você não é minha. — Franzi o cenho para ele. — Você é minha namorada, minha garota. Mas não minha, não como uma propriedade.

*Este homem existe?*

— Passei muito tempo da minha vida preso. Me sentia preso no colegial, pensei que estava me libertando na faculdade e me aprisionei ainda mais. Me entreguei para meu vício, e ele se tornou meu dono. *Eu* estava em posse das drogas, não o contrário. Quando fui internado, estava me livrando de uma prisão, mas estava em outra para me livrar daquela. Tremi, suei, sangrei, gemi, chorei, gritei e não era livre mesmo quando estava me libertando.

Minha visão ficou turva ao ouvir suas palavras.

— Eu ainda não tenho toda a minha liberdade, e sabemos que não terei, sempre terá uma parte de mim que precisará ficar presa para que eu não tenha uma recaída. — Seu tom era tão triste e tão realista... — Não desejo que alguém se sinta preso a nada e não quero você como uma propriedade, Quinn. Me incomodou o que ele fez? Claro. Mas por que eu daria continuidade a algo que acabaria por chatear você, estragar o momento que tínhamos acabado de ter? Existem problemas maiores do que uma suposta competição. Você não é minha, mas você também não é dele. Você está comigo, no entanto.

Assenti, maravilhada, ouvindo suas palavras. Seus belos olhos verdes me fitavam com um misto de sentimentos, e eu queria perguntar a ele quais eram. Mas estava focada demais em suas belas palavras para formular quaisquer questionamentos.

— Eu quero momentos como os que temos na Bakery, com Haze, jantar com você, assistir *The Following*, tentando decifrar os poemas de Edgar Allan Poe junto com Kevin Bacon. Ok, isso foi mais ridículo do que romântico... — Emendou rapidamente, me fazendo rir. — Comendo *brownie* com sorvete... Eu quero tocar você, dar prazer a você e sentir prazer com você, não quero tomar você. Você tem que querer estar comigo, e não ser minha.

Novamente eu queria dizer a ele que o amava.

Era o momento perfeito para isso.

Mas Dash me beijou, me fazendo dele, mesmo que eu não fosse sua propriedade.

— Doty me disse para perguntar seu nome do meio. Qual é seu nome do meio, Cupcake?

Beijei sua boca para que ele esquecesse o assunto e focasse no que realmente era importante naquele momento: nós.



## DEZENOVE

Dia da preguiça.

Dia da preguiça é sempre uma delícia.

Aquele dia que você não tem hora para levantar, tomar banho, usar maquiagem ou mesmo, comer.

Mas havia um motivo maior para eu amar o dia da preguiça naquele domingo. Quando abri meus olhos, tomei ciência de que não estava sozinha em minha cama. Bem, tinha algum tempo que eu não acordava sozinha na minha cama, mas, naquele dia, especificamente, nem eu ou ele precisávamos pular dela para sair cedo.

Era dia de namorar.

Eu sorri, sentindo o seu corpo quente colado ao meu e sua respiração tranquila em minha nuca. Era um daqueles momentos em que gostaria que o tempo parasse. Que o mundo não girasse mais, e eu pudesse ficar com ele daquela forma para sempre.

*Eu sei.*

*Estou agindo como uma adolescente novamente.*

*Não posso evitar.*

— No que está pensando, Vossa Alteza? — A voz rouca e sonolenta de Dashier me faz sorrir.

Lembrei da noite anterior, quando contei para ele o meu nome e ele começou a fazer piadas idiotas, como se eu não tivesse escutado nenhuma delas antes.

Quando ele me perguntou o meu segundo nome, eu quis matar Dorothea. Vadia. Ela tinha sorte de não estar por perto e de provavelmente estar transando com Andy.

Eu fiquei com mais raiva ao pensar que ela estava se dando bem

naquela noite.

— Vamos, Cupcake. Não pode ser tão ruim. — Ele incentivou, noite passada.

— Minha mãe tinha essa coisa pela realeza britânica. — Comecei, revirando meus olhos.

— Sim?

— Meu nome do meio é Elizabeth. — Soltei, dando de ombros. Eu tinha ouvido piadas o suficiente com o passar dos anos. Qualquer coisa que Dashier dissesse não seria novidade.

— Quinn Elizabeth... Como Queen Elizabeth. Rainha Elizabeth? — Sua sobrancelha se ergueu, e um sorriso sacana desabrochou em seus lábios perfeitos.

— Meu pai se recusou que fosse Queen. Ele disse que eu não seria chamada de um título de nobreza, então mamãe fez o trocadilho e ficou Quinn.

De todas as reações que eu poderia esperar, Dashier me puxou para seus braços e me beijou.

— Suponho que seja uma honra então, Vossa Alteza. — Disse, imitando perfeitamente o sotaque britânico e me fazendo gargalhar.

— Seu inglês britânico é muito charmoso. — Brinquei.

— Oh, você não me ouviu dizendo Harry Potter ainda. — Eu gargalhei ao ouvi-lo dizendo Harry “Potá”. Rimos até que as piadas foram substituídas por beijos, beijos evoluíram para carícias e, bem...

— Vai me dizer o que está pensando? — Perguntou novamente, me fazendo retornar da lembrança.

— Estava lembrando da noite anterior. — Suas sobrancelhas levantaram rapidamente. — Você está todo espertinho. Como sabe que estou

NACIONAIS-ACHERON

pensando?

— Você mexe seus pés. Esfrega um no outro. — Respondeu se aproximando mais e beijando meu ombro, suspirou, me abraçando mais forte. — Sempre que nos deitamos ou nos sentamos e você fica pensativa, isso acontece. A intensidade na qual você os esfrega define a seriedade dos seus pensamentos — Olha, se ele não é observador? — Me virei em seus braços e beijando seus lábios rapidamente. — O que mais você observou?

— Hum... — Ele iniciou, pensando. — Você sempre deixa um pé para fora do edredom. Não importa quão frio esteja.

Eu gostava de equilibrar a temperatura do meu corpo dessa maneira, mas me impressionava que ele prestasse atenção nestes detalhes.

— E você pode estar tomando uma xícara de café fumegante, mas em seguida estará engolindo um copo de água gelada. Isso faz mal, a propósito. — Ele acariciou o meu rosto. — Você enrugou seu nariz tentando arrumar seus óculos sem colocar as mãos.

— Estou impressionada, senhor Colt.

— E eu nem precisei gastar dinheiro com isso. — Ele piscou e sorriu, quase fazendo com que eu me derretesse.

— Viu? Disse para você que eu era fácil. — Brinquei enquanto colocava o café da manhã na bancada.

— Estou vendo que você é linda, Cupcake.

Enquanto tomávamos café, perguntei: — O que acha de um dia de preguiça? Um dia para namorarmos, ficarmos juntos sem fazer nada... exceto pela roupa, eu preciso guardar a minha. Mas poderíamos relaxar e...

— Você é a criatura mais linda que já vi na vida. Queria ter conhecido você em Columbia.

— Você fez faculdade em Columbia? — Ele tinha falado da faculdade, mas não tinha mencionado o nome dela. Honestamente, a história

era tão pesada, que nem dei atenção para o detalhe.

— Eu fiz, Cupcake. — Pulei do banco e fui até ele.

— Outra coincidência. — Eu disse, envolvendo meus braços em seu pescoço.

— Acho que essa coisa de destino realmente existe. — Sorriu, beijando a ponta do meu nariz. Meu telefone tocou e eu me estiquei para pegá-lo na outra extremidade da bancada, era minha mãe.

— Eu vou atender. — Sorri para ele e nos separei, deslizando o dedo na tela no meu telefone. — Ei, mãe!

— Olá, querida! Estou com saudades, não temos nos falado, e você cancelou os últimos dois cafés da manhã. Está acontecendo algo?

— Hum... Sim! — Eu sorri, olhando para Dashier limpando a bancada que estávamos tomando café. — Eu tenho uma novidade.

— Bem, você pode me contar agora ou no final de semana.

— Final de semana?

— Combinamos de você passar o próximo final de semana juntas, lembra? Quinn, combinamos quando você desmarcou o penúltimo café da manhã comigo.

*Eu estava tão distraída assim?*

— Ei, filho! — Virei rapidamente ao ouvir a voz de Dashier. Ele sorria com o telefone na orelha. — Como está tudo aí? Estou com saudades!

Senti meu peito esquentar um pouco ao ouvir a graciosidade com a qual ele falava com o filho.

— Eu ouvi uma voz? — Mamãe perguntava, e eu podia jurar que ela estava sorrindo.

— Hum, sim. É a novidade, na verdade. Estou namorando. — Sorri ao admitir.

— Oh! Edmund, Quinny está namorando! — Mamãe gritou para

papai ao telefone. Ele falou algo, mas não consegui identificar. — Por favor, o convide para vir passar o final de semana conosco, assim podemos conhecê-lo.

— Eu não sei, vou conversar com ele.

— Tudo bem, não quero te segurar no telefone, querida. Amamos você.

— Amo vocês também, mamãe.

Quando eu desliguei, Dashier ainda estava ao telefone, então pausei a música ambiente antes que pudesse explodir na caixa de som novamente.

— Ei, filho? Eu preciso desligar agora. Hum... sim, ela está bem. — Ele sorriu, olhando para mim. — Eu amo você, amigo. — Seus olhos brilhavam enquanto falava com Hazel, e meu coração doía pela saudade que ele sentia do filho e também da falta que eu sentia do menino. — Divirta-se e traga um *action* para mim da Disney, sim? Peça a Sylv o cartão de crédito que ela tem. Estou com saudades, amigo. Tchau.

Dash desligou e sorriu.

— Sua mãe?

Eu apenas assenti.

— Está tudo bem? — Ele me abraçou e eu suspirei. Era incrível como não conseguíamos ficar fisicamente longe um do outro.

— Sim, ela queria confirmar a visita que eu prometi no final de semana. — Disse e assisti a sua reação. — Neste final de semana.

— Legal. — Seu sorriso parecia sincero, mas todo o resto parecia despençar, sua voz, seus olhos e seus ombros. Tínhamos mais dois finais de semana juntos e sozinhos para nos conhecermos depois do bônus que os avós de Hazel nos deram. Um dos finais de semana eu trabalhei, e no seguinte, eu ficaria com meus pais... Claro que ele estava decepcionado.

— Minha mãe convidou você, digo, ela convidou o meu namorado.

Ela ainda não sabe que já o conheceu, mas está ansiosa por sua presença. — Sorri, tentando convidá-lo para ir junto comigo, e aguardei em expectativa.

— Conhecer seus pais? — Seus olhos estavam um pouco assustados.

— É muito cedo? — De repente, eu estava nervosa. Talvez ele não quisesse envolver nossas famílias, não sabíamos até onde esse relacionamento iria.

— Não... eu só... não sei como agir. Eu não faço isso... você sabe. — Suspirou, cansado.

— Sim, não namora há muito tempo. — Confirmei. — Está tudo bem, você não precisa.

— Eu nunca conheci os pais de ninguém, mas eu quero, *baby*. — Ele beijou minha bochecha.

— Sim?

— Sim. Quero conhecer seus pais, e quero que conheça os meus quando for o momento.

Feliz, assenti antes de beijar seus lábios.

\*\*

O domingo seguiu normalmente.

Eu preparei um almoço simples para nós dois, Dashier aprovou minha culinária e, sempre que teve a chance, acariciou minhas mãos, ombros, pescoço e costas enquanto eu cozinhava. Nossa intimidade crescia a cada hora que passávamos juntos, e eu pensei que não poderia ficar mais apaixonada por ele e por nós juntos.

Foi quando ele fez tudo mudar.

Enquanto ele mexia em minha cafeteira, eu estava sentada na minha cama dobrando a roupa que havia retirado da secadora. Então tudo parou antes de explodir em cores da forma mais bela que Dashier Colt poderia

fazer.

— Cupcake? — Olhei em sua direção, vendo que ele se mantinha concentrado na cafeteira.

— Hum?

— Acho que você deveria saber... — Continuou, mexendo com o cenho franzido.

— Sim? — Perguntei, esperando o que ele tinha para me dizer. Talvez a cafeteira estivesse com algum defeito.

— Estou completamente apaixonado por você.

E, desta forma, sem me olhar, sem me preparar e sem nenhuma armação ou teatro para a declaração, Dashier Colt me fez a mulher mais feliz do mundo.

## VINTE

### DASHIER

Da mesma forma em que eu estava casualmente mexendo em sua cafeteira por ser covarde e não ter coragem de me declarar como ela merecia, Quinn também se manteve casual enquanto dobrava suas roupas e respondeu a minha declaração.

— Bem, senhor Colt. Eu estou apaixonada por você também, mas acho que você já sabia. — Ela sorriu. Um bobo e sexy sorriso enquanto se concentrava. Larguei o que estava fingindo fazer e fui até ela. Tirando uma peça de roupa íntima da sua mão, a deitei na cama e deixei meu corpo sobre o dela.

— Eu te amo, Quinn. Eu poderia dizer que não sei quando ou como aconteceu, mas eu sei. Você me conquistou e pode ser cedo para isso...

— Quem está contando o tempo, Dashier? — Ela me interrompeu, sua pequena e delicada mão acariciou o meu rosto, e suas unhas raspavam a minha barba. — Quem estipulou o prazo certo para se apaixonar?

Fiquei impressionado com a facilidade com a qual Quinn resolvia as situações, me mostrando que nada precisava ser preto e branco.

— Você existe?

— Pergunto o mesmo sobre você. — Ela parou um momento e arregalou seus lindos olhos azuis. Era uma das minhas cores favoritas, junto com o verde.

*Ame o ciano.*

NACIONAIS-ACHERON



Eu me lembrava de quando ela falou isso. Quando indiretamente me disse que não me faria escolher entre ela e meu filho. Isso foi logo no começo, sequer sabia se levaria adiante qualquer coisa com ela, e mesmo assim, Quinn, minha *cupcake*, encontrou uma forma de dizer que me aceitava. Com bagagem, com filho.

E com segredos.

Deus, eu precisava contar a ela.

Eu precisava dizer a verdade, mas eu sou apenas um covarde.

Então comecei a pensar se talvez as coisas tivessem sido diferentes, se eu tivesse encontrado Quinn antes...

— O que você está pensando? — Quinn perguntou em um sussurro.

— Que eu gostaria de ter conhecido você há mais tempo. Anos atrás. Talvez...

— Não, nem pense nisso. — Ela me interrompeu. — Se tivéssemos nos conhecido há mais tempo, poderíamos ter matado qualquer chance de ter o que temos agora. E talvez você não tivesse Haze.

— Talvez isso fosse bom. — Murmurei, me afastando dela e deitando na cama. Um suspiro pesado saiu de meus lábios e usei meu braço para cobrir meu rosto.

— Você se arrepende de ter Hazel? — Sua voz era um sussurro, como se ela estivesse com medo que eu identificasse o julgamento em sua voz, mesmo que estivesse desprovida disto.

— De tê-lo? Não. De como o tive? Sim. Se pudesse voltar no tempo e evitar engravidar a mãe dele, eu o faria? Pode ter certeza. Hazel passou por muitas coisas. Você não tem ideia.

— Sua ex é tão ruim assim? Ela ainda perturba você?

Olhando para ela, enxerguei medo. Ela estava com medo de ser sugada para uma relação complicada com a mãe do filho do seu namorado.

— Sim, perturba, mas não da forma que está pensando. — Respirei fundo e mandei a bomba para ela. — Victoria está morta, Quinn. — Engoli com dificuldade enquanto ela tentava assimilar minhas palavras. — Ela morreu quando Haze tinha um ano de idade. — Aguardei uma reação dela. Preparado para a enxurrada de perguntas as quais eu não estava preparado para responder e imediatamente tenso, senti minhas mãos começarem a tremer e minha cabeça querer doer.

— Eu sinto muito, *baby*. — Ela se aproximou e beijou meus lábios. — Eu estava pensando... — Seu sorriso era brilhante e largo. — Já que você é rico e tudo mais... o que você acha de deixarmos o dia da preguiça de lado e sairmos para fazer compras?

Exatamente assim, ela deixou a história toda de lado. Passou por cima da sua curiosidade e mudou o assunto para que eu não me sentisse mal.

— Compras? Você quer que eu leve você para fazer compras? — Levantei a sobrancelha para ela.

— Quem falou em comprar para mim? — Ela me beijou e saltou da cama. — Vamos, senhor Colt, vamos gastar seu dinheiro.

— Eu vou ligar para Jimmy. — Respondi prontamente. Se ela queria sair e gastar, nós iríamos.

— Jimmy? Deixe o homem. Nós usaremos táxi. Vá se aprontar. — Ordenou, tirando a roupa e caminhando até seu closet. Sorri e fui me preparar também.

\*\*

Eu não estava acreditando que estávamos na 48th, rodeados de lojas de instrumentos musicais.

— Você quer que eu compre um piano?

— Sim.

— Mas...

— Você quer voltar a tocar, eu quero ouvir você e acho que seria algo legal para passar seu tempo com Haze, quando ele voltar.

— Eu acho que... Tudo bem, então. — Aceitei. Quinn se jogou em meus braços e me beijou.

Nós escolhemos a Guitar Center para comprar o piano. Era branco, de calda, realmente lindo e imponente. Ficaria perfeito em minha sala de estar.

— E esse é melhor do que o Steinway & Sons? — Quinn perguntou, analisando o instrumento. Eu havia optado por um C. Bechstein alemão.

— Na verdade, eles estão no mesmo patamar, a diferença é que o Stein é americano, e o C. é alemão, mas a qualidade e imponente de som são as mesmas.

— Nossa! — Exclamou, olhando para mim de forma estranha.

— O quê? — Ri da sua reação, seus olhos eram brilhantes e vidrados, olhando para mim.

— Você fica sexy falando de pianos. — Ela sussurrou.

— Você não me viu falando de games ainda, querida. — Brinquei, a fazendo gemer.

— Pare com isso, ou usarei o moletom de Columbia novamente.

Foi a minha vez de gemer. Ela não jogava limpo, porra!

— Desculpe. Golpe baixo. — Disse e me beijou delicadamente, se afastando. Segurei seus quadris e a mantive de frente para mim, nossos olhos vidrados um no outro sem nem mesmo piscar. Uma troca de olhares intensa, na qual dizíamos o que estávamos sentindo sem nem ao menos abrir nossas bocas.

— Não precisa se desculpar, estamos realmente melhorando, não estamos? — Disse depois de um tempo, me referindo às nossas atividades sexuais. Realmente estávamos parecendo dois adolescentes planejando perder

a virgindade um com o outro, mas eu não me importava. Quinn havia dito para aceitarmos a situação e aproveitarmos, e ela não parecia estar chateada com o fato de irmos devagar.

— Nós estamos. — Concordou e voltou a me beijar. Era bom poder beijar livremente, sem precisar disfarçar nada na frente de Hazel.

Quando voltávamos da 48th, Quinn sugeriu, ainda dentro do táxi: — O que acha de irmos ao shopping? — Olhei para ela, tentando entender. Eu frequentava muito os shoppings desde que Haze fora morar comigo. Ele gostava de cinema, se divertir no fliperama e de comer algumas porcarias que eu liberava às vezes.

— Shopping?

— Sim, comprar algumas roupas para você.

— Eu tenho roupas, Cupcake. — Ri enquanto nos aconchegávamos um no outro no táxi.

— Roupas para deixar em meu apartamento. — Justificou. Abaixei minha cabeça, e ela levantou a sua ainda deitada em meu ombro. — Quero que fique comigo lá. — Sorriu para mim como se estivesse pedindo.

Ela não se importava que nossa relação estivesse crescendo rápido demais.

Isso, ou ela estava tentando aproveitar ao máximo antes da volta de Haze. Será que ela pensava que as coisas seriam mais separadas quando ele voltasse?

Não. Eu estava pronto para fazer Quinn parte de nossas vidas tanto quanto eu pudesse, embora eu soubesse que Bernard tentaria fazer disso um motivo para as autoridades olharem com mais crítica para mim. Mas eu não queria pensar nele, não enquanto eu estava explorando algo tão belo com a minha namorada.

Namorada.

Eu tinha uma namorada. Depois de tantos anos. Os pesadelos e as vontades autodestrutivas estavam cada vez menos frequentes, e eu me sentia cada vez mais relaxado ao lado dela. Quinn não apenas me acalmava. Com ela, parecia que não havia ansiedade para começar. Tudo era mais simples, eu tinha opções.

Eu me perguntava se nossas reservas quanto a nos tornarmos mais físicos ainda eram necessárias. Parte de mim ainda tinha medo de realmente fazer amor com ela, de perder o controle, ativar algo em mim e puxar um gatilho que eu nunca mais queria sequer encostar. Mas a outra parte, a bem maior, diga-se de passagem, achava que estava na hora. Meu corpo e meu coração a queriam, ansiavam por Quinn.

Mas eu ainda agia com cautela. E se fosse sincero, mesmo com toda a frustração de não levarmos tudo adiante logo no que se tratava de sexo, me agradava toda a construção do nosso relacionamento.

Mesmo com pouco tempo de relacionamento, era nítido que nos amávamos. Queríamos tudo juntos, desejávamos a paixão arrebatadora ao mesmo tempo em que mantínhamos nossos pés no chão. A mente na direção prudente era a prova de que estávamos fazendo o correto. E que era amor de verdade.

Me apaixonei tão rápido por ela, que era assustador. O vazio que eu senti por tanto tempo, mesmo com Haze e meus pais comigo, mesmo com o apoio de Andreas e Sylv, aquela parte finalmente havia sido preenchida. Eu estava um pouco assustado, mas ao mesmo tempo eu queria mais, entrar mais, explorar mais. Viver mais.

Quando finalmente descemos do táxi em frente ao seu prédio, no Harlem, eu notei as pequenas gotas em seus cabelos.

— Está chovendo, Cupcake. — Anunciei, olhando para cima. O outono realmente estava dando as caras.

— Vamos entrar logo, então. — Ela respondeu, andando, mas eu a peguei pelo braço e a puxei para mim.

— Eu tive muitas primeiras vezes sem você, essa é uma que eu gostaria de experimentar.

— O quê? Beijo na chuva? — Ela sorriu, suas bochechas e nariz estavam vermelhos com o frio.

— Não. Dizer “eu te amo” na chuva — Seus olhos risonhos de repente estavam aquecidos com ternura, era como se ela fosse derreter em meus braços. — Eu te amo, Quinn.

— Eu te amo, Dash.

— Mas beijo na chuva parece bom também. — Sorri antes de me aproximar e beijar seus doces lábios.

\*\*

Durante a semana, Quinn e eu caímos em uma rotina. Acordávamos pela manhã, nos arrumávamos para trabalhar – ela me deixava louco cada vez que vestia seus vestidos e saltos altos para o trabalho ou quando usava batons vermelhos – e tomávamos café da manhã em casa ou na Bakery. Quando optávamos por não tomar café em casa, nos divertíamos com os olhares assassinos de Lowie para mim. Ele não chegava perto de nós na mesa, mas Shelly sempre vinha nos cumprimentar. Quinn me apresentava como Dashier apenas, e explicou que seu pai ficaria decepcionado se conhecesse seu namorado oficialmente depois de seus padrinhos. Eu compreendi, é claro. Protocolo de namorados realmente não era a minha área.

No colegial, minha experiência com garotas foi praticamente inexistente. Minha aparência, embora tivesse potencial, não atraía a atenção das garotas. Quando cheguei na faculdade, fui com tanta sede ao pote, que, bem... deu no que deu. Agora eu estava satisfeito em aprender sobre um

relacionamento, especialmente quando tinha tantos sentimentos por minha namorada.

A força de Quinn, assim como a sua delicadeza e compaixão, me deixavam seguro do amor que eu sentia por ela. Eu a admirava e respeitava, do contrário, ela não estaria em minha vida e, principalmente, não estaria na vida de Hazel. Meu filho continuava vindo em primeiro lugar, e se minha namorada não fosse simplesmente a melhor pessoa do mundo para ele, certamente não deixaria que se aproximasse.

Era assustador como as coisas estavam entrando nos eixos.

Ou quase.

Enquanto analisava a reportagem da Colt Company em uma revista de games, ouvi o telefone do escritório tocar. Atendi imediatamente a chamada, pressionando o botão do viva-voz.

— Sim, Kimberly?

— Seu filho na linha um, senhor Colt. — E logo a ligação foi transferida.

— Oi, filho. — Cumprimentei Hazel animadamente.

— *Oi, papai!* — Sua animação me deixava um pouco mais tranquilo.

— Estou com saudades, amigo.

— *Eu também! Não fomos para a Disneylândia ainda, vovô disse que vamos neste final de semana.* — Explicou o que eu já sabia.

— Isso é legal, amigo. Como andam as coisas com vovô e vovó.

— *Super! Eles me deixam ver televisão até as nove, pai.* — Eu ri da animação. — *Mesmo sendo noite de escola.*

— E você está aguentando acordar pela manhã? — Perguntei, interessado.

— *Mais ou menos, mas é legal ficar acordado até mais tarde. Eu gosto.*

— Isso é ótimo, amigo.

Seguimos conversando até que Leslie avisou que era hora de desligar, e eu me despedi de Haze com o peito apertado. Por mais que fosse agradável passar tanto tempo com Quinn, eu sentia falta do meu filho. Ficar em nossa casa sem ele deixava tudo vazio e solitário. Eu sequer cogitava voltar lá. Ficar com Quinn era não só confortável como também não me deixava sentir a solidão de meu apartamento. Mesmo a convidando para ficar comigo, o lugar não parecia completo sem Hazel.

Menos de um ano. Menos de um ano, e eu não precisaria me sujeitar às chantagens de Bernard.

— Dash, cara... — Andy entrou com uma pasta fina. — Preciso que você analise o projeto do aplicativo para Android e iOS.

— O jogo para crianças autistas? — Estiquei minha mão, pegando a pasta e abrindo.

— Isso. — Andreas se fez confortável na cadeira à minha frente enquanto eu iniciava a leitura.

— Ficou dentro do orçamento?

— Alguns dólares de diferença apenas, mas dentro do esperado.

— Perfeito.

— Então? — Meu amigo começou. — Como anda a lua de mel com Quinn? — Levantei a sobancelha para ele. — O quê? Não me diga que vocês ainda não transaram?

— Andreas... — Adverti.

— Não estou falando da forma ofensiva como você está imaginando, cara.

— Claro, porque você não sai dormindo com várias garotas por aí... — Bufei, jogando a pasta para ele.

— Sim, porque este sou eu. E você, mesmo sendo *você*, não precisa



sair transando com todas as mulheres. Mas com a sua namorada, aquela que você está apaixonado e praticamente vivendo no apartamento dela...

— Estamos levando as coisas devagar, e isso é tudo o que você saberá.

— Não é tudo que saberei, você vai me dar mais detalhes. Sabe que quer me contar. — Ele riu, me fazendo rir também.

— Contei a ela sobre a morte de Vicki. — Larguei a novidade com um suspiro. Os olhos de Andy ficaram sérios.

— Como ela reagiu? — Seu tom era completamente outro quando perguntou.

— Ela não fez perguntas, disse que sentia muito e me arrastou para fazer compras.

— Sua garota é incrível, amigo. — O sorriso dele era enorme. — Fico feliz que tenha encontrado alguém como ela.

— Vou conhecer seus pais no final de semana. — Informei, orgulhoso.

— Uou! Isso é sério. — Andy analisou.

— É, é sério. Eu a amo, Andy. Acho que ela é a pessoa certa no mundo para mim.

O semblante do meu amigo mudou novamente, e eu sabia o que ele estava pensando.

No seu próprio coração partido.

— É a melhor sensação quando encontramos a pessoa certa. — Afirmou.

— Você encontrará alguém novamente.

— Procurando, eu certamente estou. — Ele piscou e brincou comigo, fazendo eu rolar os olhos. — Você se opõe a eu pedir um encontro com sua secretária?

— Saia da minha sala, Andreas. — Resmunguei.

— Isso é um não? — Ele riu quando joguei um clipe nele. — Acho que é! — Gargalhou.

## VINTE E UM

Após nossa última conversa sobre a morte da mãe de Haze, eu fiz um esforço grande para não agir de forma diferente, quando desejava que ele falasse mais. Chame de curiosidade mórbida, mas eu queria saber se a morte de Victoria estava ligada ao fato de Dash usar drogas e perder a guarda de Hazel. A forma com a qual ele ficava atormentado quando sua ex era mencionada me deixava intrigada, para dizer o mínimo. Entretanto, eu sabia que se o forçasse a dizer mais naquele domingo, ele recuaria novamente. Eu queria que Dash confiasse em mim. Queria que ele me tivesse para confiar, desabafar e mesmo chorar. Cumplicidade. Era isso que eu desejava para nós dois.

Com o passar dos dias, mantivemos uma rotina de casal. Nós trabalhávamos, nos falávamos durante o dia e, ao final da tarde, ele ia para o meu apartamento. Nós namorávamos no sofá, comíamos alguma coisa gostosa, que pedíamos por telefone, e depois íamos para cama para mais amassos. De alguma forma, nós nos acalmamos. De fato, o mais longe que fomos foi o oral que recebi de Dashier na boate. Naquele ponto, eu esperava por um pouco mais, mas não insisti em nada. Acho que ele queria que as coisas se mantivessem no controle ainda. Eu entendia.

Tirando isso, nós estávamos felizes e apaixonados, nos olhávamos por longos momentos, sorríamos como bobos e roubávamos beijos como adolescentes. Eu me sentia nas nuvens.

\*\*

As batidas das portas do carro fizeram com que meus pais corressem para fora de casa. Eles pararam na varanda, ao lado da porta, e aguardaram enquanto Dashier pegava nossas malas para o final de semana e, em seguida,

caminhávamos pelo caminho de pedras e flores perfeitamente organizados.

— Fizeram boa viagem? — Papai perguntou imediatamente. — Muito trânsito?

— Viemos de helicóptero, pai. Alugamos um carro do heliporto até aqui apenas. — Respondi. Quase ri da cara que meu pai fez. Ele parecia impressionado e ao mesmo tempo desgostoso.

— Quinny, estávamos com tantas saudades. — Mamãe me abraçou assim que alcancei o último degrau da varanda. — Você está tão linda, brilhando e ... Oh! Dashier! Eu sabia. — A mulher exclamou com alegria. — Na Bakery, eu percebi que havia algo. — Ela se aproximou e abraçou Dash como se fosse da família. — Seja bem-vindo, querido. E onde está aquele adorável menino?

— É bom vê-la novamente, senhora Miles.

— Me chame de Fern.

— Fern. Hazel está passando uma temporada com os avós.

Quando minha mãe deu algum espaço, eu me aproximei de meu pai, puxando Dashier comigo.

— Papai, este é Dashier Colt, meu namorado. — Meu pai sorriu educadamente e estendeu a mão para Dash, mas eu podia ver a análise em seus olhos. — Dash, este é meu pai, Edmund Miles. Ele foi o fundador da Upper Bakery.

— É um prazer, senhor Miles. A confeitaria é realmente fantástica.

— Seja bem-vindo, filho. — Meu pai respondeu, relaxando minimamente. — Vamos entrar.

Era sexta-feira, e ficaríamos ali até domingo. Dashier parecia ansioso para conhecer meus pais e passar um tempo longe de tudo. Quando chegamos no heliporto, eu tentei recusar o uso do helicóptero. Era uma viagem de duas horas, poderíamos ir de carro. Mas então ele alegou que de helicóptero

chegaríamos em quarenta minutos e que gostaria de dar uma folga para Jimmy, e eu simplesmente aceitei. Entretanto, quando quis ir para um hotel, eu neguei. Queria ficar com meus pais. Claro que deixei ele livre para se hospedar onde quisesse, mas ele alegou que não desejava ficar longe de mim. Então ficou decidido que iríamos de helicóptero e dormiríamos na casa dos meus pais. Fácil.

— Querida, arrumei o quarto de hóspedes para vocês. Sigam em frente, que vou preparar algo para beberem. Que tal um vinho, Dashier? Ou uma dose de uísque?

Imediatamente Dashier travou, mas eu fui rápida e tranquila.

— Dash está tomando antibiótico, mamãe, e eu não estou com o meu humor para nenhum álcool, desculpe. Aceitamos água ou chá. Vamos, querido. — Puxei Dash comigo e subi as escadas rapidamente. Ao chegarmos no quarto, ele suspirou, e eu sabia que estava chateado.

— Eu não gosto de mentir sobre a minha condição, Quinn. — Seu tom não era duro, mas decepcionado.

— Desculpe, eu teria deixado você falar se soubesse que preferia, eu só não quis deixar um clima pesado entre você e meus pais. Pensei que você ficaria desconfortável. — Sentei na cama de casal preparada para nós, o quarto cheirava a algo refrescante, como verão. Adorava os aromas que minha mãe espalhava pela casa.

— Foi isso mesmo? — Sua voz era baixa, como se estivesse com medo de dizer o que estava dizendo.

— Isso o quê, Dashier?

— Foi apenas para não me deixar desconfortável, ou você está com medo de seus pais não gostarem do fato de você estar envolvida com um viciado em recuperação?

— Não acredito que estou ouvindo isso. — Eu me levantei e fui até

minha mala, pegando uma muda de roupa. — Não acredito, Dashier. Eu vou tomar um banho. — Saí para o banheiro e cruzei o corredor da casa. Quando fechei a porta atrás de mim, respirei fundo, tentando raciocinar. Dashier tinha muita merda em sua vida, era normal que ele estivesse desconfiado.

Meu lado intransigente queria brigar com ele e dizer o quanto eu estava aborrecida por ele pensar naquela hipótese. Se eu tivesse que contar para meus pais que estava namorando com um homem cheio de merda em seu passado, eu diria. Eu não tinha vergonha de Dashier.

Abri a porta novamente e voltei para quarto. Ele estava na cama com os cotovelos apoiados em seus joelhos e as mãos no rosto. Ele levantou seus olhos para os meus.

— Eu amo você e não tenho vergonha de quem é ou foi, mas você precisa me dar algum crédito também. Eu não deveria estar falando que não sinto vergonha do nosso relacionamento, *você* deveria enxergar isso sozinho. E precisa dar o benefício da dúvida aos meus pais também, você não os conhece, Dashier. Não sabe o que eles pensariam sobre eu namorar um dependente em recuperação. Eles podem zelar pela filha deles, mas nunca faltariam com respeito com você.

— Me desculpe. — Sua voz era quase um sussurro, seus ombros caídos e o suspiro derrotado me mostraram que ele realmente estava arrependido.

— Não se desculpe. Está tudo bem. Apenas pense sobre isso. — Assim que concluí, fechei a porta e voltei para o banheiro.

\*\*

Quando estávamos prontos, descemos para encontrar meus pais. Papai estava de frente para a lareira enquanto mamãe saía da cozinha com copos de limonada para todos.

— Bem na hora. — Ela sorriu e sentamos perto de meu pai.

Ao lado de Dash, subi minhas pernas para cima e coloquei em seu colo para que ele soubesse que tudo estava bem entre nós.

— Então isso é sério. — Meu pai começou, olhando para mim. Eu sorri e assenti. — Ele é bom para você? — Eu amava o fato de que meu pai estava falando comigo, e não com Dashier. Ele não fazia aquela coisa de “suas intenções com minha filha.” Ele precisava saber dos meus sentimentos.

— Sim, ele é, papai. — Olhei para Dash e depois novamente para meu pai.

— Fern me disse que você tem um filho.

— Sim, senhor, Hazel. Ele tem cinco anos. — Dash disse, orgulhoso.

— Ele é maravilhoso, pai. — Entrei, empolgada, na conversa. — Tão inteligente...

Dash sorriu para mim e nos olhamos por um tempo. Quando finalmente desviei para meu pai, ele sorria para nós em entendimento.

— Da próxima vez, traga o garoto para eu conhecer. — Solicitou enquanto pegava seu copo de limonada.

\*\*

Na hora do jantar, mamãe serviu comida para pelo menos vinte pessoas. O assado estava maravilhoso, e eu quase chorei quando provei o sabor da torta de caramelo.

— Estava com tantas saudades da sua comida, mamãe. — Gemi, lambendo a colher da sobremesa.

— Deveria vir mais vezes. — Ela resmungou. — E agora sempre pode trazer Dashier e Hazel. — Ela sorriu para meu namorado, que agradeceu a gentileza.

— Como anda o plano de compra da casa de festas? — Papai

perguntou.

— Não anda. Eu acredito que ainda demorará mais alguns anos. Eu não quero um empréstimo bancário.

Dashier me olhou, entendendo do que se tratava. Durante a semana, conversamos sobre nossos empregos, e eu contei para ele sobre minha vontade, mas deixei de fora o fato de que não era só vontade, e sim um plano.

— Besteira. Você pode vender a sua parte na Bakery. — Papai informou, tentando passar a mensagem como se não fosse nada, embora eu tenha o decepcionado bastante por não ter assumindo a empresa da família. Vender a última porcentagem que tínhamos em nosso nome seria muito para ele.

— Eu não vou vender minha parte na Bakery, pai.

— Por que não me contou que era mais do que uma simples vontade, Quinn? — Dash pegou minha mão e apertou delicadamente, seu tom de voz era baixo para que apenas eu escutasse.

— Eu não sei. Mas, sim, eu tenho meio que esse sonho.

— Eu poderia ajudar, você sabe. — Ele disse mais baixo, educadamente, oferecendo de forma que não fosse um insulto para mim. Eu ri.

— Oh, eu sei. Eu comecei a namorar um homem obscenamente rico exatamente por isso.

Beijei seus lábios e acariciei seu rosto.

— Eu falo sério, Cupcake.

— Eu sei, querido. Eu agradeço. É muito doce, mas... nem preciso terminar. Certo?

Dash assentiu e suspirou, deixando o assunto morrer. Ele sabia que não era hora para aquilo, e eu agradei sua compreensão. Papai entrou com o bom e velho papo de futebol enquanto eu fui ajudar mamãe a limpar tudo.



Mas assim que estava voltando para a sala, ouvi meu pai falando com Dashier em outro tom, um muito menos descontraído.

— Apenas para que você saiba, eu mato você. — Congelei e ofeguei, ouvindo.

— Eu sei que sim, senhor. — A voz de Dashier continuava calma.

— Ela é minha menina, e embora eu tenha morrido por dentro por ela querer seguir outro caminho, eu tenho um orgulho imenso daquela mulher lá dentro. Quinn merece nada menos do que o melhor, espero que você entenda isso. Não machuque a minha filha, Colt. — Respirei fundo com o coração dolorido pelo meu pai, mas também satisfeita em saber que ele sentia orgulho de mim e me amava mesmo eu não seguindo o caminho que ele gostaria.

— Eu não pretendo, senhor.

— Ótimo. Agora pode me chamar de Eddie. — Sorri ao ouvir a mudança no tom de voz do meu pai novamente.

— É um prazer conhecê-lo, Eddie. — Dashier jogou junto.

— Igualmente, filho.

Meu contentamento era imenso quando voltei para cozinha.

\*\*

Quando estava suficientemente tarde para irmos dormir, Dashier e eu nos recolhemos antes de meus pais, nos trocamos e deitamos na cama. Ficamos em silêncio por alguns minutos, antes de me virar para ele, sorrir e deslizar meus dedos em seu braço nu.

— Desculpe por pensar que você estava com vergonha. — Ele lambeu seus grossos lábios enquanto aguardava a minha resposta.

— Não se desculpe. Eu entendo. — Respondi de volta sem parar o carinho que estava fazendo.

— Não está cansada de sempre me entender? — Seu sussurro era

dolorido.

— Eu pareço cansada, *baby*? — Perguntei, tentando não ser ríspida com ele.

— É que...

Eu não deixei que ele falasse, me aproximei, abaixando a gola da sua camisa e beijando seu peito.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, Cupcake, e eu quero ser o cara que realiza os seus sonhos. — Sabia que ele estava falando da empresa que eu gostaria de abrir, mas isso não estava em pauta. Não naquele momento.

— Você os realiza, *baby*. O tempo todo. — Disse, encerrando o assunto com um beijo.

## VINTE E DOIS

Não tenho certeza do que foi que acabou com o humor de Dashier no final do nosso passeio a Jersey.

Certamente não foram os meus pais. Eles trataram Dashier como se fosse da família desde o momento em que chegamos. A tensão básica inicial se fez, obviamente. Era praticamente obrigatório que meu pai mantivesse a pose ao primeiro contato, mas, após, eram risos, histórias, brincadeiras e carinho por parte de minha mãe. Ela procurava fazer qualquer coisa por Dash, inclusive lembrar seus dias na cozinha da Bakery. Cappuccinos decorados e *cannolis* para o seu genro.

Eu estava no céu.

E Dash parecia estar também, ele sorriu mais do que em qualquer outro dia. Estava interessado em toda e qualquer história sobre a minha vida e, mesmo que evasivamente, procurou responder a cada uma das perguntas dos meus pais. Então eu estava descartando totalmente o quesito hospitalidade da equação.

Após o nosso almoço no domingo, meus pais perguntaram se poderíamos ficar mais um dia. Os Stevenson, amigos novos, gostariam de nos conhecer. Eles fariam um jantar em sua casa e estavam nos convidando. De alguma forma, eu me animei em ficar um pouco mais com minha família, sentia falta das minhas conversas com minha mãe e estava feliz em matar a saudade. Dashier apenas sorriu e me olhou com atenção, ele estava procurando em mim a resposta.

— O que você acha, *baby*? — Ele me perguntou enquanto me analisava com diversão. Ele podia ver através de mim. Sabia que eu estava animada para ficar mais um pouco com meus pais.

— Eu não sei, tudo bem para você?

— Eu preciso apenas avisar Andreas. Não há nenhum problema em ficar. Inclusive podemos ficar mais, se quiser.

— Eu não tenho nada amanhã na Class, vou pedir que Doty organize algumas coisas. A Cassandra me deixa fora dos eventos pequenos, então acho que não terá problema. — Sorri, animada, olhando para meus pais.

— Ótimo, querida, vou ligar para Rhonda e Stu, avisando que minha filha e meu genro estarão presentes. — Havia orgulho empregado na sentença de minha mãe.

— Ela está muito feliz, não apenas por você estar aqui. — Papai disse, chamando a minha atenção e a de Dashier. Mamãe estava ao telefone falando animadamente com sua amiga. — Mas também por saber que você não está sozinha em Manhattan.

Papai sorriu, olhando para Dashier.

— Obrigado por cuidar da nossa menina, Dashier.

— Ela que está cuidando de mim, senhor. — Ele sorriu, olhando para mim. Seus olhos eram suaves e cheios de carinho enquanto me olhavam.

Eu o abracei e beijei seu peito.

Parecia que os planetas haviam se alinhado. Tudo estava perfeito.

A noite veio, e fomos nos preparar para o jantar. Optei por um vestido de malha azul e com gola alta que ficava colado em meu corpo. Deixei meus cabelos soltos após secá-los e usei maquiagem leve. Enquanto lavava minhas lentes de contato, Dashier bateu na porta e entrou em seguida, pedindo por seu perfume.

— Por que vai usar lentes? — Suas mãos estavam em meus quadris, e seu corpo colado ao meu. Olhei para ele através do espelho e sorri. Nós nos observamos por um tempo. — Somos bonitos juntos, não somos?

— Faríamos bons bebês juntos. — Aquela foi a primeira rasteira no humor de Dashier. Seus olhos ficaram duros, e seu corpo, tenso. Um passo

foi dado para trás, e suas mãos deixaram meus quadris. — Foi uma brincadeira, *baby*. Forma de falar. — Eu procurei consertar, mas Dashier já estava fora do banheiro.

Eu olhei para o espelho e me deparei com meu rosto triste. Devolvi as lentes e o fluído para a minha *nécessaire* e peguei o rímel para passar um pouco mais, já que ia usar óculos. Queria que meus olhos não ficassem tão apagados. Respirando fundo, eu fui para o quarto. Dashier estava olhando para a janela com as mãos no bolso. Seus jeans bem cortados moldavam suas pernas e bunda de forma deliciosa, a camiseta branca grudava em seu corpo, deixando pouco para a imaginação. A barba estava maior, ele não a aparava desde o início da semana, e eu o achava lindo daquela forma. Eu poderia sentir seu cheiro forte, masculino e sofisticado. Ele deu um suspiro longo, como se estivesse se preparando, e se virou para mim com um sorriso contido.

— Você está linda, Cupcake.

— Quer falar sobre o que eu disse para deixar você tão chateado? — Perguntei, dando a opção para ele.

— Não. Desculpe por aquilo. — Ele se aproximou, me abraçando. — Não há do que se desculpar. Eu sou tão...

— Por favor, não. *Isso*, você se colocando para baixo, me deixa chateada. Vamos mudar de assunto. — Eu me estiquei, beijando seus lábios.

— Você está lindo, Sr. Colt. — Ele sorriu, olhando em meus olhos.

— E você é simplesmente perfeita, Quinn Elizabeth. — Nós rimos da sua piada batida e voltamos a nos beijar.

\*\*

Quando os Stevenson abriram a porta, dei de cara com um casal loiro usando camisas vermelhas de botão. Era engraçado ver os dois se vestindo

como gêmeos. O homem atrás deles destoava da vestimenta. Era alto, loiro e usava um par de óculos elegantes e um terno azul-marinho, sua gravata era rosa-claro e estava frouxa no colarinho. A mão de Dashier apertou a minha, e seu corpo já rígido ficou ainda mais.

O que estava acontecendo?

— Fern, Eddie. Como estão? — Aquela que imaginei ser Rhonda abriu espaço para que começássemos a entrar. — Quinn, você é tão linda... Olhe, Stu, James, olhem esse rosto, esses olhos e cabelo. — Sua mão rechonchuda acariciou alguns fios antes de me abraçar. — É um prazer conhecê-la. Entre. Oh! — Ela olhou para Dashier e o mediu com olhos sonhadores. — Eu não posso acreditar que você more em Nova Iorque. Seu lugar é em Hollywood. Você tem a bela face de uma estrela de cinema.

Eu ri, assim como meus pais. Dashier sorriu um pouco, corado, e se apresentou a todos.

— Quinn e Dashier, este é nosso filho, James. James é advogado e está nos visitando. Querido, Fern nos contou que Quinn é organizadora de eventos e o jovem Dashier...

— É CEO de uma grande empresa de games. Eu sei. — Os olhos de James eram suaves quando ele disse, mas Dash continuou rígido ao meu lado.

— Vocês se conhecem? — Olhei para Dashier, que tinha o maxilar apertado e olhava para o chão.

— Sim, eu prestei consultoria para o Sr. Colt. Prazer em revê-lo, Dashier.

— Igualmente, James. — Mas eu tinha certeza que não existia recíproca ali.

— Ora, se não é uma feliz coincidência? — Rhonda bateu palmas.

*Yeah! Não.*

\*\*

Com copos em mãos, meu namorado e eu bebendo suco de laranja, Dashier se mantinha calado enquanto conversávamos sobre NY. Descobri que James morava em Staten Island, era um advogado de renome e um homem muito simpático, embora eu estivesse incomodada com fato de Dashier não parecer confortável perto dele. Eu estava dando o benefício da dúvida ao homem, afinal, eu não sabia qual era a relação entre os dois.

O jantar estava longe de ser agradável do modo como eu esperava.

Rhonda nos serviu um delicioso pato com laranja, acompanhado de peras flambadas com vinho branco. Obviamente Dashier deixou de lado. Desta vez, ele mesmo deu uma desculpa para não comer.

— Eu não sou fã de peras. Mas imagino que estejam deliciosas. — Para ajudá-lo a sair de foco, eu emendei uma conversa paralela.

— Rhonda, mamãe já fez algum cannoli ou cheesecake para vocês? — Perguntei em um tom forçadamente entusiasmado, mas acreditei que ninguém havia percebido.

— Oh! Ela fez, querida.

— Delicioso! — Stu gemeu. — Melhor cheesecake que já comi. Sem ofensas, querida. — Disse e se desculpou com a esposa.

O telefone de Dashier vibrou, fazendo com que saltássemos um pouco. Ele o pegou e olhou a tela. Eu pude ver o nome de Bernard iluminado.

— Desculpe, eu preciso atender.

Ele se levantou e andou até a sala. Imaginei que ele ficaria no cômodo, mas logo notei que ele havia saído da casa e caminhado para a rua. Eu me mantinha conversando com todos, mas, depois de cinco minutos, resolvi ir até a janela para saber o que estava acontecendo.

Dashier gesticulava intensamente enquanto falava de maneira alterada ao telefone. De dentro da casa, eu não conseguia definir o que ele falava. Nina Simone tocava ao fundo e confundia as palavras para mim, mas

consegui perceber que meu namorado não estava satisfeito.

Ele demorou algum tempo para voltar e se manteve calado o resto da noite.

Despedimo-nos dos Stevenson e voltamos para casa. Dash parecia mais calmo ao sairmos quando fomos embora. Quando chegamos em casa, fomos direto para o nosso quarto. Assim que a porta foi fechada, Dashier me encurralou contra a porta e me beijou como um louco. Eu o beijei de volta, claro. Estava tentando entender a sua atitude, mas suas mãos e boca eram muito boas em me tirar no sério. Ele nos jogou na cama e voltou a me beijar enquanto levantava meu vestido.

— Dash? — Chamei entre nosso beijo.

— Hum?

— Você está bem?

— Deixe-me apenas sentir o seu corpo. Eu não desrespeitaria a casa dos seus pais, *baby*.

— Não é esta a questão, amor, você está me assustando. Está nervoso, e não quero que faça nada para se arrepender. Eu não estou reconhecendo você. — Empurrei um pouco seus ombros, tentando olhar em seus olhos. Ele piscou algumas vezes como se finalmente estivesse acordando do seu transe e se separou de mim rapidamente. — *Baby*? Dashier? O que está acontecendo, querido?

— É um dia ansioso. — Ele respondeu, se sentando de costas para mim, suas mãos apertavam o colchão enquanto apenas o seu dedo indicador disparava para a frente, uma e outra vez seguidas. Eu me sentei ao seu lado, em silêncio, olhando para ele, que estava respirando fundo e de olhos fechados. Seu dedo ainda disparava para frente freneticamente.

— O que isso significa? — Perguntei, baixinho. Ele não abriu os olhos, seu dedo não parou e ele não respondeu. — Dashier? O que significa?



— Dificilmente acontece. — Ele disse, apenas, mas ainda sem abrir os olhos. — Estou encontrando foco. Outro foco. Que não seja você, você não quer e não vou fazer isso com você, é errado de qualquer forma. Então estou encontrando o foco. É errado eu usar você.

Então eu entendi. Ele estava nervoso a ponto de querer usar.

Eu me levantei e me abaixei entre as suas pernas.

— Você quer usar? — Perguntei, sussurrando. Não encostei nele, apenas fiquei de joelhos, olhando o seu rosto sofrido.

— Eu não quero. — Respondeu com a voz trêmula.

— Você está com vontade, no entanto.

Ele não vocalizou e novamente não abriu seus olhos, mas assentiu. Seu dedo indicador ainda disparava para frente.

— O que está fazendo com o seu dedo?

— Estou contando. Até encontrar a calma. Sempre funciona.

— Mas estou aqui.

— Não vou fazer isso com você, Quinn. Eu não quero que você seja um escape. Desculpe por antes. Não acontecerá novamente.

Minha mão cobriu a sua e abaixou o seu dedo frenético enquanto a outra mão foi em direção ao seu rosto. Seus olhos se abriram para mim, escuros de tristeza. Eu sorri, tentando tranquilizá-lo.

— Eu não sou um escape. Eu sou o seu amor. E eu estou aqui para bom e para o ruim. Eu amo você. Eu estou aqui.

Dash me puxou, me fazendo sentar em seu colo com as pernas abertas. Nos encaixamos como quebra-cabeças e nos abraçamos enquanto ele voltava a contar, só que substituiu os números que dizia por “eu te amo”.

E eu respondia que o amava logo em seguida.

Todas as vezes.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## VINTE E TRÊS

Despedimo-nos dos meus pais e pegamos a estrada em direção ao heliporto. Dashier ligou para Jimmy, avisando que precisaria dele em meu apartamento em duas horas. Eu olhei sem entender. Nossa noite havia sido tensa, e Dashier não dormira direito. Ele havia acordado duas vezes, assustado por algum pesadelo. Mas quando eu perguntava o que estava acontecendo, ele apenas negava com a cabeça e voltava a dormir.

— Vamos para a sua casa hoje? — Perguntei, estranhando a sua atitude.

— Não, apenas eu.

— Oh! — Isso era novo. Nós tínhamos ficado juntos todas as noites no decorrer do mês, e agora ele estava indo para casa?

— Eu tenho uma viagem de negócios programada para amanhã.

— Desde quando? — Perguntei, sabendo que era grande mentira o que ele estava falando.

— Acabou de surgir. — Seu tom não deu margem para mais conversas, e um silêncio enlouquecedor se instalou dentro do carro.

Conforme os minutos foram passando, minha mágoa ia evoluindo. Eu disse que estava disposta a ir devagar, eu disse que teria paciência com os seus segredos, mas aquilo era diferente. Ele estava me afastando. Eu sabia. Sentia ele trabalhando em seu muro, e aquilo me matava.

Eu estava tão dolorosamente apaixonada por aquele homem lindo e quebrado, que deixaria tudo. Eu abriria mão de tudo voluntariamente apenas para ficar com ele, apenas para cuidar dele.

Fiquei espantada quando me dei conta disso, mas não por muito tempo. Eu me perguntei por que eu ficaria com medo de amar tanto alguém se esta era a minha vontade. Por que alguém diria que eu estava pirando? Por

que de alguma forma a sociedade regrou um período de tempo para que o amor puro e devoção pudessem se desenvolver?

Não.

Eu tinha escolhas.

E eu escolhi amar Dashier. Pelo simples fato de saber que ele era um bom homem.

Com todos os seus defeitos, com todos os seus medos, eu sentia dentro de mim que meu amor por ele era fácil, simples e indispensável. Eu poderia viver sem ele? Sim.

Eu queria? Não.

Por outro lado, tal amor poderia ferir. Muito. Assim como estava acontecendo naquele momento. Eu me entregava a ele e dava tudo de mim para em troca receber o seu silêncio. Aquilo machucava. Demais.

Quando chegamos em meu apartamento, ele sequer sentou. De pé, entre a sala e a cozinha, ele aguardava Jimmy chegar para partir. Eu me aproximei, olhando em seus olhos, tentando não deixar meu nervosismo transparecer.

— Você volta quando?

— Não sei dizer. — Seus olhos não focavam nos meus.

Eu o fitei por um longo momento, ponderando se eu deveria ou não dizer o que eu estava pensando.

Mas quando foi que parei de fazer o que eu queria?

— Desta vez você não só está escondendo coisas de mim, como está mentindo e me afastando. — Meus olhos ficaram turvos, e eu pisquei, tirando os meus óculos e voltando a fitá-lo. Seus olhos finalmente focaram nos meus. — Saiba que com isso você está me ferindo. Você não tem nenhuma viagem. Isso é tudo sobre o que aconteceu em Jersey. O que eu disse no banheiro, a sua reação quando conheceu James Stevenson e depois a ligação que você

recebeu. Eu não quero pressionar você, mas preciso que você saiba que eu estou ferida. Você está me machucando.

— Quinn... — Seus olhos eram tão sofridos...

— Vá resolver a sua merda, Dashier. — Minha voz era quase um sussurro.

— Me perdoe, Cupcake.

— Volte ou ligue se você precisar. — Beijei seus lábios e sorri tristemente antes de me virar e caminhar para o meu quarto.

Quando eu ouvi a porta se fechando na sala, eu me sentei na cama e soltei um grito. Doía tanto não poder ajudá-lo... Doía que ele não me deixasse entrar. Doía mais por não poder invadi-lo e arrancar todo o seu sofrimento.

Doía tanto, que eu queria sentir raiva, mas não conseguia. Medos e inseguranças deviam ser respeitados e não julgados.

Minhas lágrimas caíam enquanto meus soluços ecoavam pelo meu apartamento vazio. Então eu senti, suas mãos me puxando e me colocando em seu colo.

Dashier não havia partido.

— Você não foi. — Eu me abracei nele com força, agradecendo silenciosamente por ele não ter me deixado.

— Eu não fui. Não consegui. Não quando você está tão machucada... Eu continuo fazendo tudo errado. — Seu tom era tão dolorido... Isso me fazia ainda mais triste. — Me desculpe.

— Eu te amo, eu só quero amar você, salvar você de toda essa dor, Dashier. Por favor, não me afaste. — Implorei antes de descer o meu rosto para o dele e beijar os seus lábios com todo o amor que eu poderia lhe passar. Nosso beijo se intensificou, e quando percebi, estávamos deitados na ponta da minha cama, enroscados e apertados de forma tão firme, que eu poderia dizer que fomos amarrados ali.

Quando nos separamos, Dashier tinha algo diferente no olhar.

Determinação?

Coragem?

— Isso não é sobre sofrer. — Ele murmurou e engoliu em seco quando olhou para baixo, para meu corpo. Seus dedos trêmulos adentraram minha blusa e encostaram em minha barriga, alisando delicadamente, era como se asas de borboletas agora batessem por dentro e por fora da minha barriga. Seus olhos seguiam o movimento de sua mão até meu seio direito. Seus olhos pousaram sobre os meus novamente, como se estivesse pedindo minha permissão. Ele já havia tocado meus seios antes, beijado e abocanhado, mas desta vez era diferente.

Desta vez ele pretendia terminar.

Ir até o fim.

Eu deveria pará-lo? Ele estava fazendo aquilo para me deixar mais tranquila? Estava fazendo aquilo porque pensava que eu queria alguma prova?

— Dash? O que estamos fazendo? — Perguntei, baixinho como um sussurro.

— Eu vou fazer amor com você, Quinn.

— Você não está bem, e você não tem que me provar nada.

— Eu não quero provar nada além do seu gosto, baby, e eu não estou bem. Estou ficando louco na verdade, louco para entrar em você, para sentir você. — Olhando em seus olhos, eu podia ver a certeza, a verdade em suas palavras. Mas, olhando nos meus, ele podia ver o medo.

Eu estava com medo.

Eu não queria desencadear qualquer sofrimento, qualquer recaída. Eu não queria ser um gatilho para o homem que eu era loucamente apaixonada.

— Isso não é sobre sofrer, *baby*. Eu te amo.

— Eu também te amo. Tanto... — Sorri, beijei seus lábios e me separei novamente. — Mas não é necessário...

— Você não está sentindo a necessidade? — Seu corpo se apertou mais ao meu. Eu senti sua dureza, e mesmo por cima das roupas, eu conseguia sentir quão quente ele estava. Por mim. Eu sorri emocionada para ele e puxei seu rosto para o meu, recomeçando.

Era dia, a luz do céu invadia as cortinas do meu quarto, iluminando tudo. Eu podia vê-lo enquanto me beijava, eu via seus lábios se movimentando com o meu corpo, seus olhos fechados, tranquilos e serenos. Suspirando, eu fechei meus olhos e me entreguei. Eu o queria tanto...

Arrastamo-nos na cama até ficarmos confortáveis, e Dashier não parou de me tocar nem por um segundo. Ele se ajoelhou na cama e me puxou com ele; um de frente para o outro, nos despimos. Dash tirou minha blusa, revelando minha lingerie, seu peito forte, largo e musculoso foi revelado quando eu tirei o seu suéter. Logo após, tirei meu sutiã e deixei que ele me olhasse. Seus olhos brilhavam e seus dedos delicadamente acariciavam meus seios, sensíveis. Mordi meu lábio inferior e gemi, pegando suas mãos e as espalmando em meus montes. Apertei meus dedos levemente nos dele, fazendo com que ele pressionasse suas mãos com mais força em mim.

— Deus, você é tão linda, tão...

Então o telefone de Dashier tocou. Eu sabia que ele deixaria tocar, então não me importei, mas ele me afastou e respirou fundo.

— É o toque de Sylvia, *baby*. É Haze, eu preciso...

— Atenda, logo... — Eu me separei dele rapidamente. Ele me olhou enquanto levantava e pegava o telefone no bolso traseiro da sua calça, que infelizmente ainda não havia sido descartada. Ele me olhou, se desculpando, quando atendeu. Eu sorri, tentando tranquilizá-lo e sussurrei que o amava.

Eu estava excitada e chateada com a interrupção, é claro. Mas Hazel

vinha em primeiro lugar para ele. E o garoto vinha em primeiro lugar para mim também. Eu sentia falta dele. De uma forma que doía.

— Ei, Sylv... Oi, amigo. Como está...? Haze? Filho? Por que está chorando? — Seus olhos se arregalaram. — Não, amigo, não chore. É claro que você vai voltar, filho. — Dashier estava vermelho e revoltado. — Amigo, me escute. Vá para o seu quarto e arrume as suas coisas, Sylvia vai sair com você daí hoje, ok? Ótimo. — Ele ficou mudo por um momento, seu cenho estava franzido. Eu fui até meu pequeno armário e peguei meu roupão e o coloquei. Dashier andava de um lado para o outro, e seu peito nu subia e descia com dificuldade.

— Como ele foi capaz disso? É claro que estamos juntos! Conheci seus pais esse final de semana... Como ele sabe? Tabloide? Eu sou CEO de uma empresa de games, eu não sou um personagem de qualquer história fictícia para adolescentes, Sylvia. — Ele olhou para mim e suspirou. — Ele contratou alguém para me espionar... Claro que sim! Ele quer um deslize para tirar meu filho de mim, mas não vai acontecer... Eu sei que ele está chateado, você explicou algo a ele? O que você quer dizer? Eles deveriam estar de volta hoje, ele perdeu aula? Ajude-o com as coisas, compre as passagens e me informe o horário do primeiro voo. Obrigado, Sylv, eu vou ter uma conversa com meu advogado. Não se preocupe com Bernard. Cuidarei dele. Até breve.

Dashier desligou e respirou fundo, me apertando mais em seus braços.

— Quer falar? — Perguntei com medo, não queria outra crise.

— Eu *preciso* falar. Mas deixe eu falar com Nate primeiro.

— Nate?

— Meu advogado.

\*\*

Quando encerrou a ligação, Dashier voltou para o quarto e sentou na



cama.

— Desculpe... — Ele olhou para o roupão.

— Nós teremos tempo. Nós temos tempo. — Garanti a ele que não estava chateada por termos sido interrompidos. — Quero que entenda que Hazel é importante para mim também, Dash, você não é o único que eu amo nessa relação. — Ele sorriu e suspirou, puxando o meu rosto para o seu.

— É bom que se sintam assim. Hazel está com medo que eu o deixe porque estamos namorando.

— O quê? — Quase gritei. — Mas ele falou comigo, parecia feliz... Nós jogamos videogame e ...

— Bernard disse que eu provavelmente me casaria com você e teríamos uma nova criança, que eu havia esquecido da mãe dele e que agora esqueceria dele também. Eles não voltaram de Orlando ontem, Bernard adiou. Sylvia não contou porque viu Haze no telefone ontem comigo e pensou que ele estava me comunicando. Ele escolheu o dia de hoje para envenenar a cabeça do meu filho.

— Que tipo de ser humano faria isso? Eu pensei que ele amasse o neto.

— Ele ama, e ele está fazendo qualquer coisa para tirar o menino de mim.

— Mas ele não percebe que está machucando o menino? — Eu estava furiosa. Hazel estava sofrendo e tudo o que eu queria era abraçá-lo. — Que tipo de avô faz uma coisa dessas?

— O tipo que não confia no pai da criança. Ele não confia em mim e faz qualquer coisa para manter Haze longe. Ele pensa que eu vou ter uma recaída. Ontem, quando recebi a ligação durante o jantar, era Bernard. Ele disse que Haze lhe contou sobre a minha nova namorada. Queria saber sobre você, quem era, o que fazia e que ia pedir ao advogado dele que exigisse um

histórico seu.

— Ok. Eu não devo nada a ninguém, Dashier. Ele precisa que eu converse com alguém sobre? Eu vou.

— Como você existe? — Dashier me olhou, espantado. — Sequer pestanejou sobre a situação. Agora Bernard sabe da sua existência e vai tirar conclusões erradas e você está levando como se não fosse um problema.

— Dash, eu amo você e quero ajudá-lo. Eu não devo nada a ninguém. — Ele continuava me olhando, assustado. — E o mais importante: eu confio em você.

Nós ficamos em silêncio por um tempo, apenas nossas respirações podiam ser ouvidas e os sons da rua.

— Eu surtei um pouco quando você falou em bebês ontem à tarde. Mas só porque me fez lembrar da minha reação quando soube que Vicki estava grávida. Eu... não fui descente, não fiz o que um homem deve fazer. Fiquei com medo, me desculpe.

— Está tudo bem, *baby*. — Tranquilizei.

Dash ficou calado por mais um tempo, e eu, como sempre, fui paciente e esperei pelo restante da história.

— Depois, na casa dos Stevenson... — Ficou calado novamente antes de respirar fundo e voltar a falar. — James Stevenson foi o primeiro advogado designado para o meu caso quando todos os meus problemas com drogas explodiram na minha cara e eu perdi a guarda de Hazel. — Ele suspirou. — Ele é uma boa pessoa.

— Não pareceu pela sua reação.

— Eu fiquei envergonhado. E ele foi muito profissional não contando nada a ninguém.

— O que aconteceu?

— Tentei suborná-lo para levar drogas na clínica de reabilitação

quando eu estava em abstinência. Ele negou desde o começo. Mas eu comecei a assediá-lo. Minha última tentativa foi desesperada, e eu o espanquei dentro do meu quarto. Ele não registrou queixa, mas deixou meu caso sem pensar duas vezes. Quando eu saí da reabilitação, depusitei quinhentos mil dólares em sua conta. Isso permitiu que ele abrisse o seu próprio escritório. Eu fui vê-lo quando saí, ele agradeceu o dinheiro, mas não foi muito amistoso. Eu também não seria se tivesse meu nariz quebrado e oito pontos por dentro da boca.

— Oh, meu Deus!

— Eu não sou uma pessoa violenta...

— Tudo bem. Fique calmo.

— Tudo isso mexeu com a minha cabeça ontem. Eu fiquei nervoso e tive vontade de usar. Eu consigo lembrar da sensação de ... Eu lembro das sensações da droga, e eu não sei o que acontece, mesmo tantos anos depois a necessidade vem para mim...

— Eu posso imaginar.

— Desculpe, eu não queria me afastar de você, eu só pensei que precisava pensar, mas eu te vi tão ferida...

— Se você ainda precisar de algum tempo...

— Eu preciso que você saiba que eu te amo. E que vai ser complicado, e que...

— Ei! — Interrompi. — Eu sei de tudo isso, e não vou a lugar nenhum. — Beije-o e mordi seu lábio inferior. — Você vai buscar Haze e Sylv no aeroporto e vai dar atenção para ele, então imagino que nossas férias acabaram.

— Hum... sim. Mas eu gostaria de levar vocês dois para jantar amanhã, para conversarmos os três. — Seus lábios desceram delicadamente nos meus.

— Jantar? Eu terei que esperar mais de vinte e quatro horas para ver o meu *crush* menor de idade? Nunca! — Dash sorriu. — Amanhã, café da manhã completo na Bakery por minha conta. — Eu pisquei e voltei a beijá-lo.

## VINTE E QUATRO

DASHIER

Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava controlar a minha raiva. Jimmy me levava para o aeroporto em silêncio, mas eu podia ver que ele me observava pelo espelho. Ele e Sylvia estavam há tanto tempo comigo como meus funcionários, que agiam como protetores, tanto meus quanto de Haze. Eu admirava essa lealdade.

— Eu estou bem, Jimmy. Fique tranquilo. — Tentei. Mas como ele ficaria tranquilo se eu não estava? Não ficaria tranquilo enquanto não colocasse os olhos no meu filho.

— Eu estou, senhor. Como está a senhorita Miles?

— Você pode chamá-la de Quinn, você sabe. — Eu sorri, olhando para as árvores e prédios da rua enquanto costurávamos o trânsito em busca do meu filho. — E estamos bem. Ainda não estraguei nada, embora eu esteja me esforçando.

— Eu duvido que seja de propósito, senhor, o senhor é um bom homem e gosta dela.

— Eu a amo, Jimmy, e eu disse isso a ela. — Informei orgulhosamente. Eu não costumava conversar sobre sentimentos com Jimmy, mas não conseguia evitar. A necessidade de falar era tão grande dentro de mim, que se pudesse contaria a todo mundo que tenho a mulher mais linda, inteligente e compreensiva ao meu lado.

— Isso é muito bom, senhor. Estou feliz por vocês.

— Eu também, amigo. — Os olhos de Jimmy me olharam através do retrovisor e fiz um esforço para não rir da sua reação quando o chamei de amigo.

Quando cheguei ao aeroporto, o avião já tinha pousado. Hazel e Sylv  
NACIONAIS-ACHERON

estavam provavelmente pegando as bagagens. O meu telefone não parava de tocar, Bernard estava querendo falar comigo, provavelmente me encher de ameaças por ter desrespeitado o tempo dele com Hazel, porém meu advogado já estava em contato com o advogado dele. Nate cuidaria de Bernard.

E eu cuidaria do meu filho.

Obviamente vi Sylvia primeiro. Olhei para baixo e senti meu coração apertar e disparar quando vi meu garotinho andando com a mão firmemente grudada na de sua babá. Ele era tão lindo... Seu rosto era perfeito e seus grandes olhos verdes brilhavam. Brilhavam como sua pequena mente inteligente.

Vicki não havia parado de usar drogas durante a gravidez, e Hazel sofrera da síndrome de abstinência neonatal. Seus primeiros meses de vida foram difíceis e cheios. Seus exames eram feitos regularmente desde que nascera. Eu tinha que agradecer a vida por isso e nunca mais pedir nada. Meu filho era saudável e muito inteligente, apesar de tudo.

Quando finalmente se aproximaram, eu me abaixei e abri os braços para ele, que travou e arregalou seus olhos, fitando Sylv. Ele não sabia o que era correr para os braços de alguém com saudades dele. Aquilo doeu. As lágrimas arderam em meus olhos, eu ainda tinha tanto a recuperar com o meu garoto... Sylv assentiu e falou para ele correr. Puxando o ar, Hazel disparou em minha direção e se jogou em meus braços com tanta força, que caí sentado no chão do aeroporto com ele em cima de mim.

— Ei, amigo, eu senti sua falta. — Eu sussurrei, o apertando.

— Mesmo? — Ele se separou de mim, olhando em meus olhos.

— Eu nem queria que você tivesse ido, garoto. Eu amo você. Muito.

— Afirmei, sentindo minha garganta fechada. — E, amigo, seu avô se enganou quando falou sobre Quinn, ela te ama também, amigo, e está com saudades.

— Eu também te amo, papai, e gosto muito da Quinn. — Haze me abraçou novamente, mas, de repente, se separou de mim, dando um passo para o lado e rapidamente correndo para longe.

— Haze! — Gritei, me levantando rapidamente e olhando para trás, mas ele já estava nos braços de minha namorada.

Quinn estava lá. Ela também fora para o aeroporto! Seus olhos me fitaram, e ela sussurrou um pedido de desculpas, logo fechando os olhos e abraçando meu garotinho com mais força.

Sylvia parou ao meu lado e suspirou.

— Eu acho que amo sua namorada também, Dashier. — Ela disse, olhando a cena junto comigo.

— Eu tenho certeza que a amo, Sylv. — Respondi, controlando a emoção em minha voz.

— E você já disse isso a ela?

— Sim.

— Estou orgulhosa, querido.

## QUINN

Quando Dashier me deixou em casa para pegar Hazel, no início da noite, eu senti ciúmes. Não do menino, mas do pai dele.

Eu fiquei com ciúmes por Dashier ver Haze, e eu ter que esperar até o dia seguinte.

Loucura. Eu sei. Sei disso!

Mas eu estava tão apaixonada por ele quanto pelo pai. Eles rapidamente tomaram conta do meu coração, e eu queria, mais que tudo, ver aquele menininho e saber se ele estava bem. Mas, principalmente, eu precisava saber se ele me odiava pelas coisas que seu avô lhe dissera.

Andei por todo o meu apartamento enquanto mordida meu polegar para não estragar a minha unha. Pensei em fazer alguns *muffins* para Haze, mas desisti em seguida. Nós nos encontraríamos na Bakery para o café da manhã no dia seguinte, então não havia necessidade de cozinhar.

O dia seguinte.

Eu teria que esperar. E se ele estivesse me odiando? E se Dashier não conseguisse convencê-lo de que Bernard estava mentindo?

— Eu vou enlouquecer. — Disse, alto, para as paredes, me jogando no sofá. Bufei e liguei a televisão, mas mal a imagem apareceu, desliguei o aparelho, saltando do sofá e correndo para o meu quarto. Vesti qualquer roupa e corri para a porta, apanhando minha bolsa e chaves em seguida. Sentia meu coração quase fugindo do peito tamanha ansiedade para reencontrar Hazel.

\*\*

No momento em que cheguei ao portão de desembarque, meu coração

NACIONAIS-ACHERON



saltou novamente. Não foi difícil encontrar Dashier e Hazel. Eles estavam no chão do aeroporto, abraçados. Os olhos do menino estavam fechados, e ele parecia sério enquanto abraçava seu pai. Quando seus olhos se abriram, foi como se ele soubesse que eu estava ali. Sua atenção estava totalmente voltada para mim. Eu senti medo por um momento, esperando a sua reação, mas os olhos do menino brilharam para mim. Ele se separou de seu pai, correndo para os meus braços como se estivesse com tanta saudade de mim, quanto eu estava dele.

— Hazel. — Sussurrei, apertando ele em meus braços.

— Oi, Cupcake. — Ele sussurrou de volta e beijou meu rosto. — Eu senti saudades.

— Eu também, querido. Eu também.

Dashier se aproximou, sorrindo ao lado de Sylvia. Eu olhei para ele, me desculpando.

— Eu estava com saudades e com...

— Medo. — Ele terminou por mim.

— Você está com medo do que, Cupcake?

— De nós irmos comer pizza sem ela, acredita? — Dash interrompeu.

— Podemos ir ao Dino's?

— Eu não pensaria em outro local, garoto. — Ele sorriu e pegou sua mão em seguida. Haze pegou a minha e fomos juntos para o carro.

\*\*

No caminho, convencemos Haze a levarmos a pizza para casa para que pudéssemos conversar mais à vontade. Já que eu tinha ido ao aeroporto, não tinha motivo para não tirar qualquer dúvida dele naquele momento. Ele aceitou rapidamente como o bom menino que era e alegou estar com saudades do seu videogame e brinquedos.

Dashier foi um pouco exagerado e pediu quatro pizzas. Acho que ele estava apenas nervoso e tentando compensar seu filho.

Quando chegamos, Haze correu para o seu quarto junto com Sylv e se arrumou para tomar um banho. Assim que o menino sumiu da nossa visão, eu me virei para me desculpar.

— Eu sinto muito. Eu apenas não queria que ele me odiasse, eu estava com medo e ansiosa demais para esperar.

Dashier sorriu e me pegou em seus braços. Ele me beijou com entrega, seus lábios se movendo com os meus, preenchendo minha boca com sua língua ávida e doce.

*Jesus, como uma pessoa podia ter seu próprio sabor?*

— Eu me apaixono por você mais um pouco a cada dia, Quinn. Eu amo você.

— Eu também te amo, *baby*. — Beije seus lábios novamente de forma rápida antes de irmos para cozinha e prepararmos tudo para comer pizza. Preparamos os pratos e guardanapos junto com as pizzas no meio da sala. Dash disse que seria melhor conversar com Haze de forma mais descontraída, e eu concordei. Quando Sylv voltou com um Hazel cheiroso e de pijamas felpudos do Capitão América, senti novamente meu coração se aquecer. A sensação de que aquele menino era mais do que o filho do meu namorado aumentava a cada segundo.

Comemos em silêncio por um momento, mas Dashier parecia ansioso para tirar o assunto do nosso caminho, então simplesmente suspirou e falou: — Haze, gostaríamos de conversar sobre o que o seu avô disse a você.

O menino largou a pizza com suas pequenas mãozinhas e olhou para o seu pai e depois para mim.

— Sylv disse que não é verdade. — Ele disse, simplesmente. — E você disse que o vovô se enganou.

— Sim, Hazel. É isso mesmo. Você é a coisa mais importante no mundo para mim. — Dash explicou, olhando com firmeza para o filho. Eu sorri para ele e larguei meus talheres para prestar a atenção nos dois. — Mas Quinn também é importante. Eu também a amo mais que tudo no mundo. E eu amo você mais que tudo. São formas diferentes de amar que cabem dentro do meu coração.

Deus! Eu iria morrer de fofura ouvindo Dashier falar daquela forma!

— Mas você não ama a mamãe?

O clima pesou com aquela pergunta. Como Dashier a responderia? Ele nunca amou Victoria, segundo ele, mas dizer ao seu filho poderia magoá-lo se saísse da forma errada.

— Eu sempre vou amar a sua mãe pelo fato de ela ter me dado você, amigo. Isso foi a melhor presente que eu poderia ter ganhado de alguém. No começo, eu estava doente e não pude aproveitar os primeiros momentos com você, mas eu quero aproveitar ao máximo agora, recuperar todo o tempo perdido. Eu não quero que vá embora e nem vou desistir de você, seu avô estava enganado. Mas eu quero dividir toda a alegria de ter você aqui comigo e com Quinn. Ela é tão especial, que merece ter um pedacinho de você também.

As palavras de Dash foram doces e belas, eu não teria dito nada melhor. Dashier era um excelente pai, e imagino que se não fosse pelas drogas, ele teria provado isso muito cedo.

— Então você não vai se casar com a Cupcake? — Os olhos verdes e inocentes de Hazel estavam grandes quando fez a pergunta ao seu pai.

*Oh, merda!*

Meu coração imediatamente começou a acelerar mais e mais.

— Não, eu não vou. — Dashier disse, de forma tensa e rápida, como se a pergunta de Hazel tivesse obrigatoriamente apenas uma resposta.

— Por quê? Ela disse não? — *Hazel, por favor, pare.*

— É muito cedo para eu pedir, amigo.

*Muito cedo?*

*Não pense. Não crie expectativa.*

*Tarde demais!*

*Merda!*

— Então você não vai ser a minha mãe? — Seus olhinhos estavam tristes quando se viraram para mim. Não esperava por aquela pergunta, me senti aquecida, nervosa e completamente desamparada para lhe responder.

Como eu responderia aquela pergunta se não tinha a resposta? Depois de um longo momento gaguejando em frente a ele, e tendo Dashier petrificado sem saber o que dizer, eu finalmente fechei meus olhos bem apertados, balancei minha cabeça, buscando clarear meus pensamentos, e busquei a forma mais simples que poderia para explicar a ele como aconteciam as coisas.

— Haze, você sabe o que significa promoção?

— Eu acho que não.

— É como um bônus, quando ganhamos um cargo mais importante em uma empresa. Como, por exemplo: eu vendo cupcakes em uma loja e sou muito boa em vender esses cupcakes. De repente, o dono desta loja percebe que eu sou muito boa e confiável e resolve me promover a chefe, então no lugar de apenas vender cupcakes, eu vou verificar se os outros vendedores estão vendendo os seus cupcakes de forma correta. Você entende? — Eu olhei de relance para Dash, que assentiu para que eu continuasse. Hazel também assentiu. — Então, para eu ser sua mãe, eu primeiro preciso ser testada. Se eu for muito, muito boa para você e para seu pai, talvez eu possa ser promovida de melhor amiga para sua mãe um dia. Mas isso não é uma certeza. Pode acontecer ou não. Por isso devemos primeiro aproveitar que

somos os melhores amigos do mundo inteiro. Se eu não conseguir ser promovida, você sempre será meu melhor amigo, e eu sempre estarei por perto. Está bem assim para você?

Haze me analisou por alguns minutos antes de negar tudo com a cabeça e olhar para o seu pai.

— Não. Não quero esperar. Você pode pedir a Cupcake em casamento agora, papai?

*Merda!*

## VINTE E CINCO

— Você sabe que não precisa fazer isso. — Seus braços circularam a minha cintura enquanto eu continuava a lavar os copos que havíamos usado no jantar.

— Eu quero. — Disse, simplesmente, engolindo em seco e tentando fugir do que Hazel havia pedido.

— Então use a lavadora, é mais rápido. — Quando eu nada disse e continuei, ele suspirou. — *Baby*, não fique tensa, ele é só um menino que está se comparando a outras crianças, ele quer uma mãe. Já explicamos a ele que não nos casaremos.

*Deus! Por que doía tanto?*

Por que não posso ser racional e ficar tranquila com essa explicação?

Dashier havia explicado pacientemente que adultos não casavam com apenas três meses de namoro. Na verdade, menos do que isso, se não contássemos todo o nosso “chove e não molha” do primeiro mês em que nos conhecemos.

Eu deveria ser racional e não me sentir magoada. Era lógico.

Mas desde quando eu estava perto da lógica desde que me apaixonei por aquele homem?

— Eu sei... eu só preciso... eu não sei, Dash. Eu só quero lavar a louça. — Ele se separou de mim e se encostou no balcão para me analisar. — E está ficando tarde, acho que eu deveria ir.

— O quê? Por quê? — Dash perguntou, nervoso. — Fique.

— É melhor eu ir, estou sem roupa aqui.

Tudo bem, eu estava sendo ridícula, mas não conseguia evitar. Estava chateada, mas não estava tentando puni-lo. Por isso não queria ficar e dizer algo que definitivamente me arrependeria depois.

— Eu levo você cedo para se vestir para o trabalho. Não é um problema, e você sabe. — Olhei rapidamente para ele e percebi que ele sabia o que estava acontecendo comigo. Ele não me deixaria ir para casa chateada.

— Haze pode ficar confuso. — Tentei mais uma vez enquanto colocava o copo limpo com a boca para baixo no mármore da pia.

— Haze! — Dash exclamou, alto, e logo o menino estava correndo para a sala.

— Sim, pai?

— Se importa de Quinn dormir aqui?

Fechei meus olhos e balancei a cabeça em negação.

— Legal! — O menino exclamou, feliz, e pulou ao meu lado. — Você vai dormir comigo. Eu vou ler uma história para você, Quinn. Eu sei ler, você sabia?

Eu suspirei, rendida de amor por aquele pequenino. Mas ri quando ouvi o gemido frustrado de Dashier quando o filho anunciou que eu não dormiria com o papai.

*Prove do próprio veneno, Sr. Colt.*

\*\*

Quando Haze caiu em um sono profundo, me levantei cuidadosamente da cama e beijei a sua testa antes de cobri-lo e sair do quarto. Caminhei para o quarto de Dashier e fui direto para o banheiro, me trancando lá para tomar banho. Ele nada disse quando o fiz e não olhei em sua direção para ver a sua reação.

Eu pensei em Hazel enquanto ligava o chuveiro. Era natural para mim, tanto quanto era para ele, a nossa relação. Enquanto seus lindos olhos verdes lutavam para permanecer abertos, eu o encarava com um sorriso bobo, me lembrando do dia em que ele invadiu a minha mesa tentando me pagar

pela fatia de bolo que aguardava minha mãe. Era como se o destino o tivesse colocado ali, naquele momento. *Era* para nos encontrarmos. *Era* para eu ter encontrado e brigado com o seu pai.

Então me lembrei que um dia antes, apenas um dia antes, seu pai havia me visto no terraço do prédio do outro lado da rua, tomando banho de chuva enquanto eu estava frustrada e solitária.

Minhas intenções haviam mudado desde então. A empresa já não era mais o meu sonho. Eu tinha mudado de sonhos. Claro que eu ainda queria minha própria empresa, organizar os mais belos casamentos, porém já não era o primeiro lugar na minha lista.

Então eu percebi porque ficara chateada quando Dashier foi tão racional ao explicar sobre casamento para Haze. Em meu ser, dentro de mim, eu sabia que era o que eu queria. Irracional ou não, cedo ou não. Nada antes havia me tolhido de fazer o que eu quisesse ou dizer o que eu sentia.

Não seria agora.

Não por medo de ouvir não.

Não por medo de parecer precipitada.

Terminei meu banho rapidamente, me secando e colocando apenas o roupão de banho de Dashier por cima do meu corpo nu. Abri a porta e rapidamente e saí do banheiro. Vendo minha atitude tempestuosa, Dash saltou da cama. Seus olhos analisaram o que eu vestia de cima a baixo.

— Eu quero que você saiba que eu quero me casar com você. Eu diria que quero, agora, hoje, mas entendo a situação com Haze e o fato de que você tenha que se firmar como pai. Eu só não vou esconder isso porque em algum lugar algum imbecil um dia disse que há tempo pré-determinado para isso. Não para mim. Não quando sei que o que sinto por você não vai mudar, não quando não consigo me imaginar sem você ou sem aquele menino que eu acabei de colocar para dormir no outro quarto e que desejei tão fortemente ser



sua mãe enquanto ele se esforçava para não fechar seus olhos porque queria ficar mais tempo acordado comigo. Não quando eu abria mão de tudo para ficar com vocês, mesmo sem que vocês me pedissem por isso. Eu amo você e eu me amo demais para engolir esses sentimentos e não os compartilhar.

Dashier ficou olhando para mim com os olhos ternos, absorvendo cada uma de minhas palavras.

— Você pode dizer algo. — Incentivei sem sair do lugar, esperando para saber qual seria a sua reação. O que ele diria.

— Eu farei amor com você essa noite.

Tudo bem, não era a resposta que eu esperava sobre o assunto, mas, definitivamente, era uma boa resposta.

Nós nos movemos como imãs, caminhando em direção ao outro, até que estávamos nos beijando com força e paixão. Suas mãos estavam em meus cabelos, segurando a minha cabeça enquanto eu alisava seu peito por cima da fina camiseta branca que vestia. Ainda assim, eu podia sentir a dureza e o calor da sua pele. Seus lábios eram macios e exigentes nos meus. Nenhuma novidade, ele sempre me beijava com tanta entrega...

Nossas bocas se separaram, e seus olhos olharam para o nó do meu roupão. Ele puxou as cordas e, delicadamente, abriu o tecido, olhando, maravilhado, para o meu corpo, como se nunca o tivesse visto antes. Um sorriso sexy brincou em seus lábios quando ele percebeu que eu não vestia sequer uma calcinha. Suas mãos passaram por dentro do roupão, e seu olhar ficou ainda mais intenso quando seus dedos tatearam meu quadril e me puxaram para perto dele.

Seu sorriso torto e sacana se intensificou, trazendo uma sensação conhecida dentro de mim. A expectativa sobre aquele momento foi trabalhada desde o nosso primeiro contato mais íntimo. A ânsia e a excitação sem fim naquele momento estavam no seu auge. E a espera finalmente havia

acabado.

Suas mãos voltaram a alisar o meu corpo e empurraram o roupão para que ele caísse aos nossos pés, me deixando completamente a sua mercê. Suas palmas passearam, alisando a pele do meu colo e seios, até chegarem em meus mamilos, os esfregando enquanto eu gemia baixinho sem tirar os olhos dele.

Fogo.

Isso era o que eu via nele naquele momento.

Puro fogo.

Minhas mãos foram primeiro para o cócs de sua calça de pijama, as abaixei, levando sua roupa íntima junto. Ele chutou o restante da roupa enquanto eu alisava sua bunda redonda e sedosa. Minhas mãos exploraram suas costas nuas e trouxeram ele mais para perto de mim. Sua cabeça desceu a minha altura, voltando a me beijar com desejo. Um suspiro longo se fez enquanto ele nos virava. Demos alguns poucos passos antes de ele me colocar calmamente em sua cama.

Dash sorriu para mim quando pegou meu pé direito e se ajoelhou na cama enquanto beijava-o. Novamente a sensação se construía dentro de mim, era como uma bola de energia pronta para explodir em meu ventre. Sentia a minha carne tremer de uma forma que nunca havia sentido em toda a minha vida.

Seus lábios desceram pelo meu tornozelo, beijando com a boca aberta e às vezes lambendo a pele enquanto fazia seu caminho para o meu centro. Quando sua boca estava em minha coxa, lambendo, chupando e mordendo, seus dedos alisaram o meu núcleo, molhado, fazendo com que eu gemesse mais alto.

— Dash... — Meus lábios mal se mexiam enquanto eu apreciava a sua e língua lambar a parte interna de minha coxa, e seus dedos se divertirem em

meu sexo. Quando sua cabeça virou, eu sabia qual seria o próximo ponto de parada de sua língua, e ele não me decepcionou. Lambendo toda a extensão do meu centro pulsante, achatando a sua língua e abrangendo toda a minha zona sensível, ele fez com que eu me contorcesse na cama em puro êxtase.

— Oh! Tão, tão bom!

Suas mãos subiram para a minha barriga até chegarem em meus seios, enquanto sua boca me devorava. Era como se ele estivesse beijando a minha boca, seus lábios, língua e dentes se entregavam ao meu sexo molhado, me tirando o ar. A satisfação crescia a cada segundo, meus gemidos ficaram mais altos a medida em que eu sentia o orgasmo crescendo dentro de mim. Quando finalmente explodi, exclamei o nome do homem que eu amava, fazendo-o subir seus beijos demorados e deliciosos por minha barriga, seios e finalmente, boca. Ele sorriu e beijou a ponta do meu nariz. Minhas mãos alcançaram seu membro duro, e o ar saiu por entre os dentes dele. Acaricieei para cima e para baixo enquanto beijava seu pescoço e ombro. Seu quadril se movimentou no ritmo das minhas mãos, e um gemido saiu dos seus lábios.

— *Baby*, estamos bem fazendo isso sem preservativo? Eu meio que não tenho. — Sua voz era rouca e seus olhos estavam fechados.

Rolei, empurrando o seu corpo contra a cama e passei a beijar e lambe o seu lindo corpo.

— Estamos bem. Estou protegida.

— Eu também, fiz muitos exames, estou limpo e... você sabe, eu não tenho...

Achei engraçado o seu desconforto enquanto falava sobre a sua falta de atividade sexual.

— Podemos parar. — Fui sincera. — Esperar, pedir entrega de preservativo... O que deixar você confortável, Dashier.

— Eu confio em você. — Respondeu com firmeza. — Assim como

sei que confia em mim.

Eu me senti orgulhosa sabendo que ele acreditava em mim. Sim! Eu confiava nele.

Meus beijos continuaram descendo e meu objetivo era claro, mas Dash me parou novamente.

— *Baby...* — Eu olhei para ele sem entender. — Eu quero muito, mas receio que meu desempenho já será fraco por causa dos anos em que... E você fazer isso agora... — Ele engoliu em seco. Eu sorri e levei a ponta do seu membro em minha boca e beijei delicadamente e depois mordisquei. Mas não continuei. Eu também não queria que acabasse logo.

Coloquei minhas pernas em volta de seus quadris, olhando em seus olhos.

— Você prefere que eu fique por baixo? — Perguntei, sorrindo.

— Eu prefiro te olhar enquanto você desliza sobre mim. — Suas mãos apertaram minha bunda. Pegando seu membro, o encaixei em minha entrada e, sem tirar os olhos dos seus, descí vagorosamente enquanto seu corpo se contorcia embaixo de mim. — Droga, *Baby!* — Exclamou entredentes.

Deitei meu corpo sobre o seu e beijei seus lábios sem fechar meus olhos. Eu queria vê-lo. Queria assistir seus sentimentos por mim. Aqueles que eu já conhecia de outras vidas. Só poderia ser isso, não existia outra explicação para o imenso amor que sentíamos um pelo o outro.

Enquanto me encarava, seus dedos apertaram meus quadris novamente e moveram meu corpo para frente e para trás. A sensação de Dashier me preenchendo era incrível. Nada que eu tenha sentido antes.

Lógico que eu havia tido sexo bom. Muito sexo alucinante.

Mas apaixonada daquela forma? Nunca.

Passei a me movimentar vagorosamente enquanto Dashier deslizava suas mãos por minhas costas e se movimentava para que nossos centros se

encontrassem em nossa dança perfeita e deliciosa. Nossos beijos eram lentos e apaixonados. A cada entrada dele em mim, eu dava um novo suspiro, e uma nova onda de adrenalina passava por mim. Um novo sorriso escapava dos meus lábios.

— Estamos fazendo isso. — Dash sussurrou enquanto eu me movimentava em cima dele. Era como um adolescente.

— *Estamos fazendo isso.* — Repeti, sorrindo para ele. Suas mãos travaram meus quadris, evitando que eu continuasse a me movimentar. Ele me virou na cama e se deitou em cima de mim, mas sem me penetrar. Sua testa encostou na minha, e seus olhos se fecharam com força.

— Algum problema?

*Eu tinha desencadeado algo? Deus! Por favor, não.*

— Eu apenas não quero que termine logo, *baby*. — Ele me olhava, envergonhado.

Eu sorri e o beijei.

— Não se controle. Nós temos a noite inteira e a vida inteira. — Informei, sem me assustar com a intensidade e veracidade de minhas palavras. Se realmente tínhamos a vida inteira, eu não sabia. Mas eu queria.

— Sim, nós temos. — Concordou.

Dashier entrou em mim com firmeza. Seu membro me preencheu novamente, e seu corpo pesou sobre mim. Seus movimentos pegaram ritmo, e nossas respirações começaram e ficar altas. Seus beijos em meu rosto, boca e pescoço não pararam. Minhas pernas se abriram mais e levantei minha pélvis, buscando por mais fricção. Seu nariz se arrastou pela pele do meu pescoço, ele me cheirava e parecia memorizar cada centímetro meu. Quando vi que o ritmo de Dashier intensificou, me movimentei na tentativa de gozarmos juntos. Mas ele foi primeiro. Não importava, mesmo gozando e gemendo alto, ele não parou até que eu explodisse de prazer novamente. Quando ele finalmente

percebeu meus olhos pesados e satisfeitos, ele sorriu e me beijou, se separando de mim. Nós nos deitamos, enroscados da cintura para baixo, e nos olhamos em silêncio por um longo momento antes que ele falasse.

— Eu não queria assustá-la quando Haze falou sobre nos casarmos.

— Não?

— Eu quero me casar com você, Cupcake. — O ar me faltou. — Mesmo que pensem que é cedo, para mim é apenas o correto. Eu perdi muito nos últimos anos, não tive chance de fazer e sentir tanta coisa por causa das más escolhas que fiz. Eu sei que temos tempo, mas eu não quero mais colocar minha vida em espera. Amo você e não posso imaginar meus dias sem você neles. — Sorri, largamente. — Mas se eu pedir você agora, vai parecer que foi apenas porque você disse. — Ele fez uma careta adorável enquanto falava a última frase.

— Eu estou me lixando para o que parecerá, Dashier. Somos eu e você aqui. — Afirmei.

— Então você quer ser minha noiva? Até que tudo esteja bem e possamos nos casar? — Era como se estivéssemos discutindo um final de semana em Aspen. Mas eu não me importava. Eu apenas queria ele.

— Eu quero, quero muito. — Saltei sobre ele e o beijei apaixonadamente.

Em pouco tempo, estávamos novamente fazendo amor e jurando que nos amariamos para sempre sem nos importarmos se era cedo demais, louco demais ou imprudente demais. Estávamos vivendo o que o destino estava nos dando.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## VINTE E SEIS

Acordei vagarosamente. Abri meus olhos, me deparando com a parede do quarto de Dashier, e sorri quando as lembranças vieram com tudo em minha mente. Tínhamos feito amor. Doce e puro, como nós mesmos, sem pretensões. Sem necessidade de nos preparar para aquilo. Sem suítes luxuosas, lingerie caras ou qualquer encenação. E foi tão lindo...

Rolei lentamente na cama para me virar e olhar para Dashier, mas o espaço dele estava vazio. Levantei meu tronco e olhei em volta, procurando por ele, e também não o vi em nenhum lugar do cômodo, a luz do banheiro também não estava acesa. Sentei na cama e busquei o seu telefone na mesa de cabeceira para verificar a hora. Duas da manhã. Dormimos apenas duas horas?

Levantei e apanhei o roupão de Dashier, largado em cima da poltrona, ao lado da entrada do closet, e caminhei até a porta. Abri e olhei pelo corredor, procurando por algum vestígio dele, mas, nada. Andei, passando pelas obras de arte penduradas na parede perfeitamente compostas em harmonia com outros objetos de decoração, e parei em frente à porta do quarto de Haze. Foi automático. Abri a porta, evitando qualquer barulho e enfiei minha cabeça para dentro, tentando pegar um vislumbre do garotinho na cama. Ele continuava dormindo na mesma posição a qual o deixara. Suspirei e fechei a porta em um baque surdo e continuei minha busca por Dash. Passando pelo escritório, constatei que ele também não estava lá. Então fui até a sala, o encontrando sentado no chão, em frente à grande janela que dava para o River Side Park. Imediatamente percebi seu dedo indicador se movendo. Ele estava contando.

*Oh, não!*

— *Baby?* — Chamei, baixinho, tentando não o assustar. Andei até ele



e me abaixei na sua frente, virando o seu belo e torturado rosto para mim. Deus! Ele parecia devastado. — É um momento ansioso? — Ele assentiu enquanto me olhava de forma desolada.

— Desculpe, eu não queria estragar a nossa noite...

Eu o beijei delicadamente, o calando.

— Está tudo bem. — Beijei mais uma vez. — Tudo está bem. Posso fazer algo para ajudar? — Ele apenas negou com a cabeça. — Prefere ficar sozinho? — Novamente a negativa. — Tudo bem, eu ficarei aqui com você.

Sem saber como agir, eu abri suas pernas e me coloquei entre elas. Sentei e encostei em seu peito, pegando sua mão trêmula e nervosa e moldando a minha por cima, e comecei a contagem junto com ele, meu dedo em cima do dele, descendo e subindo. Espelhando o seu movimento. Foram incontáveis minutos até que ele estivesse calmo.

Quando senti seus lábios beijando atrás da minha orelha, eu relaxei mais meu corpo contra o dele.

— Foi o sexo? — Perguntei, sem cerimônia.

— Não. Eu tive um pesadelo. Eu sempre tenho, é só a intensidade e os detalhes que mudam, e às vezes me deixam ansioso.

— Mas talvez...

— Não! Eu me recuso a deixar que o que tivemos mais cedo seja ruim a ponto de...

— Não é ruim, mas é um gatilho. — Justifiquei.

— Amar você não é um gatilho. — Ele me virou para que pudesse me olhar. — Foi maravilhoso. — Dash sorriu, e eu podia ver que a escuridão estava longe dos seus olhos. — Eu sabia que poderia me deixar um pouco mais sensível, mas está tudo bem. — Seus olhos se fecharam quando ele falou, como se quisesse se convencer das suas palavras. Eu também não queria ser um gatilho e muito menos motivo para a infelicidade de Dashier.

— Que bom, porque eu gostaria de repetir a dose, senhor Colt. —  
Tentei brincar com ele na esperança de que a tensão fosse embora.

— Agora? — Sua sobrancelha se ergueu, e seu sorriso se tornou sexy.

— Exatamente agora. — Respondi, nos levantamos, e ele me colocou em seus ombros, fazendo com que eu quase gritasse. Ele andou rapidamente para o quarto e me jogou na cama.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Dashier confirmou em silêncio, apenas afirmando com a cabeça. Embora estivesse brincando, eu ainda podia ver o medo em seus olhos. Era admirável a sua força de vontade para melhorar e não se deixar abater. Tínhamos compartilhado uma noite maravilhosa, e eu estava agradecida por ele não deixar seus medos intervirem em nosso progresso.

— Eu tenho. — Disse, por fim. Se arrastou sobre mim até que nossos lábios estavam juntos e nossas línguas provando um ao outro.

Suas mãos eram hábeis enquanto abriam o roupão que eu usava. Minhas mãos correram para a sua boxer e logo estávamos nus novamente. Seus fluidos continuavam em mim desde a última vez que havíamos encontrado o nosso clímax, facilitando suas investidas. Suas mãos acariciaram meus seios e beijaram a pele do meu pescoço enquanto eu disparava gemidos e me contorcia embaixo dele. Minhas mãos acariciaram sua bunda redonda e musculosa, sentindo o movimento que ele fazia, entrando e saindo, por vezes rebolando e provocando o meu centro quente por ele.

— Deus! Você é tão boa, tão deliciosa... Eu gostaria de entrar em você para sempre. O tempo todo. — Dash suspirou enquanto investia com mais força em mim. Sua resistência estava melhorando. Era a quarta vez que estávamos fazendo amor naquela noite e não era para menos, estávamos nos segurando há tanto tempo. Nós descobrimos nossos corpos de forma calma,

aproveitando cada sensação que causávamos no outro.

Suas mãos se enfiaram embaixo das minhas costas, e ele trouxe meu corpo para cima, e nós quase nos sentamos na cama. Apoiando minhas mãos, eu lhe dei livre acesso para os meus seios. Seus lábios tomaram com força meu peito direito, chupando, beijando, usando a língua para brincar com o bico entumecido, rígido de prazer. Meus dedos e unhas se enterravam entre os lençóis enquanto ele remexia, trazendo o atrito perfeito entre nossos sexos, me levando ao limite rapidamente. Eu não consegui segurar, minhas paredes internas se apertaram em volta do seu membro e meus gemidos mais altos ecoaram pelo quarto sem parar.

— Isso, *baby*. Vem para mim. — Era um novo Dashier que surgia a cada vez que ele entrava em mim. Se antes ele era sexy, agora ele sequer poderia ser nomeado. Sua voz, seu quadril se movendo, suas mãos firmes me manipulando, sua boca quente e ávida me chupando e mordendo exatamente onde eu precisava para chegar ao prazer absoluto. Sim, era um novo e delicioso Dashier que surgia.

E eu queria tudo deste novo homem. Tudo.

\*\*

Pela manhã, enquanto me arrumava para ir para casa me aprontar para o trabalho, ouvi o som do piano vindo da sala. Haze tinha um brilho nos olhos quando viu o instrumento. Dash prometera que o ensinaria a tocar, o que fez o brilho nos olhos de Haze ainda maior. Entretanto nós tínhamos mais coisas para tratar, então o piano fora esquecido por ora. Tínhamos pizza e uma conversa importante como prioridade.

Quando ouvi a melodia, me apressei para me vestir e encontrá-los na sala. Quando cheguei, notei Haze e Dash sorridentes, lado a lado em frente ao piano enquanto o pai tocava para o filho.

— Quinn! Você está pronta! — O menino sorriu para mim, mas voltou a analisar as mãos hábeis de seu pai nas teclas do piano. Eu desviei o olhar e tentei não demonstrar em meu rosto que estava lembrando quão hábeis aquelas mãos poderiam ser.

— Bom dia, meus meninos. — Sorri, me aproximando e beijando primeiro o rosto de Haze e em seguida os lábios de Dashier.

— Bom dia, meu amor. — Dash sorriu. Ele estava diferente. Eu conseguia ver que toneladas de peso haviam saído dos seus ombros. Seus olhos eram mais brilhantes, e seu sorriso estava frouxo nos lábios.

— Bom dia. — Sussurrei para ele, quando me separei. — Então, vamos? Temos uma hora para o café da manhã, então eu preciso passar em casa para me vestir.

— Eu estou pronto para ir. — Haze saltou. — Vou chamar a Sylv.

O menino correu em direção à cozinha, deixando eu e Dash sozinhos. Assim que sua cabecinha não foi mais vista, Dash me puxou para ele. Suas mãos grandes e firmes apertaram meus quadris, e um sorriso sacana escapou dos seus lábios.

— Eu não quero dormir mais um dia longe de você.

— Já ouvi isso antes. — Ri, sentando no seu colo.

— Eu falei sério naquela vez e estou falando muito sério agora. — Seus lábios beijaram o meu rosto.

— E o que você sugere? Que eu venha morar com você?

— Exatamente isso.

— Dash...

— Não me diga que todo aquele papo de ontem foi só para me levar para a cama? — Ele brincou, me fazendo rir.

— Eu só quero que estejamos certos.

— Me sinto bastante certo...

— Mas você tem outras questões, não esqueça de Hazel. Isso pode de alguma forma prejudicá-lo perante o juiz?

— Por que seria ruim namorar você? — Dash perguntou, rindo e fazendo pouco de minha preocupação.

— Namorar eu não sei, mas colocar uma mulher em sua casa, morando com você e seu filho pode ser complicado, *baby*.

Seu semblante se transformou quando ele finalmente entendeu o que eu queria dizer.

Para nós não era cedo. Dashier e eu estávamos mais do que nunca convencidos de que nos amávamos e de que seria para sempre. Entretanto a sociedade em peso pensava que poucos meses de namoro não era tempo suficiente para dois adultos decidirem se casar. Ou mesmo morarem juntos. Perante os olhos da maioria, seríamos adolescentes inconsequentes. E nós não poderíamos agir como adolescentes inconsequentes.

— Quando a audiência definitiva para ter a guarda de Haze acontecerá?

— Mais alguns meses ainda. — Seu tom era decepcionado. Deus, eu queria abraçá-lo.

— Não fique assim. Não é como se não fôssemos nos esgueirar todas as noites. É só mais um pouco. É por Haze, devemos fazer o que for preciso para protegê-lo.

Dash assentiu, pensativo, mas assim que Haze voltou, ele estava relaxado novamente.

— Estamos prontos! — O menino avisou enquanto Sylv colocava seu casaco e sorria.

— Tudo bem. — Dashier ligou para Jimmy, pedindo para que ele trocasse o carro, pegasse um maior.

— Quantos carros você tem? — Perguntei.

— Alguns. — Ele respondeu como se não fosse grande coisa.

— Alguns. — Resmunguei, os seguindo para o elevador. Antes que a porta fechasse, minhas mãos estavam ocupadas, agarradas em mãos quentes e convidativas. Uma menor que a minha e outra muito maior.

\*\*

Quando cheguei na Class, Doty já estava trabalhando a todo vapor. Visivelmente mal humorada. Notei apenas pela forma que ela me cumprimentou quando cheguei. Eu optei por ficar quieta e esperar que ela quisesse falar.

Resolvi algumas pendências e enviei muitos orçamentos para os meses de abril e maio. Sorri, percebendo que a maioria eram casamentos. Eu teria meses ocupados no próximo ano.

Perto do horário do almoço, recebi uma mensagem.

*Gostou?*

Olhei para a mensagem, tentando decifrar do que ele estava falando.

*Do quê?*

Perguntei, intrigada, quando desisti de tentar lembrar. Será que ele estava falando do sexo? Não!

*Estão atrasados.*

Eu mal havia lido a mensagem dele quando vi a movimentação chegando em minha sala. Três pares de pernas e braços carregando grandes vasos de flores coloridas. Eram as flores mais coloridas que eu já havia visto em toda a minha vida. Os três pararam, e um deles gritou por trás do vaso: — Procuramos por Quinn Cupcake Miles.

Eu gargalhei quando ouvi a voz abafada do entregador.

— Sou eu. Vocês podem colocar no aparador à esquerda, por favor.  
— Os rapazes caminharam até o móvel que comportava alguns panfletos e

pastas com fotos de eventos antigos realizados pela empresa e acomodaram os vasos. Um deles se aproximou, me entregando a prancheta para que eu assinasse a entrega. Eu sorri, assentindo, e caminhei até as belas flores, sorrindo. O cartão estava colado em um dos vasos. Quando o peguei, o abri, identificando a letra.

*Baby, Eu sei que você não é uma garota de flores, mas eu tive vontade de pessoalmente escolher as mais coloridas para você. É isso que você tem feito comigo, tem deixado a minha vida colorida.*

*Eu não entendo de romance ou relacionamentos, por favor, me diga se eu estiver fazendo algo de errado enquanto almoçarmos. Jimmy está esperando por você.*

*Com amor, Dashier.*

— Você está com cara de quem está se desmanchando de amor. — Doty resmungou para mim. Desmanchei meu sorriso e respirei fundo.

— Você está bem, Doty?

— Só TPA. — Ela desdenhou com a mão enquanto olhava para o seu computador.

— TPA

— Tensão pós Andreas. — Resmungou. — Mas realmente não quero falar disso.

— Hum... ok. Quando quiser conversar, estou aqui.

— Eu sei. — Resmungou novamente.

— Eu estou saindo para o almoço, devo voltar em uma hora.

— Bom almoço. — Ela sequer olhou em minha direção, mas eu estava ocupada demais me desmanchando de amor pelo meu namorado para

pensar sobre isso.

\*\*

Jimmy não me levou para nenhum restaurante. Quando percebi aonde estávamos indo, sorri e fiquei excitada em antecipação. Ele me deixou no estacionamento, e eu subi sozinha para a cobertura. Assim que as portas se abriram e eu pisei no apartamento de Dashier, seus braços me agarraram.

— Ei! Não íamos almoçar? — Eu ri, tentando falar entre seus beijos.  
— Preciso ser alimentada.

Ele travou.

— Desculpe, você...

— Estou brincando, me leve logo para o quarto.

Ele riu, andando apressadamente para o seu quarto e fechando a porta atrás de nós.



## VINTE E SETE

**DASHIER**

— O que você está me dizendo? — A gargalhada de Andy ecoava pela minha sala, como se eu estivesse falando uma besteira enorme. Nós havíamos dado uma pausa em nossa reunião para tomar um café e colocar em dia alguns assuntos, especialmente os últimos quatro dias.

— Pare de rir como se fosse uma grande piada. — Joguei minha caneta nele. Andy continuou rindo e pegou meu mini Darth Vader e ficou calado por um minuto enquanto rolava o objeto em seus dedos, seu sorriso caiu e seu cenho ficou franzido.

— Desculpe, não é uma piada, realmente. — Ele suspirou e olhou para mim. — Mas é precipitado, Quinn tem razão. Vocês se amam, têm absoluta certeza disso, mas nos olhos da lei e principalmente de Bernard Sanders isso é imprudente. E sabemos que aquele cosplay de candidato a presidência dos Estados Unidos pensa que até a forma como você vai ao banheiro é errada. E você não pode fazer nada imprudente. Sabe que o juiz estará de olho.

— Eu sei. — Sentia minha garganta seca, peguei o copo de água em minha mesa e bebi, o deixando vazio rapidamente. — Eu sei disso, ela sabe disso, mas, Andreas, eu não consigo ficar longe dela. Deus! Você não entende.

— Eu entendo, Dash. Você está apaixonado. Eu posso não sentir o que você sente, mas já estive lá. Acredite, eu sei. E estou feliz por você, homem. Mas vocês precisam ir com calma.

— Não aguento mais ir com calma. Estávamos indo com calma por um longo tempo. — Algo nos olhos de meu amigo brilhou. Seu sorriso cresceu de repente, denunciando a sua descoberta.

**NACIONAIS-ACHERON**

— Vocês transaram! — Seu sorriso era gigantesco.

*Como adolescentes furiosos*, pensei, tentando manter a seriedade, mas apenas me limitei a um aceno positivo.

— Parabéns, cara! — Ele levantou da sua cadeira e estendeu o corpo e a mão em minha direção, querendo um *high five*.

— Não estamos na faculdade, Andy. — Ele prontamente recolheu a mão.

— Você é desagradável. Mas como foi? Me conta, cara. — Olhei para ele em reprovação. — Não quero saber quantas vezes você gozou, idiota. Eu apenas queria saber como você se sentiu no geral.

— Eu tive um pesadelo. Dos feios. Fiquei ansioso. — Respondi, tentando não me lembrar da parte ruim, e Andy assentiu, aguardando. — Eu fiz os exercícios que Lucas me passou, bebi muita água para aplacar a ardência, essas coisas. — Sorri ao me lembrar. — Então Quinn apareceu. Sentou perto de mim, fez a contagem comigo, como ela havia feito na casa de seus pais e depois voltamos para a cama.

Andy me olhava com um sorriso aliviado nos lábios.

— Eu procuro não a usar para compensação, eu... preciso que ela saiba que ela não está sendo usada, Andy.

— Ela sabe que você não a está usando, meu amigo. Sua Cupcake não parece uma mulher que se deixa servir de muleta. — Andreas sabia as palavras certas a serem ditas quando eu precisava.

— Eu sei, é apenas um medo de que eu esteja me viciando nela. — Confidenciei.

— Isso não é vício, Dashier, isso é amor. — Enfatizou meu amigo. — Qualquer um pode ver, Dash.

— Então por que eu ainda estou aqui, conversando com você quando eu quero estar ao lado dela, na cama?

— E por que você ainda não me largou aqui e foi ter o que quer? — Sua sobancelha se levantou para mim, e sua expressão era séria. — Quando você precisava das suas doses, nada prendia você. Ninguém prendia você. — Meu estômago deu uma volta. Ele tinha razão. Eu não hesitava. — É por isso que o que você sente por Quinn é amor, não vício. Você tem ânsia por ela, mas sabe que pode esperar para estar com ela mais tarde. Você tem responsabilidades aqui e tem uma escolha. Ela não controla você, apenas te ama também.

Eu olhei para meu amigo, absorvendo as suas palavras.

— Vou demitir Lucas, tenho um psicólogo de graça aqui. — Andy riu, mas parou, me analisando por um tempo. — O quê?

— É bom ter você finalmente de volta, irmão. Eu estou feliz.

— Eu estou de volta há tempo...

— Não. Não estava. Você é Dashier Colt, completo, novamente. Quinn é uma boa mulher. Você está feliz.

— Obrigado. — Disse, sorrindo e me sentindo mais leve. Andreas tinha razão. Eu era um homem completo novamente. Quinn era o que faltava para eu ser completamente feliz.

Andy se levantou para sair, mas antes de chegar à porta, parou e me olhou.

— Sabe quando a necessidade bater e você quiser sair no meio do expediente para tê-la em seus braços, mas não puder? — Assenti, tentando descobrir o seu ponto. — Pegue o telefone e diga isso a ela. Ligue para ela. Mande uma mensagem. Não faça o que eu fiz.

Assenti, entendendo o que meu amigo estava falando. A vida amorosa de Andreas não foi exatamente maravilhosa.

— Tem visto Sophie? — Perguntei com cuidado. Ele apenas negou com a cabeça e não continuou o assunto. Eu não poderia forçá-lo a falar.

Andy era realmente um cara romântico e dedicado, mas o trabalho começou a consumir muito dele. Os investimentos ficaram cada vez mais interessantes, e ele esqueceu Sophie no meio disso. Bem, Sophie não levou da melhor forma a situação, e Andy, quando caiu em si, também não levou.

Assim que ele saiu, eu peguei meu telefone e enviei uma mensagem para Quinn: *“Pensando em você. Te amo!”*

*“Bom, porque eu estou louca para vê-lo.”*

*“Ainda vai para minha casa?”*

Muito desesperado? Foda-se!

*“Sim. Estarei esperando por você lá. Eu faço o jantar.”*

Meu peito se aquecia quando Quinn tinha aquele tipo de gesto. Cozinhar, colocar Hazel para dormir... Era como se tudo estivesse se encaixando perfeitamente. Como se fosse para acontecer.

*“Mal posso esperar.”*

Respondi, por fim.

\*\*

Durante o dia, procurei trabalhar nas decisões que eu e Andreas havíamos tomado, mas minha mente escapuliu várias vezes para Quinn, lembrando das nossas últimas quatro noites.

Esperávamos Haze dormir quando ela passava a noite na cobertura. Assistíamos a um filme ou jogávamos videogame juntos, o que deixava Quinn furiosa nos acusando de sermos covardes de belos olhos por sempre ganharmos dela.

Hazel ficava encantado com a presença dela. Ele sorria, pulava em excitação e brincava como uma criança de cinco anos. Era realmente bom ver meu filho daquela forma. Nas noites em que eu ficava com ela, em seu apartamento, eu me despedia de Haze na cama e saía de casa louco para

encontrá-la. Nós bebíamos um bom chá, assistíamos a um filme... Tudo bem, rodava algum filme na televisão enquanto nós nos enroscávamos e dávamos prazer um ao outro. Era difícil ter o suficiente dela. Muito difícil.

Quinn era a mulher mais linda que eu já vira. Seu corpo era macio, sua pele era quente... e Deus!, aquela mulher sabia se movimentar na cama.

Dizer que eu nunca havia sentido prazer daquela forma era sincero, embora eu não me lembre de sentir prazer sexual sem ter algum estimulante envolvido. Eu sempre estava muito chapado quando estava transando, dificilmente me lembraria das sensações que sexo com alguém que eu gostasse produziam, até porque eu não amava ninguém naquela época.

Eu sequer *me* amava.

Agora, no entanto, era diferente. Eu havia conhecido uma bela mulher, e quando eu dizia bela, eu estava me referindo ao interior dela. Quinn era uma raridade. Delicada sem deixar de ser forte e decidida. Ela não se importava com o que as pessoas pensavam dela, mas não se tornava indiferente a elas. O carinho e respeito por todos que ela tinha a sua volta era admirável. Quando íamos a Bakery, ela fazia questão de cumprimentar cada um que passava por nós. Por vezes, ela entrava na cozinha para beijar a sua madrinha e caçava Lowie onde estivesse para lhe dar bom dia. A forma que ela agia com seus pais, tão atenciosa sempre que atendia ao telefone... Com Sylv e Jimmy, então? Deus! Ela era amiga deles. Não apenas agia como se fosse, ela era. Em quatro dias, Quinn pegou dicas de restaurante tailandês com Jimmy e combinou um passeio para compras com Sylvia.

E havia o jeito como ela se comportava com meu filho. Era um terreno perigoso dizer que eu lhe enxergava como mãe de Haze, que desejava que ele tivesse nascido dela, mas eu não conseguia evitar. Eles não eram mais apenas amigos, eu conseguia ver o laço entre eles se apertando em um nó, e isso me deixava feliz e ao mesmo tempo apavorado.

Eu não precisava sequer pensar em seus sentimentos por mim. Se havia algo que eu tinha absoluta certeza era de que aquela garota me amava. Sem reservas, sem julgamentos... Eu apenas balancei o seu mundo da mesma forma que ela fizera com o meu. Quando ela soube sobre o meu passado, não teve aquele olhar, o olhar que eu tinha do meu pai quando ele soube, da minha mãe, mesmo de Andy, que havia estado ao meu lado e cuidado da minha empresa e que carregava o julgamento e dúvida.

Quinn não. De nenhuma forma.

Mas ela não conhecia toda a verdade, e aquilo realmente poderia mudar tudo.

Eu precisava de coragem para contar a ela. Eu precisava.

\*\*

No momento em que entrei em meu carro, a pergunta saiu.

— Quinn está em casa?

— Sim, senhor, a deixei lá tem mais ou menos duas horas. Ela está fazendo planos para o Natal com o menino Hazel e Sylvia.

— Oh, sim? Um pouco longe, ainda, nem passamos pelo Halloween.

— Sim, senhor. — Jimmy sorriu, olhando pelo retrovisor, eu sorria também. — Tenho certeza de que ouvi algo sobre o Halloween também, senhor.

Ri para meu motorista antes de pegar meu telefone e ligar para minha mãe. Algumas notícias precisavam ser dadas a meus pais. Especialmente a notícia de que eu estava apaixonado.

Minha mãe, é claro, vibrou e pediu para que marcássemos o mais breve possível um jantar para que ela e papai conhecessem Quinn. Eu prometi que o faria em breve e quando estava próximo de casa, me despedi.

A cena que eu vi em casa não poderia me deixar mais feliz. O som

estava alto, Hazel estava em pé em uma cadeira ao lado do balcão da cozinha, cantando alguma música pop atual enquanto Quinn cortava cenouras, e ele ajudava, tirando casquinha de ovos cozidos. Eles balançavam e riam um para o outro, deixando meu coração disparado. Quando perceberam a minha presença, Haze gritou: — Papai, você chegou! — Pulou da cadeira, correndo em minha direção enquanto Quinn secava as mãos em um pano e o seguia. Peguei o meu garoto nos braços e aguardei a chegada da minha linda garota.

— Olá! — Cumprimentei e logo beijei os lábios de Quinn delicadamente.

— Como você está? — Ela tinha um sorriso largo e absoluta atenção em meus olhos quando perguntou, realmente interessada em saber como eu havia passado o meu dia.

— Agora eu estou perfeito. — Disse, apertando os dois com meus braços.

Mas então meu telefone tocou. Descendo Haze do meu braço, puxei o telefone. O nome que estava em meu visor não permitiu que eu mantivesse o meu sorriso.

*Bernard.*

## VINTE E OITO

Claro que Dashier não diria o motivo da sua tensão. Assim que o telefone tocou e ele viu o visor, seu semblante mudou, e o clima também. Mas nós dois nos forçamos para manter as aparências para Hazel, que parecia mais uma bola de energia. Ele vinha se soltando cada vez mais. Era um menino educado, mas finalmente estava se parecendo com uma criança. Dashier havia me contado que tinha obtido a guarda provisória de Haze desde o início do ano. Eles tiveram pouco tempo como pai e filho antes que eu aparecesse, mas Haze parecia confortável com a minha presença. Na verdade, ele parecia eufórico sempre que eu estava junto.

Nós jantamos na bancada da cozinha, Haze estava empolgado, contando sobre Melanie Hillis novamente. Falava sobre como eles brincavam no intervalo das aulas e faziam duplas nos trabalhos em sala. Ele voltou a falar sobre a beleza e os cabelos grandes e cheios da menina para mim e para o seu pai, que sorria.

Após a refeição, eu tirei a mesa e quis lavar a louça, mas Dashier me proibiu, dizendo que a empregada cuidaria daquilo. Eu a tinha visto apenas uma vez, sempre chegava e saía quando eu não estava. Assentindo, eu deixei tudo como estava e me juntei aos meninos no quarto de Dash para assistir a um desenho.

Haze optou pelo novo filme do Batman de Lego e nos aconchegamos na enorme cama para assistir. Peguei no sono durante o filme, e quando acordei, estava sozinha na cama. Virei-me, ainda sonolenta, e olhei o relógio. Duas da manhã. Levantei e saí pelo corredor, sabendo onde eu encontraria Dash, mas desta vez eu estava enganada.

Dashier não estava na sala. Nem em seu escritório.

Quando eu estava fazendo meu caminho para verificar no quarto de



Hazel, parei imediatamente. Havia uma música, baixa, mas certamente era dentro da cobertura. Então eu olhei para a escada além da sala de jantar. Caminhei rapidamente até o topo da escada, pronta para subir. A música ficou mais alta, confirmando minha suspeita.

Enquanto subia, identifiquei a música que tocava: era *Sweet Dreams*, a versão pesada de Marilyn Manson. O que dizia muito sobre o seu humor. Pesado.

Quando abri a porta, entrei rapidamente, tentando evitar o vazamento do som para o resto da cobertura. Em seguida, me deparei com o pequeno corredor de vidro. No final dele, havia a piscina do lado de fora, como já havia visto anteriormente. Andei pelo corredor, analisando a sofisticação e tecnologia dos equipamentos que Dashier mantinha. Dash não era exatamente um esbanjador da sua fortuna, mas gostava de conforto e de seus brinquedos. Videogames, computadores, televisões enormes e carros caríssimos. Era a forma que ele poderia extrapolar, ou quase. Não muito tempo atrás, ele me contou sobre como tinha que controlar até como ele gastava o seu dinheiro. Seu vício poderia ser compensado em alguma compulsão, e compras poderia ser uma delas.

Eu tentava não ver seus medos como exagero. Dash passou por coisas que, mesmo que ele abrisse para mim, mesmo que me contasse tudo, eu ainda não teria a ideia de como era senti-las na pele. Mas eu conseguia ver que os cuidados dele eram muito mais sobre seu medo de ter uma recaída e perder tudo, sobre o seu trauma, do que realmente sobre ter uma recaída. Dash era controlado, corajoso e firme. Mesmo em suas contagens, mesmo suando e tremendo em seus ataques de ansiedade, eu podia ver quão forte ele era. E eu lembraria isso a ele sempre que pudesse.

Enquanto Marilyn Manson agora cantava *Tainted Love*, parei em frente a academia quando o avistei através do vidro. Dashier subia e descia

freneticamente na barra. Seu corpo completamente lustroso de suor e seus músculos se movendo me deixaram completamente hipnotizada. Senti meu corpo reagindo de forma diferente em segundos. Estava tensa quando procurei por ele e, de repente, estava com tesão.

Seus músculos se movendo, dançando embaixo da sua pele, faziam coisas incrivelmente gostosas comigo. Tenho certeza que se eu tivesse me tocado naquele momento, não levaria mais do que alguns segundos para gozar. A música sexy só contribuía para a atmosfera pesada de puro erotismo. Estava excitada e pronta para chamá-lo quando ele saltou no chão e pegou uma toalha em sua frente, a levando ao rosto imediatamente. Quando ele se virou, eu ainda o fitava atrás da parede vidro. Seu semblante me mostrou que ele foi surpreendido com a minha presença, mas rapidamente se recuperou e ficou me olhando por alguns segundos antes que eu abrisse a porta e entrasse.

— Está tudo bem? — Minha voz não parecia minha. Estava preocupada com o meu namorado malhando freneticamente às duas da manhã. Entretanto, eu era humana e não conseguia esconder o fato de que eu estava imensamente excitada com a visão dele suado, viril e com músculos inchados.

— Tudo bem. — Disse, passando a toalha no peito. Involuntariamente eu lambi os lábios, tentando me repreender por agir como se meu namorado fosse comestível. Mas Deus! Eu queria tanto lambê-lo... Chupá-lo. Mordê-lo — Você... você está malhando tão tarde... Eu pensei que você estava ansioso novamente e...

— Não estou ansioso, *baby*. Estou bravo. Muito. Por isso vim malhar, para relaxar um pouco.

Tentei não demonstrar a ele que eu estava incrivelmente excitada, ele estava bravo, afinal de contas. Algo estava lhe incomodando, era diferente da sua ansiedade. Realmente parecia bravo, seu peito subia e descia de forma

diferente, mais lenta. Seus olhos não eram assustados, mas duros e focados. Esse era um novo Dashier que eu estava conhecendo.

— Você quer continuar sozinho?

Ele engoliu e me olhou por um momento, seus olhos desceram para o meu corpo, eu estava com uma camiseta sua, larga e longa. Pude perceber o momento em que sua raiva o deixou, não por todo exercício, mas sim quando colocou os seus olhos em mim, finalmente me enxergando na sua frente. Passando pelo meu corpo todo. Quando finalmente nossos olhos se encontraram novamente, eu sabia que ele não queria continuar sozinho. Ele queria que eu ficasse. Mais do que isso.

Eu andei rapidamente os poucos passos que nos separavam e me joguei contra ele. Suas mãos desceram, passando por minha bunda, encontrando o meio de minhas pernas e as abrindo e dando um impulso para que eu subisse e enrolasse minhas coxas em seu quadril molhado de suor. Seus lábios devoravam os meus, nossos dentes bateram, nossas línguas brigavam e nossos gemidos ecoavam pela sala.

— Eu estou todo suado, *baby*. — Dash disse entre os beijos e gemidos que trocávamos.

— Eu quero assim.

— Vamos para o quarto, tomar... Deus, Quinn... — Ele interrompeu seu pensamento quando esfreguei meu núcleo nele.

— Eu quero assim, aqui. — Chorei, lambendo o suor salgado do seu pescoço enquanto Dash andava até esmagar o meu corpo contra a parede de vidro. — Sim! — Exclamei quando sua mão direita desceu entre minhas pernas puxando a calcinha para o lado e enfiando seus dedos grandes em mim. Era diferente.

Mais um passo em nossa relação.

Mais uma entrega.

— Você é deliciosa. Eu não tenho o suficiente de você, do seu corpo... disto! — Seus dedos afundaram mais em meu centro, dando ênfase no que ele tinha dito. — Eu quero...

— O quê? — Perguntei, mordendo seu queixo e tomando seus lábios novamente enquanto rebojava em sua mão. — Me foder? Você quer me foder?

— Sim. Eu quero. — Sua voz era mais áspera, Quase um rosnado.

— Então foda. Apenas me foda! — A mão de Dashier saiu do meu centro e se moveu, tirando seu membro para fora da roupa e rapidamente se encaixando em mim, impulsionando para dentro de forma rápida e forte.

— Deus! — Ele impulsionou com força. — Tão gostosa, tão molhada e perfeita. Perfeita para mim, perfeita para o meu pau. Deliciosa, maravilhosa.

Minhas costas deslizavam para cima e para baixo no vidro enquanto seu membro grosso deslizava dentro de mim, nossos lábios molhados e salgados. Sua mão direita apertava e amassava meu seio, beliscando o bico por cima da camiseta, levando uma carga de adrenalina nova cada vez que me apertava.

— Eu te amo. — Disse, entre gemidos. — Amo tanto...

— Oh, *baby*. Você é a mulher da minha vida. — Dash sussurrou sem parar seus movimentos. — Vem, vem para mim, Quinn. Vem comigo. — Seus movimentos ficaram mais rápidos, meu centro deslizou e ficou mais colado ao seu, então rapidamente, o orgasmo veio, forte e totalmente perfeito, me fazendo gritar seu nome e jogar a cabeça para trás, batendo no vidro. Após mais duas invasões, Dash gemeu e suspirou, se enterrando em mim uma última vez. Seus lábios tocaram os meus, e sua testa descansou em meu ombro.

— Você me faz tão bem...

— Obrigada. — Agradei, me sentindo bem com a sua declaração. Eu queria fazer bem para ele.

— Case comigo, Quinn.

Eu ri e beijei o lado da sua cabeça.

## VINTE E NOVE

Outubro e novembro passaram rapidamente. Uma nova rotina se instalou em minha vida, e eu estava feliz com ela. Quando o Halloween chegou, Dashier, eu e Hazel nos vestimos de Han Solo, Princesa Leah e Pequeno Chewbacca, respectivamente, para pedir doces. Éramos uma pequena e feliz família de nerds. Nossos laços estavam se estreitando, e a dinâmica mudava sem qualquer descrição. Quando Dashier tinha alguma reunião muito cedo, eu era aquela a levar Haze para a escola com Jimmy, algumas professoras até já me conheciam. Sylvia me perguntava sobre o menu para os jantares nos finais de semana e se eu gostaria de algo especial durante a semana, mas eu sempre dispensava, dizendo que nos viraríamos. Sylvia tinha mais tempo para si, portanto.

Os passeios ao parque começaram a ficar escassos à medida que o frio aumentava. Contudo, nossos cafés da manhã na Bakery continuavam sendo a nossa tradição. Conteï a Hazel e Dashier sobre a minha mesa preferida e como ela me lembrava a minha época de caloura em Columbia. Dashier fez uma piada sobre visitar a universidade em breve apenas para comprar alguns moletons e estocar para a posterioridade.

Quando o feriado de Ação de Graças chegou, os pais de Dashier e meus pais insistiram para que passássemos com eles. Mas nós já tínhamos planos: uma ceia em casa. Apenas para nós três. Preparei tudo com carinho enquanto Dash tocava piano com Haze, que insistia para ele cantar também, mas seu pai se negou a cantar qualquer canção.

— Eu sou péssimo, ninguém quer me ouvir cantando. —Justificou para o filho.

Decorei a mesa de jantar de forma simples e nos servi um peru suculento, purê de batatas, vegetais e uma deliciosa torta de caramelo, porque Haze não era fã de torta de abóbora.

Na hora de agradecer, eu e Dashier ficamos um tanto abismados Hazel lembrou da tradição.

— Quero agradecer primeiro. — Exigiu um tanto sem jeito e juntando suas pequenas mãos. — Eu agradeço por ter vindo morar com o papai, foi como a vovó disse: o melhor! E quero agradecer por ter Quinn também. Espero podermos promovê-la em breve.

Eu não era a única emocionada naquele momento. Os olhos de Dashier brilhavam em lágrimas, e ele piscou várias vezes antes de se concentrar e falar.

— Agradeço por sua avó ter me dado um voto de confiança, Haze. Agradeço por finalmente ter você aqui comigo. — Ele engoliu em seco, tentando se acalmar, e então olhou para mim. — E agradeço por ter encontrado você, Quinn. Eu realmente não mereço tanto.

Sorri para ele e me preparei para falar.

— Agradeço por Le Havre, aquele lugar me fez tomar decisões, e hoje estou sendo recompensada por algumas delas, tendo vocês aqui. Agradeço por tê-los e poder amá-los. Eu amo vocês.

No fim da noite, quando Hazel estava dormindo, Dash me pediu para casar com ele novamente. Eu sorri e assenti, mas sabíamos que era brincadeira. Ficávamos rondando a ideia apenas para afrontar o sistema. Era bobo e belo ao mesmo tempo.

Nosso novo arranjo estava dando certo. Dashier e eu estávamos entrando em nosso quinto mês de relacionamento, felizes e sem maiores

problemas. Suas crises de ansiedade eram praticamente inexistentes, ele dormia quase todas as noites direto, sem acordar de pesadelos, e eu estava aguardando o momento em que ele me contasse o restante da sua história. Mas, honestamente? Eu só me lembrava que não conhecia todo o seu passado quando ele tinha alguma crise. Eu me perguntava o que poderia ter acontecido de tão grave para ele ficar atormentado de tal forma.

Com a chegada de dezembro, tudo se tornou mais mágico. A expectativa das festas e dos presentes para Hazel acabaram me contagiando.

A semana do Natal chegou, e eu entrei no modo Quinn – A Louca. Cassandra finalmente havia me liberado e ninguém na Class me veria até final de janeiro. Eu estava aliviada, mas Doty estava em pânico. Ficaria sozinha, cuidando dos orçamentos e agendamentos, e não estava feliz desde que descobrira que Andreas havia sido casado e tinha recém-divorciado de sua esposa, Sophie. Dash nunca havia me contado esta informação sobre Andy, e quando o questionei, ele apenas disse que não era sua história para contar.

Depois me lembrei de quando os encontrei no Chipotle e eles falavam sobre o assunto. Eu me desculpei com Doty e expliquei que, na época, e mesmo agora, eu e Dash estávamos trabalhando em nosso relacionamento e realmente era tudo tão intenso, que não tivemos a oportunidade de discutir sobre Andy e seu casamento com Sophie. Ela sabia que não era minha culpa e justificou que estava apenas amarga com tudo. Acredito que minha amiga estava apaixonada pelo melhor amigo do meu namorado e não soube lidar com aquilo por um tempo, mas, finalmente a TPA, tensão pós Andreas, havia ido embora.

Aproveitando o clima de Natal, convidei Doty para algumas compras para a organização da ceia e alguns presentes.

— E seus pais também vão? — Perguntou sem tirar os olhos do seu



telefone. Ela digitava freneticamente um e-mail para a equipe enquanto eu conferia a minha lista de compras. Eu havia encomendado a ceia em um *buffet* parceiro da Class. Não era barato, mas Dashier fez questão de assinar cada uma das faturas para o nosso Natal.

A coisa toda seria um evento.

Era o primeiro Natal de Dash e Haze juntos, e ele disse que não pouparia esforços e nem dinheiro para que fosse o melhor Natal da vida do menino. Eu estava mais do que disposta a fazer isso se realizar.

— Sim. — Sorri, ao responder. — Estou feliz de estarmos todos juntos para o Natal.

— E eu estou feliz por ver você feliz, mas, Quinn? — Olhei para ela enquanto pegava alguns itens de decoração para a árvore e lareira. — Você não acha que está muito cedo?

Lá estava. O julgamento.

Eu entendia sua preocupação. Mas Dashier e eu estávamos juntos há mais tempo, continuávamos nos conhecendo, e o que sentíamos um pelo outro era verdadeiro. Eu não era cega a ponto de ignorar completamente o fato de que tudo poderia mudar quando eu soubesse de toda a verdade, mas eu preferia pensar nisso quando chegasse lá. Deixar de viver uma bela história por medo do que poderia acontecer, com medo de me machucar, seria ir contra a promessa que eu fizera em Le Havre para mim mesma. Eu não seria mais dormente. Eu buscaria a felicidade. E Dashier e Hazel me faziam feliz. Muito.

Mesmo com toda essa justificativa, deixei de fora o fato de que Dashier estava me pedindo em casamento constantemente havia meses. Nós ríamos e levávamos na brincadeira, ou apenas deixávamos claro que era o que queríamos, mas estávamos sendo cautelosos por Haze.

Nós nos casaríamos, só tínhamos que esperar. Em breve, Haze seria

dele definitivamente. E poderíamos respirar melhor.

— Não é cedo, Doty. Não quando eu sinto que o amo em cada osso do meu corpo. Só que não dói, porque o amor não deve doer. Nunca. — Mas doía um pouco por não saber toda a história de Dashier. Era uma escolha que eu havia feito, eu disse que lhe daria espaço para trabalhar seus medos, e ele fazia isso.

— Você sabe que está sendo ridícula falando disso, não sabe? — Ela revirou os olhos, me tirando dos meus pensamentos e me fazendo rir.

— Não seja amarga. — Peguei a bengala de açúcar que uma duende estava oferecendo pelos corredores do shopping e bati nela.

\*\*

Na hora de escolher os presentes, eu pensei em algo especial para Dashier. Eu me diverti demais na loja de brinquedos, escolhendo o presente de Haze. Ele havia me dito que faltavam todas as heroínas mulheres para a sua coleção de bonecos. Logo, eu estava comprando todas as heroínas que conseguia encontrar na loja. Marvel e DC Comics em peso em meu carrinho de compras. Para os pais de Dash, eu comprei presentes simples que pudessem agradá-los, mas eu nada sabia sobre eles e não queria parecer invasiva ou puxa-saco. Eles sabiam sobre mim, e finalmente eu os conheceria. Dash disse que eles me amariam, mas era sempre tenso conhecer os pais de alguém com quem você estava realmente e seriamente envolvida.

Eu aproveitei para comprar algumas lingerie também. Dash e eu estávamos mais íntimos do que nunca. Uma esfregada enquanto cozinávamos, uma passada de mão dentro do carro, uma escapada na hora do almoço e noites gastas, ou aproveitadas, um no outro. Dashier era um adolescente em fúria em suas vontades, mas a experiência era a de um homem maduro que teve a sua cota de mulheres. Ele me falou que teve muito

sexo, mas que sempre vinha acompanhado de muitas drogas e que realmente não aproveitou as verdadeiras sensações. Agora, ele queria tirar o atraso, e eu estava contente em ajudar.

Ele continuava indo à terapia, estava tendo menos pesadelos, e eu o notava cada vez mais solto na cama. Ele tinha algumas ressalvas, por exemplo, exigia que nossos olhos sempre estivessem um no outro. Posições de costas para ele, ou de lado, de quatro ele sempre negava e me fazia encarar o seu rosto. Sexo mais bruto não era uma opção ainda. Dashier era forte, constante e delicioso quando estava comigo, mas nunca violento. Eu entendia aquilo como uma segurança para o sexo não se tornar um gatilho em seu vício, e eu estava bem com suas ressalvas. Tínhamos muito tempo para trabalharmos em nossa relação ainda. Todas as possibilidades e bem... barreiras que as vezes tínhamos.

Lembrei da primeira vez em que lhe avisei que estava em meu período menstrual e que provavelmente ele teria que esperar uma semana para que pudéssemos voltar com nossas atividades. Seu beicinho se projetou para frente como se eu tivesse colocado Dash de castigo, mas foi estranhamente compreensivo e me perguntou se teria que fazer “essas coisas que caras fazem para a garota quando ela está naqueles dias”. Respondi que só se ele quisesse.

Qual é? Que garota não gosta de ser mimada?

E eu era mimada com carinho, mensagens, presentes, sexo doce, cabelos lavados, um beijo roubado...

Dashier constantemente dizia que não tinha experiência em relacionamentos, que mesmo antes das drogas nunca havia tido uma namorada, mas ele estava lidando com tudo como um perito.

\*\*

Quando cheguei na cobertura de Dash, pedi que Jimmy subisse com as sacolas dos presentes mais tarde, eu não queria que Haze visse. Eu subi com os enfeites para a árvore enorme, já estava montada ao lado do piano na sala de estar. Dash, eu e Hazel finalmente colocaríamos os enfeites, estávamos bem atrasados na tradição natalina, mas não nos importávamos. Estávamos criando nossas próprias tradições. Quando as portas dos elevadores se abriram, eu sorri ouvindo o piano. Dashier estava tocando. Mas então eu parei quando percebi que ele estava cantando também.

Jesus, sua voz era horrível.

Sexy para caralho quando ele estava falando. Cantando? Era outra história.

Mas eu era apaixonada por ele, então estava me derretendo mesmo assim. Não pela voz, mas pelo fato dele estar relaxado suficientemente para cantar. Apareci na sala para ver ele e Haze se balançando de um lado para outro enquanto cantava Bennie and the Jets, de Elton John. Eu amei a escolha da música.

— Quinn está em casa, papai! — Hazel gritou e correu em minha direção. Peguei o menino em meus braços e o encaixei em meu quadril. Seus braços se enroscaram em meu pescoço e ganhei um beijo ali. Dash continuou cantando enquanto sorria, seus dedos não pararam em cima das teclas. Seus olhos eram brilhantes e sorridentes, assim como seus lábios.

Dash estava feliz. Genuinamente feliz. Eu caminhei até o piano e me sentei ao seu lado com Hazel ainda pendurado em seu pescoço. Ele colou seu rosto no meu, e nós dois ficamos encarando Dash enquanto ele cantava com a pior voz possível, me fazendo rir.

Quando ele terminou de tocar, pediu a Hazel para ir tomar um banho e se aprontar para o jantar.

— Após o jantar, começaremos a colocar os enfeites na árvore.

Hazel assentiu, animado, e correu para seu quarto enquanto gritava por Sylvia. Era o último dia dela e de Jimmy, eles iriam passar as festas com suas famílias e estaríamos por conta própria. Dashier queria contratar um serviço temporário, mas eu pedi que ele me deixasse cuidar deles e da casa.

— Ele está animado. — Sorri e me aproximei, beijando os lábios do meu namorado. Mantivemos nossos olhos abertos, olhando um para o outro bem de perto. Com um suspiro, nos separamos, e ele sorriu largamente.

— Ele está. Disse que vai nos mostrar a carta que deixará para o Papai Noel com cookies.

— O que me lembra que eu estou atrasada e preciso fazer algumas ligações para confirmar o *buffet* e os doces e... — Novamente Dashier me beijou, mas desta vez não foi casto e delicado. Foi forte, apaixonado e lânguido. — Hum... — Gemi quando ele se separou de mim.

— Eu só queria agradecer por tudo o que está fazendo, eu estou tão...

— Feliz? — Interrompi. Dash olhou para mim com o cenho franzido.

— Eu acho que sim, é estranho... Eu fiquei tanto tempo sem sentir isso, que acabei esquecendo de como era. — Identificar e nomear sentimentos era difícil para Dashier, mas senti-los era fácil como respirar. Desde o começo da nossa relação, eu pude ver cada sensação que eu despertara nele, cada sentimento se afluando. Era realmente bonito vê-lo amadurecendo emocionalmente.

— Eu amo você. — Eu voltei a beijá-lo, tirando um suspiro e um sorriso dele enquanto mordida seu lábio.

\*\*

Após o jantar, eu fiz chocolate quente para todos enquanto Dash acendia a lareira, o que consistia em apertar um botão em seu controle remoto universal ridiculamente abrangente. Eu tinha sérias suspeitas de que aquele

treco poderia me despir a qualquer momento. Abri as caixas e sacolas com enfeites e dividi entre nós três os objetos de decoração. Eu tirei fotos de Dashier fazendo brincadeiras com Hazel, jogando bengalas açucaradas um no outro. Fiz também selfies de nós três com tiaras de alces e beijando os rostos uns dos outros. Quando finalmente acabamos de colocar as luzes e os enfeites, Dashier ergueu Hazel com a enorme estrela dourada que eu havia comprado, e o menino colocou no topo do pinheiro. A árvore ficou linda, mas Dashier ainda não havia terminado.

— Eu tenho algo também. — Ele foi até a lareira e pegou a caixa branca e média que descansava em cima do local. Ele voltou para nós e abriu a caixa, mostrando o que tinha dentro. Eram nossas iniciais, um pouco menores que a grande estrela no topo, com ganchos e fitas em suas pontas. — Eu comprei para colocarmos na árvore.

Hazel pegou a letra do pai e sorriu para ele, pedindo permissão. Dash assentiu parecendo emocionado com a escolha de Haze, e pegou a minha inicial enquanto eu peguei a do menino. Juntos caminhamos até a árvore e penduramos uma letra ao lado da outra.

Era mais do que enfeitar a árvore com nossas iniciais.

Éramos nós aceitando um ao outro, incluindo um ao outro dentro de uma família só.

## TRINTA

— A bancada está livre, vocês podem colocar tudo aí cima, e eu assumo em seguida. — Direcionei enquanto a equipe do *buffet* entrava para deixar minhas encomendas. Dash estava encostado na parede, analisando cada passo meu enquanto eu coordenava tudo.

Eu havia acordado cedo naquele dia vinte e quatro de dezembro. Dash rolou na cama e me pegou antes que eu pudesse estar fora dela.

— Ia fugir? — Perguntou, me aninhando novamente em seu peito quente. Era realmente difícil sair da cama, ela era tão confortável... E, bem, tinha Dashier Colt nela.

— Preciso começar a trabalhar se eu quiser que tudo esteja perfeito. — Minha voz não deveria ter saído tão melosa quando respondi, mas com o homem da minha vida acariciando meu rosto e cabelos enquanto eu cheirava a pele gostosa do seu peito... Seu abraço era tão perfeito, me encaixava tão bem...

— Tudo já está perfeito, Quinn. — Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Obrigada, mas longe disso, ainda, e eu preciso de um banho e, *hum...* preciso me trocar. — Fiz uma careta para ele entender.

Eu precisava me livrar do absorvente, tomar um banho quente, tomar um remédio para evitar cólicas e provavelmente usar um jeans escuro. Droga. Eu deveria ter tomado meu anticoncepcional sem interrupções naquele mês.

Eu era uma porcaria no meu período menstrual. Na noite anterior, eu me sentia cansada e dolorida. Dashier fez carinho e massageou meus pés, só parando quando meus gemidos foram demais para ele, então correu para a academia, me fazendo gargalhar.

A cumplicidade não existia apenas quando estávamos um nos braços do outro, mas também no nosso dia-a-dia, nos sorrisos divididos quando nossos olhares se encontravam para conversar em silêncio. Estava em nossas piadinhas internas, na forma como interagíamos pela manhã antes de sairmos para nosso dia, estava na forma como ele entendia que eu não estava disposta a fazer sexo com ele, assim como quando eu entendia que ele estava tendo um dia ansioso.

Era bobagem pensar que eu estava vivendo anos em apenas cinco meses?

— Eu preciso ir. Hazel vai acordar em seguida e quero preparar um café da manhã especial para ele. Natal inesquecível, lembra? — Beije seu pescoço e mordisquei em seguida. As mãos de Dash apertaram o meu rosto, me puxando para si e beijando meus lábios.

— Obrigado por ser tão gentil com meu filho. Por...

— Amá-lo? — Levantei minha sobrancelha para ele. — Sabemos que eu me apaixonei por Haze antes de me apaixonar por você. — Sorri, saltando da cama e andei para o banheiro.

— Sim, sabemos que eu fui um babaca. — Parei quando ele falou e olhei para ele que levantava da cama se espreguiçando.

— Ele foi adorável, sentando em minha mesa e tentando pagar pelo pedaço de bolo... O que está fazendo? — Perguntei.

— Levantando...

— *Baby*, é véspera de Natal, volte para a cama. Seja preguiçoso.

— Não vou conseguir dormir sabendo que você está trabalhando pela



casa.

— Sim, você vai.

— Quero ajudar. — Insistiu.

— Vá dormir com Haze. É, *hum...* — suspirei e sorri para ele. —

Calmante. Realmente muito bom.

Novamente seus olhos brilhavam. Eu frequentemente pegava no sono na cama de Hazel quando o colocava para dormir. Era uma cama confortável, e o pequenino era quase tão bom quanto o seu pai na arte do cafuné.

— Eu amo você, Cupcake.

— E eu você, Danish. Agora vá, tente dormir, e tente manter seu filho na cama também. É muito cedo.

\*\*

A mesa com petiscos estava posta, Haze estava brincando com meu telefone e tirando fotos de toda a decoração. Dash olhava pensativo pela janela. Pai e filho usavam praticamente a mesma roupa. Jeans e suéter azul. O de Haze tinha flocos de neve bordados, o de Dash era liso e sem nenhum detalhe. A gola alta o deixava elegante. Eu optei por um vestido de lã vinho, me maquiei discretamente e fui proibida de usar lentes.

— Você me quer parecendo uma nerd, não é? — Brinquei com o seu fetiche.

— Por mim, você estaria usando aquele maldito moletom, você sabe. — Suas mãos subiram e desceram em meu quadril enquanto ele beijava a ponta do meu nariz.

Mantive meus cabelos soltos e deixei de lado qualquer acessório, exceto um par de brincos de brilhantes que eu sempre usava. Papai havia me dado quando me formei no ensino médio. Era delicado e discreto. Caprichei no salto, scarpins pretos e envernizados. Afinal, eu estaria recebendo meus

sogros e os conheceria oficialmente. Tinha que estar bem apresentada.

— Não me leve a mal, você está absolutamente perfeita neste vestido, é quase indecente. — Resmungou, descendo suas mãos para minha bunda, a apertando.

— Eu criei um monstro. — Ri, o beijando.

— Você apenas o acordou. — A piscada e o sorriso sexy estavam lá como um combo.

— Deus! Você é lindo. — Pisquei algumas vezes. Quando Dash foi responder, as portas do elevador da cobertura se abriram, e um casal entrou conversando. Eu sabia quem eram: Philip e Susan Colt.

Eu já os havia visto em fotos, mas a imponência de suas presenças, ao vivo, era um tanto intimidadora. Philip era a versão mais velha de Dashier. Robusto, alto, olhos verdes e observadores. Seus cabelos eram grisalhos e mais compridos do que os do filho, porém era fácil perceber que partilhavam o mesmo gene. Ele não estava de terno e gravata, mas tinha um blazer de lã elegante.

Susan era uma bela mulher, também elegante. Seus cabelos eram castanhos escuros, marrons como mogno, lisos e aparentemente pesados. Seus olhos eram castanhos, e sua maquiagem, impecável. Ela parecia ser muito mais jovem do que era, mas sem nenhuma plástica. Essa família era de uma genética incrível. Ela usava um vestido preto, com um suéter branco por cima e pérolas para combinar.

— Vovó, vovô! — Hazel gritou e correu para os braços do casal.

— Meu garoto! — Philip pegou Hazel em seus braços e apertou o menino em um abraço de urso. Analisei a cena com alegria, mas logo percebi os olhos ternos de Susan em mim.

— Você deve ser a bela Quinn. — Susan sorriu e se aproximou, colocando suas mãos em meus braços e me dando dois beijinhos no rosto. —

É um prazer conhecê-la.

— Igualmente, senhora Colt. — Susan levantou a sobrancelha para mim. — Desculpe, Susie.

— Ela realmente é linda, Dash. — A mulher se aproximou do filho e o beijou no rosto.

— Eu sei. — Dash sorriu e piscou para mim, me fazendo sorrir de volta.

— Vovô, essa é a Quinn, a namorada do papai e minha melhor amiga. Estamos trabalhando para promover ela. — Haze disse empolgado, me fazendo congelar.

— Oh, sim? Promover a quê? — Philip perguntou, olhando animadamente para mim.

— A minha...

— Pai, deixe-me apresentar minha namorada para você. Quinn... — Ele pegou a minha mão enquanto com o outro braço pegava Haze do colo do avô. — Este é meu pai, Phil Colt. Pai, esta é Quinn Miles. — Aliviada por Dash interromper Haze, eu estendi a mão, cumprimentando Philip com um sorriso.

— É um prazer, Quinn.

— Todo meu, Phil.

O interfone tocou, e eu logo soube que eram meus pais. Dash caminhou até o aparelho ao lado da porta para permitir a entrada deles enquanto Haze monopolizava a atenção dos avós. Susie pegou a caixa de presente que trouxe, e juntos foram até a árvore para acomodar os presentes.

— Que bela árvore. — Elogiou, sorrindo enquanto analisava toda a decoração que eu havia feito.

— Foi a Quinn quem fez, eu e o papai ajudamos. — Hazel informou alegre.

As portas do elevador se abriram, e meus pais apareceram, sendo recebidos por Dashier. Eu caminhei até eles, que cumprimentavam animadamente o meu namorado. Eles estavam elegantes, e mamãe, claro, carregava um prato com seus belos *cannolis* enquanto papai trazia alguns pacotes de presentes.

— Pai, mãe! — Eu me aproximei, pegando o prato da mamãe, e a abracei. Dash sorria e conversava animadamente sobre *baseball* com o meu pai, como se não precisassem se cumprimentar antes.

As apresentações foram feitas entre nossos pais, e Haze ficou muito animado ao ver minha mãe. Eles lembraram quando se conheceram na Bakery e conversaram como se fossem muito amigos. A noite havia começado bem, mas quando servi as bebidas e entradas, a pergunta de meu pai colocou um clima tenso em todos.

— Dash, você não bebe? Digo, álcool.

Quando visitamos meus pais, eu havia dado uma desculpa para que meu namorado não precisasse contar a sua história, mas mentir na frente dos pais de Dashier não era uma opção.

— Hazel, por que não busca aquele livro novo que compramos para mostrar a seus avós. — Dash solicitou ao filho, que foi animadamente pegar o livro. Olhando para meus pais, Dash respirou fundo antes de dar a informação. — Sr. Miles, eu peço desculpas por não ter dito quando nos conhecemos, Quinn e eu não queríamos criar qualquer desconforto em sua casa... Eu não posso beber, senhor, sou um dependente químico em recuperação. Estou longe de qualquer substância há pouco mais de quatro anos, e não ofereço riscos à sua filha eu posso garantir.

Um silêncio se fez por um momento, mas então meu pai relaxou e respondeu educadamente: — Desculpe, Dashier. Eu não queria levantar esse tipo de questão. — Meu pai se desculpou, e eu sorri orgulhosamente. Se ele

tinha qualquer ressalva sobre o meu namorado, não demonstrou naquele momento.

— Não há problema algum, senhor.

— Pensei que tínhamos combinado de você me chamar de Eddie. — Papai sorriu e tranquilizou a todos nós.

Quando Hazel voltou, ele escolheu o colo do pai para mostrar o seu livro. Eu me levantei e fui até a cozinha ajustar a temperatura de aquecimento do peru para que não ressecasse. Busquei na geladeira o prato de fio de ovos para enfeitar, quando percebi a presença de Susie.

— Posso ajudar em algo?

— Não, está tudo sob controle. Obrigada, Susie. — Eu sorri enquanto buscava alguns utensílios.

— Eu tenho certeza que sim. — Ela sorriu. — Dashier me disse que você é uma organizadora de festas perfeita.

Sorri e suspirei, sem graça.

— Dashier é suspeito, ele...

— Está apaixonado. — Susie sorriu. Seus olhos brilhavam, emocionados.

— Sim. — Afirmei, orgulhosa.

— Estou muito feliz por ele ter encontrado alguém tão compreensiva com tudo o que aconteceu com ele. — Assenti. — Toda a situação com Vicki, digo, naquela noite em que...

— Susan, eu não sei de tudo. — Interrompi antes que ela continuasse. Eu queria saber da história de Dashier, mas era ele quem deveria contar. Deixar que sua mãe despejasse o seu passado seria sorrateiro da minha parte.

— Não? — Seu olhar era nervoso.

— Não. Eu sei somente aquilo que Dashier estava disposto a compartilhar, as drogas e o abandono de Hazel, e estou esperando ele se

sentir confortável para falar sobre Victoria.

— E você está bem com isso? — Seu tom era preocupado.

— Não estou bem sem saber de toda a história, mas estou respeitando o tempo do seu filho. E se isso significar esperar até que ele esteja preparado para falar, eu vou.

— E se ele nunca estiver preparado? — Seu olhar me analisava.

— Ele estará. — Eu tinha certeza. Não esperança. Certeza! Dashier falaria sobre tudo quando estivesse confortável. Eu esperaria até então.

Susan sorriu e se aproximou, suas mãos bem tratadas pousaram delicadamente em meu rosto. Seus olhos estavam marejados.

— Dashier encontrou a redenção. Ele só precisa descobrir isso.

Assenti e pisquei algumas vezes, tentando me livrar das lágrimas.

\*\*

Enquanto eu servia os pratos da ceia, Dashier convidou meus pais até seu escritório. Suspirei, um pouco chateada, pensando que ele se sentia obrigado a levar meus pais para algum lugar para se explicar sobre algo que não deveria. Dash estava sóbrio, e ninguém deveria condená-lo. Quando eles voltaram, ele parecia relaxado, aliviado, e meus pais estavam alegres, me deixando menos tensa.

Hazel fez questão de sentar ao meu lado, à direita de Dashier, que ocupava a cabeceira. Philip sentou-se à esquerda, e todos conversamos e comemos alegremente. Quando terminamos a sobremesa, Haze pediu os cookies e o leite para deixar para o Papai Noel. Ele deixou no aparador, ao lado da árvore, e abriu a carta, deixando embaixo do copo.

— Haze, você pediu uma boneca para o Papai Noel? — Ouvi Dash perguntar. Sorri, sabendo que havia acertado nos presentes que havia comprado.

— Não papai, esta é Quinn. — Eu parei de andar em direção da cozinha e me virei para olhar em direção a eles.

— Quinn?

— Sim. Eu estou pedindo ao Papai Noel que me dê ela de Natal. Que ela fique aqui com a gente para sempre.

As lágrimas imediatamente caíram sobre o meu rosto.

## TRINTA E UM

Eu não sabia como interpretar o silêncio. Todos estavam mudos, inclusive Dashier. Só tinha uma maneira de saber. Então me virei e, mesmo com as lágrimas pulando dos meus olhos, eu larguei o que segurava em minhas mãos e caminhei até o menino e o abracei. Peguei o desenho e dei uma boa olhada. A menina desenhada tinha cabelos loiros e usava um vestido preto.

— É um belo desenho, amigo. Quem sabe o Papai Noel possa te dar este presente, mas pode demorar um pouco ainda.

— Mas eu fui um bom menino. — Justificou, decepcionado.

— Eu sei que você foi. Eu sei. — Beijeí sua cabeça e respirei fundo o aroma do seu shampoo infantil.

A inocência do menino me fez querer chorar um pouco mais. Se ele soubesse que era justamente ele o motivo de seu pai e eu não irmos para o primeiro cartório possível... Eu nunca me perdoaria se fosse o motivo de Dashier perder seu filho.

Quando tive coragem para saber o que estava acontecendo à nossa volta, olhei para os visitantes na sala. Todos nos olhavam como se estivessem nos estudando. Todos menos Dashier. Ele sabia, entendia o que estava acontecendo. Haze me amava, e eu amava esse menino com todo o meu coração.

— Bem, quem gostaria de um café? — Perguntei, tentando evitar os olhares perplexos dos convidados. Levantei e voltei para a cozinha, preparando os cafés e alguns *cannolis* de minha mãe para quem quisesse comer o doce novamente.

— Ei. — Dashier se aproximou, suas mãos pousaram em meus ombros, e depositou um beijo em minha cabeça. — Você está bem?



— Estou. — Virei meu rosto para beijar seus lábios, levemente. — Apenas fiquei emocionada. Não deveria ter ficado na frente dos nossos pais, eles pensarão que estamos loucos e indo muito rápido. — Justifiquei.

— E agora você está preocupada? — Perguntou em um tom brincalhão.

— Não por nós, eu sei exatamente o que sinto por você e por Hazel. É apenas uma preocupação do que eles pensarão por sua situação...

— Meus pais estão mais do que felizes com você em nossas vidas, Quinn. Eles sabem que nos amamos e que queremos ficar juntos. Temos o apoio deles e temos o apoio dos seus pais, do contrário...

— Precisa de ajuda, querida? — A voz de minha mãe nos interrompeu, fazendo Dashier se afastar, sorrindo. Eu assenti, sabendo que ele se retiraria para nos dar algum espaço. Mamãe se aproximou e beijou meu rosto com carinho, me fazendo suspirar. — Tudo estava maravilhoso. Vocês realmente parecem bem entrosados.

— Nós estamos. — Assenti, pronta para o que ela diria em breve.

— Aquele menino está apegado a você, não...? Não, filhotes de cachorro ficam apegados. Aquele menino a ama.

— Eu sei. — Minhas lágrimas voltaram com força.

— Você está preparada para assumir o papel de mãe dele? — Ela perguntou, olhando em meus olhos, muito parecidos com os seus.

— Eu estou preparada para estar preparada, se é que faz algum sentido. — Respondi, logo soltando um suspiro.

— Não faz.

— Eu não sei se estou preparada, mãe. Mas eu quero. Eu quero estar com eles. Quero ser... Eu não sei se devo dizer “mãe”, mas se eu for sincera...

— Você quer ser a mãe dele.

— Sim.

— Querida, você não pode substituir a mãe do menino. Sabe disso, não sabe?

Antes que eu pudesse responder, Dash estava de volta, respondendo por mim: — Ela não pode substituir, Vicki. Nunca poderá. — Dashier disse, simplesmente fazendo meu coração se apertar. — Ela não pode substituir o que Haze nunca teve. Victoria nunca foi mãe para o Hazel, e se meu filho está descobrindo o que é amor materno, está descobrindo com a sua filha, Fern.

Mamãe parecia satisfeita com a sua resposta, ela deu dois tapinhas carinhosos no rosto do meu namorado e saiu sorrindo da cozinha.

— Obrigada pelas palavras, meu amor. — Eu me aproximei e o abracei.

— É apenas a verdade, *baby*.

\*\*

Meus pais foram para o meu apartamento. A neve estava forte e achamos melhor eles voltarem para Jersey apenas na manhã seguinte. Haze aguentou firmemente algumas horas depois do jantar, queria esperar o Papai Noel para se certificar de que o bom velhinho não cometesse o mesmo erro do pai, de pensar que ele queria uma boneca quando ele queria a mim.

Eu estava emocional e cansada no momento em fechei a porta do quarto de Hazel. Ele parecia desmaiado em sua cama. Fiz uma pequena oração na porta do seu quarto para que ele não ficasse muito decepcionado pela manhã, quando descobrisse que o Papai Noel havia trazido muitos presentes. Mas não o que ele queria.

Não ainda.

\*\*

Enquanto tomava meu banho, ouvi Dash entrar no banheiro.

— Deixei a roupa aqui para você, *baby*. — Ele parecia distante quando voltei do quarto de Hazel, compenetrado em seu Kindle enquanto eu me despia para tomar um banho. Quando saí do box, me deparei com o meu moletom da universidade de Columbia, aquele que ele amava. Vesti a peça e soltei meus cabelos do pregador. Quando saí do banheiro, ele estava na mesma posição de antes, lendo seu Kindle, quase deitado na cama.

— Escolheu a roupa que vou dormir? — Perguntei, rindo e me aproximando da cama enquanto enfiava meus dedos entre as mechas dos meus cabelos e massageava o meu couro cabeludo. O dia fora intenso, e os preparativos da ceia, somados à pressão de ter os pais de Dashier presentes, me levou a estafa.

— Não, apenas escolhendo a roupa que você vai vestir no momento em que eu lhe pedir em casamento. — Respondeu, casualmente, da mesma forma que ele havia dito que me amava da primeira vez. Sequer desviou os olhos do Kindle enquanto falava.

— Dash, que brincadeira é essa? — Minha voz quase saiu sussurrada. Ele não respondeu, apenas continuou olhando para o e-reader, mas seus lábios tremiam, denunciando seu esforço para não sorrir. Meu olhar desviou para a caixa preta em sua mesa de cabeceira, aberta, com a luz da luminária caindo sobre a pedra solitária. — Dashier! — Exclamei mais alto, minhas pernas ficaram bambas, me obrigando a sentar na ponta da cama.

Dashier finalmente levantou seus olhos e sorriu para mim. Pegou rapidamente a caixa enquanto saía da cama, se ajoelhou entre minhas pernas e finalmente estendeu o belo anel à minha frente.

— Eu tenho este anel há mais ou menos trinta e seis horas.

A peça era maravilhosa. Era um diamante solitário, azulado, a mistura perfeita de verde e azul, adornado com pequenos brilhantes brancos.

Delicado, discreto, mas nada simples, tinha uma pedra na cor ciano. Os meus olhos e os olhos de Hazel, ali, naquela pedra.

— Eu não quero decepcionar Haze quando ele acordar e perceber que o Papai Noel não realizou o seu desejo, tanto quanto eu não quero ficar sem você aqui todos os dias. Sem ter a garantia de que eu voltarei para casa e verei suas roupas espalhadas, sentirei o cheiro dos seus *brownies* ou mesmo ouvirei sua risada gostosa enquanto você se diverte com o meu filho. Droga, Quinn, sabemos que ele nem é mais apenas meu.

Respirei fundo, vendo Dash sorridente e orgulhoso na minha frente. Ele havia premeditado tudo. O desenho de Hazel... ele sabia!

— Eu nunca esquecerei do momento em que falei para você que estava em dúvida sobre a minha cor favorita. Seus olhos e os olhos do meu filho brigavam para serem escolhidos... — Foi a vez dos olhos de Dashier marejarem. — Eu disse a você sobre a dúvida e você, naquele maldito momento, com apenas uma frase, me fez entender que eu poderia amar sem ter que escolher. Você disse...

— Ame o ciano. — Eu sussurrei.

— Sim. Mas você me disse mais do que isso, Quinn... — Ele soluçou, emocionado. As lágrimas caíam em seu rosto, espelhando as minhas próprias. — Você me disse que não me faria escolher. Que você dividiria. Entenderia e amaria o que eu estivesse pronto a lhe dar. E isso... — Ele fungou e piscou algumas vezes. — Isso apenas me fez viver e parar de sobreviver. Então... — Ele se recompôs, deixou seus ombros mais retos e soltou um pigarro, se preparando para fazer a pergunta que obviamente ele conhecia a resposta. — Não importa o que enfrentaremos, faremos isso juntos. Eu sei que vou conseguir, porque você estará ao meu lado. Quinn Elizabeth Miles, você aceita ser a minha esposa?

— Sim! É claro que sim! — Respondi, sem conseguir evitar o meu

pranto e meu sorriso desesperado, enquanto o homem da minha vida pousava a pedra de cor ciano em meu dedo anelar.

## TRINTA E DOIS

— Regra número um a partir de agora. — Ouvi a voz sonolenta de Dashier e parei na beirada da cama. Sorri e me virei para ele. — Nada de se esgueirar para fora da cama sem beijos antes.

Voltando para a cama e deitando meu corpo sobre o seu, beijei seus lábios e a ponta do seu nariz.

— Bom dia.

— Bom dia, futura senhora Colt. — Meu sorriso se abriu imediatamente.

— Vou perguntar novamente, você existe? — Seu peito vibrou com uma risada profunda. — Porque eu sinceramente acho que estou sonhando.

— Se você está, eu também estou, Cupcake. — Beijei o seu peito e rolei para longe do seu corpo. — Por que está acordada tão cedo? Dormiu tão bem, que já está desperta?

— A questão é: você não fugiu da cama nesta madrugada para malhar até desmaiar.

Eu mal dormira a noite toda. A adrenalina de ter sido pedida em casamento na noite anterior não me deixou pregar os olhos, mas foi bom. Percebi que Dashier caiu em um sono profundo e tranquilo. Nenhum indício de pesadelo.

— Sim. — Suspirou, admirado. — Acho que fiquei tão feliz, que pude relaxar. — Seus braços descansaram atrás de sua cabeça, seu peito nu e musculoso me dava água na boca, mas eu ainda não podia pular em cima dele, então me limitei e beijar sua boca novamente.

— Você me pediu em casamento. — Sorri.

— Eu pedi. — Respondeu entre os beijos.

— Estou feliz.

— Eu também.

— Precisamos contar aos meus pais, no entanto. — Mordi seu lábio inferior levemente enquanto mirava a profundidade de seus olhos.

— Eles já sabem. — Dash respondeu com um sorriso sacana nos lábios, e eu me sentei na cama imediatamente.

— Como eles sabem?

— Você é a coisa mais linda que já vi pela manhã, você sabia? — Seus olhos brilhavam enquanto ele me olhava por inteiro.

— *Baby*, como meus pais já sabem?

— Eu pedi sua mão ontem à noite, quando fomos ao meu escritório. — Ele se levantou e pegou sua camiseta ao lado da cama, a vestindo em seguida.

— Eu pensei que você tinha ido explicar a sua situação...

— Eu fiz isso também, e seus pais são incríveis, a propósito. Eles entenderam o meu caso, estão felizes por nós e compreenderam que eu gostaria de pedir você em um momento íntimo, só nosso. — Ele pegou o controle remoto que controlava a abertura das janelas e alguns cliques depois as persianas estavam se abrindo, deixando a claridade da neve acumulada lá fora entrar. Meus olhos piscaram, tentando se adequar a luz. Eu olhei em volta, procurando pelos meus óculos, e os encontrei em cima da minha bolsa na cadeira próxima a janela. Caminhei até a cadeira pegando-os e logo colocando.

— Você tinha tudo armado. — Acusei, rindo. — Haze! — Exclamei, lembrando do motivo para eu pular da cama às sete da manhã de um dia de Natal.

— O que tem Haze? — Perguntou meu noivo enquanto eu corria para

o banheiro para fazer a minha higiene.

— Ele é o motivo para eu acordar tão cedo. Ele vai acordar e vai correr para a árvore para abrir seus presentes. E acho que ele vai querer saber se o Papai Noel atendeu o seu pedido.

— Sim. Estou ansioso para contar a ele. — Seus braços circulavam minha cintura enquanto eu procurava em minha *nécessaire* minha escova de dentes. — Agora suas coisas podem ficar aqui, vou liberar um lado da bancada para você as colocar.

— Mas você já quer que eu me mude? — Parei o que estava fazendo.

— Eu quero. — Sua resposta não dava espaço para dúvidas.

— Mas Bernard...

— Eu conversarei com Haze, pedirei segredo por enquanto. — Um pouco da euforia que eu estava sentindo havia diminuído consideravelmente. Pedir segredo para um menino de cinco anos?

— Vamos esconder nosso noivado? — Perguntei sem esconder a decepção em minha voz.

— Não. Nós apenas não vamos anunciá-lo. Eu alertarei o meu advogado para que fique atento. E se você quiser, é claro, eu gostaria que você se mudasse hoje mesmo. — Ele me virou para que eu ficasse de frente para ele. Seus olhos lindos e atormentados me fitaram com intensidade. — Não quero ficar longe de você, *baby*.

— Não ficamos longe, a não ser quando estamos trabalhando. — Eu ri.

— Você entendeu. — Revirou os olhos e se apoiou na pia.

— Fico preocupada com Bernard...

— Eu sei, mas estou cuidando disso, só confie em mim, Cupcake. Por favor, venha morar conosco, *baby*. — Pediu, acariciando meu rosto.

Eu assenti e respirei fundo.



— Eu preciso pensar... — Seu olhar caiu, mas ele procurou não demonstrar sua decepção.

— Tudo bem, tome seu tempo. Eu vou entender qualquer que seja a sua decisão.

— Eu te amo. Obrigada. — Agradei. — Quero fazer panquecas para Haze, vamos?

Dash sorriu e me beijou mais uma vez, assentindo.

\*\*

Haze parecia estar realmente cansado. Afinal, passava das nove quando ele finalmente acordou. Estávamos ansiosos para contar sobre o noivado, então Dashier recolheu a cartinha e os cookies que ele havia deixado na noite anterior, e eu sorri lembrando de quando ele pegou uma caneta para escrever meu nome ao lado do desenho. Ele havia usado apenas um N, invertido e que só deixou o desenho mais gracioso.

Guardando o papel no bolso da calça de Dash, nós aguardamos, beliscando as panquecas, sentados à mesa da sala de jantar. Eu reaproveitei alguns *cannolis* da minha mãe enquanto Dash providenciava o café e o suco. Quando finalmente o menino apareceu, estava adorável. Olhos inchados de tanto dormir, cabelos bagunçados e alguma manha infantil matinal, que me fazia querer abraçá-lo e apertá-lo.

— Ei, amigo! Bom dia! — Mesmo a voz de Dashier parecia diferente. Mais animada, mais leve. O fato de eu ter aceitado o seu pedido o deixou assim?

Se foi, eu estava feliz.

Hazel olhou para o local onde estavam os cookies e a cartinha e seu rosto mudou completamente. Eu sorri com o coração cheio de ternura ao perceber que, de todos os presentes embaixo da árvore, ele só queria saber se

o Papai Noel havia concedido o seu desejo.

— Ele veio! — O menino gritou, olhando para mim e para seu pai, e em seguida para o local onde estava a carta. — Ele veio!

— Sim, ele veio e recebeu a sua cartinha, Hazel. — Respondi e me levantei, indo até ele. Dash me seguiu e nos sentamos no tapete felpudo, puxando Haze conosco.

— Isso significa...

— Filho, eu pedi Quinn em casamento ontem à noite. — Dash não conseguia segurar o seu sorriso de satisfação.

— Isso é o quê? — Perguntou o menino, confuso.

— Isso significa que eu vou morar aqui com vocês... — Os olhos do pai e do filho espelhavam a mesma reação. Eu não havia dado a minha resposta a Dashier, mas a empolgação e felicidade de Hazel tinham me contagiado. — Se vocês me quiserem aqui, podemos ser uma família maior.

— Sim! — O menino gritou alto, seu rosto ficou vermelho de tanto gritar e saltar. — Sim! Nós queremos! Não queremos, papai?

— Sim, amigo. Nós queremos.

Eu os queria também.

Deus! Como eu queria!

Abracei meus meninos, beijando a cabeça cheirosa de Hazel, e em seguida, os lábios deliciosos de Dashier, me sentindo tão feliz, que tive que conter a gargalhada borbulhante que crescia em meu peito.

— Que tal abrirmos os outros presentes? — Dashier propôs, apontando para a árvore.

— Sim! — Eu e Haze gritamos, animados.

O garoto ficou emocionado quando viu todos as super-heroínas na sua frente, além de alguns jogos para o seu Xbox. Ele correu para o seu quarto quase que instantaneamente com os jogos, esquecendo as bonecas e nos

fazendo rir.

— Bem... — Peguei a pequena caixa branca e entreguei a ele. — Espero que goste. — Aguardei enquanto ele abria e analisava a pulseira de couro marrom escuro com a pequena placa de titânio em cima. Eu mandara gravar nela as palavras “O ciano te ama.”

— É lindo, *baby*! — Exclamou, tirando a pulseira da caixa. Ele entregou a joia para que eu colocasse em seu pulso. — Vou usar sempre.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Bem, eu também tenho um presente para você. — Informou, pegando a sua própria caixa de joias.

— Mas você me deu o anel! — Exclamei.

— O noivado é um presente para mim, *baby*. Acredite. Aqui. — Entregou-me a caixa. Brincos de diamantes de dois quilates brilharam diante de mim.

— É lindo, Dashier. — Sussurrei, feliz.

— Fico feliz que tenha gostado. — Seus lábios vieram até os meus. — Feliz Natal, Cupcake.

— Feliz Natal, Danish. — Então eu gritei. — Feliz Natal, Macaron!

— Feliz Natal, Cupcake! — Ouvimos ecoar pelo corredor.

## TRINTA E TRÊS

Faltavam dois dias para o ano-novo. E nos últimos cinco dias, eu me desdobrei entre mimar meus meninos, planejar nossa noite de ano-novo e empacotar as minhas coisas para me mudar. Dashier queria que eu fosse o quanto antes.

Meu apartamento ficaria como estava por algum tempo. Ele era pequeno, mas era meu, e mesmo sendo localizado no Harlem, era bem avaliado. Realmente não havia necessidade de vendê-lo, afinal, eu estava noiva de um cara absurdamente rico. Qual seria o objetivo disso?

Hazel estava eufórico com a minha presença, mas sugeri a Dashier que talvez fosse bom Hazel voltar a frequentar a terapia para assimilar melhor as mudanças em sua vida. Ele não lembrava de sua mãe, mas precisava entender que ele teve uma, alguém que deu à luz a ele. Isso deveria contar para ajudar no tribunal também, mostrando que temos nossa atenção nos interesses do menino. Dashier concordou comigo e disse que, assim que o ano começasse, voltaríamos a ver o psicólogo de Haze.

Ele queria se casar em julho, e por mim, tudo bem. Eu gostava de julho. Mesmo minha estação preferida sendo o outono, eu não tinha problemas com o mês escolhido por ele.

— Mas será que você vai conseguir organizar tudo a tempo? — Perguntou, brincando comigo. Estreitei meus olhos, ouvindo sua risada. Peguei um pedaço da cenoura que estava cortando para o jantar e joguei nele.

— Você sabe que sim, mas não haverá muito para fazer, já que eu gostaria de um casamento simples. — Voltei a cortar os legumes.

— É o dia do seu casamento, você é uma organizadora de eventos. Tem certeza de que não gostaria de fazer um casamento com tudo o que tem

direito?

— Mas eu terei um casamento com tudo o que tenho direito, pode apostar seu dinheiro nisso, querido. Ele só não precisa ser um circo. — Pisquei para ele, que sorriu para mim.

— Estou feliz em “apostar” meu dinheiro nisto, *baby*. — Dash sorriu, empolgado.

Hazel exclamou um palavrão em seu quarto, interrompendo nossa conversa.

— Ele não está conseguindo passar de uma fase no videogame. Mas não deveria falar palavrão. Vou falar com ele... — Ele se moveu para ir até o quarto do filho, mas eu o parei.

— Ele não costuma falar palavrão. Deixe-o, provavelmente ele nem percebeu que disse. E merda não é realmente palavrão. *Nós* falamos palavrões o tempo todo.

— *Baby*, somos adultos. E ...

— E ele é um garoto extremamente educado, Dash. Ele não sai falando por aí. — Expliquei. — Ele se alterou com um jogo, deixe que ele extravase. Não crie um robô. E palavrões são supervalorizados. Só são palavrões porque a sociedade acha que devem ser. — Ele continuava me olhando com uma expressão que eu não conseguia decifrar. — Não precisa apoiar, mas acho que você deveria escolher suas batalhas. Se ele continuar, então, sim, podemos conversar com ele... — Eu parei de repente, percebendo o que eu estava fazendo. — Desculpe. Eu não deveria estar me metendo.

O sorriso de Dashier cresceu. Suas mãos pegaram meu rosto, e ele se aproximou o máximo que podia sem que seus lábios tocassem os meus. Seus olhos brilhavam em admiração para mim.

— Você deveria fazer o que você quer, sempre que quiser, *baby*. Você está aqui agora, somos uma família. — Eu sorri e beijei seus lábios.

— Eu te amo. — Disse, simplesmente.

— E eu te amo, Cupcake. Mas vou lá conversar com ele. — Eu sorri e assenti.

— Dash? — Chamei antes que ele sumisse no corredor. — Não o repreenda, dê uma palavra substituta. — Eu pisquei para ele. — *Foda-se, por droga, merda por porcaria e filho da puta por...*

— Kevin! — Dashier me interrompeu, falando o nome do meu ex-caso. Meus olhos se abriram e minha boca também, chocada com a sua piada.

— Isso é ciúmes? — Perguntei enquanto ele ria da própria piada.

— Isso é apenas uma constatação do seu péssimo gosto para homens até eu aparecer na sua vida. — Uma piscadela depois, ele sumiu pelo corredor.

— Agora você está sendo apenas arrogante. — Gritei, rindo ao mesmo tempo.

\*\*

Meus pais me deram os parabéns quando contei a eles. Mas eu sentia no tom de suas vozes que havia preocupação. Eu não poderia culpá-los, mas fiz questão de contar que nosso casamento seria apenas em julho. Mais de um ano depois de nos conhecermos.

Eu entendia a preocupação deles, e eu não era uma menina boba e ingênua em pensar que tudo seriam rosas. Eu ainda precisava saber tudo sobre o passado do meu noivo, não me casaria com Dashier antes de saber. Continuava dando tempo e espaço para ele lidar com seus demônios, mas ele precisava me dizer a verdade antes de eu dizer sim no altar. Não era sobre o que ele fez, era sobre os seus medos, suas ansiedades.

Por outro lado, Dashier estava bem e estava dormindo cada vez melhor, estávamos na véspera de ano-novo, e eu podia esperar mais um

pouco antes de informar a ele que só me casaria se soubesse toda a verdade.

Aliás, estava passando da hora de ele abrir o jogo comigo.

\*\*

Assim que jantamos, Dashier levou Haze para escovar os dentes enquanto eu arrumava a sua cama para dormir. Os olhos do menino brilhavam ao nos dar boa noite; ele estava feliz, e isso me deixava plena.

Assim que fechamos a porta, Dash me beijou, me puxando para o nosso quarto, mas eu o parei.

— Suba e me espere no futton da piscina. — A sobancelha dele subiu junto com o sorriso sacana que só ele sabia dar. — Deixe tudo desligado. Eu encontro você lá. — Pisquei e caminhei em direção ao quarto.

Tomei um banho e passei um novo óleo perfumado que eu havia comprado, que tinha cheiro de lima. Era cítrico e leve. Coloquei pouca maquiagem e minhas lentes; para o que eu queria fazer, óculos não combinariam. A lingerie era toda preta, combinando com as meias e os *stiletto*s. Coloquei o robe de seda por cima e peguei o principal objeto para o meu show, a lanterna. Andei ansiosa até a parte superior da cobertura, subindo as escadas de dois em dois degraus.

As luzes estavam desligadas como eu havia solicitado e apenas a iluminação da piscina estava ligada, o que era perfeito, pois minha imagem ficaria toda escura e o azul fluorescente atrás de mim destacaria a minha silhueta. Eu colocaria Dashier louco.

Eu conseguia sentir o calor da calefação, o espaço estava todo fechado para que a neve não acumulasse no local, mesmo assim, através dos vidros, eu podia ver os pequenos flocos de neve caindo do lado de fora.

Andei até o painel digital e escolhi a música que eu sabia que ele tinha na *playlist*, outro fator que me fazia morrer de tesão por aquele homem.

Ele sabia como escolher suas músicas. *The Jack*, de AC/DC, começou a tocar, e eu liguei a pequena lanterna, mirando a meio metro de distância de mim, focando o chão. Andei no ritmo da música, seguindo para onde eu levava a luz. Meus saltos batiam no piso com força, anunciando a minha chegada.

Subi no deque elevado da piscina e me posicionei no meio do cenário, derrubando o robe no chão. Eu conseguia ver os olhos sombrios e brilhantes de excitação de Dashier. Ele era esperto, logo entendeu o meu objetivo, se mexeu no futton e se colocou confortavelmente enquanto eu começava a dançar, iluminando partes do meu corpo com a lanterna. Mexendo meus quadris, comecei iluminando minha mão direita e descí pelo meu braço, trocando para a outra mão e repetindo o mesmo gesto.

Desci pelos meus seios, os iluminando rapidamente e passando pela barriga até chegar em minhas pernas e fazer o mesmo. Quando a pequena lanterna subiu novamente, era hora de tirar a primeira peça. Rebolei meus quadris e virei de costas, tirando a peça e deixando cair no chão. Juntei meus cabelos e posicionei a luz da lanterna em minhas costas enquanto abria minhas pernas e me abaixava até quase encostar minha bunda no chão. Ao voltar, mantive meu traseiro empinado em sua direção enquanto iluminava ao longe da minha coluna, logo soltando meus cabelos e voltando a iluminar minhas pernas novamente, sem perder a batida da música. Então comecei a brincar com a tira da minha calcinha indecente com meus dedos, puxando o elástico enquanto com a outra mão iluminava o ponto em que brincava.

Parei, me virando para Dashier, e atirei a lanterna em sua direção. Ele entendeu perfeitamente o que eu queria e passou a iluminar o meu corpo enquanto eu me virava de costas novamente e abaixava minha pequena calcinha. Sobraram apenas minhas meias 7/8 e os saltos, mas eu pretendia brincar com ele exatamente assim. Dolorida e molhada, eu caminhei até ele e



parei entre suas pernas, Dash tinha o rosto sério e os olhos selvagens.

— Posso tocar? — Perguntou com a sua voz rouca de desejo. Maneei a cabeça em negação e me ajoelhei na frente dele. Sem tirar meus olhos dos seus, eu abri o botão do seu jeans, puxei suas calças e cuecas boxer e depois tirei sua camisa. Quando ele largou a lanterna ao seu lado, eu a peguei novamente e coloquei em sua mão, mirando em minha direção enquanto abria minha boca e colocava a ponta de seu pau dentro dela. Seus olhos tremularam para fechar, mas ele resistiu.

Lambi todo o seu comprimento antes de envolvê-lo completamente com minha boca e chupá-lo com força.

— Quinn! — Exclamou, levantando sua bunda sexy, fazendo com que fosse mais fundo em minha garganta. — Deus! Que boca perfeita, *baby*.

Sua mão livre entrou nas mechas dos meus cabelos e segurou um punhado com força enquanto eu subia e descia minha boca em seu pau delicioso. Eu podia sentir minha excitação se acumulando entre minhas pernas a medida que seus gemidos roucos enchiam o local.

— Pare, ou eu vou gozar em sua boca, *baby*.

Eu não queria que ele gozasse antes de mim, então obedeci e parei de chupá-lo. Levantei e me sentei em cima dele, roçando nossos sexos. Dash deixou a lanterna de lado novamente e desta vez eu também a dispensei. Eu me movimentei para frente e para trás e deixei seu pau deslizar por meu sexo até que ele encontrasse minha entrada quente. Deslizei para baixo com força, rapidamente fazendo meu noivo chiar.

Ele estava com tensão, e eu também. Então por que continuar com a tortura? Deslizei em seu membro com força, para cima e para baixo, deixando nossos gemidos ecoarem cada vez mais alto. Os dedos dele se apertaram em meus quadris enquanto eu segurava a sua cabeça contra meu seio, o fazendo chupar com força. Meus soluços de tesão estavam cada vez

mais altos, e quando não aguentei mais, me esfreguei com força em Dash. Entendendo o que eu queria, suas mãos passaram a ditar o ritmo frenético e duro dos meus quadris. Gozamos juntos, sentindo nossos corpos suados, lustrosos, a atmosfera quente e pesada da calefação se misturava com o cheiro de suor.

— Se eu não tivesse pedido você em casamento, pediria agora mesmo. — Ele afirmou, me fazendo rir e beijá-lo, o gosto de suor estava salgado em nossos lábios.

— Segundo round na piscina? — Perguntei, rindo.

— Agora, Cupcake. — Ainda conectados, Dash se levantou comigo presa nele, caminhou até a piscina e pulou, nos mergulhando na água quente pelo aquecimento.

Quando voltamos a superfície, rimos e nos beijamos antes de começar novamente a nos amar feito loucos.

## TRINTA E QUATRO

— Você saiu da cama sem me dar bom dia. — Suas mãos circularam minha cintura, e seu nariz foi direto para o meu pescoço, sua barba pinicou meu ombro, fazendo cócegas.

— Você estava dormindo tão bem, que não quis acordá-lo. — Gemi minha resposta.

— Depois do que aconteceu ontem, você pode me culpar por desmaiar na cama? — Eu ri. Sim, nossa aventura no futton e na piscina foi um pouco cansativa, mas deliciosa também.

— Se é isso que terei que fazer para você não escapar da cama com pesadelos e malhar até a morte, então terei que buscar novas coreografias para strip.

— Obrigado, você estava linda. Sexy e diabólica. — Seu tom era irreverente, mas eu podia sentir a mínima tensão que passou pelo seu corpo quando falei sobre dormir à noite toda.

— Bom dia, papai. Bom dia, Quinn! — Ouvimos Hazel andando até a bancada e escalando o banco para se sentar. — Uou! Sempre teremos coisas deliciosas para o café da manhã?

Eu estava um pouco empolgada demais nos últimos dias, a felicidade de estar morando com os meus meninos me fez um pouco caseira demais. Todos os dias, o café da manhã era um banquete. Muffins, panquecas, frutas picadas, *waffles*, bacon, ovos. Eu fazia em pouca quantidade, mas sempre fazia. E Dashier simplesmente tinha todos os tipos de máquinas para fazer essas coisas. Era como se ele tivesse o seu próprio setor de eletrodomésticos.

— Pelo menos até as aulas voltarem, campeão. — Respondi, deixando meu noivo para trás e levando o leite para a bancada.

— Por quê? — Hazel parecia desapontado.

— Porque temos a Bakery, e é mais prático e gostoso tomar café da manhã lá, você não acha? — Servi seu leite e beijei seus cabelos.

— Eu gosto de café da manhã em casa também. — Informou, abrindo seu muffin ao meio.

Olhei para Dash, que analisava a nossa interação com um sorriso largo no rosto. Eu sorri, admirada com a sua beleza. Seus jeans justos e camiseta colada em seu corpo, a barba maior do que o normal e seu cabelo um pouco mais comprido o deixaram sexy. Olhei para o seu pulso, vi o bracelete e sorri.

— Você realmente gostou? — Sinalizei com minha cabeça em direção ao seu braço.

— É lindo. Mas ainda não vi você usando o meu presente de Natal. — Ele se aproximou e sentou no banco a esquerda de Hazel, que estava na ponta. Eu sentei à direita, de costas para a sala e levantei minha sobrancelha para a sua reclamação.

— Como vou usar um par de brincos de diamantes em casa, Dashier? Eu estou louca para usá-los, mas, acredite, não tivemos ocasião ainda.

— Você pode usar na Time Square amanhã. — Respondeu, pegando suas torradas como se não fosse um absurdo o que estivesse falando.

— Não vou usar brincos caros no tumultuo da Time Square.

— Eu comprei um camarote, *baby*. Não ficaremos no tumultuo, preciso que Hazel fique protegido. — Ele bagunçou os cabelos do filho e sorriu para o menino, que sorriu de volta, empolgado para o show da virada de ano-novo. — Será serviço completo. Andreas vai também.

— Camarote... — Bufei, tentando não rir. — Ano passado meu camarote foi o terraço do espaço que eu estava tentando comprar para a minha casa de festas. Eu apenas invadi o portão lateral do prédio, subi até o

terraço e fiquei lá, assistindo aos fogos de artifício. Este ano estarei em um camarote.

Os olhos de Dashier tomaram um foco diferente.

— Sim, nós realmente não falamos mais sobre isso. É algo que precisamos discutir. — Ele disse seriamente para mim. — Onde fica esse local? Qual é o valor dele, afinal?

— É o único prédio à venda duas quadras depois da Bakery. Eu não quero falar sobre o quanto ele custa, mas, sim, tem muitas coisas que não discutimos e precisamos, *baby*. — Seu olhar era triste quando eu soltei minhas palavras nele, sem nenhum cuidado. Engoli em seco e olhei para ele. Realmente não sabia de onde tinha vindo aquela enxurrada de palavras. Ele queria falar do meu sonho, e eu trouxe à tona o seu pior pesadelo. Foi injusto. — Desculpa. — Murmurei para que apenas ele ouvisse. Dash apenas assentiu e tomou o seu café enquanto eu remexia a minha comida, me sentindo completamente idiota por ter falado aquilo.

\*\*

Durante o restante da manhã, Dashier se trancou no escritório, dizendo que tinha de resolver algumas questões do trabalho. Eu procurei dar atenção a Hazel, jogamos videogame, alguns jogos de tabuleiro e organizei o seu closet. Durante todo aquele tempo, o menino dava um jeito de me abraçar e beijar. Seu sorriso era largo, e era como se ele não conseguisse conter a sua alegria apenas para si.

Se houvesse alguma dúvida sobre a decisão de termos noivado tão cedo, a felicidade daquele garotinho nos dava alguma pista sobre quão certo estávamos. Mas tínhamos que tomar cuidado também. Hazel poderia se machucar demais caso não desse certo.

Mas por que pensar que não daria certo, afinal de contas?

— Quinn? — Haze chamou enquanto eu arrumava seus livros na prateleira no seu canto da leitura.

— Sim, querido.

— Papai está chateado? — Perguntou o menino, se sentando em sua cama enquanto eu mirava seus olhos esmeralda.

— Por que você acha isso? — Perguntei de volta. Se ele percebia o que acontecia entre seu pai e eu, era necessário saber quais eram os sinais que passávamos para ele.

— Ele se tranca no escritório quando não quer falar com ninguém.

Eu me perguntava como fora a criação de Hazel. Ele era articulado e esperto, muito analista para uma criança de apenas cinco anos. Mas, então, os estímulos da escola e dos avós poderiam ter lhe transformado em uma criança precoce. Era bom, ao mesmo tempo não era. Hazel precisava ser criança. Brincar e fazer besteiras como criança.

— Haze, papai está com algumas preocupações em mente. Por isso ele teve que ir para o escritório. Ele não está chateado com você. — Sentei no chão de frente para ele. Peguei suas mãos e beijei cada uma delas.

— Tudo bem se ele estiver chateado comigo, Cupcake. Eu não quero que ele fique com você. — Olhei para ele, tentando entender. — Se ele ficar bravo e machucar você, você pode nos deixar.

Meu coração perdeu uma batida quando ouvi aquela declaração.

— Por que você pensa isso, Hazel? — Todos os alarmes gritavam em minha mente naquele momento. Que merda era aquela?

— Foi o que o vovô disse. Que mamãe deixou o papai chateado. Ele a machucou, e ela se foi para sempre.

Eu sabia que estava branca naquele momento, eu sentia minhas mãos e meu rosto gelados. Minha boca estava seca, e eu podia me sentir tremendo.

— Querido, o que você acha de uma bacia enorme de pipoca e

cinema? — Procurei disfarçar o meu nervosismo. Haze assentiu rapidamente, sorrindo.

— Podemos assistir na cama do papai?

— Sim, claro que sim! — Levantei. — Você vai lá e fique confortável que eu vou preparar a pipoca. Tudo bem?

O garoto assentiu e correu para o quarto do seu pai enquanto eu me dirigia para a cozinha.

Empurrei o saco de pipoca no micro-ondas e bati meus dedos no armário enquanto assistia ele inflar dentro do aparelho. Assim que estava pronto, despejei em uma vasilha e levei para Haze. Nós escolhemos um filme, e assim que começou, eu me virei para ele.

— Querido, eu preciso conversar com o papai sobre algo, você pode ficar aqui por um momento? — Haze assentiu e logo voltou a sua atenção para o filme. Eu andei até o escritório de Dashier e bati suavemente.

— Eu saio em um minuto. — Ele resmungou. Mas eu não ia aceitar aquela resposta.

Abri a porta e entrei.

— Quinn! — Ele exclamou, saltando da sua cadeira. — Eu... Eu disse que sairia em breve.

— Precisamos conversar. — Fechei a porta atrás de mim e me aproximei.

— Aconteceu algo?

— Sim, Hazel acabou de me dizer que Bernard disse que você machucava Vicki, por isso ela foi embora. — Seus olhos endureceram. Seu maxilar fez o mesmo antes de abrir para me responder. — Agora, isso não é algo que se diga a uma criança. E se antes era uma sugestão levar Haze ao psicólogo, agora é uma exigência minha. Se você não o levar, não morarei com você até o dia do nosso casamento. E que Deus me ajude, Dashier! Este

homem, Bernard, é bom que ele não cruze o meu caminho.

— Espere, você não acredita que eu machuquei ela? — Ele parecia mais do que impressionado. Dashier estava assustado.

— Não. Claro que não.

— Por quê? — Parei para analisar sua pergunta por um momento. Dashier faria isso?

Um novo alarme quis tocar dentro de mim, mas eu me neguei. Não! Eu não acreditaria naquilo.

— Eu me recuso a acreditar em qualquer coisa que outra pessoa além de você conte sobre a sua situação, Dashier. Agora, aqui está a questão: falta um dia para o ano-novo, e eu não vou pressionar você hoje ou amanhã para saber tudo. Mas eu gostaria que você tivesse a mesma consideração por mim e queira entrar no próximo ano sem segredos. — Eu me aproximei dele porque não queria que entrássemos o próximo ano em um clima ruim entre nós também. Fiquei nas pontas dos meus pés e beijei seus lábios delicadamente. — Por que não se junta a nós para assistirmos um filme na sua, digo, na nossa cama?

Seu olhar continuou longe quando eu falei, e senti que ele não me ouviu. Então, com um suspiro triste, saí do escritório, sabendo que ele ficaria mais tempo lá dentro.



## TRINTA E CINCO

### DASHIER

Eu estava apaixonado pela mulher mais sensacional do mundo.

E essas não eram palavras vazias de um homem apaixonado. Desde o começo, quando a encontrei pela primeira vez, na Bakery, fiquei assustado em como ela conseguiu se infiltrar em meus pensamentos. Também me impressionou as reações que causava em mim. Não, apague isso, eu a encontrei antes, de longe, no alto daquele edifício. Naquela noite ansiosa, quando acordei daquele pesadelo horrível, foi a imagem dela, na chuva, mesmo triste e sozinha, que me acalmou. Naquele momento, ela teve a minha atenção também.

Estávamos destinados desde aquele momento. Em cinco meses, já estávamos noivos, e eu não deveria mais me assustar com a capacidade que Quinn tinha de ser compreensiva, paciente e justa. Deus! Depois de tudo o que aconteceu, eu ainda tive a chance de ter a melhor mulher do mundo dizendo sim para mim.

Naquela manhã, quando ela disse que ainda não tínhamos conversado sobre muitas coisas, eu me senti mal. Eu pedi em casamento uma mulher que não conhecia todo o meu passado e que continuava a se doar para meu filho e para mim sem me cobrar nada. Ela era completamente diferente das mulheres que tentaram se aproximar de mim. Nenhuma conseguiu a minha atenção para receber mais do que um “olá”, mas elas tentavam. Eu não estava preparado para nenhuma delas, droga! Eu sequer estava pronto para estar pronto para mulheres.

NACIONAIS-ACHERON

As drogas haviam levado mais do que dignidade e confiança. Elas levaram a coragem e vontade de seguir em frente.

Eu ainda tinha dúvidas se merecia uma segunda chance.

E a cada bela ação de Quinn, eu me sentia menos digno dela. Ela merecia a verdade, e o fato de ela não me forçar a contar meu passado só me deixava mais culpado.

Com vergonha, naquela manhã, me escondi em meu escritório. Tentando encontrar uma forma de me redimir, de deixá-la menos chateada comigo, comecei a procurar pelo prédio que ela tinha mencionado. Ela havia dito pouco, que ficava a algumas quadras da Bakery e que era o único prédio à venda na região. Não seria difícil encontrar.

E não foi, consegui encontrar o prédio. Era bonito e imponente, eu não tinha ideia das suas economias, mas também não era mais uma preocupação, eu poderia comprar e dar a ela de presente.

Entretanto, talvez ela ficasse brava se eu tomasse esta decisão. Eu não poderia tomar o rumo de algo tão importante na vida dela sem consultá-la. Eu não poderia desrespeitá-la em sua decisão. E comprar e manter em segredo poderia chateá-la também. Esconder mais coisas de Quinn estava fora de cogitação. Eu não tinha direito de fazer isso.

Eu me limitei, então, a enviar um e-mail para meu advogado para que ele verificasse se a propriedade não tinha quaisquer problemas e tentar negociar valores, apenas para especular. Talvez, em algumas semanas, pudéssemos tomar esta decisão juntos. Eu queria dar o mundo a ela, mas queria que ela quisesse o mundo. Jogá-lo nela não era o correto.

No momento em que terminei de escrever o e-mail, ouvi baterem na porta.

— Eu saio em um minuto. — Avisei enquanto clicava em enviar, mas Quinn não me deu um minuto: ela abriu a porta, me fazendo saltar em meu

lugar. — Quinn! Eu... eu disse que sairia em breve.

Seu tom era completamente tenso quando disse que precisávamos conversar. Provavelmente estava frustrada comigo por não me abrir completamente com ela. O meu medo me paralisava, e eu sentia apavorado só em pensar que poderia perdê-la. Perguntei o que havia acontecido e sua resposta foi como um tapa na cara.

*Como Bernard foi capaz de dizer algo tão horrendo para Hazel?  
Uma criança!*

Quinn estava furiosa e exigiu que Hazel voltasse para a terapia ou não se mudaria, mas fiquei impressionado quando ela simplesmente disse não acreditar que eu pudesse ter realmente machucado Victoria. Mas, do modo dela, polido e delicado, me deu um ultimato.

*“Agora, aqui está a questão: falta um dia para o ano-novo, e eu não vou pressionar você hoje ou amanhã para saber tudo. Mas eu gostaria que você tivesse a mesma consideração por mim e queira entrar no próximo ano sem segredos.”*

Eu respirei fundo e tentei me recompor, mas foi realmente difícil, uma vez que pensei no que Bernard havia dito a Haze.

Por quê?

Por que ele estava fazendo aquilo?

Tudo bem, eu sabia o porquê. Mas ferir Hazel? Falar coisas como aquelas para uma criança? Seu objetivo de tirar Haze de mim não conhecia limites? Sacrificaria mesmo a felicidade e o psicológico de seu neto apenas para fazê-lo me odiar?

E por que Hazel não me odiava? Mesmo ouvindo as barbaridades que seu avô falava, ele continuava cada vez mais meu amigo. Meu companheiro. Seu abraço no aeroporto quando nos reencontramos era a prova de que eu estava conquistando o amor dele. Ele era carinhoso, atencioso e companheiro

comigo. Estávamos cada vez mais unidos, nos reconhecendo como pai e filho, e isso era muito mais do que eu poderia esperar. Demorou tão pouco tempo...

Lembrei-me do dia em que eu fui buscá-lo. Ele se manteve firme nos braços de Leslie, mas após algumas palavras dela em seu ouvido, ele assentiu e desceu do seu colo, abraçou Bernard, que sequer desviou os seus olhos furiosos de mim, e depois veio para mim. Sua pequena mão pegou na minha, e ele sorriu timidamente.

Estávamos nos encontrando sem supervisão havia seis meses antes de finalmente o juiz permitir que eu pudesse levá-lo comigo. Nós brincávamos, eu o levava nos melhores parques e lojas de brinquedos e o estragava. Dava tudo o que ele queria apenas para ter o seu sorriso. Ele gostava de mim, mas não me amava. Quando fomos para casa e mostrei a ele seu quarto, educadamente ele agradeceu e se sentou em sua cama, analisando o local. Meu filho não parecia uma criança, não agia como uma, mas ele estava disposto. Mesmo com o seu avô o envenenando contra mim, ele ainda estava me dando uma chance.

Quinn estava certa, Hazel precisava de auxílio psicológico. Ele fazia acompanhamento com psicólogo quando veio para casa, e quando o matriculei, ele tinha acompanhamento psicopedagógico na escola. Então pensei que seria o suficiente, mas eu deveria saber que não era, ele precisava de atenção apenas para ele.

A culpa novamente me tomou.

*Será que o melhor para ele era ficar com Leslie e Bernard?*

Não. Eu não podia pensar assim. Leslie me disse para não pensar assim.

Gostaria de entender por que ela era boa para mim depois de tudo. Por que ela não me odiava como Bernard?

Peguei meu telefone e lhe enviei uma mensagem, informando que gostaria de conversar com ela assim que as festas de ano terminassem. Culpado ou não, não poderia deixar que Bernard brincasse com a mente do meu filho. Não era sobre fazer mal a mim, era sobre machucar Hazel. E isso nem eu, e nem Quinn permitiríamos.

Sorri ao pensar que Quinn agia como uma mamãe urso. Eles interagem como se realmente fossem mãe e filho, como se ele fosse dela.

\*\*

Ao chegar em nosso quarto, Quinn e Hazel estavam compenetrados, assistindo Batman de Lego, novamente. Ela olhou para mim e sorriu carinhosamente. Levantou a sua mão e me chamou para ficar ao seu lado. Eu andei até a cama e me deitei.

— Você quer pipoca, papai? — Haze ofereceu sem me olhar, mas me alegrou saber que ele havia percebido a minha presença.

— Sim. — Peguei um punhado e me aconcheguei atrás de Quinn, que suspirou e relaxou, colando seu corpo no meu. — Eu amo você, mais do que tudo. Você e Haze são tudo para mim.

— Eu amo você também, *baby*. — Ela virou seu rosto e me beijou delicadamente.

— Me perdoe. — Minha garganta doía de tão apertada.

— Não há o que perdoar, Dashier. Nós vamos superar o que quer que seja. — Sua voz era quase inaudível.

— E se você me odiar quando eu contar?

— Nada pode me fazer te amar menos, você pode confiar em mim.

— Eu tenho medo de perder você, Quinn.

— Ei, vocês estão perdendo o filme. — Hazel interferiu.

— Desculpe, amigo.

— Tudo bem, papai. — Ele sorriu para mim.

— Viu? — Quinn disse apontando para ele. — É fácil perdoar quando amamos.

Beijei sua cabeça, rezando para que seu amor fosse o suficiente.

## TRINTA E SEIS

O camarote alugado por Dashier era ridiculamente luxuoso. Tinha uma televisão e videogame para Hazel jogar, se ficasse entediado, e uma poltrona reclinável para o menino dormir, caso fosse necessário.

Uma mesa com uma pequena ceia para cinco pessoas, de dar inveja a catálogos de restaurante, estava posta na lateral do ambiente, e nossas cadeiras ficavam de frente para a Times Square, onde assistiríamos com privilégios a descida da bola da paz e o show de P!nk. Eu estava particularmente emocionada por vê-la ao vivo e torcia para que ela cantasse a música que eu havia dançado com Dashier no baile antes de tudo acontecer, *Glitter in the air*. Eu gostava de qualquer música da cantora, mas depois de dançar com Dashier e ele tocar a música para mim, definitivamente aquela era a minha preferida com toda a certeza.

Hazel estava animado para ver a bola, era sua primeira vez, e ele estava ansioso para ver todo o show de luzes. Abaixo de nós, eu conseguia ouvir e ver o mar de pessoas esperando pelo grande show também.

— Feliz Ano-Novo! — Andy exclamou assim que passou pela segurança do camarote com uma loira alta e esbelta ao seu lado. Respirei fundo e me concentrei para não deixar transparecer o meu desgosto ao ver a garota. Não era culpa dela que as coisas entre Doty e ele não tinham dado certo, e era impossível não me solidarizar com a minha amiga, mesmo ela parecendo muito animada mais cedo quando nos falamos pelo telefone. Seu mau humor não estava presente, e ela animadamente me contou como tinha impressionado Cassandra, cuidando de todos os eventos que foram designados a ela. Fiquei feliz. Talvez assim nossa chefe entendesse quando eu saísse da Class.

— Tio Andy! — Hazel exclamou e correu para os braços de Andy, deixando Dashier sorridente.

— Ele está diferente. — Explicou, quando viu que eu o analisava.

— Está? — Olhei Hazel novamente. Ele sempre pareceu o mesmo menino feliz e animado para mim.

— Sim, quando você apareceu em nossas vidas, ele ficava animado sempre que você estava por perto, mas, agora, que você aceitou se casar comigo...

— Shh, Andy vai ouvir. Nós combinamos segredo por enquanto, lembra? — Alertei enquanto disfarçava alisando a sua camisa branca.

Ele estava tão lindo... Jeans, camisa branca por baixo do sobretudo negro e sapatos confortáveis. Eu usava praticamente o mesmo, mas meu casaco estava fechado, estava muito frio.

Dashier riu quando eu chamei a sua atenção, mas não continuou a falar, Andreas se aproximava.

— Dashier Colt! — Ele quase gritou. — Parabéns, irmão! — Andy abraçou o amigo e piscou para mim por cima do ombro.

— Você contou a ele? — Exigi. Dashier sorriu, se separando do amigo que logo estava me pegando em seus braços e me abraçando.

— Estou feliz por vocês, Quinn, mesmo. — Andy disse, seriamente.

— Não posso acreditar que você contou a ele. — Bufeí. — Eu não contei a Doty, prometemos segredo.

— Andreas é meu amigo, meu braço direito. — Ele olhou para Andy com carinho e gratidão. — Não seria justo esconder algo tão importante do cara que esteve ao meu lado mesmo quando eu não merecia.

— O quê? Você está todo sentimental agora? — Andy desdenhou, trazendo leveza para o clima, mas eu sabia que ele adorava Dash tanto quanto Dash o adorava. — Deixe eu apresentar para vocês, Katrina Slava. — Ele fez



um show com a sua língua enquanto dizia o nome da mulher, que quando percebi, estava atenta demais ao meu noivo. — Kat, esse é Dashier, meu melhor amigo e meu chefe. — Piscou para Dashier, que revirou os olhos para ele. — E esta bela garota aqui é Quinn, noiva de Dashier, — É um prazer. — Katrina parecia ter propositalmente ignorado a parte em que Andy me apresentava como noiva de Dashier, seus olhares provocantes para o meu noivo quase me fizeram rir dela, quase.

Eu não queria fazer o tipo ciumenta, principalmente depois de Dashier ter se mostrado tão confiante na noite em que dispensou Kevin do nosso pé. Mas era uma questão de respeito, ela deveria ser esperta e não continuar encarando o meu noivo na cara de seu acompanhante e na minha cara. Dashier lhe cumprimentou educadamente e se voltou para mim.

— Quer beber algo, querida? — Apontou para a champanheira próxima a nós, meus olhos fugiram rapidamente para saber onde Haze estava, e quando vi que estava com Andy, relaxei e voltei minha atenção para Dashier.

— Água com gás. — Respondi.

— É ano-novo, você não precisa se privar de álcool por mim. Andy não faz isso, eu consigo me segurar tranquilamente.

Eu sabia que sim, mas eu não me sentia bem bebendo perto dele.

— Eu não sinto falta, *baby*. — Levantei minha mão e toquei seu rosto. Ele sorriu e se aproximou, beijando os meus lábios. Olhei novamente para Hazel para saber se ele estava por perto.

— Eu fico feliz quando vejo você zelosa por ele. — Ele abriu meu casaco e enfiou suas mãos por dentro, circulando a minha cintura. — Assim está quase melhor. — Interrompeu seu raciocínio. Seu tom era rouco. Seus dedos apertaram a minha cintura com um pouco mais de força, me fazendo sorrir e sentir as sensações que ele sempre causava em mim. Seus lábios

foram para o meu ouvido, e suas mãos me puxaram rapidamente, colando nossos corpos antes de continuar o que dizia. — Mas eu gostaria que você relaxasse. Ele está seguro. — Eu assenti e novamente olhei para Haze, que agora estava no colo de Andy, apontando para as luzes no palco onde seria o show da P!nk. Foi quando peguei o olhar da garota que tinha o mesmo nome do furacão que assolou várias cidades dos EUA, em 2005.

— Por que a acompanhante de Andy está nos olhando? — Perguntei, me afastando, mas sem tirar os olhos dela.

— Eu não sei, ela deve nos achar bonitos. — Olhei para ele, não contente com a sua brincadeira. — Você está com ciúmes?

— Não. — Respondi, categoricamente.

— Mas está incomodada. — Ele afirmou.

— Não gosto de falta de respeito. Você está aqui com sua noiva e seu filho. É rude com Andy e conosco.

— Quer que eu peça que ela vá embora? — Ele perguntou verdadeiramente preocupado. — Andreas não ficará ofendido, tenho certeza.

— Não, claro que não. — Sorri e beijei seus lábios novamente. — Vamos aproveitar a noite.

E nós aproveitamos. Mesmo com a acompanhante de Andy seguindo Dashier com seus olhos, eu consegui relaxar por um tempo, mas então os sorrisos de flerte e os toques durante a conversa começaram, e eu estava além de furiosa enquanto assistia meu noivo, desconfortável, fugir da garota. No momento em que Dashier se ausentou por alguns minutos, levando Hazel ao banheiro, e Andy os acompanhou, eu já estava pronta para jogar a senhorita furacão do camarote.

— Então, como você e seu namorado se conheceram? — Ela perguntou com falso interesse.

— Você quer dizer meu noivo. — Corrigi.

— Sim. Como se conheceram?

— Longa história. — Fui sucinta.

— Estão juntos há muito tempo? — Insistiu.

— Mais do que você e Andy, disto tenho certeza. — Eu sequer me dignava a olhar para ela, me concentrei no show de abertura que estava acontecendo no palco.

— Andy e eu somos amigos, apenas, ele queria companhia para uma festa, eu estava disponível e...

— E agora você pensa que meu noivo é mais interessante do que Andreas porque provavelmente ele não te contou que é o braço direito e tem provavelmente tanto dinheiro quanto Dashier. Como o camarote é nosso, você imaginou que Andy não tivesse condições de algo tão extravagante e sequer teve a decência de controlar a sua ambição, e agora sua cabecinha delirante pensa que dar em cima dele na frente da sua noiva e de seu filho, desrespeitando o ambiente, vai fazer ele cair aos seus pés.

A mulher estava sem fala. Pela minha visão periférica eu conseguia ver sua reação, mas eu continuava forte, olhando para a frente como se ela não estivesse realmente ali, segurando firme minha taça de água.

— Faça um favor a você, Kat, desista. Seja uma boa garota e se afaste de Andy também, ele gosta de diversão, mas certamente não merece o que você está fazendo. E Dashier, ele me ama acima de tudo, exceto seu filho. Ele não vai sequer olhar em sua direção com qualquer intenção além de ser educado.

— Eu... Eu não estou entendendo. — Gaguejou ela.

— Sim, você entende, e para que fique claro, uma palavra minha e você será convidada a se retirar. Então, querida, comporte-se.

— Você não pode falar assim comigo porque está com ciúmes...

— Isso não é ciúmes. — Meu tom sequer mudou. — Isso sou eu

incomodada com a sua falta de respeito. Como eu disse: uma palavra minha, e você será convidada a assistir ao show com o pessoal lá embaixo.

Katrina se afastou sem me dar qualquer resposta e por isso respirei aliviada. Eu não queria uma cena ali, tampouco estragar a noite. Não muito depois, Haze entrou correndo e jogou-se em meus braços.

— Quinn, papai disse que falta pouco para vermos a bola. — Olhei para o enorme relógio da Times Square e sorri, percebendo que faltavam dez minutos para a contagem e para o início do show. — Estou animado! — Seus olhinhos brilhavam em excitação.

— Eu também, querido. — Mantive Hazel em meu colo enquanto Dashier e Andy conversavam seriamente, um pouco mais distante. Entretanto não pareciam muito empenhados em esconder o que estavam falando.

— Eu conversei com Haze, ele não vai contar. Também vou tentar mantê-lo longe de Bernard, mas estou pensando em abrir o jogo com Leslie.

— Não entendo o que ela ainda faz com aquele homem. — Andy bufou.

— Nem sempre ele foi assim, ele está ferido. — Dashier justificou pelo homem. — Eu consigo entender seu ódio por mim.

— Dash, pare. — Andreas ordenou. — Já falamos sobre isso.

— Enfim, ele está passando dos limites com Hazel. As coisas que ele falou para o menino... Ele disse que eu o largaria por Quinn quando passou algumas semanas com eles em setembro, Andy. E ontem ele contou a Quinn que Bernard disse que Vicki foi embora porque eu a machuquei. Ele está minando a cabeça do meu filho. E eu não quero que ele se aproxime de Quinn também.

— E você acha que Leslie pode convencê-lo? — O amigo perguntou, interessado.

— Eu acho que ela pode tentar acalmá-lo. Lembrá-lo de que o

psiquiatra e o juiz comprovaram que eu não sou uma ameaça para meu filho, que eu não vou ter uma recaída. Eu nem sei o que é recaída, Andreas. Eu nunca tive uma. Eu simplesmente fui ao fundo do poço, estraguei tudo e fui internado. Por pouco, preso.

*Preso?*

*Dashier quase foi preso?*

— Mas não foi. E se fosse, não ficaria. Você sabe. — Andreas respondeu, irritado com Dashier.

— O fato é que eu preciso abrir o jogo com Quinn. — Ambos se moveram e olharam em minha direção, e eu desviei para o público, conversando com Hazel. — Ela precisa saber de tudo.

— Concordo. Mas não é hora para isso, amigo. A contagem vai começar em breve. Que tal nos encontrarmos amanhã para conversar? Papo de homem. — Andy bateu no ombro de Dashier como incentivo. Eu me sentia aliviada por ele ter com quem conversar, mas também me senti excluída por não saber de tudo. Eu entendia e respeitava os motivos de Dashier, mas não podia evitar ficar um pouco magoada, especialmente depois do que eu havia escutado naquele momento.

Mas eu não me abateria, aquele momento era para festejar.

— Amanhã é aniversário da Quinn. E eu pretendo passar cada segundo do dia mimando ela. — Revelou meu noivo, fazendo meu coração se aquecer.

Uma explosão veio, e a contagem de vinte segundos começou. Eu virei para os homens, que se aproximaram. Katrina já não era um furacão, estava parada em um canto com um sorriso amarelo, tentando manter o pouco de dignidade que lhe restava. Andy e Dash se aproximaram, e Dash me abraçou enquanto eu continuava sustentando Haze nos meus braços firmemente, embora ele estivesse pesando demais. Mas eu não queria largá-

lo. Eu queria estar grudada na minha família no momento em que o ano novo chegasse. E foi assim que aconteceu.

Quando a bola finalmente desceu, a voz de P!nk gritou “Feliz ano-novo, Times Square”. Hazel saltou em meu colo desejando o mesmo. Olhei para Dashier, que me fitava com seus olhos brilhantes, fixos nos meus.

— Feliz ano-novo, Cupcake. — Suas palavras eram carregadas de emoção. — E feliz aniversário.

— Feliz ano-novo. — Repeti para ele, com um sorriso satisfeito.

— Eu amo você. Acredite. Eu amo. — Ele reafirmou, fazendo com que eu me emocionasse.

— Eu acredito. E você precisa acreditar que meu amor por você é o que me manterá ao seu lado.

Seu sorriso era triste, mas ele assentiu e beijou meus lábios calmamente até que as mãozinhas de Hazel nos separaram.

— Tenho algo para você. — Dash tirou um pequeno saco de veludo negro do bolso interno do seu sobretudo e o abriu. Meus braços continuavam ocupados, segurando Haze, então ele tirou uma joia, parecia ser uma gargantilha e a pendurou em seus dedos.

Um pequeno *cupcake* dourado pendia em um cordão fino e delicado. Olhei para ele e sorri.

— É lindo! Obrigada. — Eu me aproximei, beijando os seus lábios, e deixei que ele colocasse a joia em mim em seguida.

— Feliz Ano-Novo, papai!! — Gritou Haze, finalmente dispersando do grande show de fotos. — Feliz Ano-Novo... — Começou, mas então parou, pensativo. — Posso te chamar de mamãe?

Eu perdi o ar.

Dizer que nunca acreditei em destino, planos de Deus, outras vidas seria mentira. Eu não teorizava ou pensava muito sobre o assunto para

afirmar se acreditava ou não. Mas, de repente, a constatação de que Hazel já era meu, que ele nasceu e esperou cinco anos para vir para mim me bateu em cheio. Eu não podia lembrar, mas sentia. Dentro de mim, eu sentia que nós combinamos isso em outra vida. Apertamos nossas mãos e dissemos: *nos encontramos lá*.

A imagem do menino se sentando à minha frente, querendo me entregar uma nota de cinco dólares em troca de um pedaço de bolo voltou à minha mente quando ele pedira para me chamar de mamãe.

Eu não sabia nada sobre ser uma mãe, mas alguma coisa me dizia que eu não precisava saber. Já estava em mim. Era natural.

— Nada me deixaria mais honrada, Hazel. — Informe-me, limpando minhas lágrimas.

— E você pode me chamar de filho. — O garotinho falou, animado, como se ele estivesse me dizendo uma grande novidade. Olhei para Dashier, procurando a sua aprovação, mas o seu sorriso era o suficiente. Ele estava feliz. — Vamos testar! Mamãe! — Ele gritou alto e me olhou, aguardando por mim.

— Filho!

— Papai! — Ele falou, dando a vez para Dashier.

— Filho! — Ele exclamou também, rindo.

— Legal! Agora quando eu voltar para a escola, vou contar para todos os meus amigos que tenho um pai e uma mãe, e que a minha mãe é a mais bonita do mundo.

Minhas lágrimas caíam sem parar. Em algum lugar, no fundo da minha mente, eu me perguntava se aquilo era o correto, mas então os olhos brilhantes daquele garotinho me chamando de mamãe me diziam que tudo estava correto.

\*\*

Hazel dormiu em seguida, mais duas músicas, e ele estava enroscado em um cobertor na poltrona reclinável. Eu tinha sérias dúvidas se ele não desidrataria de calor com todas as suas roupas e mais o cobertor, mas Dashier fazia questão que ele estivesse protegido em qualquer ocasião.

Nós apreciamos o show da P!nk abraçados enquanto Andy e Katrina conversavam longe de nós. Ele tinha um copo de uísque na mão e o balançava, olhando para as pedras de gelo dançando no copo enquanto respondia algo a garota. Eu não ouvia, mas ele parecia definitivamente entediado.

A má notícia foi que P!nk não cantou *Glitter in the Air*, me deixando um pouco decepcionada.

A boa notícia?

— Não se preocupe, *baby*. Vou tocá-la para você assim que chegarmos em casa.

A promessa feita em meu ouvido me deixou cheia de expectativa. Eu sorri e enrolei ainda mais seus braços em volta de mim.

Quando entramos no táxi, ele resmungou que sentia falta de Jimmy, me fazendo rir.

— O quê? É verdade! — Ele se defendeu.

— Ele e Sylvia precisavam de uma folga também. — Lembrei enquanto ajeitava Hazel em meu colo.

— Eu sei, tanto que dei a maldita folga para eles.

— De que adianta dar folga para seus colaboradores e ficar reclamando? Você deveria estar feliz, eles certamente estão.

— Eu sei, eu sei... Deus! — Ele me olhou, admirado. — Você é como um milagre de Natal.

— Nos conhecemos em junho, querido.

— Parece mais tempo, não? — Seu cenho estava franzido quando ele



falou.

— Muitas vidas. — Peguei em sua mão e apertei.

— Sim, muitas vidas.

\*\*

Retirei os sapatos de Haze e seus dois casacos, deixei apenas o jeans, aberto, e o suéter. Não era exatamente confortável, mas eu não queria acordá-lo tão cedo. Cobri seu pequeno e magro corpo e beijei a sua testa, desejando ter feito isso nos últimos cinco anos. Tudo estava bem daquela forma, e eu não poderia estar mais feliz.

Ouvi as primeiras notas de *Glitter in the air* sendo tocadas na sala e sorri ao mesmo tempo em que suspirei. Depois de mais uma olhada em meu menino, saí do quarto e fechei a porta atrás de mim. Quando cheguei na sala, a cena mais bela e de tirar o fôlego surgiu: meu futuro marido estava com sua camisa branca aberta, com as mangas dobradas em seus braços fortes e seu peito era iluminado pela fraca luz do hall de entrada. Sua cabeça se levantou, para ver eu me aproximar, e um sorriso sexy cresceu em seus lábios. Seus belos olhos verdes brilharam enquanto ele me via caminhando em sua direção.

— Optei por não cantar, acho que estragaria o clima. — Brincou comigo.

— Eu agradeço. Você está *sexy* demais tocando para estragar tudo abrindo sua boca. — Sua sobancelha se ergueu, mas ele se manteve tocando as notas da nossa música. Tirei minhas botas e, em seguida, abri o botão do meu jeans e me desfiz dele, ficando apenas com a camisa branca.

— Para combinarmos um pouco mais, acho que você deveria abrir a blusa também, *baby*.

Dash solicitou, e ouvindo as notas vindo do grande piano branco,

fechei meus olhos e desabotoei botão por botão para ele. Nesse momento, ouvi a primeira nota falhar e abri meus olhos rapidamente. Seus olhos estavam em mim seus lábios estavam entreabertos enquanto suas mãos se mantinham tocando sem parar.

— Venha aqui, *baby*. — Ordenou e assim eu fiz.

Caminhei os poucos centímetros que nos separavam, e uma de suas mãos parou de tocar e me puxou para o seu colo, fazendo com que eu me sentasse de frente para ele, colando meu corpo no seu. Nossos lábios imediatamente se juntaram também. Concentrado e sem desviar seu olhar do meu, Dashier me beijou e tocou a nossa trilha sonora ao mesmo tempo. Minhas mãos foram para o seu rosto e acariciaram a sua barba enquanto analisava a tempestade de emoções que passavam em seus olhos. De repente, as notas ficaram mais baixas até que o silêncio, exceto pelos barulhos do nosso beijo e respiração, tomou conta do lugar. Éramos apenas nós dois. Suas mãos delicadamente tiraram a minha camiseta e acariciaram meus braços, subindo até o meu pescoço. Seus dedos acariciaram minha pele como se fosse a coisa mais preciosa que existisse no mundo.

— Eu nunca vou me cansar de você. Eu te amo tanto, Quinn... Tanto... — Ele engoliu e continuou olhando para mim como se fosse a última vez.

Ao me puxar para ele, tomou meus lábios, me calando e fazendo o meu coração disparar e gritar dentro de mim. Senti como se literalmente fosse explodir.

Levantando-se do banco em frente ao piano, ele me levou firmemente em seu colo para o nosso quarto, me deitou na cama e tirou seus jeans e camisa em seguida, deitando o seu corpo sobre meu. Seus lábios me beijaram por inteira, cada centímetro da minha pele, causando arrepios, gemidos e lágrimas. Quando seu corpo se fundiu com o meu, foi lento, carinhoso e

cheio de sussurros de amor, Dashier repetiu a noite inteira que me amava desesperadamente.

Ele quebrou e colou os cacos do meu coração de novo e de novo, até que estávamos saciados, cansados e certos de que nada poderia nos separar.

## TRINTA E SETE

Os primeiros dias do ano chegaram junto com as nossas responsabilidades. Dashier e eu voltamos a trabalhar, e Hazel voltou para a escola. Sylvia e Jimmy estavam de volta também, assim como a empregada que cuidava da limpeza da cobertura. Todos ficaram extremamente felizes com a notícia do nosso compromisso. Eu me senti envergonhada e desconfortável quando ele informou que as questões de nossa casa seriam resolvidas por qualquer um de nós, mas que era para se acostumarem a me procurar quando precisassem que alguma decisão fosse tomada.

Ele também falou com Nate Finigan, seu advogado, para que ele solicitasse um cartão de crédito para mim. Eu dispensei de início, mas Dash insistiu, então eu simplesmente aceitei e resolvi que o manteria em minha bolsa, porém sem utilizá-lo.

Não comuniquei esta decisão a Dashier.

Ele também marcou um horário com o Doutor Conerlly e uma sessão de terapia com a antiga psicóloga de Haze. Eu sabia que ele estava se preparando para me contar a verdade. Talvez ele precisasse fazer aquilo durante uma sessão? Eu não me importaria. Eu só queria que o seu sofrimento terminasse e pudéssemos viver a nossa vida sem segredos ou obstáculos.

E por falar em obstáculos, na primeira semana de janeiro, Bernard ligou, pude perceber no momento em que Sylvia atendeu ao telefone. Por sorte, Dashier estava lá e atendeu. Ele subiu para a área da cobertura, mas eu consegui ouvir ele mentir para Bernard, dizendo que Hazel estava dormindo e não poderia falar com ele. Dashier estava correndo contra o tempo para que Bernard não tivesse acesso ilimitado a Haze, tentando evitar que o ex-sogro

não minasse a cabeça do menino com o seu veneno e que Hazel deixasse escapar qualquer informação sobre o nosso noivado. Não poderíamos levar aquela situação adiante por muito mais tempo. Não deveríamos esconder nosso noivado, poderia ser pior. Havia uma chance de virarmos tudo aquilo contra nós.

Hazel estava mais feliz do que nunca. Fazia questão de me chamar de mamãe, mas, às vezes, ainda escorregava me chamando de Quinn ou Cupcake. Logo o tranquilizei, dizendo que não tinha problema, que quando amamos, não importa o nome, apenas o que temos em nosso coração, e que ele sempre poderia me dizer o que havia em seu coração.

Então, em uma noite na segunda semana de janeiro, estávamos guardando os seus brinquedos para que fosse para cama, quando ele disse: — Mamãe? — Chamou enquanto guardava um livro em sua estante, sem me olhar. — Tenho algo em meu coração e gostaria de compartilhar. — Eu quase ri de como ele era parecido com Dashier. Como ele falava de seus sentimentos fazendo algo completamente displicente. Como se não fosse grande coisa.

— Sim, *baby*. O que é? — Eu me sentei no chão e parei tudo o que estava fazendo para ele saber que minha atenção era apenas dele naquele momento. Eu não sabia de onde vinha tanta facilidade em meus atos como mãe. Não havia gerado aquele menino, sequer tive tempo para me preparar para a sua aparição, no entanto, eu sabia exatamente como agir em cada situação. Era assustador, realmente.

— Quero apresentar você aos meus amigos da escola, mas estou com medo. — Disse, olhando para um bonequinho do Mestre Yoda de sua coleção.

— Me apresentar? Há algum evento na escola?

— Sim, é a minha vez de apresentar algo que eu goste muito. E eu

gosto muito de você, mamãe. Mas meus amigos riram quando eu disse que levaria você.

— E você está com medo de parecer bobo? — Perguntei, tentando entender a sua cabecinha. Ele assentiu, mas nada disse. — Então eu acho que teremos que preparar uma apresentação muito legal, então eles ficarão todos impressionados comigo e com você. O que você acha?

Haze andou em minha direção e sorriu antes de me abraçar.

— Obrigada, Quinn... Mamãe. — Logo se desculpou.

Quando contei essa história para minha mãe, em nosso encontro semanal na Upper Bakery, seu olhar era preocupado.

— Querida, eu sei que o que está acontecendo com você e Dashier é arrebatador, sei que vocês estão completamente apaixonados, mas não estarei fazendo o meu papel de mãe se não perguntar a você: as coisas não estão sendo rápidas demais? Vocês não estão preocupados com Hazel?

— Hazel é nossa prioridade, mamãe. — Respondi, com firmeza.

— Sim, mas morar com Dashier depois de alguns meses de relacionamento, com todos os poréns da vida dele... — Seu tom continuava sendo doce. Senti que ela não estava me condenando, apenas cuidando de mim.

— Estamos apaixonados, mas não tomamos essas decisões no impulso, mãe. Acredite quando eu digo que todas as nossas decisões foram muito pensadas. E decidimos que queremos ficar juntos. Dashier passou por muito e não quer colocar a sua vida em espera. E Hazel, mamãe... — Suspirei, tentando encontrar as palavras para lhe explicar. — Você não acreditaria se eu dissesse que é algo de outra vida.

— Um encontro de almas? — Ela sorriu, e seus olhos brilharam, marejando.

— Mãe?

— Eu estou sendo apenas hipócrita, querida. Noivei com seu pai com quatro meses de namoro e, com seis meses, eu estava casada, mas era uma época diferente, e eu não quero que você sofra. — Eu sabia da história, é claro, apenas não levantei o cartão do “você não tem moral”, porque eu não era assim. Eu não costumava julgar.

— É claro que você sabia e não jogaria isso na minha cara. Você é assim. — Mamãe disse, parecendo estar em sintonia com os meus pensamentos. Fungou, pegando o guardanapo de papel e limpou os olhos e enxugou o nariz. — É uma das coisas que Dashier mais ama em você.

— Ele disse isso? — Perguntei, animada. Sabia que havia pedido a minha mão para meus pais, mas ele nunca disse realmente o que haviam conversado.

— Oh, sim, querida. Ele listou os motivos pelos quais queria passar o resto da vida com você, e o principal é que você acreditava nele. Que o amava sem julgar. E Quinn? — Suas mãos pegaram as minhas por cima da mesa. — Se terminar, não foi porque não deu certo. Dará certo pelo tempo que vocês se amarem, e embora eu esteja preocupada com os seus corações, acho que eu estaria muito mais preocupada com o seu sofrimento se você não tentasse. Apenas, cuide-se, cuide de você e deles também.

Suas palavras me emocionaram. Devolvi o aperto de suas mãos e funguei, tentando evitar as lágrimas. Claro que não consegui.

\*\*

Sylvia desenformava cada um dos *cupcakes* e os organizava na bandeja colorida que eu havia comprado. Eu não era boa em detalhes e acabamentos, mas eu sabia fazer algumas coisas gostosas, e Hazel merecia o melhor. O glacê estava dividido em dois pratos diferentes, aguardando o corante azul e rosa para enfeitar os bolinhos.

— Por que não encomendou na Bakery? Eu poderia buscar para você.  
— Sylv ofereceu.

— Porque eu quero que Haze saiba que estou me empenhando para o dia de amanhã. — Respondi, pingando as gostas de corante.

— É realmente incrível, senhora... Quinn. — Ela se corrigiu rapidamente. Era difícil para os empregados me chamar pelo nome. — Quão natural é a sua relação com Dashier e Hazel. Estou muito feliz por todos vocês.

Mas Sylvia tinha o mesmo medo que minha mãe em seus olhos. Pensava que era cedo. E, honestamente, não tínhamos que ficar provando nada para nossa família ou para cada um que duvidasse de nós. Mas precisávamos entender que eles estavam preocupados. Eu também tinha que entender isso.

Em algum momento, todos entenderiam.

Meu telefone apitou novamente e estiquei meu pescoço para ver de quem era.

Doty.

Eu tinha que responder, ela provavelmente precisava de algo no trabalho.

Largando a colher sobre o balcão, peguei meu telefone e respondi rapidamente onde estavam as ordens de serviço dos eventos da próxima semana. Passei também o arquivo que eu tinha com os nomes de *freelancers* para garçom e barman para que ela ligasse e os contratasse.

Assim que voltei minha atenção aos cupcakes, as portas do elevador apitaram, e um Dashier furioso passou como um raio sem sequer olhar em nossa direção. Olhei para o relógio e fiquei espantada ao perceber que já estava no horário dele estar em casa. Haze estava em seu quarto, jogando videogame, e não pareceu ouvir a porta do escritório de Dashier explodir com



a batida que deu.

— O que será que aconteceu? — Sylvia perguntou. Antes que eu pudesse largar tudo e ir em direção ao escritório, Jimmy entrou, parecendo cansado.

— Jimmy, o que aconteceu com Dashier? Você sabe?

— Senhorita Miles, o senhor Colt recebeu uma ligação que o deixou muito perturbado. Ele gritou dentro do carro e... — Ele parou, me olhando em dúvida. Não sabia se deveria se abrir para mim.

— O que, Jimmy?

— Ele pediu que eu o levasse a um bar.

A sensação era de que meu coração havia escorregado direto para o meu estômago.

Era tão grave assim?

— E você levou? — Tentei manter a calma.

— Ele exigiu, senhorita, então eu fiquei dando voltas e dando desculpas sobre o trânsito para que ele desistisse. — Eu comecei a caminhar em direção ao escritório para vê-lo quando Jimmy pegou o meu braço, me parando. — E ele desistiu, senhorita. No momento em que eu estava ligando para a senhorita para avisar, ele pediu que eu seguisse direto para cá.

— Obrigada, Jimmy. Obrigada. — Agradei, aliviada, e segui para o escritório. Bati suavemente para que Haze não me ouvisse. — *Baby?*

Ele não respondeu, forcei a porta, mas estava trancada. Minhas mãos tremiam, e eu não sabia como reagir, não queria que Hazel escutasse. Foi quando senti uma mão em meu ombro. Olhei para trás e vi Sylvia segurando uma chave na mão.

— Vou levar Hazel para jantar fora com Jimmy. — Informou e passou por mim em direção ao quarto do meu filho.

Sem pensar duas vezes, enfiei a chave na fechadura e abri a porta.

A sala estava vazia, mas eu conseguia ouvir os soluços dele. Andei em direção a mesa e fiz a volta. A cena que eu vi era dolorosa.

Dashier estava sentado no chão, chorando, completamente desolado.

— *Baby*? O que aconteceu?

Seus olhos focaram em mim.

— Bernard vai entrar com um pedido de guarda. Ele vai tirar Hazel de mim.

Espantada, me aproximei para abraçá-lo quando vi suas mãos vermelhas e inchadas nos nós de seus dedos.

## TRINTA E OITO

O que você faz quando vê um homem tão quebrado?

O estado de Dashier estava me deixando desesperada. Não sabia como agir com o seu sofrimento pela primeira vez. Suas lágrimas caíam sem parar, seu rosto estava lavado por elas, estava trêmulo e suando, uma bagunça total. Encolhido, quase embaixo da sua mesa, respirava com dificuldade e soluçava sem parar.

Dashier parecia um menino. Um menino abandonado, sem seus pais, esquecido. Pequeno e frágil. Nada parecido com homem que eu havia conhecido meses antes.

Minhas pernas estavam bambas, sentia minhas mãos perdendo o controle e começando a tremer. Mas alguém precisava se controlar, e se ele, o meu amor, não conseguia, eu tinha que conseguir por ele. Precisava me recompor para poder lhe fazer enxergar com a razão.

— Tudo bem, querido. Tudo bem.

Eu me aproximei dele e fiz a única coisa que eu poderia pensar para acalmá-lo naquele momento. Abri suas pernas e tirei suas mãos inchadas da sua cabeça, fazendo com que ele se abrisse para mim. Eu me sentei à sua frente e arrastei meu traseiro no chão até que eu estivesse de pernas abertas e completamente grudada nele. O abracei com força e esperei ele perceber que eu estava ali. Quando finalmente senti seus braços em volta de mim, eu ouvi: — Oh, Deus! Oh, meu Deus. Não posso perdê-lo. Eu acabei de tê-lo. Acabei de ter o meu bebê para mim. Por favor... Eu não posso mais ser castigado. — Suas palavras causaram dor em meu peito. Apertei meus olhos com a mesma

força que apertei meus braços em Dash.

*Como se acalma uma criança?*

Pensei.

*Como eu tiraria Hazel de um pesadelo?*

Rapidamente comecei a cantarolar a nossa música, baixinho, em seu ouvido, esperando que desse certo. Seus exercícios de ansiedade não eram úteis naquele momento. Dashier não estava tendo uma crise, ele estava devastado.

Com tanto medo...

Minha voz falhou algumas vezes enquanto eu cantava e pensava comigo: *vamos Dashier, você consegue, baby! Volte para mim. Volte.*

Demorou para que Dashier se acalmasse. Seus soluços foram diminuindo, os gemidos sofridos, também. Então, calmamente, eu comecei a me levantar e o trouxe comigo. Quando estávamos em pé, eu o abracei novamente.

— Seja o que for, passaremos por isso. Precisamos nos acalmar para...

— Onde está Hazel? — Perguntou, me interrompendo.

— Foi jantar fora com Sylv e Jimmy para que possamos resolver tudo. — Ele assentiu e tomou uma boa quantidade de ar antes de falar.

— Sylv precisa levar ele para a casa dos meus pais. Passar a noite lá.  
— Sua voz era quase morta.

— Tudo bem, deixe-me avisá-la. Eles passam aqui amanhã para ele se arrumar para a escola.

— Ele tem roupas na casa dos meus pais.

— Tudo bem, eu vou avisá-la.

\*\*

Quando larguei a xícara de chá na sua frente, ele já estava de banho

tomado. Seu rosto ainda parecia enorme de tão inchado.

— Agora me conte o que aconteceu. — Pedi, delicadamente. Ele segurou sua xícara e ficou olhando para ela por um momento.

— Ele foi ao meu escritório hoje mais cedo. Estava furioso por eu estar evitando que Hazel falasse com ele. Eu neguei, obviamente. Por que eu diria a verdade? Eu sou um covarde. — Disse e se martirizou.

— Dashier. Não! Não deixe esse homem entrar em sua mente desta forma.

— Você não sabe... o que eu fiz...

— Isso não é relevante agora. Precisamos nos focar neste momento. O que ele disse a você? — Eu sabia que estava sendo dura com ele, mas eu precisava ser objetiva para resolver o que estava acontecendo. Proteger Hazel.

— Certo. — Ele respirou fundo. — Ele estava me acusando de alienar Hazel para que não se falassem. Que eu não tinha este direito. Eu procurei acalmá-lo, mas ele estava gritando. Então eu gritei com ele também. Bernard disse que eu havia tirado Hazel dele antes que o tempo terminasse quando estavam em Orlando, e eu justifiquei que ele estava envenenando a cabeça do menino contra mim. — Ele levou a xícara em seus lábios e tomou um longo gole do chá. — Ele reafirmou que eu estava abandonando meu filho para uma aventura com você.

Assenti, entendendo. Bernard não me conhecia, não era justo ele me julgar, mas era compreensível ele estar preocupado com o bem-estar de Hazel ainda que da forma mais torta possível.

— Ele disse que você provavelmente era uma louca por estar comigo, ou uma oportunista... — A tempestade em seus olhos apareceu imediatamente, antecipando suas próximas palavras. — Ou que você era uma viciada em drogas como eu. — Seus olhos desviaram dos meus. Vergonha.

— Desculpe.

— Não há motivos para se desculpar. E, Dashier, ele não pode entrar com um pedido de guarda baseado nisto.

— Não é por isso. — Ele olhou para as suas mãos. Olhei também e percebi o que havia acontecido. Os nós inchados e vermelhos de seus dedos. — Eu fiquei furioso pelas coisas que ele disse de você e o agredi.

— Deus! — Soltei junto com minha respiração. — Quão ruim?

Dashier fechou seus olhos e levou as mãos na cabeça, derrotado com a minha pergunta. Envergonhado pela resposta que me daria.

— Seu nariz e boca estavam sangrando bastante quando ele conseguiu dizer que estava abrindo um pedido de revogação da minha guarda provisória de Hazel e que pediria a guarda para ele e Leslie.

Respirei fundo, tirando da minha cabeça a ideia de não ter Hazel conosco.

— Você já ligou para Nate? — Ele assentiu.

— Liguei no momento em que Bernard deixou minha sala, escoltado por seguranças. Mais tarde, quando eu estava voltando para a casa, Leslie me ligou, avisando que Bernard estava indo a delegacia registrar uma ocorrência contra mim. Ele precisa de provas, afinal de contas. Foi quando eu realmente senti como... — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Como se meu filho estivesse escorrendo entre meus dedos.

Caminhei em sua direção e o abracei.

— Tudo dará certo. Nós vamos resolver isso.

— Estou com medo, Quinn. — Ele se agarrou a mim com tanta força, que fiquei com medo de ser quebrada por um momento.

— Nós resolveremos, resolveremos isso, Dashier. Ninguém tirará nosso menino de nós.

\*\*

Enquanto Dashier passava o restante da noite ao telefone, conversando com todos que ele poderia para minimizar os efeitos colaterais da sua explosão, continuei me dedicando aos *cupcakes* de Hazel. Eu não falharia no meu compromisso.

Enquanto os colegas do meu filho estavam levando suas tartarugas, coleção de gibis, bonecos e tantas outras coisas, Hazel estava me levando para apresentar como o que ele mais amava no mundo. Eu não podia decepcioná-lo.

— Alguma notícia? — A voz de Dashier era ansiosa enquanto falava. — Isso é bom, não é? Talvez Leslie tenha o acalmado. Eu não sei... Tudo bem, me avise se houver alguma atualização. Obrigada, Nate.

Dash desligou o telefone e veio até mim.

— Ele ainda não registrou nenhuma ocorrência, acho que Leslie o convenceu, mas não consigo entrar em contato com ela agora.

— Talvez ele tenha desistido. Talvez ele tenha entendido que isso faria mal para Hazel. — Justifiquei, arrumando os doces na bandeja colorida.

— A vontade de me ver mal se sobressai à vontade de ver o bem do neto. Bernard quer que eu sinta como é perder um filho.

Nós ficamos em silêncio enquanto eu terminava de organizar tudo na cozinha. De que adiantaria eu falar algo se eu não tinha ideia nenhuma do que dizer? Queria tirar de meu bolso a solução para mais este problema, mas eu não tinha. E isso doía, muito. Entretanto era uma dor que tinha que esperar. Perder o controle na frente de um homem quebrado poderia surtir dois efeitos: fazê-lo se recompor e reagir ou quebrá-lo um pouco mais. Era um risco que eu não estava disposta a correr. Não mesmo.

Quando terminei, fui para o banheiro e preparei a banheira. Um banho quente e uma boa conversa poderiam fazer com que ambos relaxássemos. Tirei minhas roupas, preendi meus cabelos e entrei na banheira. Com um

suspiro longo, fechei meus olhos e aguarde por Dashier. Não demorou muito tempo para ele me procurar. Quando finalmente senti sua presença, abri meus olhos e me deparei com ele encostado na porta do banheiro, seus grossos braços estavam cruzados e sua cabeça descansava no batente da porta. Olheiras profundas apareceram rapidamente embaixo de seus olhos, e seu rosto continuava inchado, mesmo assim ele conseguia tirar o meu fôlego.

— Vem tomar banho comigo. — Abri meus braços enquanto convidava. Seus olhos não deixaram os meus enquanto ele se despiu sem dizer nada. Seu corpo musculoso e bem desenhado me deixaria com água na boca se não fosse a situação em que nos encontrávamos. Não era hora para prazer. Era momento de relaxarmos e nos apoiarmos um no outro.

O dia seguinte seria outro dia.

\*\*

Na manhã seguinte, Dashier pareceu acordar com o telefone grudado em seu ouvido. Ele fez ligações para seus pais, perguntando se Hazel estava bem, para Nate, tentando obter alguma atualização, mas seu advogado apenas lhe informou que, até aquele momento, Bernard não tinha dado queixa. O que nos deixava ainda mais apreensivos, porém eu me recusava a deixar o dia ser estragado. Era o dia de Hazel levar o que ele mais amava no mundo todo para a escola e apresentar para os amigos. E eu seria a sua mãe descolada que comprava as crianças com açúcar e faria o meu menino feliz. Dashier foi logo cedo encontrar seu advogado. Nos despedimos com um beijo apaixonado e um abraço forte. Eu sussurrei que o amava e que tudo daria certo. Ele sorriu tristemente e nada disse, e isso me rasgou o coração.

Sylvia havia me dito que Haze estava chateado, pensando que eu não apareceria, já que não havíamos saído juntos de casa pela manhã. Porém quando o último período de aula estava terminando, eu bati na porta da sala



de sua turma. Quando o professor abriu a porta, dezenas de cabecinhas viraram em minha direção. Hazel estava sentado na segunda fileira.

— Mamãe! — O menino gritou, saltou de sua cadeira e correu em minha direção. — Você veio. — Disse, ofegante.

— Garoto bobo! Eu cumprio minhas promessas. — Abaixei a bandeja de *cupcakes* rosas e azuis. — Agora vamos deixar todos seus amigos sabendo quão legal sua mãe é.

Hazel pegou a minha mão e soltou um pigarro como se estivesse preparando sua voz para enfrentar seus colegas.

— Senhor Arwing? Posso apresentar o que eu mais amo no mundo? — O professor sorriu com ternura para Hazel e depois sorriu para mim. Seus olhos eram adornados com linhas de expressão que os óculos escondiam, seu colete e cabelos levemente grisalhos denunciavam que ele passava dos trinta e cinco. Seu sorriso era fácil, parecia simpático.

— Claro, senhor Colt. — Ele concordou, com formalidade, obviamente brincando com a seriedade de Haze. — Turma! Guardem seus materiais, Hazel fará a sua apresentação.

Os alunos me olhavam com curiosidade, eu não havia me vestido de forma diferente. Saí correndo do trabalho para poder estar na apresentação do meu menino naquele momento, um pouco animada demais, eu larguei a bandeja com trinta cupcakes coloridos e arrumei meus óculos enquanto sorria para todos.

— Esta é minha mãe, Quinn... — Ele me olhou em dúvida. — Colt. Mas eu a chamava de Cupcake antes de chamar ela de mamãe. — Continuou. — E eu vou contar porque ela é o que eu mais amo no mundo.

Um vulto na porta me fez virar. Sorri ao ver que Dashier entrava discretamente na sala.

— Eu amo minha mãe mais do que tudo porque ela me deu um

pedaço de bolo. E faz um tempão, mas eu até lembro do gosto que tinha. — Eu ri, olhando para ele e depois para os amiguinhos dele. — Ela me salvou de levar uma bronca do meu pai também. — Eu gargalhei e olhei para Dashier, que ria também. — Mamãe também joga videogame comigo e é muito ruim, mas ela está sempre por perto, e é divertida. Eu amo a mamãe porque ela faz meu pai sorrir e tocar piano e me ensinar a tocar também. — Todos ficamos em silêncio, esperando o menino terminar, mas ele se manteve mudo até que falou: — Fim.

O professor puxou as palmas para a turma e que seguiu aplaudindo Hazel. Quando cessou, uma menina levantou a mão, e eu sabia quem era. Sorri para Melanie Hillis, a menina de quem Hazel havia falado há algum tempo. Ele tinha razão, ela era linda em sua pele marrom e cabelo *black power* com um grande laço quadriculado preso a ele.

— Sim, Melanie. — O professor liberou.

— Você tem razão, Hazel, ela parece uma princesa.

Hazel assentiu, orgulhoso, e sorriu.

As perguntas direcionadas a mim eram as mais fofas possíveis. Desde se eu era realmente uma princesa, até a dúvida de como eu era mãe de Hazel, já que ele e seu pai me conheceram no mesmo momento. A inteligência absurda, pelo visto, não era uma exclusividade de Hazel: todos eram perspicazes.

Respondi mais algumas perguntas e contei uma história de quando eu era menina e aprendi a fazer a receita dos *cupcakes* que eles estavam comendo, deixando Hazel animado e Dashier me analisando com um sorriso bobo. Seus olhos ainda eram tristes, mas eu podia ver que ele estava mais relaxado. Talvez tudo tenha dado certo. Quando finalmente o sinal tocou, eu relaxei e abracei Haze.

— Obrigado, mamãe! — Hazel pulou, me abraçando. Peguei ele no

colo e o encaixei em meu quadril, andando com ele para fora do prédio. Senti a mão de Dashier em minhas costas. Olhei para ele, que aproximou sua cabeça da do filho, e sussurrou: — Eu te amo, Hazel.

Haze levantou a cabeça e sorriu para o pai.

— Eu também amo você, papai.

\*\*

Eu me sentia exausta da carga da noite anterior somada à emoção do dia. Estava louca para chegar em casa, tomar um longo banho e ter um jantar calmo. Dashier e eu precisávamos conversar também, e assim que colocássemos Hazel na cama, falaríamos sobre o que havia acontecido durante as horas em que estivemos separados. Eu só queria uns minutos de paz antes.

Mas, aparentemente, paz não estava em nosso destino naquela noite.

No momento em que chegamos à cobertura, nos deparamos com duas figuras que eu não conhecia. O arrepio que passou pelo meu corpo e a forma como meu coração disparou me disse quem exatamente eles eram.

— Boa noite, Dashier. — O homem disse com um sorriso de escárnio. Bem, ao menos o tanto que ele conseguia sorrir, seu nariz e boca estavam machucados.

Desprezível.

Eu seria apresentada a Bernard e Leslie Sanders.

## TRINTE E NOVE

— Vovó! — Haze gritou e correu para os braços da mulher de pele extremamente clara e olhos azuis, pálidos e sofridos. Pela sua postura, pude ver que ela não era feliz.

Eu me mantive ao lado de Dashier, que parecia petrificado enquanto o homem se mantinha nos olhando e se fazendo confortável em nosso sofá. Quando olhou para o seu avô, seus olhos inocentes se ampliaram.

— Vovô, o que aconteceu com o seu rosto? — Ele parecia preocupado, analisando os olhos levemente roxos e o nariz com uma pequena faixa branca de Bernard.

— Um homem muito mau me atacou.

— Sêrio? Você chamou a polícia? — Haze perguntou, preocupado.

— Sua avó não deixou. — Bernard olhou para Dashier de forma que me fez sentir vontade de vomitar. — Mas não se preocupe, o bandido vai pagar, de um jeito ou de outro. Não se preocupe, rapaz.

— Senhor Colt, eu peço desculpas. O senhor Sanders estava... — Sylvia parecia horrorizada. Provavelmente ela havia deixado o ser abjeto entrar para evitar um escândalo.

— Sem problemas, Sylvia. — Dash a cortou sem escutar suas desculpas. — Pode, por favor, levar Hazel para o quarto? — Os olhos de Dashier não desviavam de Bernard. Ele sequer piscava enquanto encarava o homem.

— Deixa eu ficar um pouco com a vovó, papai. — Haze pediu.

— Que tal você ir para o seu quarto e preparar um filme enquanto eu cozinho alguma delícia para nós? — A mulher barganhou, Hazel era uma criança fácil e perspicaz. Ele olhou para o avô, que sorria para ele, e assentiu,

como se entendesse que os adultos precisavam conversar.

Ele saltou do colo da avó, beijou o avô e correu em direção ao seu quarto, mas parou abruptamente e voltou. Foi em direção ao seu pai, o abraçou e depois abraçou a mim, dando um sorriso silencioso. Eu sorri de volta e me mantive em silêncio também. Eu não queria dizer nada que pudesse inflamar o clima entre Dashier e Bernard. Mas eu sabia que a coisa não iria bem independentemente dos meus esforços.

Quando Hazel não estava mais por perto, a expressão cinicamente amistosa de Bernard caiu. Seus olhos saíram de Dashier e foram para mim, me analisando de cima a baixo.

— Você também pode ir, querida. — Ele fez um gesto como a mão com se estivesse enxotando um bicho. Dashier deu um passo em direção a Bernard, me fazendo segurá-lo imediatamente.

— Não. — Sussurrei, fazendo com que ele parasse.

— Não ouse falar com ela desta forma, *você* está aqui sem ser convidado. O que você quer, Bernard?

— O que eu quero é que minha esposa pare de implorar para eu não fazer nada com você depois de ter me agredido, seu covarde. — O homem se levantou mesmo com a mulher tentando impedi-lo ao pegar em seu braço silenciosamente.

— Eu sou covarde? E que tal falar as barbaridades que você falou para o meu filho? — Dashier sibilou de volta, fazendo Bernard rir. Ainda estávamos parados na grande sala de estar, em pé, enquanto Bernard e Leslie continuavam sentados. A mulher me olhava com os olhos tristes, me analisando com atenção e receio.

— Eu realmente acho engraçado você chamar Hazel de seu filho quando você nunca o quis. Nem ele e nem o...

— Cala a boca! — O tom era alto e cortante. Bernard parou, e sua

cabeça virou de lado como se estivesse analisando a reação de Dashier. Seu sorriso predador se abriu como se ele tivesse entendido algo.

— Ela não sabe. — O homem constatou. Seu olhar virou para mim.  
— Você está tão louca pelo dinheiro dele que não se importa com o passado do homem com quem você dorme?

— Eu sei sobre o passado de Dashier. E eu não me importo. — Disse, com firmeza.

— Então você é uma cadela tão suja quanto ele! — Gritou o velho homem, dando um passo em nossa direção. Dashier se moveu e interrompeu o homem no meio do caminho, mas não foi ele o dono da próxima exclamação.

— Não grita com a minha mãe! — A voz fez todos nós virarmos para o corredor rapidamente. Assustados, ninguém falou nada por algum tempo.

— Mãe? — A voz de Leslie era baixa e dolorida. Ela me olhou com os olhos cheios de lágrima. — Você o faz chamá-la de mãe?

— Não, eu não... — Tentei argumentar enquanto Hazel corria para mim. Eu o peguei em meus braços e apertei contra mim. — Eu não o forço...

— Eu criei este menino nos últimos anos tendo o cuidado de não o deixar me chamar de mãe porque nada poderia tomar o lugar da mãe dele, e agora ele está a chamando como se fosse a mãe dele? Uma desconhecida, de mãe? — Seu tom era baixo, como se ela não tivesse realmente forças para brigar ou expressar a mágoa que estava sentindo. — Como você pôde deixar isso acontecer, Dashier?

Ouvi o apito do elevador e olhei para ver quem chegava. Era Jimmy, ele apenas acenou para mim e andou em direção a cozinha rapidamente.

— Leslie, não é assim. — Meu noivo tentou explicar. Mas Bernard não deixou que ele terminasse.

— Mande esta mulher embora, Dashier! Ela não é a mãe do meu neto

e não deve estar aqui. Faça isso, ou eu chamarei a polícia agora para dar queixa contra você. E você pode dar adeus a Hazel.

Hazel tremia em meus braços, encolhido ao ouvir a raiva na voz do avô.

— Mamãe? — Sussurrou baixinho, me chamando.

— Vai ficar tudo bem. Vamos para o seu quarto, pequenino. — Eu disse, andando em direção ao corredor.

— Eu disse para sair, vadia, isso é assunto de família! — Bernard latiu, me fazendo travar no mesmo caminho.

Foi rápido. Dashier começou a andar na direção de Bernard, pronto para agredir o homem, mas, de repente, Jimmy estava lá para segurar seu chefe. Eu parei na frente de Dashier, tentando controlar o meu nervosismo. Leslie segurava um braço de Bernard.

— Não. Fale. Dela. Assim! Nós vamos nos casar! — Dashier deu informação demais. Ele precisava esfriar a cabeça.

— O quê? — Leslie soltou. — Vocês nem se conhecem...

— Que piada é essa? Você acha que eu vou deixar uma mulher qualquer entrar na vida do meu neto? Ponha esta mulher para fora, ou eu chamo a polícia. — Vociferou o homem.

Hazel continuava quieto, tremendo em meus braços enquanto eu tentava fazer Dashier olhar para mim. Eu sabia o que Bernard Sanders estava fazendo. Ele desejava medir força. Ele estava subjugando Dashier, o lembrando quem tinha o poder ali. E eu não poderia ser o pivô daquilo. Não poderia.

— Dashier, olhe para mim. — Pedi, baixo, seus olhos miraram intensamente os meus. — Eu vou deixar Hazel em seu quarto e vou para minha casa.

— Não, mamãe! — Hazel pediu rapidamente, sua voz estava trêmula.

*Oh, não chore, baby!*

— De jeito nenhum, Quinn... — Dashier tentou argumentar.

— Pelo menos ela é sensata, Dashier... — Virei-me para o homem e o fuzilei com os olhos, fazendo com que ele se calasse. Quando retornei para Dashier, respirei fundo antes de falar.

— É preciso. Eu vou para casa, e você conversa o que precisar com eles. — Ele tentou argumentar novamente, mas não lhe dei chance. — Não é bom para Hazel estar aqui. Eu vou mantê-lo em seu quarto com Sylvia, e vou para casa. Nós conversamos depois. Lembre-se que Hazel é a prioridade.

— Eu conversarei com ele amanhã, com nossos advogados presentes. — Dash argumentou novamente.

— A conversa não vai esperar, Dashier, especialmente depois de saber que você estará se casando com uma desconhecida. O juiz não vai gostar de saber...

— Silêncio. — Calei o velho sem sequer olhar para ele. — Dashier, sabemos que não vai acontecer da forma sensata que gostaríamos, então apenas me ouça: amanhã conversamos.

Eu andei com Hazel em direção ao nosso quarto e fechei a porta quando passamos por ela. Segundos depois, Sylvia entrou e nos trancou.

— Desculpe, Quinn, ele escapou de mim.

Sentei Haze na cama.

— Tudo bem, Sylv. Eu preciso que fique aqui com Hazel. — Um grito alto de Bernard seguido pelo grito de Dashier me fez fechar os olhos.

— Não me deixe, mamãe! — Implorou o menininho carente na minha frente. Meu peito doeu tanto.

— Eu não vou deixá-lo, Hazel. Eu apenas preciso ir para minha antiga casa neste momento. Para que seu pai e avô se acalmem.

— Vovô está sendo um homem mau. — O menino soluçou e se



agarrou em mim, chorando enquanto pedia: — Por favor, não vá. Você não vai voltar.

— Oh, eu vou! Eu prometo. Prometo que voltarei. — Repeti para o menino. — Agora eu preciso que você seja corajoso, e fique aqui com Sylv, ok?

Haze assentiu, mas eu podia ver o desespero em seus olhos. Olhei para Sylv, e ela entendeu o que eu queria que ela fizesse.

— Haze, o que você acha de assistirmos aquele filme de vilões que seu pai nunca deixa você assistir? — Hazel demorou para desviar o seu olhar do meu. Eu tinha que dar crédito ao garoto, ele era maduro demais, mas mesmo com alguma maturidade, ele não resistiu à proposta de Sylvia. Dashier não o deixava ver filmes de terror, por mais que ele pedisse, então o seu lado criança curiosa acabou ganhando da sua preocupação. Assentindo, ele me deixou ir e se ajeitou na cama enquanto Sylv pegava o tablet e parecia o filme com a enorme televisão.

Respirando fundo e um pouco, bem pouco, mais aliviada, eu saí do quarto e fechei a porta atrás de mim, sendo atravessada com as palavras de ódio sendo trocadas entre Dashier e Bernard.

— Que bem você acha que vai fazer a Hazel? Você fala barbaridades para meu filho, acha que tem direitos sobre ele mesmo depois de eu ter provado à justiça que sou capaz de ficar com e...

— Capaz? Você traz uma qualquer para dentro da sua casa, decide se casar com ela, faz com que meu neto a chame de mãe e acha que isso é saudável. — Bernard argumentou.

— Francamente, Dashier, você sabe como me sinto sobre a situação, sabe que vivo em guerra com meu marido por sua causa, mas você passou dos limites...

— Leslie, não é assim! — Exclamou meu noivo.

Eu andei até onde eles estavam, e quando apareci todos se calaram.

— Quinn... — Dashier tentou argumentar, mas balancei minha cabeça o parando.

— Eu volto amanhã... — Disse, com firmeza.

— Devo levá-la, senhor? — Jimmy, do canto da sala, perguntou.

— Sim. — Dashier respondeu ao mesmo tempo em que eu disse: — Não.

— Quinn...

— Não. Jimmy fica, e eu vou.

— Eu não admito...

— Dashier, preste atenção, nada disso é correto, mas ele tem o jogo a seu favor agora. Apenas se acalme e tente conversar de uma forma civilizada. Lembre-se que Hazel é o mais importante. — Passei minha mão em seu rosto enquanto segurava as lágrimas e aguentava o nó dolorido em minha garganta.

— Ela é esperta, isso eu tenho que admitir. — Bernard disse com deboche. — Eu me pergunto como ela pode ficar com você sabendo que você matou a sua ex-namorada e seu filho.

Minha pele se arrepiou por completo, e os olhos de Dashier se fecharam, ao passo em que seus ombros caíam.

— Bernard! — Leslie exclamou.

— Dashier? — Falei, sentindo a bola em minha garganta aumentar.

— O quê? Então ela não sabe? Ela não sabe que você matou Vicki e o bebê que estava dentro dela? Que você tirou a minha menina de mim?

Eu sentia como se uma chaleira cheia de água fervente estivesse apitando em meus ouvidos. Estava tentando pensar no meu próximo passo.

Não era verdade. Dashier não fizera nada daquilo. Não podia ser verdade!

— Dashier? — Chamei novamente. — Abra os olhos. — Pedi,

tentando me controlar. Quando ele abriu, eu vi. Eu vi, mas queria não ter visto.

— É verdade? — Perguntei mesmo sabendo a resposta.

— Quinn... — Ele respondeu com pesar e dor.

— É verdade, Dashier? — Perguntei novamente.

— Sim. — Seus olhos se encheram de lágrimas quando saiu a resposta de sua boca. — Mas não da forma como ele está dizendo. Eu apenas preciso...

Fechei meus olhos para não ver a sua reação quando me afastei. Dei um passo para trás e me virei para a porta andando sem olhar para trás.

— *Quinn...*

Ouvi ele chamar, o tom sofrido e implorativo dele quase me fez voltar. Um sussurro dolorido, me pedindo algo que eu não sabia o que era.

## QUARENTA

Foi a coisa mais difícil que eu já fiz.

Meu coração parecia diminuir a cada andar que eu descia dentro daquele elevador. Queria saber de toda a história de uma vez por todas para que o sentimento de medo e decepção não crescesse dentro de mim. Mas ficar deixaria Bernard ainda menos receptivo para qualquer conversa civilizada, Dashier mais nervoso, e com isso ele poderia fazer mais burradas. Aquelas brigas precisavam cessar, Hazel estava em casa. O menino não podia ver o pai e o avô discutindo ainda mais, ou pior, se agredindo. E se tinha algo que eu nunca fui era ser burra. Bernard estava construindo a sua cama muito bem, uma agressão, o neto vendo o pai descompensado, e a esposa que até então defendia o homem que ele odiava finalmente veria o “pior” de Dashier.

Mas principalmente, ficar me daria uma versão dos fatos da qual eu estava morrendo de medo de ser verdade. E se todo esse tempo eu me relacionei com alguém perigoso. E se eu fui cega pela paixão e pela ideia de ter uma família minha ao ponto de ignorar tudo? Talvez. Talvez para tudo isso.

E esse *talvez* poderia ser um *sim*. Eu não era uma máquina, poderia ter errado em meu julgamento, ou poderia estar pirando sem necessidade naquele momento, mas era inevitável. Meu senso de autopreservação estava ligado, finalmente ligado. Meu amor por Dashier não tinha desaparecido ou morrido, estava lá. Mas meu amor próprio e autodefesa estavam lá também. Dizendo para eu recuar e pensar no meu próximo passo.

Ele nunca me escondeu que havia um passado e que era algo grave, e, no fundo, se eu fosse sincera comigo, eu poderia suspeitar que ele estava envolvido na morte de Vicki, mas eu queria estar errada sobre isso. Por outro

lado, sabia que seus pesadelos, terapia, medos infinitos de sucumbir ao vício, somados as palavras de Andy na noite de ano novo, eram a prova de que Dashier não teria machucado Vicki intencionalmente.

*Andy.*

Pegando meu telefone cliquei em seu nome rapidamente. Ele atendeu após algumas chamadas.

— *Quinn!* — Exclamou animado, como ele sempre era.

— Andy, preciso de ajuda. — Procurei forças para manter minha voz tranquila, mas era impossível. Minhas lágrimas caíram a medida em que soluçava. As portas do elevador se abriram e eu saí rapidamente do elevador e parei no hall do prédio.

— *Quinn? O que aconteceu? É o Dashier? Fale comigo!* — A voz dele estava desesperada.

— Ele matou ela? Matou, Andreas?

— *Merda!* — Foi a sua resposta.

— Matou? — Meu questionamento saiu alterado. Alto e estridente.

— *Não Quinn! Ele não matou, ele acredita nisso, mas ele não matou.*

*Onde você está? Eu vou até você. Onde está ele? Ele está bem?*

— Ele está na cobertura, com Bernard. Jimmy está lá também.

— *Jimmy está com ele.* — Seu tom era aliviado quando disse isso. — *Menos mal. Bernard... ugh!* — Resmungou. — *Eu vou até você.*

— Não, eu só precisava de algum alívio. Saber disso.

— *Você não sabe de tudo.* — Constatou.

— Não. — Confirmei limpando as lágrimas em meu rosto com a minha mão livre. — Eu precisava de uma esperança.

— *Quinn, não desista dele. Ele é um bom homem, fez escolhas erradas, e pagou por isso. Mas ele não é perigoso, ele não é um criminoso.*

— Você não está mentindo para mim, está? Por favor, Andy. —

Implorei enquanto sussurrava para ele. — Por favor, não minta para mim. Eu amo ele, eu preciso que você esteja me dizendo a verdade.

Ele poderia mentir pelo amigo, mas eu precisava daquilo, eu precisava juntar a sua declaração junto com todas as lembranças que eu tinha de Dashier. Precisava de esperança para que eu tivesse ao menos coragem para encarar meu noivo quando ele me contasse tudo.

— *Eu estou. Prometo. Deixe que eu vá busca-la, Quinn.*

— Não. Eu estou bem. Apenas fique atento para ajudar Dashier.

— *Tudo bem.* — Sua voz era tão tensa e triste. — *Por favor, Quinn, não desista. Será devastador para ele.*

— Tchau, Andy. Obrigada. — Respondi e logo desliguei.

Era difícil chamar a voz da razão em um momento em que eu apenas queria chorar e gritar para que ele me dissesse tudo de uma vez, mas Hazel estava envolvido e tinha prioridade em tudo. Mais uma vez eu precisava me recompor, depois eu lidaria com a minha dor.

Respirando fundo, me preparei para outra chamada.

— *Senhorita...*

— Não diga o meu nome, vai preocupar Dashier. — Interrompi Jimmy antes que ele terminasse.

— *Eles estão no escritório, senhorita.* — Fechei meus olhos, relaxando minimamente.

— Estão mais calmos? — Perguntei enquanto saía do Hall, andava para a calçada e erguia minha mão para os táxis que passavam.

— *Estão civilizados, senhorita.* — Suspirei em alívio, já era alguma coisa eles não gritarem quando Haze estava na casa.

— Tudo bem, Jimmy, apenas proteja-o. Por favor. — Minha voz rachou um pouco. — E faça com que Dashier leia a mensagem que enviarei para ele.

— *Sim. É claro.* — Respondeu.

Então uma ideia veio em minha mente.

— Preciso que faça outra coisa, Jimmy. — Um táxi finalmente parou, e eu entrei fechando a porta com força em seguida. — Harlem.

— *Qualquer coisa.*

— Ligue para Philip e Suzan e peça que enviem um motorista para buscar Hazel e Sylvia. — Se aquele velho imbecil não me queria por perto do meu menino, eu também não o deixaria próximo de Hazel. — Diga a Dashier que foi uma solicitação minha e depois peça que ele leia a mensagem em seu telefone. E Jimmy...

— Sim?

— Ligue para Nate também. Dashier está nervoso e pode dizer algo que lhe complique ainda mais. Ligue para o advogado dele.

— *Sim, senhorita.*

Desliguei e abri o aplicativo de conversa para enviar uma mensagem a ele: *Precisamos conversar. Aguardo por você.*

Assim que cheguei em meu apartamento, me senti completamente perdida. Aquela já não era mais a minha casa, já não era confortável ficar sozinha. Mesmo antes de me mudar em definitivo, eu dificilmente ficava longe de Haze e Dash. Naquele momento, abrir a porta do apartamento escuro me deixou arrasada e solitária. Fechei a porta atrás de mim e caminhei até o sofá. Retirei o plástico que o cobria, peguei a manta dobrada sobre ele, a abrindo também. Deitei no sofá e me cobri. Não demorou muito até o primeiro urro de dor sair.

\*\*

Eu não estava dormindo, mas me sentia adormecida durante as horas que esperei pela chegada de Dashier. Passava da uma da manhã quando ouvi as batidas na porta. Levantei-me, colocando meus óculos e fui até a porta, sentindo que meu entorpecimento dava rapidamente lugar à ansiedade. Eu sabia que era ele do outro lado da porta. Abri rapidamente, dando de cara com um homem cansado e desesperado. Seus ombros estavam caídos, e ele parecia ter diminuído vários centímetros em sua altura. As olheiras negras estavam lá, gritando embaixo dos seus olhos vermelhos.

Seu jeito medroso e desconcertado, sem olhar em meus olhos, me fez querer matar Bernard. Escancarei a porta e abri espaço para que ele passasse. Ele caminhou devagar e se postou de pé entre a cozinha e a sala.

— Como está Hazel? — Foi a minha primeira pergunta. Apontei para o sofá para que ele se sentasse. Me olhando com a expressão triste ele sentou.

— Com meus pais. Obrigado, a propósito, foi uma boa ideia enviá-lo para meus pais e mandar Jimmy chamar o Nate. Bernard se manteve na linha quando soube que Haze não estava em casa e depois, quando viu meu advogado presente.

— Fico aliviada que tenha ajudado um pouco. — Respondi e fui para o sofá também. Sentei longe dele, mas me virei de lado para que pudesse vê-lo. — Eu não tenho nada aqui para oferecer, nem água. — Dashier olhou em volta com pesar. Talvez lembrando dos momentos que vivemos aqui.

— Precisamos conversar.

Eu queria dar uma resposta espirituosa para ele. É claro que precisávamos conversar, ele pensava o quê?

— Sim. — Eu me ajeitei novamente no sofá e quase ri com a ironia. A primeira vez que Dashier me contou sobre sua história nós estávamos exatamente no mesmo local. Mas, desta vez, eu não me sentaria em seu colo. Eu apenas ouviria, em meu lugar.



— Obrigado por ser tão compreensiva e não surtar.

Não surtar? Era quase hilário. Ele não me viu surtando.

— Chega de introduções e segredos, Dashier. Eu fui paciente, me doe para essa relação e mereço a verdade. Toda, e agora.

Ele apenas assentiu, mas eu podia ver que ele estava com medo, eu também estava. Tinha medo do que ele me dissesse, tinha medo de perder tudo o que havíamos construído.

— Você sabe a parte de quando entrei para a faculdade e me tornei um rei. O que você não sabe é como eu me tornei desprezível. Em uma das festas em que eu estava, logo no primeiro ano de faculdade, eu conheci Vicki Sanders. Só fui ter contato com ela realmente no segundo ano de faculdade quando minhas notas caíram cada vez mais porque eu não conseguia largar a vida que eu estava levando. Então entrei no grupo de estudos, e foi lá que eu realmente tive contato com Vicki.

Suas mãos alisaram seus cabelos curtos enquanto ele parecia reunir coragem. Encostando no sofá, ele continuou: — Ela não era uma garota qualquer, era uma das mais bonitas e inteligentes da classe, e nós constantemente competíamos com nossas notas, mesmo que à distância. Entretanto, nos grupos de estudos, realmente começamos a nos aproximar e formamos uma boa dupla. Inclusive trocávamos receitas de mistura de estimulantes para nos mantermos firmes durante os estudos sem perder nossas festas.

“Eu não queria compromisso com ninguém, eu fodia, fazia festa e estudava. Tomava os estimulantes para aguentar o ritmo, mas eles já não me satisfaziam mais. Quando disse que me ofereceram cocaína, eu não contei a você que foi Victoria quem me ofereceu a primeira carreira. *‘Você vai trabalhar na velocidade da luz’*, ela disse. *‘É como se o tempo passasse e você sequer percebesse.’* Ria como se tivesse burlando alguma lei da física e

viajasse no tempo. Eu não percebi imediatamente, mas Vicki estava tentando me agradar para chegar a mim. Ela gostava de mim, de verdade. Era apaixonada. Mas eu era tão imbecil, que não me amarrava a ninguém, então ela usou a única oportunidade que achou que teria para se tornar a minha garota. Mesmo que eu não a visse desta forma.

“Vicki era bonita, inteligente, gostosa e nos divertíamos ficando chapados e fodendo por aí. Com o tempo, ela fazia tudo o que eu gostava na cama, então eu não via necessidade de procurar outras garotas. Mesmo assim, ela convidava algumas para as nossas festas, sempre me surpreendendo.”

“Foi a partir daí que as drogas começaram a fazer mais sentido do que todo o resto. Eu ia drogado para as aulas, para os grupos de estudo, para ver meus pais, para tudo. E Vicki também queria estar em tudo. E na maior parte, eu deixava, mas não a assumia. Eu não queria apresentá-la como minha namorada, não queria que ela conhecesse meus pais e sequer pensava em conhecer os pais dela.

“Eu não amava Victoria. Só pensava nela porque pensava na cocaína, Quinn, eu sequer me amava para amar alguém.”

Seu tom de voz era dolorido.

— A minha empresa cresceu, a formatura chegou, eu e Vicki ficávamos cada vez mais loucos, e ela acabou engravidando. Eu fiquei transtornado com a notícia. Não queria ela e muito menos um filho. Eu me recusei a dar qualquer chance para o bebê que ela carregava.

“Então Hazel nasceu, e Vicki foi morar com seus pais para obter ajuda de Leslie. Eu paguei tudo, mas vi Haze apenas uma vez nos seus primeiros meses de vida e jamais contei para meus pais sobre a sua existência. Apenas Andy sabia de tudo, mas há muito tempo tinha desistido de colocar alguma coisa em minha cabeça. E ele também tinha uma vida.”

“Hazel era saudável na medida do possível, pois ele nasceu com

síndrome da abstinência neonatal. Eu também não dei a mínima para isso, mas paguei por todo o tratamento. Leslie sempre entrava em contato comigo para que eu enviasse dinheiro para as despesas e exames médicos. Foi realmente um milagre ele não ter desenvolvido nenhum problema mais grave, Vicki nunca se preocupou em parar. E eu nunca me preocupei em prestar a atenção nisto.”

“Meus pais não sabiam da sua existência, ou de Hazel. Ele já estava completando um ano quando Victoria morreu.”

**DASHIER**

Quinn provavelmente já me odiava naquele momento, mas o que eu diria em breve colocaria um último prego em meu caixão. Deus, como doía.

— Vicki apareceu em meu apartamento me dizendo que precisávamos conversar. — Engoli em seco. — Ela disse que iria se limpar, se dedicar a Hazel e ao bebê que ela estava esperando. Estava grávida novamente.

Quinn assentiu sem esboçar nenhuma reação. Seus olhos continuavam em mim, atentos.

— Ela me disse que estava grávida, mas daquela vez eu não surtei. Nem me importei, para ser sincero. Eu voltei para o meu videogame e joguei enquanto ela sentava ao meu lado. Manteve-se calada lá por algum tempo até que eu desisti de jogar e resolvi que estava pronto para uma boa foda e algumas carreiras. Eu gostava de transar estando sob efeito de drogas. — Eu interrompi minha fala, tentando encontrar alguma reação, mas Quinn continuava apenas me escutando. Seus olhos piscaram, percebendo que eu havia pausado minha história, ela incentivou para que eu continuasse.

— Vá em frente.

— Eu fiz algumas carreiras e ofereci a ela, que aceitou imediatamente, dizendo que não tinha problema em alguma despedida. — Meu estômago se revirou. — Ela disse que eu deveria considerar parar também, pelo bem de Hazel. Eu não dava a mínima para o garoto. Ou para qualquer um. Eu já não tinha contato com os meus pais também, o único que ainda aturava minhas merdas era Andy, e eu sinceramente não sei por que ele simplesmente não desistiu de tudo e me mandou para o inferno. Eu era desprezível. Desprezível, Quinn.

NACIONAIS-ACHERON

As lembranças vinham em flashes rápidos, eu realmente não conseguia me lembrar de tudo o que acontecera claramente, mas era fácil entender ao juntar os pedaços. Só que as lembranças estavam se misturando com as palavras que Bernard havia me dito algumas horas antes.

— Durante aquele dia, nós revezávamos entre pó, uísque e sexo. Abusando de todos, sem parar, sem ver o fim de nada daquilo. Então... — Meus olhos se apertaram, a imagem de Vicki de quatro para mim enquanto eu invadia o seu corpo sem parar e sem sentir nada, com força e com muita rapidez, me fez querer vomitar.

Levantando-me do sofá, eu corri até o banheiro, tentando não vomitar no meio do caminho.

— Dashier! — Ouvi Quinn gritar e logo seus passos estavam próximos. Quão mais humilhante poderia ser aquilo? Ajoelhado, em frente ao vaso, ainda sem nenhuma luz acesa, eu sabia o que estava acontecendo comigo. As lembranças estavam trazendo as sensações com elas. Meu corpo tremia, eu sentia náuseas, e minhas mãos estavam completamente geladas. — *Dashier?* — Ouvi a voz doce de Quinn chamar. Eu me mantive calado enquanto ela se ajoelhava ao meu lado e alisava meu rosto.

Eu não a merecia.

As lágrimas desceram pelo meu rosto, os sentimentos de desespero fizeram que eu me deitasse no chão em frente a privada e me encolhesse.

Eu era um fracasso.

Perderia Hazel, perdi um bebê e perderia Quinn.

— Dashier, vamos, levante-se. — Ouvi Quinn pedir, seu tom era desesperado.

— *Vicki? Vicki! Acorde! Merda!* — *Ela estava mole e pálida, e todo aquele sangue e vômito.* — *Vicki!* — *Gritei, a virando de frente.* — Não!

NACIONAIS-ACHERON

*Não!*

*Andei pelo quarto, olhando para ela, olhando para as paredes, procurando eu não sabia o quê.*

*— Merda! Como isso foi acontecer? O que foi isso? Droga, Vicki!*

*Eu mal percebi o que estava fazendo quando peguei o telefone disquei os números que eu há muito tempo ignorava quando ligava.*

*— Pai? Eu preciso de ajuda. — Implorei já chorando. Levando a mão em meu nariz, tentando me livrar da breve coceira, percebi que estava sangrando. — Eu matei alguém.*

*— Filho? Filho, acalme-se, conte o que aconteceu, eu estou a caminho. — Meu pai prontamente disse. Peguei uma camiseta que estava jogada em meu quarto e limpei meu nariz, que sangrava sem parar. Meu coração estava disparado, e o desespero cada vez maior. — Dashier, fale comigo. Dashier! — O corpo sem vida de Vicki foi a única coisa que eu vi antes de apagar.*

## QUINN

Sua voz estava desesperada, sem fôlego, mas praticamente gritando.

— Ela estava de quatro, e eu estava... estava fodendo ela sem parar. A música estava alta. Eu lembro de ouvi-la falando. Ela começou a chamar meu nome, uma e outra vez, sem parar, e eu pensei apenas que ela estava gostando. Muito. Então eu não parei. Achei que ela estivesse gozando, aproveitando, eu não sei! Então eu continuei, só continuei. Eu estava tão drogado, que eu sequer conseguia pensar ou prestar atenção no seu tom de voz. Nada em mim me dizia para parar, Quinn. Nada! Eu estava amortecido demais para pensar no que estava acontecendo. Então... — Ele fungou. — Oh, Deus!

Começou a se balançar, me fazendo ficar desesperada também.

— Quando eu finalmente percebi que tinha algo errado... Vicki já estava morta em uma poça de sangue e vômito. E eu só vi porque eu tinha finalmente gozado e me senti satisfeito. Escutei ela chamando o meu nome, mas não prestei atenção. Eu não pensei que ela estivesse tendo algum problema, eu juro. Eu juro.

*Deus!*

Eu não sabia o que pensar, o que dizer. Eu só queria tirar a dor que ele estava sentindo, ele não poderia estar mentindo. Não podia. A dor que ele estava sentindo, suas lágrimas, o suor... Tudo! Ele falava a verdade, e isso me aliava mesmo que cortasse o meu coração.

— Dashier, vem comigo, saia do chão, *baby*, vem comigo.

— Um, dois, três... — Começou a contar freneticamente. Desesperadamente. Então eu fiz o que eu sempre fazia cada vez que ele estava daquela forma.

## NACIONAIS-ACHERON

— Sete, oito, nove, dez...  
Contei junto com ele.



## QUARENTA E UM

Eu não consegui acalmá-lo. Mesmo horas depois, ele continuava vomitando, suando, tremendo e contando. Ele falava meu nome, o nome de Haze e chorava, pedindo perdão. Eu chorava junto, desesperada por não conseguir acalmar o homem que eu amava. E aliviada. Deus! Eu estava tão aliviada por não ter fugido antes de ouvir tudo. Por ter ligado para Andreas antes de tomar qualquer decisão. Ele não era um assassino.

Dashier tinha feito algo horrível.

Mas ele não era uma pessoa horrível. Não era.

Quando eu percebi que eu não ia conseguir tirá-lo do chão sozinha, liguei para Jimmy. Menos de um minuto depois, ele estava batendo em minha porta. Aliviada por ele ter ficado no carro aguardando Dashier, eu abri e pedi que ele entrasse.

Juntos, tiramos Dash do banheiro. Eu procurei alguns lençóis, coloquei na cama e o deitei lá.

— Você pode comprar alguns mantimentos para nós, Jimmy? — Perguntei, digitando em meu telefone o que eu gostaria que ele comprasse e enviando por mensagem.

— Não seria melhor voltarmos para a cobertura, senhorita? — O homem perguntou, olhando tristemente para seu chefe. — Ou talvez um hospital?

— Ele está sofrendo, Jimmy, eu vou ligar para Lucas. Pedir alguma orientação. E aqui ele se sente seguro. Certifique-se de avisar aos pais dele e me dar notícias de Hazel. Peça a Sylvia para providenciar tudo para que Haze e ela fiquem alguns dias com Susie e Phil. Eu não sei como será por aqui.

*Droga, tenho que avisar no trabalho que vou me ausentar.*

— Tudo bem, senhorita. Eu trarei algo em breve.

— Precisaremos de água. Traga água.

Quando Jimmy se ausentou, eu me aproximei de Dashier novamente. Ele estava encolhido na cama, chorando muito ainda. Queria gritar para ele parar com aquilo, para parar de me assustar, parar de sofrer. Eu não queria mais sofrimento. Mas ele precisava colocar tudo para fora. Então eu deitei de frente para ele e peguei suas mãos. Era madrugada, tínhamos ainda um longo tempo pela frente. Peguei suas mãos frias nas minhas e fiz o que estava ao meu alcance para acalmá-lo.

— A primeira vez que vi você, eu pensei que estava vendo uma pintura. — Sussurrei, olhando para ele. — Mesmo você sendo um idiota, eu ainda achei você de tirar o fôlego...

Eu contei para ele sobre meus sentimentos desde o momento em que nós nos conhecemos, reinventei a nossa história em algumas partes, tentando arrancar alguma reação dele, mas Dashier nada dizia. Ao menos seus músculos pareciam mais relaxados, e seus soluços aos poucos estavam acabando. As lágrimas secaram, depois do que pareceu uma eternidade, e finalmente ele adormeceu. Foi agitado, mas eu não soube se ele estava tendo pesadelos ou não. Enquanto ele dormia, eu enviava e-mails para Doty com os eventos que precisavam ser cuidados e para Andreas, para ele saber o que estava acontecendo. Entretanto, eu não tinha o número do terapeuta. Eu teria que esperar por Dashier para entrar em contato com Lucas.

Procurei organizar as coisas em meu apartamento enquanto aguardava Jimmy voltar. Alcancei algumas roupas velhas em meu closet e retirei as toalhas para que pudéssemos tomar um banho. O meu foi rápido, não queria que ele acordasse enquanto estivesse embaixo do chuveiro, ele poderia precisar de mim.

Jimmy trouxe o que pedi e ainda algumas mudas de roupa para Dash.

Eu agradei sua gentileza e proatividade e o liberei. Avisei que entraria em contato caso precisasse. Após guardar as compras, respirei aliviada ao ver que Dashier parecia mais relaxado enquanto dormia.

\*\*

Passavam das dez da manhã quando ele acordou. Eu saí da cozinha e corri em sua direção.

— Oi! — Tentei não parecer muito ansiosa. — Está se sentindo melhor? — Sentei ao seu lado na cama e peguei sua mão. Ele assentiu e retirou sua mão da minha, esfregando seu rosto com ela.

— Eu gostaria de tomar um banho... — Ele suspirou, sem olhar em minha direção. Estava envergonhado.

— Tudo bem. — Eu me sentia novamente como no início de nosso relacionamento, quando precisava medir cada um dos meus passos para não o assustar ou o estressar. — Jimmy trouxe algumas roupas, e tem uma toalha para você no banheiro.

Em silêncio, ele assentiu e levantou, seguindo para o banheiro. Fechando meus olhos, rezei para ele ficar bem. Corri e fiz café e torradas com os poucos mantimentos que Jimmy trouxera. O chuveiro se manteve ligado por quase uma hora. Quando Dashier saiu, parecia pálido e mais magro, porém o suor tinha sido levado pela água e sua aparência era um pouco melhor.

— Coma algo. — Pedi, apontando para o banco alto, posto na ilha em meio a cozinha.

— Hazel?

— Está bem, está com seus pais e Sylvia. — Assentiu em resposta. — Sente-se melhor? — Perguntei, com cuidado.

— Estou me sentindo o pedaço de merda que eu sempre fui, Quinn. E

o fato de você sequer me colocar para fora me deixa pior.

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei sem realmente querer perguntar. Eu sabia do que ele estava falando, na verdade. Mas não queria acreditar.

— Eu não mereço você. — Respondeu, me deixando brava.

— Não é você quem decide isso.

— Eu matei Vicki.

— Não, você não matou. Pare de agir como se fosse um assassino. Se você tivesse a matado, teria sido preso. — Briguei, parando em frente a ele e me apoiando na bancada da pia.

— Não fui preso porque tenho um excelente advogado, e Leslie convenceu Bernard a não prestar queixa para o bem e o futuro de Hazel.

— Tenho certeza que não foi apenas por isso. Se a polícia tivesse constatado dolo na morte de Victoria, você teria sido preso. — Ele continuava sem olhar para mim. — Dashier, olhe para mim.

— Não posso.

— Sim, você pode. Olhe para mim.

— Não posso. — Ele repetiu.

— Por quê? — Perguntei, nervosa.

— Porque eu não suporto o fato de você ter me perdoado pelo o que eu fiz. — Seus olhos desviaram dos meus.

— Você queria que eu odiasse você? — Eu sequer conseguia disfarçar o horror em minha voz.

— Sim. Como você pode ainda olhar para mim?

— Então você realmente não esperava casar comigo? Se você pensa que eu deveria odiar você, então pretendia esconder tudo de mim para sempre?

— Eu não estava pensando direito antes. Depois de reviver tudo o que

aconteceu, eu entendi... Depois do que Bernard disse... eu não mereço...

— Dashier, você não a matou, você não é uma má pessoa. — Interrompi, tentando me aproximar, mas ele levantou sua mão, me fazendo parar.

— Eu sou! — Gritou. — Fiz coisas horríveis, Quinn. Meus pais quase morreram de desgosto quando descobriram a pessoa que eu tinha me tornado. Eu escondi meu filho deles. Hazel passou por tratamento do primeiro ao terceiro ano de vida porque a mãe dele era uma viciada e o pai dele não se preocupava com a sua existência. Eu perdi um bebê e deixei o outro sofrer de abstinência. — A raiva em sua voz só não me assustava porque eu sabia que não era para ninguém senão para si.

— Isso é horrível, Dashier, eu sei...

— Você sabe? — Perguntou com tristeza. — Desculpe, Quinn, mas você não sabe. Eu sei o que é abstinência e quase morri por causa dela. Imagina um bebezinho indefeso sofrendo do mesmo. — Ele chorou e apertou as mãos nos olhos.

Eu me segurei para não quebrar na frente dele. Pobre Hazel. Deus! Doía sequer pensar naquele pequeno bebê sofrendo.

— Meu filho é um viciado em drogas, Quinn. — Sibilou Dashier. — Um viciado que não teve a chance de escolher esse destino. Ele não foi como eu ou como a mãe. Ele não teve escolha.

— Exatamente. — Respondi. — E você também não forçou Victoria a usar drogas.

— E isso justifica?!

— Não justifica! — Gritei de volta. — Nunca vai justificar, mas as pessoas têm escolhas, Dashier. Você tinha escolhas, fez as erradas, pagou e se arrependeu por elas. Vicki também fez as dela. Também escolheu errado e também pagou por elas. Hazel está vivo.

— Mas o meu outro filho não está... — Lamentou.

— Mas é este que precisa de você, precisa que você lute por ele. E eu preciso que você lute por nós. Você pagou muito caro por tudo. Se fosse realmente culpado, estaria preso, mas você teve a chance de fazer o correto, e agora você tem a chance de ser feliz, com Haze, comigo. Vamos nos casar, seremos uma família.

— Eu não posso me casar com você, Quinn.

Fiquei apenas olhando para ele, sem conseguir assimilar exatamente o que ele estava me dizendo.

— Co-como é? — Consegui soltar, finalmente.

— Eu não posso mais fazer isso, eu não posso ficar com você e me dedicar ao meu filho.

— E desde quando você pensa isso? — Minha voz era grossa, as lágrimas estavam vindo.

— Desde o que aconteceu ontem, Quinn. — Seu tom era bravo, como se estivesse com raiva de mim.

— Você precisa se acalmar, Dashier. Bernard deve ter falado um monte de coisas para você...

— Não foi Bernard, Quinn. Essas escolhas...

— Eu nunca fiz você escolher, Dashier. — Interrompi, gritando.

— Eu sei! — Exclamou, se levantando. — Mas você as fez. Você escolheu entrar nesta sujeira, nesta porcaria toda que é a minha vida, e eu não posso mais sujeitar você a isso só porque você é apaixonada por mim.

Foi como se ele enfiasse toda a sua mão em meu peito e espremesse meu coração.

— Eu sou *só* apaixonada por você, Dashier? *Só*?

— Você entendeu. — Respondeu com as mãos na cabeça. — Bernard não vai parar, Hazel está no meio disso, ele precisa de toda a minha atenção.

— Claro, e separar ele da mãe é a solução. — Justifiquei com escárnio em minha voz.

Dashier tinha lágrimas nos olhos, eu podia ver o brilho aquoso neles enquanto ele insistia em não me olhar.

— Você não é... — Ele engoliu, e eu soube imediatamente o que ele estava fazendo comigo. — Você não é a mãe dele, Cupcake.

Oh, Deus! Ele não disse aquilo. Suas lágrimas caíram no momento em que ele disse aquelas palavras, e eu notei que elas machucaram tanto ele quanto a mim.

— Me desculpe, Quinn.

— Você sabe que isso não é verdade. Você quer me ferir para me afastar. Essa escolha não é sua, Dashier, é minha. Eu não vou embora. — A sua dor era tanta ao falar aquilo, que eu sequer conseguia sentir raiva por aquela tentativa desesperada dele: tentar fazer o que pensava ser o certo. — Você não disse isso de verdade. Você não sente isso.

Ele negou com a cabeça.

— Eu não devia ter dito isso, eu só queria...

— Me machucar, para me afastar. Tente de novo, Colt. — Respondi, brava. — Não foi o suficiente.

— Me desculpe, Quinn. Me desculpe. Eu... eu ... — Então ele virou e caminhou em direção à porta. — Eu não quis dizer o que eu disse sobre Haze, mas eu preciso que você respeite a minha vontade.

— Eu amo você, e essa escolha é minha, Dashier. — Gritei, desesperada.

— Eu preciso me afastar. — Ele abriu a porta e atravessou para fora.

— Volte aqui!

Mas ele não voltou, apenas bateu a porta atrás de si. Corri e abri a porta, desesperada, mas ele já não estava mais lá. Olhando para as escadas, eu

podia ver a sua sombra sumindo rapidamente.

— Dashier! — Chamei mais uma vez. Foi inútil. Ele não voltou.  
Estava escolhendo fugir mais uma vez.



## QUARENTA E DOIS

### DASHIER

Era o certo, eu estava fazendo o correto.

Um, dois, três, quatro...

Era o certo. Ela ficaria melhor sem mim.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Hazel precisava de mim totalmente concentrado nele.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Bernard estava certo.

Quando Quinn saiu da cobertura naquela noite, eu queria morrer e matar. Ela sequer olhou para trás quando as portas do elevador haviam se fechado.

— Ela é inteligente, depois de tudo, Dashier. — O tom de voz de Bernard era satisfeito. — Foi só descobrir tudo o que você fez, que foi embora...

— Bernard. Não. — Leslie pediu com a voz magoada.

— O quê? — Perguntou, com cinismo. — Só estou comentando. Ela precisava ser alertada, ele poderia matar ela também.

— Bernard! Ele não matou Vicki. — Leslie chorou. — Pare de dizer isso, querido. Pare com isso.

— Cala a boca, maldito! — Eu quase podia sentir meus dentes trincando, tamanha a força com a qual eu apertava meu maxilar.

### NACIONAIS-ACHERON

— Vocês precisam se acalmar! — Leslie exclamou, alterada, fazendo com que eu e Bernard nos calássemos. — Dashier, viemos conversar sobre o que aconteceu ontem. — Leslie informou enquanto levava seu lenço embaixo do nariz. — Vamos nos acalmar e conversar civilizadamente. Por favor, Bernard, por favor. Lembrem-se que queremos o bem-estar de nosso neto, e você também não está cooperando para isto.

Eu assenti em respeito a Leslie, ela não era particularmente minha fã, mas desde que tudo acontecera e ela descobrira que toda história tinha dois lados, foi muito mais justa do que eu merecia.

Ela sabia da gravidez de Vicki, sabia que Vicki usava drogas e não parava. Ela acompanhou o tratamento de Hazel e foi realmente uma mãe para meu filho. Quando eu estava internado, ela me visitava. Fazia parte do seu processo de recuperação entender tudo. Ela sentia necessidade de acompanhar o meu processo também, e isso realmente a fez ver o quanto eu estava arrependido e queria o melhor para o meu filho.

Para ser sincero, eu entendia muito mais Bernard do que ela. Ele lidava da pior forma possível com a perda da sua filha. O perdão nunca passara pela sua cabeça. E, sinceramente? Eu agiria da mesma forma se eu perdesse meu filho.

Acontece que Leslie era menos parecida comigo e mais parecida com Quinn, ela ouvia antes de acusar, perguntava para tirar sua dúvida, analisava todo o contexto antes de julgar. Engraçado como a mãe da minha ex poderia ser parecida com a minha atual mulher. Quinn era justa e objetiva, ela conseguia ver além dos sentimentos, fazia a razão e o coração andarem juntos.

Bernard e eu... apenas julgávamos.

Eu estiquei meu braço em direção ao meu escritório para que eles se dirigissem para lá. Olhei para Jimmy, que se mantinha estoico em seu lugar,

preparado para ajudar no que eu precisasse. Eu o deixei lá, assentindo para ele, reconhecendo que eu sabia o que ele estava fazendo ali.

Quando fechei a porta atrás de mim, respirei fundo e fui até minha cadeira, sentei e novamente estiquei meus braços para que Leslie e Bernard pudessem tomar os assentos também e colocássemos um fim em tudo.

— Estamos aqui para dizer que não vamos dar queixa contra você, Dashier. — Leslie iniciou.

— Isso era antes de descobrir que você está colocando outra mulher aqui dentro da sua casa com seu filho... — Bernard logo emendou.

Eu queria explodir novamente, queria jogar uma cadeira na cabeça dele. Mas, então, lembrei que eu precisava ser muito, muito controlado. Hazel estava em jogo.

— Quinn é uma mulher responsável e realmente ama Hazel como um filho. — Leslie ofegou, e eu me virei para ela. — Sei que para você é doloroso ouvir isso, Les. Mas, por favor, me ouça por um momento. — Ela engoliu em seco e desviou seus olhos dos meus. — Foi Hazel quem pediu para chamá-la de mãe e foi consequência de todo o carinho e atenção que ela deu a ele. Ela o ama e o protege, Leslie. Quinn não quer o lugar de Vicki.

Bernard bufou. Debochado como sempre, ironizando e me intimidando como sempre.

— Até porque Vicki nunca foi mãe, como eu não fui pai para Hazel por um longo tempo.

— Seu... — Bernard se levantou, mas Leslie o parou.

— Bernard, não. — Ela pediu. — Acalme-se. O nosso objetivo aqui é o bem-estar de Hazel.

— Sim, o bem-estar do meu neto. O que me leva a perguntar: você realmente está com a cabeça no lugar certo?

— O que quer dizer? É lógico que estou com a cabeça no lugar certo.

Que pergunta era aquela?

— Está? Porque um pai que tem a justiça de olho em suas atitudes se enfiar em um relacionamento destes não pode ser bom, Dashier.

— Bernard...

— Ou você se dedica totalmente a Hazel ou o tirarei de você, Dashier. É simples. Meu neto tem uma mãe. Apenas uma. E, honestamente, meu neto deve ser o mais importante para você neste momento.

— Bernard...

— Você tirou o meu bebê de mim, Dashier. — Apertei meus olhos, ouvindo as palavras dele. — Você a negligenciou e negligenciou o irmão de Hazel.

Leslie começou a chorar com as palavras do marido.

— Não faça isso, Bernard. Não faça. Por favor? — Implorei, baixo. — Eu paguei por isso, eu continuo me culpando.

— E eu continuo sem minha filha, sem meu bebê. — Bernard sussurrou, me causando arrepios. — Eu acho bom você pensar bem no futuro de Hazel. Ou você pode ficar sem o seu bebê também.

Eu não tinha mais forças para segurar a barreira. Eu simplesmente deixei o muro cair. O muro caiu, e Bernard entrou.

— Bernard? — Pedi, sentindo toda a dor crescendo. — Não faça isso, por favor...

— Por que você pode ter os dois quando eu não posso ter nenhum? — Bernard se levantou. — Vamos, Les.

— Não faça isso comigo... — Pedi novamente, sentindo minhas forças se esvaírem.

— Você matou minha filha e a criança dentro dela e ainda levou meu neto, que sofreu por meses em abstinência, e você acha que agora pode brincar de casinha?

— Bernard, por favor. — Leslie pediu, fungando. — Talvez devêssemos...

— Eu quero que ele sofra. Eu quero que ele não tenha escolha. Eu quero que ele perca. — O homem gritou cheio de raiva. — Pense muito bem, Dashier. Você não pode ter os dois. Eu vou às vias de fato.

Suas palavras só não me machucaram mais do que ouvir Quinn chorando e pedindo, implorando, para que eu não a deixasse *Desculpe, Quinn. Eu te amo, baby. Sempre vou amar.*

\*\*

No momento em que o táxi parou em frente ao meu prédio, eu suspirei, aliviado por ter tido força suficiente para não pedir que o taxista parasse em algum bar ou em algum buraco de traficante.

Oh, sim, eu conseguia me lembrar de cada um deles ainda.

Eu não quis aguardar por Jimmy para me levar dali, não queria correr o risco de Quinn vir atrás de mim. Eu não podia olhá-la mais. Não podia ver a decepção e a dor que causei a ela quando tudo o que ela me dera foi amor incondicional sem julgamentos. Ela não merecia o que eu estava fazendo.

No momento em que pisei no lobby do prédio, Andy se levantou do sofá no hall de espera e caminhou em minha direção.

— O que faz aqui, Andreas? — Perguntei, percebendo seu olhar preocupado.

— Quinn me ligou. Ela imaginou que você precisaria de ajuda.

E, assim, percebendo que, mesmo eu tendo acabado de feri-la, Quinn pensou em mim e no meu bem-estar mais uma vez, um grito abafado escapou dos meus lábios e lágrimas explodiram pelos meus olhos.

— Oh, cara! — Andy me abraçou, deixando-me desabar sobre ele.

## QUINN

Não demorou muito para eu perceber que Dashier precisaria de ajuda. Quando ele saiu e me deixou, eu chorei e gemi de dor até perceber que precisava que aquela dor fosse amortecida. Eu corri para os armários da cozinha e os abri na esperança de ter alguma bebida forte me esperando. Eu esqueceria da dor, nem que fosse por um tempo.

Então eu percebi. Se eu, que não era uma pessoa viciada, estava procurando álcool para amenizar a dor, imagina Dashier.

Corri para o meu telefone e liguei para Andy rapidamente.

— *Quinn, como está tudo?* — Sua voz passava preocupação.

— Andy, Dashier precisa de ajuda. Você pode encontrá-lo?

— *É claro.*

Ele sabia da seriedade da situação. Eu não precisava explicar para ele o quanto seu amigo precisava de apoio, mas lhe contei que Dashier terminou comigo. Em resposta, Andy não disse nada além do que eu já sabia: — Isso é culpa de Bernard, Quinn. Dashier te ama.

Assim que desligamos, eu fui até o meu quarto e me arrastei até a cama. Deitada, eu chorei. Chorei, lembrando da madrugada que passei ao lado dele, chorei por todos os momentos em que eu o apoiei e ainda assim ele não se sentia forte suficiente para enfrentar o fato de que ele poderia sim ser feliz, que ele merecia. Ele sequer estava pensando na dor que ele causaria em Hazel. Ele era meu filho, e eu era a sua mãe. Era nítido nos olhos de Dashier que ele estava sentindo *dor física* ao proferir cada uma das palavras que ele havia me dito. Eu sabia, sentia que ele não estava sendo verdadeiro.

Dashier estava com medo. O terror das memórias que ele teve que

desenterrar para me dizer a verdade, as coisas horríveis que ele provavelmente ouviu de Bernard... Ele não conseguia viver sem seu filho, então ele abriu mão da próxima coisa que ele mais amava.

Saber de tudo aquilo não diminuía a dor que eu havia sentido por causa das suas palavras. Eu estava tão cansada... Cansada de esperar, de entender, cansada de ter cautela. Eu estava cansada de compreender e levar as coisas racionalmente.

Mas, mesmo cansada, eu busquei o meu último resquício de esperança, peguei um último fôlego e fui à luta.

Caminhei até meu closet minúsculo e procurei por qualquer roupa velha que eu tivesse guardado. Quando não encontrei nada decente, eu vesti as minhas roupas da noite anterior, peguei minha bolsa e saí do apartamento como um raio. Enquanto aguardava um táxi, peguei meu telefone e liguei para Jimmy.

— *Senhorita?*

— Quero o endereço da casa e do escritório de Bernard.

— *Mas, senhorita...*

— Agora, Jimmy, não me faça odiar você.

— *Tudo bem, enviarei por mensagem. Mas o que a senhorita vai fazer?* — Perguntou, preocupado.

— Na noite passada, eu conheci Bernard e Leslie Sanders. Agora eles conhecerão Quinn Miles.



## QUARENTA E TRÊS

Os Sanders estavam em casa. Quando liguei para o escritório de Bernard, sua secretária informou que ele havia tirado o dia para assuntos pessoais. O medo correu por minhas veias ao pensar no que aquele homem poderia fazer em seu dia de folga. A imagem de Dashier saindo pela minha porta me doeu novamente. E me enfureceu também.

A forma como ele falou e saiu não era a atitude de um homem que não amava mais uma mulher, era a atitude de um homem com medo. Forçado a tomar decisões que não queria para proteger o que mais amava.

Eu não era burra ou imatura para ignorar isso. Mas confesso que a razão estava pouco a pouco se esvaindo, assim como minhas forças. Tudo tem um limite, e eu sentia que o meu estava chegando. Estava começando a ficar cansada de lutar e lutar, nadar, e nunca chegar na costa. Mesmo assim, meu amor por Dashier e Hazel era muito maior do que qualquer cansaço. E, em um último suspiro, eu tentaria consertar tudo.

Quando o táxi parou em frente à grande casa, respirei fundo e andei até o portão de ferro. Eu toquei o interfone e logo ouvi a voz feminina atender. Disse meu nome e aguardei. Sequer passou pela minha cabeça que Bernard não me atenderia. Ele gostava de ferir e machucar, transferir a sua dor para as pessoas, não perderia a oportunidade de fazer isso comigo. Não quando sabia que eu significava tanto para Dashier. E Bernard sabia que Dashier estava sofrendo.

Caminhei pela entrada bem construída, com um jardim impecável. Era como as casas nos Hamptons. Grande, branca, com imponentes estatuetas

de leões negros estrategicamente colocados na escadaria que dava acesso à porta da frente. Quando finalmente cheguei ao último degrau, Leslie e Bernard me aguardavam.

— Senhorita Miles, a que devo o prazer? — Bernard sorriu cinicamente para mim enquanto Leslie apenas me analisava.

— Vim para falar justamente desta sua postura, senhor Sanders. — Respondi em meu melhor tom educado, o sorriso falso do homem caiu minimamente, e seus olhos endureceram. — Chega de cinismo, Bernard. O assunto é sério.

Olhei para Leslie, que continuava sua análise.

— Tudo bem, senhorita Miles. Vamos entrar e ver o que você tem para me dizer.

Obviamente ele pensava que eu apenas estava lá para pedir por Dashier. Bernard não me conhecia. Ao entrarmos, me deparei com uma bela e fria casa, quase imaculada de tão branca e sem vida. A decoração era fria e mínima, como se mal ficassem em casa. Fui dirigida até a sala e lá pude ver um grande quadro pintado com uma bela jovem de olhos marrons claros. Ela tinha um lindo sorriso, cabelos ondulados da mesma cor dos olhos, e mesmo não vendo semelhança com Hazel, eu sabia que era Victoria.

— Essa era a nossa Vicki, aos dezessete anos. — Leslie explicou. Olhei para a mulher quebrada em minha frente e assenti em respeito. — Antes de tudo acontecer, ela realmente era uma menina doce.

— Eu acredito que sim. — Respondi, sinceramente.

— Você pode dizer, Les, antes das drogas. — Bernard disse enquanto sentava. — Antes de ela não ser ela mesma.

Guardei aquela informação para mim, esperando poder usar a meu favor em breve.

— Gostaria de algo para beber enquanto fala sobre o seu objetivo

aqui, senhorita Miles?

— Não, pretendo ser breve. — Comecei. — Minha visita aqui é para lhe dizer o quanto você é covarde, egoísta, desumano e completamente delirante. — Os olhos de Bernard se abriram um pouco mais com as minhas palavras.

— Você está em um terreno perigoso aqui, senhorita. Sabe que pode prejudicar o seu namorado fazendo isso... — Seu tom era mordaz comigo. Leslie me olhava como se eu tivesse tirado a roupa e estivesse fazendo minhas necessidades no meio da sua sala. Ela não estava acostumada a ver seu marido ser confrontado? Bem, eu nem havia começado ainda.

— Noivo. Meu noivo.

Ou ex-noivo. Mas eu deixei aquela informação de fora. Eu ainda não sabia o que aconteceria entre mim e Dashier, mas tinha esperança.

— E você conseguiu foder com a mente dele mais uma vez, mas me escute: foi a última. — Meu tom continuava firme, não me alterei até que ele começou a sua história de como Dashier matou a sua filha. — Você vai nos deixar em paz, vai nos deixar ser uma família sem destilar o seu veneno sofrido.

— Não é um veneno sofrido! Ele matou a minha filha! É um assassino! — Gritou, se levantando.

— Bernard, pare. — Leslie gritou e se levantou logo atrás.

— Vicki se matou, Bernard! Sua filha pregou cada prego que está no caixão dela. — Eu não pretendia ser rude ou cruel, mas havia sofrido o suficiente já. Todas as histórias tinham dois lados.

— Saia da minha casa! Agora! — Bernard gritou, apontando para a saída.

— Não sem que antes que vocês entendam algo. — Disse, alterada, mas abaixei consideravelmente meu tom. — Aquele homem não é o que você

pinta, ele não matou a sua filha, e ele acabou de me largar porque você impôs a ele uma escolha que não precisava ser feita.

— Já chega! Saia da minha casa sua...

— Calado, Bernard! — Leslie gritou alto e de modo autoritário. — Eu quero ouvir o que ela tem a dizer!

— Não na minha casa. — Bernard insistiu.

— Pois saia, esta é a minha casa também! Vicki era minha filha também, e Hazel é meu neto também! — Eu queria gritar “Vai, Les!” para aquela mulher, era como se ela tivesse acordado de um coma profundo. — Agora sente-se. Deixe que ela diga o que precisa.

Nós nos sentamos, e eu respirei fundo antes de continuar: — Senhor e senhora Sanders, eu sequer posso imaginar o que é perder um filho. — Engoli em seco, me arrependendo de não ter aceitado nada de beber antes. — Eu de fato só sei o que é ser mãe há pouco tempo...

— Você não é mãe... — Bernard tentou começar, os olhos tristes de Leslie continuavam me olhando enquanto ela colocava a mão em seu braço para que ele parasse de falar.

— Não importa o que vocês digam sobre isso. — Eu retruquei. — Eu sou a mãe de Hazel. — Meus olhos turvaram com lágrimas assim que lembrei do garotinho. — Eu de fato o amei primeiro, muito antes de amar Dashier. Foi amor à primeira vista entre Hazel e eu. Aquele garotinho me deu tantos sorrisos, tanto carinho e me encheu de ternura antes de me pedir para amá-lo de volta, e eu sequer pude negar. — As lágrimas caíram e minha voz quebrou. — Ele pediu ao Papai Noel que eu ficasse com ele e com seu pai, e foi então que ele me pediu para me chamar de mamãe. Como você diz não para uma criança que está implorando por algo que nunca teve? Não um brinquedo, não um cãozinho, ele estava pedindo por uma família, ele estava me fazendo querer coisas que eu nunca pensei antes...

— Sabemos que Hazel é maravilhoso. Nós o criamos enquanto Dashier estava enchendo o seu nariz de porcaria...

— Apenas Dashier, senhor Sanders? — Bernard não me respondeu. — Vicki tinha uma personalidade bem forte, pelo que fiquei sabendo, boas notas, era rodeada de amigos, competitiva, buscava ser a melhor. O senhor vai realmente reduzir a memória da sua filha como se ela fosse uma menina fraca e ingênua?

“Entendo que o senhor provavelmente não tenha passado pelo que a maioria dos pais de viciados passam, uma vez que Vicki estava longe de casa e sua droga era bancada pelo dinheiro de Dashier. Mas o senhor não viu nada de diferente? A sua filha nunca lhe mostrou nada?”

Seu olhar caiu, o brilho raivoso se apagou, me fazendo sentir mais forte e também mais triste por ele.

— Eu posso imaginar a sua dor, respeito a sua perda, mas continuar a castigar Dashier por erros que não foram apenas dele não vai trazer a sua filha de volta. — Meu tom abaixou e procurei todo o respeito que eu tinha em mim para dizer minhas próximas palavras. — Vicki procurou pelo que aconteceu. Assim como Dashier, ela teve a sua punição. Dashier teve a dele, não é justo para o senhor? Tudo bem. Mas o senhor não está sendo justo comigo ou com Hazel tentando nos afastar do homem que amamos para satisfazer o seu senso distorcido de justiça.

Leslie chorava sem parar. Olhei com certa preocupação para ela, me sentindo um pouco culpada por remexer tanto em sua ferida, mas eu não tinha outra escolha.

— Vicki usou drogas durante toda a gravidez, senhor Sanders. Não estou aqui para dizer que Dashier é um santo, mas por um filho, especialmente se estivesse dentro de mim, eu faria qualquer coisa. Dash negligenciou Hazel quando ele nasceu. Vicki o negligenciou desde que ele

fora gerado. Então não estou pedindo para o senhor sorrir e abraçar Dashier como um filho, ou mesmo gostar dele. Estou pedindo para o senhor dar para sua filha a culpa que é dela tanto quanto o senhor vem dando a Dashier a culpa dele.

Respirei fundo e funguei. Leslie levantou, pegando uma caixa de lenço de papel da mesa ao lado da grande lareira ostentada na sala e me ofereceu. Olhei para ela, que sorria ainda um pouco tensa, mas eu poderia dizer que tinha quebrado uma barreira ali, ao menos com ela. Aceitei o lenço e retirei meus óculos, limpando as lágrimas que escorriam.

Olhei para Bernard que agora tinha seu olhar para a pintura da filha, eu quase podia ver as rodas girando em sua cabeça.

Eu me levantei. E fiquei de frente para Leslie, colocando meus óculos novamente.

— Dashier terminou comigo, então eu realmente não sei se ainda poderei ter contato com Hazel, mas gostaria de dizer à senhora que não queria tomar o lugar da sua filha, apenas queria cuidar daquele menino e dar todo o amor que ele merece. E mesmo eu não estando por perto, ele tem o amor incondicional e a proteção de Dashier. Ele faz um trabalho incrível como pai e merece estar com o filho dele.

Olhei para Bernard, que continuava com o olhar fixo na imagem da filha.

— Quando o senhor disse que Vicki era diferente antes das drogas... — ele desviou o seu olhar em minha direção. — O que o leva a pensar que Dashier não era um bom rapaz antes das drogas? O que leva o senhor a ter tanta certeza, depois de ele ter provado para os psicólogos e para a justiça que tem plena capacidade de cuidar de Hazel, que ele não possa ficar com ele? Tome para si a sua dor e a sua culpa, senhor, são quatro anos de sofrimento pela perda da sua filha. Siga em frente. Perdoe Dashier e, principalmente,

perdoe a si mesmo, Senhor Sanders. Nem sempre é possível ver o que está acontecendo quando se está longe. Victoria tomou as suas próprias decisões, siga em frente e pare de culpar Dashier. Tirar Hazel dele vai fazê-lo sofrer, mas não vai trazer a sua filha de volta.

Eu deixei Bernard e Leslie e comecei a andar em direção a saída sem olhar para trás.

— Quinn! — Ouvi a voz de Leslie e parei. Ao me virar, vi que ela vinha em minha direção. — Espero que as coisas deem certo para você e Dashier. E sobre Vicki... — Fungou, olhando para mim. — Dê a Hazel o amor que ela não deu. Por favor. — Soluçou. Eu me aproximei e a abracei com força. — Eu só estou cansada de tudo isso.

— Sinto muito por sua perda, Leslie. Por favor, me ajude, me ajude a convencer Bernard a deixar Dashier e Hazel em paz. Juntos.

— Eu vou. — Ela fungou novamente enquanto colocava suas mãos trêmulas em meu rosto. — Eu vou.

Saindo da casa dos Sanders, tudo o que eu pude fazer foi chorar enquanto andava para a rua em busca de um táxi. As lágrimas caíam na mesma intensidade em que os soluços rompiam por minha garganta.

Assim que cheguei na rua, estiquei a minha mão, chamando um táxi que passava. Eu me senti aliviada por conseguir um rapidamente.

— Harlem, por favor. — Solicitei enquanto pegava meu telefone para ver minhas mensagens.

Nada.

Ele não havia me ligado.

De repente, a insegurança me bateu. E se Dashier realmente pensasse que não era o momento para estar comigo? E se ele quisesse realmente se dedicar apenas ao filho?

\*\*

Subi degrau por degrau do prédio vagorosamente, eu não estava especialmente ansiosa para chegar em meu apartamento. Não quando eu não via mais o lugar como um lar. Fungando, eu tirei meus óculos e os limpei em minha blusa.

Quando cheguei ao meu andar, me deparei com a figura de Dashier, parada ao lado da porta.

— Dashier? — Chamei e caminhei rapidamente em sua direção. Ele me olhou e suspirou como se estivesse cansado.

— Então você não estava em casa? — Sua cabeça pendeu para frente. Como se estivesse cansado.

— Não. O que faz aqui? — Parei, mantendo uma certa distância.

— Eu bati por uma hora inteira e chamei por você, eu estava disposto a ficar até você me atender.

— Oh! — Disse, olhando em seus olhos doloridos.

— Eu precisava falar com você. — Ele se aproximou, me analisando.

— Estou ouvindo.

— Quero levar você daqui. — Disse, simplesmente.

— Como? — Tentei entender o que ele estava falando.

— Quero levar você daqui. Você vem comigo, por favor?

— Do que está falando, Dashier? — Não tinha muito tempo, Dashier estava indo embora, agora ele estava aqui?

— Estou falando que eu amo você demais e eu não vou escolher entre você e meu filho. Eu quero os dois, quero tudo, e eu terei. Eu estou cansado de sofrer.

Sequer conseguia responder àquilo.

— Eu não estou entendendo...

— Você, você pode me perdoar pelo o que eu disse mais cedo? — Ele parecia um menino perguntando.



— Doe, mas eu não acreditei no que você disse. — Expliquei, me aproximando mais.

— Então você ainda me ama?

O quê? Eu tinha um botão que desligava o sentimento de uma hora para a outra?

— Do que está falando? É claro que eu amo você, Dashier. — Suas mãos agarraram meus braços, me puxando para ele, e seus lábios foram para os meus, com paixão e entrega.

— Então venha comigo. — Seu tom era urgente quando nos separamos.

— Para onde? Casa? — Eu estava aliviada que ele estivesse ali, que não estivesse desistindo de nós, mas a forma que ele estava agindo estava me deixando completamente confusa.

— Para o aeroporto.

— Aeroporto?

— Eu vou me casar com você hoje, Quinn. Hoje.

## QUARENTA E QUATRO

— Eu não... Eu não estou entendendo. — Minha cabeça estava girando enquanto Dashier continuava me olhando com urgência. — Onde está Hazel? Por que estamos indo ao aeroporto? Você falou com Bernard? — Perguntei, atordoada.

— Bernard? — Seu cenho franziu como se não estivesse entendido a minha pergunta. — Não, não falei... Não fale dele também. Não agora, por favor.

— Eu... Dashier... — Tentei, mas os pensamentos estavam tão confusos, tanta coisa acontecendo em apenas um dia.

— Você me perdoa? — Seus olhos eram doloridos enquanto me fitavam. — Só mais desta vez? Por favor? — Eu tentei falar novamente, mas ele não permitiu. — Eu prometo que conversaremos no avião, sobre tudo, mas, por favor, diga que ainda quer ficar comigo.

Se eu ainda queria ficar com ele? Eu não conseguia lembrar da última vez em que eu tive meu coração livre daquele sentimento puro de amor e adoração. O ar me faltava só de imaginar ficar sem aquele homem e sem nosso filho.

— Eu não vou negar, mesmo sabendo que era mentira o que você estava me dizendo, me magoou. Tudo me magoou, que você não tenha lutado mais uma vez, que eu estive com a espada em punho, erguida e disposta a lutar desde o início do nosso relacionamento sozinha. — Seu olhar abaixou e seus ombros caíram. — No entanto, sei que seu confronto com Bernard disparou inúmeros gatilhos, e me contar toda a verdade fez tudo aquilo com

você na noite passada... Então eu preciso, realmente preciso, Dashier, me deixe estar ao seu lado, lutando com você e não *por* você. Me afastar não é a solução.

— Eu sei. Eu soube no momento em que cheguei em casa e vi Andreas lá. Soube no momento em que ele me disse que você o tinha enviado para cuidar de mim. Me perdoe.

Sua testa encostou na minha, e minhas mãos foram para o seu rosto.

— Você está perdoado. Só, por favor, chega disso, Dashier. Eu estou cansada. Eu quero amar e ser feliz.

— Então vamos, Cupcake, venha comigo. — Seu sussurro me fez querer levá-lo para dentro e arrancar as suas roupas.

— Vamos para onde?

— Quando chegarmos, você verá. — Ele começou a andar em direção as escadas, me carregando com ele.

Ao chegarmos na rua, Jimmy nos aguardava com a porta do carro aberta.

— Senhorita, está tudo bem? — Seu olhar me dizia exatamente o que ele estava perguntando: sobre Bernard. Dashier não sabia de nada, ele não tinha contado ao chefe.

— Eu espero que sim, Jimmy, eu espero que sim. — Suspirei, entrando no carro enquanto Dashier dava a volta para entrar do outro lado.

— Direto para o aeroporto, Jimmy. — Ordenou.

— Mas eu preciso passar em casa. — Alertei. — Pegar minhas coisas. Fazer uma mala. Trocar de roupa.

— Tudo foi providenciado, nossas malas e passaportes estão esperando por nós na pista de decolagem.

— Passaporte? Como sabia onde estavam meus documentos e...? Nós estamos saindo do país? Não estávamos indo para Las Vegas?

— Como assim “como eu sabia onde estavam seus documentos?” Moramos na mesma casa, *baby*, e casamento em Las Vegas? Você espera isso de mim? Vou me casar com uma organizadora de eventos especialista em casamentos, Cupcake. Preciso me esforçar mais do que isso para surpreender a mulher da minha vida.

— Vamos nos casar, apenas eu e você? Hazel e nossos pais ficarão decepcionados. — Comentei, rindo, mas não realmente me importando. Aquele momento era sobre nós em primeiro lugar.

— Você sabe que estará se casando com um homem realmente rico, não sabe? — Revirei os olhos para ele. — A vantagem disso é poder realizar quantos casamentos quisermos. — Sorri, alegre com a sua animação e leveza. Não sabia ainda o que tinha acontecido para ele mudar de ideia, e estava louca para saber, mas também sentia medo de estragar seu humor e tudo o que ele havia orquestrado.

— Você tem certeza que Haze está bem? — Questionei, com saudades do meu menino.

— Eu tenho. Ele está com meus pais.

Eu assenti e deixei o silêncio cair sobre nós. Mas ainda me sentia nervosa, eu não sabia se o que eu havia falado tinha surtido algum efeito em Bernard. E se quando voltássemos, encontrássemos mais problemas?

— Não pense, *baby*.

Era um novo Dashier falando comigo.

\*\*

Assim que eu coloquei os olhos naquele avião, fiquei embasbacada.

— Vamos voar num avião particular?

— Claro. — Respondeu e atendeu o seu telefone ao mesmo tempo. Ele sorriu, animado, como se seus sentimentos não pudessem ser contidos

dentro dele. Estava excitado. Como eu nunca tinha visto antes.

Ao entrarmos no avião, me deparei com luxo e sofisticação. Um comissário nos atendeu com um sorriso quente e convidativo.

— Seja bem-vinda a bordo, senhora Colt.

Sorri em agradecimento sem me importar em corrigir o rapaz. Dashier continuava murmurando ao telefone enquanto eu analisava a aeronave. Dava realmente para morar dentro daquele negócio. Havia apenas cinco poltronas para viajar, mas eram poltronas extremamente luxuosas, envoltas em veludo cor creme e realmente voluptuosas. Atrás das poltronas, um bar sofisticado e iluminado, com taças e copos estrategicamente acomodados em suportes para que não se tocassem ou caíssem. Um corredor pequeno dava para o banheiro, à esquerda, e no final dele, uma porta aberta me mostrava uma cama pequena, mas ainda maior do que para uma pessoa. Virei para Dashier no momento em que ele terminou a ligação. Ele olhou em volta e sorriu.

— Gostou? — Perguntou, abrindo os braços.

— Isso é seu? — Olhei em volta, analisando.

— Claro que não! Eu não esbanjo o meu dinheiro com essas coisas.

— Sim, apenas com carros e videogames.

— Muito melhor. — Ele sorriu, se aproximando. Um beijo estalado foi dado em meus lábios, me fazendo rir. — É alugado.

— Senhor Colt? — A voz masculina chamou, nos fazendo virar em direção ao homem. — Sou o comandante Newton. Farei o seu voo hoje.

— É um prazer, comandante. — Dashier respondeu, simpático. — Sou Dashier Colt e esta é minha futura esposa, Quinn Miles.

— Futura senhora Colt. — O comandante sorriu para mim, me fazendo sorrir feito boba de volta. — Senhor, gostaria de colocar a nossa equipe toda à disposição de vocês. Sintam-se à vontade. O voo terá a duração de aproximadamente dez horas até o destino.

— Qual é o destino? — Interrompi o comandante, olhando para Dashier, que sorria, orgulhoso. — Dashier!

— Chegaremos por volta das dez da manhã de amanhã, levando em consideração o fuso horário, senhor. Acredito que tudo dará certo.

— Está perfeito. Obrigado, Comandante.

Minha cabeça estava girando.

Olhei para Dashier, que parecia orgulhoso em me surpreender. Sentando-se em uma das poltronas, ele me trouxe para junto dele.

— Sente aqui comigo até iniciarmos os procedimentos de decolagem. — Eu me sentei em seu colo, e logo sua mão estava em meu pescoço, trazendo meu rosto para o dele. Sua língua entrou em minha boca, invadindo com vontade e entrega. Eu pude sentir em seu beijo que ele estava diferente. As amarras não estavam ali. O medo, a dor. Nada.

Era como se Dashier tivesse nascido novamente.

Seus dentes morderam meus lábios, me fazendo gemer e remexer em seu colo.

— Amor? — Chamei, baixinho.

— Hum? — Respondeu sem parar os beijos estalados que ele estava me dando.

— O que aconteceu? — Ele me beijou profundamente mais uma vez antes de se separar de mim o suficiente para que pudéssemos falar.

— Algo dentro de mim morreu quando eu saí do seu apartamento mais cedo. Eu estava com tanta raiva de mim por ter feito aquilo com você...

— Soltando o ar pelo nariz, ele apertou suas mãos em meus quadris. — Eu sabia que você estava com ódio de mim, eu tinha certeza. — Neguei com a cabeça imediatamente.

— Eu não estava, sabia que você estava fazendo aquilo porque estava desesperado.

— Você sempre vê meus sentimentos e intenções. Você os compreende mais do que eu. — Sorriu, me beijando mais uma vez. — Quando cheguei em casa e vi que Andy me aguardava porque você tinha ligado para ele e que estava preocupado comigo, eu desmoronei e cada parte de mim se quebrou. Eu sequer sabia que era possível sofrer mais. Então eu decidi que não a perderia. Que eu não poderia ser feliz sem você, e é tudo o que eu vou falar, do contrário, estragarei os meus votos. — Sorriu do jeito sexy que eu amava. — Então eu pedi a ajuda de Andy para recuperar você, eu disse que tinha que ser com estilo.

— Imagino que um casamento surpresa em outro país seja um grande estilo. — Eu ri e logo ouvimos o comandante informando que iniciariamos a decolagem. Sentei em minha própria poltrona e afivelei o cinto de segurança. — Andy está ajudando, então?

— Andy, Cassandra, Doty, meus pais, Sylv... Foi realmente uma maratona, *baby*. Está sendo emocionante. Quando cheguei em seu apartamento e pensei que você não estava me atendendo, estava com medo que havia perdido você para sempre. — Peguei sua mão e apertei, negando com a cabeça. Não pensava que Dash alguma vez me perderia. — Mas você não estava em casa.

— Eu não estava, e eu preciso contar algo a você.

O avião começou a contornar a pista e pegar velocidade. Enquanto nos mantínhamos em silêncio, o avião levantava voo e começava a estabilizar no ar. Assim que estávamos tranquilos e sem os barulhos altos das turbinas, me virei para Dashier para contar.

— Fui ver Bernard e Leslie.

— Você foi? — Seus olhos se abriram mais, e sua tensão voltou um pouco.

— Mesmo que você não quisesse mais ficar comigo, eu precisava

tentar fazer com que eles te deixassem em paz para viver com Hazel. Eles precisam entender, assim como você, que a morte dela não foi culpa sua.

Dashier sorriu.

— Não foi. — Eu me senti aliviada quando vi em seus olhos que suas palavras eram verdadeiras. Ele entendia, ele finalmente sabia que não precisava mais carregar a culpa com ele. — Meu advogado está neste momento indo fazer um acordo com Bernard, eu darei o quanto ele quiser. O que ele quiser, se ele quiser minhas ações, minha empresa, tudo o que eu tenho, eu dou a ele. Esta é a ordem. Mas não vou abrir mão de você ou de nosso filho. Eu jamais farei você sofrer novamente, Cupcake.

Era surreal e quase cinematográfico que, em menos de vinte e quatro horas, tanta coisa tivesse acontecido.

A voz do comandante saiu pelos autofalantes, nos informando que estávamos liberados para desafivelar o cinto de segurança e circular na aeronave. No momento em que ele disse isso, o comissário apareceu com um grande sorriso.

— Você está dispensado por ora, amigo. — Meu noivo se levantou e me pegou em seu colo, me levando em direção ao quarto pelo corredor estreito. Quando meus pés travaram no corredor, eu gargalhei quando ele me colocou no chão, mas logo me jogou em seu ombro para chegarmos onde queria.

Assim que fui colocada na cama, fiquei séria, olhando em volta: mais luxo. A cama poderia ser pequena, mas era extremamente confortável. Avistei nossas malas em cima de uma bancada, e um pacote preto com cabide, pendurado logo acima no suporte para toalhas.

— É o meu vestido de noiva? — Perguntei enquanto Dashier começava a se despir. Sem tirar os olhos de mim, ele tirou a camiseta e começou a desabotoar seu jeans.



— Seu vestido estará esperando por você lá. É incrível como Cassandra pode ter contato em todos os lugares do mundo. — Seu tom era mais baixo, sexy, e meu corpo inteiro se arrepiou em antecipação.

— É incrível que ela não esteja me demitindo por estar fugindo do trabalho. — Afirmei, começando a tirar minha própria roupa, sem tirar meus olhos dele.

— Claro que não. Ela está a par de toda a situação.

Quando ele finalmente estava completamente nu, engatinhou sobre a cama até chegar a mim, como um Dashier que eu nunca tinha visto. Eu o tinha visto entregue em nossas transas, mas não daquela forma. Não sem o brilho da preocupação sobre tudo o que nos rodeava. Suas mãos alisaram meus tornozelos, subindo por minhas coxas, até enganchar seus dedos em minha calcinha e puxar vagorosamente para baixo, até que estivessem fora do meu corpo. Seus lábios acariciaram a pele de minhas pernas até chegarem ao meu centro. Ele me olhou por alguns segundos antes de beijar meu centro quente e já completamente encharcado por ele. Sua boca aberta, como se fosse devorar uma fruta. Meu gemido foi alto, quase como se ele estivesse comendo o meu sexo. Sua boca conseguia cobri-lo quase que completamente, me deixando louca por ele.

Minhas mãos desceram e trouxeram seu rosto mais profundamente em meu centro, senti sua língua entrar e sair, me deixando completamente louca. Os barulhos e gemidos que ele produzia com a sua boca em mim faziam parecer que ele estava me devorando, como se eu fosse uma fruta suculenta. Meu primeiro orgasmo veio rápido e intenso, e Dash não me deu tempo para me recuperar. Com maestria e rapidez, ele me virou rapidamente de costas para ele e cobriu meu corpo com o dele. Eu me sentia tensa por ele. Será que ele ficaria bem fazendo amor comigo daquela forma? Mas não foi como eu imaginava que seria, não era sobre dominar ou selvageria, seu corpo

continuou completamente em cima do meu enquanto ele me penetrava vagorosamente. Senti ele beijar a minha nuca enquanto deslizava em mim, indo e voltando, calmamente, sem pressa. Testando os seus limites e se entregando a mim da única forma que ele conseguia para me fazer entender que ele era meu, de corpo, alma e coração.

— Eu te amo, Quinn. Eu te amarei para sempre. — Sua voz era só um sussurro em meu ouvido enquanto eu sentia seu peito deslizando em minhas costas. — Não é sobre sofrer. Nunca mais. — Disse, por fim, mais para ele do que para mim.

\*\*

Quando aterrissamos na pista particular, um carro já nos aguardava. Dash me levou até o carro e, assim que me acomodei, ele pendurou seu terno em frente à janela da porta antes de fechá-la e levantou a divisória entre o motorista e os passageiros para que eu não soubesse onde estávamos.

— Eu quero que seja surpresa, embora eu imagine que você já desconfie de algo.

Eu não sabia se era adrenalina de tudo ou o fato de estar tão entregue a ele, mas eu sinceramente não desconfiava do que ele estava falando. Apenas neguei e me aconcheguei a ele. Estava frio, o casaco de lã, longo, que estava em minha mala, me deixou aliviada, ele havia pensado em tudo. Era velho, mas era quente e, para o clima, era mais do que bem-vindo.

Eu dormi em seu peito durante a viagem, uma vez que no avião mal tínhamos conseguido. Além do sexo, houve mais conversa e muitas mensagens trocadas entre Dash, Cassandra, Doty e Andy. Aparentemente todos estavam muito engajados em realizar o nosso casamento às pressas. Planos, debates sobre como seria nosso futuro e nosso casamento em Manhattan também foi discutido, uma vez que nossas famílias não nos

perdoariam se não nos casássemos na presença deles.

Assim que chegamos no hotel, passamos direto para o nosso quarto. O *check-in* fora *express* pelo telefone enquanto estávamos a caminho, e eu ouvi Dashier pedindo para que tirassem qualquer indício de onde estávamos. Eu ri com o seu esforço para me impressionar. Mas duas ou três palavras ouvidas no corredor, e eu soube que estávamos na França. Casaríamos em Paris? Fiquei animada e emocionada com o seu esforço.

Eu o ouvi andando pelo quarto, falando com Andy, confirmando se tudo estava certo. Fechei os olhos com pena de Andy, que devia estar virando a noite para ajudar o plano maluco e doce do meu noivo.

Ele tomou banho, se vestiu, me beijou e se despediu, dizendo que alguém vinha me buscar para me levar ao nosso casamento. Era uma hora da tarde, e nos casaríamos ao pôr do sol, às seis. Assim que ele se foi, a equipe contratada para me preparar entrou. Massagem, depilação, unhas, cabelo, maquiagem e suspiros das francesas, que contavam como achavam romântico tudo o que meu noivo estava fazendo. Mesmo toda essa agitação não foi suficiente para fazer o tempo passar de forma mais rápida.

Porém, quando passou e eu pude me olhar no espelho, tive que me controlar para não chorar. Eu estava parecendo uma princesa de conto de fadas. O vestido branco, sem alças, trabalhado em cristais e com uma saia em camadas infinitas de tule era lindo. Meus cabelos foram presos de forma clássica, em anéis frouxos na altura da minha nuca, e um belo e simples véu foi adicionado.

\*\*

Quando saí do hotel, entrei imediatamente na limusine e me mantive sem especular nada, queria terminar de ser surpreendida. Mas nada havia me preparado para quando o carro parou e o motorista abriu a porta para mim.

Eu estava no *Le Sublim's*.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto uma senhora se aproximava com um sorriso. Eu sequer conseguia prestar atenção no que ela dizia. Apenas deixei que ela tirasse meu casaco e que o frio batesse em minha pele exposta. Eu não me importava. As lembranças estavam me aquecendo o suficiente.

Quando perguntei se ele tinha algum doce favorito e ele me pediu uma sugestão. Eu disse a ele que sugeria *macarons*, os de Le Havre. Dashier ouviu e compreendeu quão importante o Le Sublim's era para mim. Ele não só buscou *macarons* para mim, como, em um dia, organizou um casamento lá. Não apenas para me agradar com algo extravagante, mas para me dizer que faria qualquer coisa por mim.

Ele lembrou! De tudo! Caminhando até a porta, ouvi a pequena sineta batendo. *Glitter In The Air* começou a tocar em algum local, enchendo ainda mais o lugar de magia. As luzes baixas deixavam tudo ainda mais romântico, e o cheiro delicioso de chocolate e macarons assados me fez sorrir para um Dashier Colt parado do outro lado da sala, ao lado de uma mulher de terno e cabelos curtos, que imaginei ser uma juíza. A senhora que tirou o meu casaco me deu um buquê com pequenos *action figures* femininos em meio às minhas rosas brancas, me fazendo gargalhar. Mulher Maravilha, Mulher Gato, Mulher Gavião, Viúva Negra, Super Girl, até mesmo a Mulan, princesa da Disney, estava lá. Todas estavam lá. Olhei para Dashier, que tinha o sorriso mais largo e satisfeito que eu já havia visto em seu rosto. Sem esperar mais, eu caminhei até ele. Enquanto P!nk cantava a nossa trilha, as memórias assolavam a minha mente, e meu coração quase rasgava meu peito de tanta felicidade.

No momento em que ficamos frente a frente, um para o outro, a juíza iniciou nossa cerimônia. Com poucas palavras, passou para nós o momento

em que diríamos tudo o que sentíamos um pelo outro.

— Você nunca precisou me impressionar, Dashier. Nem quando começamos e nem mesmo agora. No entanto, você provou ser o homem mais belo por dentro e por fora cada vez que te teve a oportunidade para isso. Embora tenha se esforçado, nunca foi difícil para mim amar você. Você me deu tudo, mesmo quando pensou que não poderia. Me deu Hazel, e isso bastou para eu entender o quanto você me ama. Eu acredito em você, no seu amor, nos seus sentimentos e nas suas intenções. Eu te amo e pretendo te amar pelo resto da minha vida. — Então eu peguei a aliança de platina, que descansava na caixa de veludo sobre a mesa, e deposei em seu dedo anelar da mão esquerda.

Dashier sorriu, pegando a minha aliança, também de platina, mas que ostentava uma pedra azul para ficar junto ao meu anel de noivado que já descasava em minha mão.

— Mais cedo eu disse a você que teria que fazer uma escolha e que eu escolheria Hazel porque não poderia viver sem ele. — Seu cenho franziu quando as palavras saíram. — Então, não muito depois, eu percebi que eu não poderia cuidar de nosso filho e muito menos fazê-lo feliz se eu não estivesse feliz em primeiro lugar. E eu não sou feliz sem você, Cupcake. Eu não sou. E eu não quero ser e nem testar a teoria. Eu quero você, Quinn. Eu quero você, porque você me ensinou a ser um homem melhor, um pai melhor e, principalmente, me ensinou a ser melhor para mim. Obrigado, *Cupcake*. Você é meu doce preferido. E o meu amor por você e pelo nosso filho é o único vício do qual me orgulho.

Com as alianças em nossos dedos, as nossas assinaturas na certidão de casamento e um beijo longo nos lábios, nós havíamos selado o nosso destino.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## EPÍLOGO

— Hazel, junte todos os seus games do chão do seu quarto ou dê adeus às suas férias com os seus avós. — Gritei da cozinha para que ele me ouvisse, fazendo Sylvia rir.

— Virou uma constante briga, esses games. — Ela resmungou enquanto mexia a calda de morangos que eu estava fazendo para uma *cheesecake*, nossa sobremesa naquela noite. Seria uma despedida, Hazel ficaria um mês inteiro de férias com os avós. Assim, quando eles viessem buscá-lo, eu queria ter um jantar especial de despedida.

Sim, uma mãe coruja.

— Eu já juntei, mãe. — O garoto, que estava cada vez mais parecido com o seu pai, respondeu enquanto invadia a cozinha. Ele abriu a geladeira, procurando por água. — Papai ainda está lá em cima? — Perguntou, abrindo uma garrafa e bebendo direto do gargalo.

— Haze, existem copos na casa. — Resmunguei enquanto amassava a base da *cheesecake* na forma.

— Assim é mais legal.

Ele queria fazer tudo o que era mais legal.

Aos onze anos, Hazel estava na pré-adolescência e ensaiando suas primeiras doações de dores de cabeça a mim e seu pai. Era lógico que ele cresceria lindo e popular, nos dias atuais era sexy ser nerd, não era como na época de Dash, na qual crianças eram torturadas por serem inteligentes. Toda semana eu tirava algum bilhetinho feito com desenhos de coração em canetas

coloridas e adesivos. Candy, Mandy, Sandy... Todas tinham praticamente o mesmo nome e escreviam basicamente a mesma coisa: quer namorar comigo? Sim ou Não, e quadradinhos ao lado da resposta para o meu menino assinalar. Aparentemente a moda dos bilhetinhos havia voltado.

Dashier achava o máximo. Não porque ele era o galã mirim da escola, mas porque Hazel era querido pelos amigos, colegas e professores. Meu marido tinha pânico que seu filho passasse pelo que ele passou na escola. No quesito namoro, concordávamos que era cedo demais. Hazel tinha que estudar, se divertir e não passar de flertes com as meninas.

— Você acha que isso é legal, garoto? — Resmunguei, tirando a garrafa de sua mão e virando o líquido dentro do copo.

— Eu sou legal, mamãe. — Ele piscou.

Oh, Deus! Ele piscou exatamente como o pai dele. Isso não era bom. Nada bom.

— Tire esse sorriso de Don Juan da Disney da cara, garoto. Lembre-se de ser uma criança. — Entreguei o copo com água para ele, que pegou e começou a andar de volta para o seu quarto. — Banho, lavar atrás das orelhas, deixe sua mala em cima da cama, para eu verificar o que você está levando e volte aqui... — Ele retornou com um suspiro como se estivesse cansado, ele sempre estava cansado para mim e para o pai ultimamente. — Meu beijo.

Ele me beijou e olhou para Sylvia, que sorria com nossa interação. Então caminhou até ela e a beijou também, quase me fazendo chorar.

Esses garotos Colt, eles me deixavam como manteiga.

— O tempo passa tão rápido... — Sylvia disse enquanto olhávamos Hazel caminhar de volta para o seu quarto. — Especialmente quando estamos felizes, não é?

Sylvia não poderia estar mais certa.



Os últimos cinco anos passaram absurdamente rápido. Um ano após meu casamento com Dashier em Le Havre, nós nos casamos novamente. Desta vez foi na Bakery, exatamente no mesmo local em que eu havia conhecido ele e Hazel. Todos os nossos familiares e amigos estavam presentes. Doty foi com seu namorado Preston, um professor universitário muito atraente, que quis mais do que uma transa. Demorou um pouco para ela e Andy superarem o clima estranho entre eles, mas acabaram se transformando em bons amigos. O que é um alívio, uma vez que Andreas é praticamente irmão de Dashier e ela é minha melhor amiga.

Andy também encontrou a sua metade, uma médica durona que basicamente salvou a sua vida. Maxine é uma mulher admirável, mas essa é uma história para outra hora.

Cassandra entendeu que havia me perdido no momento em que me casei. Quando retornei da minha primeira lua de mel, eu já estava com o meu plano de abrir a minha própria empresa de volta aos trilhos. Não muito tempo depois, eu chamei Doty para ser minha sócia. Isso sim deixou Cassie furiosa. Mas com o tempo, ela simplesmente desistiu de fazer casamentos e continuou com outros eventos.

Bernard e Leslie foram gratas surpresas. Demorou um pouco, mas finalmente eles puderam passar por cima dos problemas com Dashier e, por amor a Hazel, seguiram em frente, vivendo em paz conosco. No dia de meu segundo casamento, eu pude ver a mágoa de Bernard pela última vez. Depois disso, as coisas foram melhorando gradualmente. Ele e Dashier não são amigos, acho que nunca serão, mas vivem em paz. Leslie realmente gosta de mim, e por vezes me peguei conversando sobre trivialidades com ela ao telefone.

Susie e Phil são adoráveis e me tratam como se eu fosse sua filha. Com os meus pais em Jersey, Susie me acompanhava em mais cafés durante

a semana na Bakery do que minha mãe, mas tudo bem, eu gostava de ter minha agenda cheia e era bom ver Lowie e Sally com mais frequência. Meus pais continuavam felizes onde estavam, mas nos visitavam sempre que podiam. Eles não aguentavam ficar muito tempo longe de Hazel.

E quem conseguia ficar longe daquele menino?

— A música ficou mais alta lá em cima, talvez seja interessante você descobrir o que está acontecendo. — Sylvia sorriu, me fazendo voltar das minhas belas memórias enquanto tirava a forma com a massa de cheesecake da minha mão.

Com um suspiro, assenti e tirei o avental que estava vestindo.

Eu sabia porque Dashier estava malhando até a morte com música alta o suficiente para destruir seus tímpanos.

Ele estava chateado. Muito.

Estávamos tentando ter um bebê havia dois anos, e ele simplesmente não vinha. Exames e testes foram feitos e tudo estava perfeitamente normal conosco, apenas não era a hora. Até então. Eu tinha feito um exame de farmácia no início da semana, e ele tinha dado positivo. Em segredo, marquei uma visita ao meu ginecologista e fiz um exame. Aproximadamente seis semanas. Mas eu não queria contar até que Hazel estivesse com os avós e pudéssemos comemorar com estilo.

Dashier estava estressado e tenso. Depois de um longo tempo, as dúvidas começavam a rodear a sua mente novamente. Eu sabia que meu marido pensava que não conseguíamos ter outro bebê por um castigo do destino.

Logo o destino, aquele que nos colocou juntos.

Como se ele não tivesse pago o suficiente pelos seus erros. A ansiedade aparecia raramente, muito raramente. Geralmente era por uma questão de trabalho que o estressava, mas nunca era tão forte ou por um

período tão longo. Os pesadelos também eram passado. Dashier costumava dormir a noite toda, de preferência enroscado em mim e murmurando que me amava durante a madrugada. Nossas sessões de terapia eram em família. Fazíamos principalmente por Haze, e sempre nos questionávamos se deveríamos continuar. Hazel parecia o mais maduro emocionalmente desde o começo. Não havia dúvidas no coração daquele menino. Ele apenas se entregava e amava.

Do primeiro degrau, eu já podia ouvir *Cowboy*, do Kid Rock, tocando e sorri. Adorava o fato de meu marido gostar de músicas antigas tanto quanto eu e amava as suas escolhas para malhar. Sempre tão sexy...

Subi as escadas rapidamente e passei pelo corredor até a academia, preparada para a cena que certamente veria. E eu estava certa. Nunca me cansaria dele. Lindo, forte, suado e totalmente compenetrado. Lá estava ele, subindo e descendo em sua barra. Seu corpo lustroso me causava desejo de fazer coisas indecentes exatamente naquele momento, mas Hazel estava em casa e, bem, ele tinha onze anos, estava começando a criar interesse em namorar; precisávamos nos comportar. Em breve, ele estaria aproveitando suas férias escolares com os avós, e nós teríamos mais liberdade.

Cliquei em alguns ícones no monitor multimídia ao lado da porta de entrada da academia, diminuindo o som e trocando de música, deixando algo mais suave tocar, o que fez Dash olhar em minha direção. Ele se manteve pendurado na barra e me olhou com um sorriso sexy.

— Estou atrasado ou algo assim? — Perguntou enquanto eu me aproximava.

— Está tudo pronto. Haze está terminando de arrumar sua mala, e eu vim ver se está tudo bem. — Observei sua reação enquanto eu falava.

— Apenas alguns problemas no escritório, é só, *baby*. — Ele saltou, largando a barra e ficando na minha frente. Eu sabia quando ele estava

mentindo, então por que ele continuava fazendo aquilo ao longo dos anos?

*Homens.*

Seis anos de relacionamento, e ele não havia aprendido ainda. Levantei minha sobancelha para ele, fazendo a minha melhor cara de “não estou engolindo essa” e aguardei ele me dizer a verdade.

— Estava pensando em conseguirmos uma nova opinião... — Claro que estávamos falando de engravidar. De novo.

— Não temos problema, Dashier. — Eu quase contei a ele. Mas queria que fosse especial e queria mais uma noite quente e selvagem com o meu marido antes que ele começasse a surtar com o bem-estar do bebê. Eu conhecia Dashier, ele não seria o mesmo a partir do momento em que eu dissesse as palavras.

— Então por que... — Virou, pegou sua toalha e passou por seu rosto e corpo.

— Já conversamos sobre isso. — Interrompi. — Não está na hora. Não é o momento. É simples. Somos jovens ainda...

Um suspiro dele me fez ficar quieta por alguns momentos antes que eu me aproximasse e beijasse o meio de suas costas. Senti seu cheiro e, em seguida, o gosto salgado do seu suor, o empurrei delicadamente e fiz com que ele se virasse e olhasse para mim.

— Esqueça disso por mais algumas horas apenas, por favor? Vamos ter um jantar agradável com nosso filho, o que já está neste mundo, pois ele ficará fora por um mês inteiro. — Fechando os olhos, Dash assentiu. — Agora me dê um beijo. — Pedi, fazendo ele sorrir.

Eu entendia a sua ânsia por ter um bebê. Estava ansiosa pela maternidade também. Tínhamos um filho maravilhoso, mas nenhum de nós tinha feito parte dos primeiros anos de vida dele e queríamos aquela experiência. Eu ficaria triste se não tivéssemos um bebê em nosso destino,

mas conseguiria viver em paz com isso também. Nós já éramos uma família.

\*\*

A campainha tocou, e eu ainda estava tomando banho. Dash parou na porta do banheiro e sorriu: — Tome o seu tempo, eu faço sala para eles.

— Eu já estou terminando, de qualquer forma, certifique-se que Haze tenha tudo arrumado e sirva o chá gelado.

Dashier assentiu e já estava saindo quando eu o chamei com o meu dedo. Ele se aproximou enquanto eu abria o boxe. Estiquei minha cabeça para conseguir um beijo. Suspirando, ele deixou seus lábios macios e exigentes caírem sobre os meus. Mordisquei sua boca e deixei que sua língua invadisse a minha.

— Qual é o seu objetivo ao me deixar excitado na frente dos convidados? — Perguntou assim que nos separamos.

— Desculpe! — Sorri sem realmente estar arrependida.

— Aham, *desculpe*! — Ele sabia que eu não estava me desculpando de verdade.

Ao sair do chuveiro, me sequei rapidamente e coloquei minha loção corporal. Em seguida, vesti um jeans e meu moletom de Columbia, rindo e antecipando a reação do meu marido quando ele me visse vestindo aquilo. Ele tinha me comprado um novo, e me presenteou com ele em nosso terceiro ano de casamento.

Caminhando pelo corredor, eu podia ouvir as vozes animadas, falando da viagem programada. Parei no quarto de Hazel e olhei em volta, me certificando de que ele tinha acatado as minhas ordens.

Quando cheguei na sala de estar, ouvi o boa noite animado de nossos visitantes e o gemido baixo e inconfundível de meu marido.

— Quinn, como está, querida? — Leslie se levantou rapidamente para

me abraçar.

— Estou bem, e você? — Correspondi seu abraço enquanto sorria para Bernard. Ele ainda não ficava totalmente confortável na casa de Dashier; — Olá, Bernard!

— Quinn, como está? — Bernard perguntou.

— Muito bem! Preparado para ser cansado pelo nosso pré-adolescente aqui? — Baguncei os cabelos de Hazel, que riu e me abraçou, mas eu sabia que ele estava catando o seu telefone atrás de mim, eu havia confiscado dele para dar atenção aos seus avós. — Deixe aí, garoto, ou você fica sem sobremesa. — Sussurrei para ele, que bufou e deixou o telefone de lado.

— Eu é que vou cansá-lo. — Bernard retrucou, rindo para o neto. — Então, Dashier. Como andam os negócios?

— O de sempre... — Dash começou a conversa sobre os negócios enquanto eu, Les e Hazel falávamos da viagem para a Disney. O garoto estava empolgado para as novas atrações do parque.

Eu dei algumas instruções, e logo o jantar estava sendo servido.

\*\*

No momento em que as portas do elevador se fecharam, com Bernard, Leslie e Hazel empolgados com a viagem, eu fui agarrada por trás.

— O objetivo em usar o moletom é me deixar louco? — Seus lábios estavam em meu ouvido enquanto seu corpo completamente rígido e musculoso se grudava ao meu. Suas mãos grandes e quentes rapidamente estavam sob a peça desgastada de vestuário. Cinco anos, e o homem continuava louco cada vez que eu usava um par de óculos nerd e um agasalho de faculdade. Vai entender.

— Criando tensão, *baby*. — Sussurrei e gemi ao mesmo tempo enquanto suas mãos subiam para meus seios, já pesados e arrepiados de

tesão. Ao me virar para que eu ficasse de frente para ele, Dash me pegou em seu colo e me levou para nosso quarto. Jogando-me na cama, me fez gargalhar enquanto eu tirava meus óculos e os jogava longe.

— Você me torturou a noite inteira, acho que vou fazer você pagar por isso, Cupcake.

— Eu espero que sim. — Minha voz já estava sumindo, o encanto que ele tinha sobre mim também não tinha mudado ao longo dos anos. Algo em mim, talvez a esperança, ou a absoluta certeza, me dizia que nunca deixaria de ter as mesmas sensações.

Pegando meus tornozelos, ele abriu minhas pernas e me puxou rapidamente para a ponta da cama. Sem tirar os olhos de mim, Dashier desabotoou meu jeans e tirou minha calça rapidamente. Eu tinha uma calcinha simples de renda branca esperando por ele.

— Você sabe como eu me sinto com o branco, querida. — Gemeu logo antes de começar a beijar o meu pé. Logicamente eu sabia o que o branco fazia com ele. Desde a nossa lua de mel, quando ficamos dois dias inteiros enfiados em um quarto de hotel, em Le Havre, ele tinha desenvolvido esse tesão louco por calcinha branca. E, combinando com o moletom de Columbia... Bem, Dashier estava louco.

Ele lambeu a minha perna até chegar em meu centro quente, mas não ficou ali, ele tinha que dar atenção a minha outra perna. Ele lambeu e chupou cada centímetro da minha pele até que novamente estava em meu centro. O calor já estava tornando insuportável eu permanecer com aquele moletom, mas eu sabia que ele não me deixaria tirar. Era trabalho dele. Ajoelhado na cama, ele tirou a própria camisa antes de voltar a dar atenção na parte que eu necessitava.

Passando seu dedo médio por cima da calcinha, Dash sorriu quando viu meu corpo se contorcer.

— Eu me pergunto se algum dia eu me cansarei de você e desse seu corpo delicioso, *baby*. — Puta que pariu. Ele estava do jeito que eu mais amava. Sem amarras, sem barreiras. — Provavelmente não, você continua me deixando excitado nos momentos mais inapropriados.

— Este é um bom momento para estar excitado, no entanto. — Retruquei.

— Mas antes não era, ou não é quando você manda uma mensagem espertinha para mim no meio de uma reunião que você sabe que está acontecendo.

Ri com a sua declaração. Ele nunca sabia se ficava bravo comigo ou me recompensava por brincar com ele durante o horário de trabalho.

Retirando a peça de lingerie e deslizando vagarosamente por minhas pernas, ele olhou para o sexo pulsante por um momento enquanto sorria de forma sexy para mim.

— Realmente não me canso de você. — Abaixou, até que sua cabeça estivesse no meio de minhas pernas, e lambeu toda a extensão do meu sexo, me fazendo gemer alto. — Sim, *baby*, quanto mais alto, melhor. Estamos sozinhos agora.

Sua boca trabalhou majestosamente em mim enquanto eu me contorcía e gemia, pedindo por mais, rebolando em seus lábios e língua e afundando cada vez mais em sua boca. Dashier levantou assim que meu grito de prazer ecoou pelo quarto e tirou o que faltava de sua roupa. Seu membro duro chamava por mim, me deixando com água na boca. Ajoelhei-me na cama e imediatamente o tomei, fazendo com que ele fosse aquele que gemia. Suas mãos foram para minha cabeça e puxaram meus cabelos com firmeza, tomando conta do movimento. Passou a investir seu quadril contra o meu rosto enquanto gemia e falava: — Deus, sua boca é maravilhosa, cada parte de você é, *baby*.



Chupeí ele por um tempo, o deixando no limite. Quando percebi que ele estava quase gozando, parei, subi e lambi seu abdômen e peito até chegar em seus lábios.

Seu beijo era forte, poderoso e exigente, suas mãos agarraram as laterais do meu moletom surrado e subiram a última peça do meu vestuário. Ele jogou a peça longe, e logo suas mãos amassavam meus seios pesados e entumecidos. Sua boca desceu, chupando meu pescoço até que estava em meu mamilo direito, mordendo e lambendo, espalhando arrepios e construindo uma nova ânsia por outro orgasmo em mim.

— *Baby*, por favor. — Gemi, implorando.

— Já, querida? Já quer o meu pau enterrado em você? — Sorri orgulhosa do quanto ele era diferente na cama depois que seus demônios foram exorcizados.

— Sim! — Exclamei, alto, meu corpo estava praticamente convulsionando por ele.

— E você quer meu pau aonde? Ou eu deveria descer e chupar você mais uma vez antes de foder você com força?

— Não! Apenas me foda com força. Logo! — Implorei, puxando ele para cima de mim.

Com a mão ele encaixou seu membro rígido em minha entrada e impulsionou com força, fazendo com que eu subisse um pouco mais na cama. Levantando minha perna direita, ele me fez mais aberta para receber suas investidas brutas e deliciosas. Eu podia ver seus músculos se mexendo, sua pélvis dançando com a minha, fazendo eu sentir seu sexo profundamente dentro de mim.

— Oh! Dashier! — Gritei, apoiando meu pé esquerdo na cama e dando mais acesso ao seu membro dentro de mim.

— Sim, querida, deixe vir. Me deixa sentir você apertando o meu pau

todo. — Sua voz rouca e exigente solicitou enquanto eu procurava atrito entre nossos sexos, para finalmente ter a minha liberação. Quando eu finalmente amoleci e deixei meu corpo cair, um sorriso convencido dançava no rosto de meu marido. Mas eu queria ver o sorriso satisfeito lá, então desvencilhei-me dele e me virei ficando de quatro.

— *Baby*, você sabe que eu não aguento desta forma.

— Vem! — Ordenei. Dash se postou atrás de mim e deixou seu pau dançar em meu núcleo escorregadio, para cima e para baixo, escapando e alisando a minha outra entrada por alguns instantes, me deixando excitada e louca por mais um orgasmo. Quando seu membro finalmente entrou em mim, me preenchendo por inteiro, apertei meus olhos e levei minha mão ao meu sexo dolorido e inchado, enquanto Dashier entrava e saía com ferocidade, na esperança de mais um orgasmo.

Seus dedos pressionavam meus quadris com força enquanto ele investia cada vez mais forte. Os gemidos dele ecoavam pelo quarto, primitivos, brutos e sexies para caralho.

Ouvi-lo gemer e se entregar era quase tão prazeroso quanto o prazer que ele realmente me proporcionava.

— *Baby*, eu vou...

— Goza para mim, vem, Dashier. — Mais duas investidas fortes, e ele era todo gemidos altos e suspiros. Deitei de bruços na cama e, ainda conectado em mim, Dashier deitou por cima.

— Eu te amo, esposa. E vou comprar um novo moletom de faculdade para você, o seu está miserável. — Gargalhei com sua declaração.

Saindo de cima de mim, Dashier puxou meu corpo ainda mole e sensível e me levou para o banheiro.

— Está melhor do que o último.

— Verdade. — Respondeu e me colocou dentro do box.

Enquanto tomávamos banho, continuávamos a nos alisar e dizer o quanto nos amávamos. Era difícil não agir como idiotas apaixonados quando realmente éramos idiotas apaixonados. O que poderíamos fazer, afinal?

Dashier saiu primeiro, enrolou a toalha em sua cintura e, enquanto se olhava no espelho, colocava o creme dental em sua escova. Esperei ele a colocar na boca e começar a escovar seus dentes para me vingar de todas as vezes em que ele me dera notícias importantes como se não fossem grande coisa.

Como quando ele disse que me amava pela primeira vez enquanto eu dobrava minhas calcinhas ou quando me pediu em casamento enquanto fingia ler algo em seu Kindle.

— Dash? — Chamei sem parar de ensaboar meus braços.

— Hum? — Respondeu com a boca cheia de espuma e ainda escovando os dentes. Pela minha visão periférica, percebi que ele se virara para mim.

— Fui ao médico hoje. Estou grávida. Seis semanas, aproximadamente. — Ouvi ele cuspir e tossir ao mesmo tempo. Sorri, mas continuei com a minha higiene, esperando por suas palavras.

— Você está brincando comigo? — Sua voz era embargada.

— Não. Eu não brincaria sobre isso. — Respondi. Poucos segundos depois, a porta do box estava sendo aberta, e ele estava entrando. Seu sorriso era largo, e lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Vamos ter um bebê?

— Vamos ter um bebê. — Respondi, sorrindo enquanto ele me abraçava com força.

— Por que não me contou antes? — Pedi.

— Eu queria sexo sacana antes, sei que você ficará todo neurótico sobre isso agora. — Debochei.

— Eu ainda posso fazer amor lento e gostoso com você, Cupcake.

— Eu realmente espero que sim. — Cobrei. Dashier me levantou em seus braços e beijou meus lábios com devoção.

Era fácil esquecer o quanto tivemos que enfrentar para chegar onde estávamos.

Como se o quebra-cabeças da minha vida simplesmente estivesse programado para começar a se encaixar sozinho no momento em que um belo menino de olhos brilhantes invadissem a minha mesa em uma padaria no meio do café da manhã. Meu destino era aquele. Era me apaixonar por um homem quebrado e ser mãe de um menino que não havia nascido de mim, mas nasceu para ser meu.

O destino não é engraçado. Ele faz coisas cruéis com você, mas também faz coisas lindas que se encaixam tão perfeitamente, que você apenas sente.

Sente que era para ser.

**FIM**

## CAPÍTULO BÔNUS

Minha esposa estava grávida.

Minha esposa estava grávida!

E eu tinha espuma de creme dental passando pela minha traqueia naquele momento. Que momento para escolher me contar algo importante... Mas ela estava apenas me dando o troco. Foi assim que disse que a amava e depois a pedi em casamento. Ela estava se vingando de mim. E eu não podia estar mais feliz com a sua vingança.

— Vamos ter um bebê? — Perguntei, sentindo a água do chuveiro escorrer por nossos corpos.

— Vamos ter um bebê. — Respondeu com um sorriso enorme em seu rosto.

— Por que não me contou antes?

— Eu queria sexo quente antes, sei que você ficará todo neurótico sobre isso agora. — Brincou. Ela sabia que eu seria cuidadoso, mas entendia que eu só queria o melhor e mais seguro para ela e nosso bebê.

— Eu ainda posso fazer amor lento e gostoso com você, Cupcake. — Molhada, em meus braços, com aquele sorriso lindo, Quinn ainda conseguia me colocar de quatro por ela, mesmo depois de anos de casamento.

— Eu realmente espero que sim. — Avisou como um alerta. Peguei ela em meus braços, a fazendo enroscar suas pernas em minha cintura automaticamente. Presei suas costas na parede e a beijei com força.

— Vamos ter um bebê. — Sussurrei entre os beijos. — Vamos ter um

bebê.

Era como se eu estivesse recebendo o meu último pedaço de redenção. O que eu havia feito no passado estava no passado, mas sempre me lembraria de tudo o que havia acontecido. O meu passado fazia parte de quem eu era naquele momento. Se o meu passado fosse diferente, talvez eu não tivesse Hazel, meu garoto inteligente, eu não teria Quinn, minha Cupcake.

\*\*

Nós não queríamos contar a Haze por telefone, então tivemos que esperar o mês inteiro para dizer que ele ganharia um irmão ou irmãzinha.

Quando ele chegou, saltou pelas portas do elevador, correndo direto para Quinn. Entretanto Hazel estava alto, grande, e correr para Quinn daquela forma poderia machucar ela ou o bebê, então eu o interceptei no meio do caminho.

— Pai! — Exclamou, rindo. — Você era o próximo.

— Eu estava com muitas saudades, garoto. — Justifiquei, ouvindo a risada de Quinn.

— Oi, pai! — Cumprimentou, me abraçando novamente.

*Oi, pai!*

Ele não me chamava mais de papai, chutava a minha bunda em alguns jogos de videogame, trocava mensagens de texto no telefone enquanto eu estava falando com ele e estava pensando em meninas.

Meu garotinho estava crescendo rápido demais.

— Oi, amigo. — Haze se afastou e foi para a sua mãe. Beijou o rosto de Quinn sem muito esforço, estava cada vez mais alto.

— Oi, mãe! Senti saudades. — Resmungou no pescoço dela.

— Eu senti também, querido. Morri de saudades. — Ela o abraçou

com força. — Precisamos conversar. — Emendou logo em seguida. Ela estava louca para contar a novidade. Estávamos aproximadamente com dez semanas de gravidez, não havia nenhuma mudança no seu corpo ainda, mas estávamos ansiosos para que começassem. Os enjoos, no entanto, eram a denúncia perfeita para a gravidez de minha esposa.

Quinn não conseguia entrar na Bakery. Não podia sentir cheiro de lixo e nem tomar água em temperatura ambiente. Tudo lhe dava ânsia de vômito imediatamente.

Quinn estava chateada por não ir à Bakery, é claro, mas estávamos felizes. Eddie, Fern, Lowie e Shelly estavam muito felizes também pelo motivo o qual não íamos mais a Bakery, ao menos não por um tempo, até Quinn melhorar dos enjoos.

— O que foi? — Haze perguntou, desconfiado.

Quinn o puxou para a sala, e nos sentamos no sofá. Haze olhou para nós um pouco preocupado.

— Estou em apuros? — Perguntou, parecendo nervoso.

— Fez algo para ficar em apuros, garoto? — O tom de voz de Quinn mudou no mesmo momento.

— O que você fez, Hazel? — Perguntei.

— Nada, pai. — Disse, se defendendo.

— Haze... — Quinn o encarou. Era assustador realmente quando ela estava brava e resolvia nos encarar. Quinn dava medo quando queria.

— Eu juro, mãe. Juro. Só pensei que tinha feito algo sem querer.

— Tudo bem. — Quinn relaxou, mas eu sabia que ela investigaria nosso filho mais tarde e faria um bom interrogatório com ele. — Nós temos algo para lhe contar. — Quinn olhou para mim e sorriu. Seus olhos brilharam e marejaram quando ela me olhou. Pegando a sua mão, assenti para que ela dissesse a ele. — Muito bem, filho, temos uma notícia para você.

— O quê? Fala logo, mamãe! — Pediu, excitado.

— Nós vamos ter um bebê. — Quinn respondeu com calma.

— Um bebê? — Sua pergunta saiu alterada, quase um grito. Haze se levantou do sofá e pulou na nossa frente. — Eu terei um irmãozinho?

— Ou irmãzinha. — Emendei.

— Caramba! Que super! — Ele pulou em cima de mim e de Quinn, me deixando nervoso.

— Cuidado, pode machucar sua mãe. — Alerttei.

— Eu não sou de vidro. — Minha esposa riu.

— Eu vou poder ensinar piano para ele quando crescer. E vou ajudar com o dever de casa. Você vai ver, mamãe, eu vou ser o melhor irmão do mundo. — Quinn chorou e beijou o rosto de Haze, que ainda tinha parte do corpo em cima dela.

— Eu sei, querido. Você será o melhor irmão do mundo todo.

— Obrigado, mamãe. — Ele sorriu e então me olhou. — Tomara que seja uma menina, né, pai?

— Sim, amigo. Mas um menino também seria legal.

— Podemos ter os dois. Não podemos, mãe? — A empolgação dele era contagiante.

Quinn e eu gargalhamos.

— Ué, vocês podem fazer sexo de novo depois que o bebê nascer. — Disse como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Bem era a coisa mais óbvia, mas meu filho tinha onze anos.

— O quê? — Eu e Quinn gritamos juntos.



## CAPÍTULO BÔNUS II

*Blim, blim, blim.*

*Blim, blim, blim.*

Era o barulho que fazia a taça quando meu garfo tocava nela.

Todos os convidados dirigiram seus olhares quando me levantei e me preparei para o discurso.

— Me foi dito que era a missão do noivo fazer *O discurso*. — Olhei para a minha bela esposa e pisquei para ela. — Eu acho que apenas fui enganado. Não são os padrinhos que fazem isso?

Todos riram.

Olhando em volta, pude ver que todos que eu amava estavam ali. Minha bela e deslumbrante esposa. Meus amigos, os pais dela, meus pais, nossa família e minha pequena Donut.

Não foi difícil falar em público, todos sabiam que eu puxei a minha mãe e não ao meu pai neste quesito. Mesmo minha mãe não tendo me dado à luz, eu nasci para ser dela. Foi o que ela me disse desde os meus cinco anos de idade. E foi o que eu sempre senti também.

— Eu gostaria de agradecer a todos por estarem presentes neste momento tão importante. Eu e Courtney estamos imensamente felizes.

Olhei para minha garota e sorri, lembrando do dia em que nos conhecemos. Nos esbarramos em frente ao prédio da Colt Company. Courtney me atropelou com a sua bicicleta e deixou meu terno destruído...

— *Me desculpe! Me desculpe.* — *Ela levantou e começou a pegar as*

*folhas que escorregaram para fora da minha pasta.*

— *Não tem problema. — Respondi, tentando pegar a sua bicicleta do chão.*

— *Eu não deveria ter subido a calçada em cima da bicicleta, me desculpe. — Foi quando eu coloquei meus olhos nela. Ela me lembrava uma colega da escola primária. Minha segunda melhor amiga, Melanie Hillis. Os cabelos enormes e estilosos, ostentando uma grande faixa colorida, a pele lustrosa e negra, olhos amigáveis e sorriso largo. Fiquei perdido. Ela literalmente me atropelou. Passou por cima do meu corpo e do meu coração.*

— *Quero agradecer ao meu tio Andy. — Levantei minha taça de espumante em direção a Andreas e sua Lis, sorrindo para eles. — Eu tive a melhor despedida de solteiro da vida graças a você e ao meu pai. Obrigado por sempre estar ao meu lado. — Andy sorriu para mim em cumplicidade. Após levantar sua taça em minha direção, ele repetiu o gesto em direção ao meu pai, e os dois trocaram olhares cúmplices.*

— *Tio Andy, preciso de ajuda. — Entrei em seu escritório e fechei a porta atrás de mim.*

— *Garoto, você está branco. O que houve? Você engravidou alguém?*

— *O quê? Não! — Disse em minha defesa. — Eu bati o carro do pai. Ele vai me matar! Preciso de ajuda.*

— *Tudo bem, que carro você bateu?*

— *O Royce.*

— *Vá pedir ajuda a sua mãe, garoto. O Royce é coisa séria. Ele vai matar você.*

Olhei para a mesa dos avós e senti um nó na garganta. Poucos ainda estavam vivos. Meu avô Philip havia morrido seis anos antes, dormindo, de causas naturais. Meu avô Bernard teve um ataque fulminante do coração quando eu tinha dezesseis anos e minha avó Les morreu dois anos depois devido a complicações em um procedimento cirúrgico. Restavam meus avós Eddie, Fern e Susie. Eddie e Fern ainda estavam bem, mas Susie precisava de uma acompanhante.

— Quero agradecer aos meus avós, por me amarem tanto e ajudarem meus pais quando eles precisaram. Eu amo vocês. E amo aqueles que já foram meus avós biológicos Bernard, Leslie e Phil.

As lembranças do quanto me diverti com meus avós assolaram a minha mente, me fazendo sorrir. Eu fui uma criança feliz, cuidada e amada. Eu queria que meus filhos e netos tivessem tudo o que eu tive.

E eu sabia que eles teriam.

Olhei primeiro para meu pai. Ele não sabia, mas eu lembrava do dia em que fui morar com ele. Lembro de quando minha avó Les disse “*vai ficar tudo bem, ele será seu melhor amigo*”.

Na minha empolgação de menino, lembro que aquilo foi o que bastou para que eu fosse de bom grado com ele. No momento em que entramos no carro e ele me colocou no assento para criança, começou a falar sem parar.

— *Você vai adorar o que mandei fazer em seu quarto. Ele não é mais um simples quarto, eu mandei reformar todo. Tem suas cores preferidas, uma grande televisão para jogarmos aquele game que você gostou, e eu comprei um monte de action figure para você. Tem um lugar novo que eu quero levá-lo, dizem que servem ótimos cupcakes.*

*Eu amava cupcakes, eram pequenos, doces e alegres.*

Soube o que aconteceu com meus pais em meu primeiro ano de vida

NACIONAIS-ACHERON

quando eu tinha treze anos. Dizer que foi dramático e difícil seria mentira. Meus pais, Dashier e Quinn, foram delicados ao me contarem sobre a morte de minha mãe Victoria, e, à medida que cresci, fui entendendo exatamente o que aconteceu. Eu nunca culpei meu pai por nada. Ele tinha carregado esse remorso por tempo suficiente.

— Pai, nada nunca me fez amar você menos. Nem antes e nem depois de tudo. O homem que você é para mim, para a mamãe e para a nossa Donut é o modelo de homem que eu quero ser para a nova família que estou formando com Courtney. Obrigado, pai. Amo você. — Seus lábios se apertaram em uma linha reta, seus olhos se fecharam enquanto ele assentia em minha direção, tentando conter a emoção. A mão delicada de minha mãe alisou seu ombro. Vinte e um anos de casados, e seu amor e cumplicidade nunca vacilaram. Nunca.

Olhei para a bela mulher que me encarava com os mesmos belos olhos azuis de quando a conheci. Mamãe continuava linda, como um *cupcake*. Enchendo nossas vidas de cor e doçura.

— Mamãe... — Parei para me concentrar e não chorar. — Você não me deu a vida. Mas você me deu todos os meios para vivê-la da melhor maneira possível. Amando. — Foi tudo o que consegui dizer sem começar a chorar.

Courtney pegou minha mão e segurou com força, para apoiar o meu discurso. Olhei para minha esposa e sorri em agradecimento antes de continuar.

— Você me deu um pedaço de bolo. Meu primeiro beijo de uma bela garota. — Toquei meu rosto no local que ela havia beijado. — Você me deu passeios no parque, conversas divertidas, boa noite na hora de dormir. — Funguei. — Me deu uma família, mamãe. Aceitou e amou meu pai e a mim com desprendimento, sem julgamento... Você apenas nos pegou e nos amou.

— Ela apenas assentia e chorava. — Me deu seu carinho, conselhos, amizade e broncas... E você me deu a minha pior sentença e minha melhor amiga. — Olhei para minha irmã, ao lado de mamãe, e sorri para ela. Tão linda, exatamente como nossa mãe era.

*— Muito bem, amigo, mamãe e sua irmã estão esperando. Vamos entrar.*

*Eu me levantei, ansioso, e guardei meu telefone em meu bolso, esperando para poder entrar no quarto de hospital. Mamãe tinha entrado em trabalho de parto durante a madrugada. Ela desistira de ter parto normal no momento em que sentiu a primeira contração, então foi rápido para ela colocar a minha irmã no mundo. Nós a chamávamos de Donut, já que eu era o Macaron, mamãe, o Cupcake e papai, o Danish. Ela precisava de um apelido também, mas eles não haviam escolhido um nome ainda. Queriam ver seu rosto quando nascesse.*

*— Já escolheram o nome? — Perguntei, nervoso, enquanto passávamos pela porta e encontrávamos minha mãe e seu pequeno pacote lilás.*

*— Ei, baby... — Mamãe sussurrou. — Venha ver sua irmã.*

*Eu me aproximei, calado, e olhei para o pequeno ser em seus braços. Seus olhos estavam fechados e suas pálpebras eram quase transparentes, ela era praticamente careca. Seus cabelos loiros quase não existiam.*

*— Hazel, conheça sua irmã, Destiny. Destiny, esse é seu irmão. Quando você abrir seus olhos e vê-lo, vai se apaixonar como eu fiz quando o conheci.*

— Dest, pequena Donut. Você completou nossa família de uma forma

que nunca entenderá. Você é um pé no saco na maior parte do tempo. — Ela revirou seus olhos para mim enquanto ria e chorava ao mesmo tempo. — Mas você é minha diversão garantida, companheira de corridas no parque e minha agente dupla quando eu ferro as coisas com Courtney. Obrigado por tornar a minha vida mais feliz.

Como sempre ela fazia, Dest soprou para mim um pequeno beijo.

Enquanto minha esposa agradecia à sua família e amigos, olhei meus pais e minha irmã, lembrando de quando minha mãe resolveu contar sobre como o destino às vezes funcionava da forma mais bela que poderíamos imaginar. Ela também me contou que não se lembra, mas que em outra vida, havíamos combinado de nos encontrar nesta. E quando nos encontramos, tudo se tornou melhor.

— *Posso te chamar de mamãe?*

— *Nada me faria mais honrada, Hazel.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus leitores, seguem meus eternos agradecimentos. Obrigada pela oportunidade que cada um de vocês deu a mim e a este livro. Vocês são demais!

Definitivamente preciso agradecer ao meu marido, por sua compreensão e ajuda durante todo o processo deste livro. Chegar em casa depois de um dia cansativo e assumir nosso filho e nossa casa, porque você entende que meu dia, mesmo estando em casa, foi tão cansativo quanto o seu, realmente me faz querer escrever mais livros não apenas sobre mulheres empoderadas, mas sobre homens de verdade. Você me inspira.

Ao meu filho, por ter me dado a inspiração que eu precisava para fazer Hazel existir.

Aos meus revisores, Clara Taveira e Raphael Pellegrini, por me ensinarem tanto e praticamente – e literalmente – todos os dias não apenas sobre revisão, mas sobre tudo, inclusive sobre amizade. Nunca serei grata o suficiente a vocês.

A Wilka Andrade, uma leitora que virou assessora. Obrigada pelo carinho e dedicação. Fico muito feliz por saber que Quinn, Dash e Haze fizeram os seus dias melhores. Obrigada por sua amizade.

PERIGOSAS

LEIA TAMBÉM  
ORANGE KISS

NACIONAIS-ACHERON



## PRÓLOGO

Em todos os meus nove anos de juventude, dos quatorze aos vinte e três, eu nunca havia surtado.

Eu juro.

Sempre fui uma menina calma, aquela que observava as outras crianças interagirem, esperando que conversassem comigo para realmente me envolver com algo. Quando cresci, não foi diferente. Eu analisava, esperava e escutava mais do que falava, isso até hoje. É mais fácil. Eu não preciso dar opinião antes de ninguém, tenho tempo para analisar todos os pontos de vista antes de colocar o meu próprio. Se isso se fizer necessário, é claro.

Mas, de repente, eu estava me olhando no espelho e me via vestida em um pedaço de pano a vácuo, de cor preta, que acentuava os meus quadris largos, tinha o cabelo recém-pintado em várias mechas douradas, soltos em cachos, uma maquiagem que eu, em discordância da minha melhor amiga, considerava de puta barata. Tentava criar coragem para colocar saltos assassinos e estar pronta para ir a um clube para mulheres, ver dançarinos exóticos, para não dizer prostitutas, de corpos sarados, banhados em óleo perfumado, com gravata borboleta e cueca asa delta a tiracolo.

Definitivamente estava surtada quando resolvi deixar Leeta resolver o meu problema de coração partido.

Quando Mark me deixou, eu realmente pensei que morreria, que aquele seria o pior dia da minha vida e que nunca me recuperaria novamente. Eu o amava, afinal de contas. Naquele dia, cheguei completamente desolada e aos prantos em nosso apartamento. Leeta, minha melhor amiga e colega de quarto, foi em minha direção quando me ouviu.

– Paige, o que aconteceu? – Perguntou, se aproximando enquanto eu me sentava no sofá, sem forças para correr para meu quarto.

Me olhei no reflexo do espelho da parede, colocado estrategicamente

NACIONAIS-ACHERON

na sala para dar sensação de espaço e facilitar quando fôssemos nos maquiar, e notei que a maquiagem que mais cedo eu havia aplicado com ajuda dele agora estava me transformando em uma espécie de urso panda. Passei as mãos no rosto, tentando me deixar menos horrenda, e gaguejei: – Ma-Mark.

– Oh, querida!

Ela me abraçou do jeito que pôde, sentando-se ao meu lado e me mostrando que eu não precisaria contar nada para ela. Não naquele momento. Minha amiga aceitou o fato de eu estar sofrendo e me deixou desabar sobre seu ombro, pelo resto da noite.

Quando eu finalmente parei de chorar, levantei minha cabeça e analisei o rastro de maquiagem, lágrimas e ranho na camiseta de Leeta, que me olhava enquanto eu contava como tudo terminou. Antes que eu pudesse começar a chorar novamente, Leeta se levantou e anunciou seu próximo plano: – Vamos fazer uma mudança radical, baby. Amanhã, enquanto estivermos no salão de beleza, vamos fazer de você uma nova Paige McAvon, aquela que Mark Jamesen vai se arrepender pelo resto da vida por ter dispensado.

Isso me trouxe até aqui, neste momento. Onde eu não sou mais completamente morena, ainda que não completamente loira, e uso roupas que eu nunca vestiria no meu dia a dia. Pensando agora, com mais clareza, não passou vinte e quatro horas de meu rompimento, eu ainda deveria estar chorando, e não me vestindo para ter uma foda paga.

Bem, continuo pensando que morrerei por causa da separação, mas definitivamente minhas últimas vinte e quatro horas estavam perdendo feio o concurso de pior dia para hoje.

Aquilo não daria certo.

*Não poderia dar certo.*

Forçar uma situação só me deixaria pior no final da noite, mas Leeta

tinha outra opinião sobre isso.

– Coloque os sapatos, Paige. – Ela apontou para eles com uma mão enquanto a outra se mantinha na sua cintura, de forma autoritária.

– Passei o dia inteiro andando com você por aí, pela cidade, fazendo compras, mudando o meu visual e arrancando os pelos da minha virilha de forma cruel e doentia, Lee. Pode, por favor, reavaliar os sapatos?

– Não.

– Não posso andar com eles. Eu trabalho o dia inteiro em saltos de cinco centímetros por um motivo: conforto.

– Sim, você pode e você vai.

– Não posso. – Neguei novamente.

– Sim.

– Não.

– Ponha os sapatos, Paige!

Uma buzina tocada três vezes do lado de fora do prédio interrompeu nossa discussão.

E me fez perdê-la também.

– Becca chegou. Não queremos deixá-la esperando. Coloque o sapato, agora! – Ela exigiu e assistiu satisfeita eu me equilibrar nos enormes saltos negros.

Eu podia andar em saltos, fazia isso todos os dias em meu trabalho como *hostess* em um bistrô no centro da cidade. Só que eram saltos razoáveis, e não plataformas que poderiam me ajudar a atravessar um rio sem sequer molhar meus pés.

Enquanto caminhávamos para o carro, notei que Leeta usava calças coladas, o que me fez parar de andar abruptamente.

– Por que você fica com as calças, e eu com esse pedaço de pano?

– Porque *você* precisa comprar uma foda quente. Eu apenas vou me

divertir.

– Eu não quero comprar um homem, Lee. Eu quero ficar em casa. Isso não vai me ajudar. Não está ajudando agora. Eu preciso de tempo para me curar.

Leeta se virou para mim e respirou fundo antes de falar.

– Sei que está machucada. Mas uma noite com outro cara vai te ajudar a ver que o bundão do Mark não é o último homem da terra.

– Eu preciso transar para isso?

Outro suspiro cansado.

– Não, P. Você não precisa. Apenas vá e se divirta. Tente tirar a sua mente da bunda daquele imbecil.

– Obrigada. – Disse, sorrindo aliviada.

– *Yeah!* Agora vamos.

Estava levemente frio enquanto o carro atingia velocidade na orla de San Diego. Aproveitei o ar gelado que a velocidade do carro me proporcionava para me livrar do cheiro de cigarros de canela e do perfume doce de Rebecca.

Rodamos por apenas vinte minutos, até que Becca diminuiu a velocidade e entrou em um recuo, parando logo em seguida.

– Chegamos! – Ela cantarolou ao mesmo tempo em que Leeta, excitada, batia palmas.

Saí do carro junto com elas enquanto olhava o prédio em nossa frente. *Orange Kiss* era o nome do local para o entretenimento exclusivamente feminino, e isso era tudo o que eu sabia sobre ele. Podíamos ver apenas uma sofisticada placa onde as iniciais *O.K.* estavam escritas em uma letra clássica numa fachada toda negra. O local todo parecia muito sofisticado e discreto, talvez fosse por isso que eu nunca tinha ouvido falar da boate antes de Rebecca se gabar do quanto conhecia o local perfeito para me fazer esquecer

Mark Jamesen.

Com exceção de nós, apenas o *valet*, que agora pegava as chaves do carro de Rebecca, estava em frente ao clube. Ele nos desejou boa noite e indicou a entrada. Caminhamos até o local indicado, enquanto Becca revirava sua bolsa, tirava dois envelopes pretos e entregava para Lee e para mim. O envelope tinha as iniciais O.K. em laranja e estava selado com um adesivo de mesma cor, igual à da fachada. Quando chegamos a porta, Becca tocou o interfone e Leeta me olhou animada, batendo palmas novamente.

– Lembre-se de três coisas – ela começou a me dizer – Você está linda, você é sexy e você está proibida de dizer não. – Puxei minha boca para o lado em uma careta preocupada, mas assenti. – Você está aqui para esquecer aquele babaca e seguir em frente.

Ela tinha uma visão meio deformada das coisas. O fato de Mark querer terminar as coisas comigo não faz dele um babaca. Embora eu estivesse de coração partido, não poderia classificar meu ex assim. Além do mais, eu estava ali para seguir em frente com um bando de outros babacas com óleo perfumado pelo corpo, gravata borboleta e sunga asa delta. Como você tira um cara da sua cabeça deixando outros tantos suados vestindo tangas rebolarem em volta de você?

Vai entender...

– Boa noite, senhoritas. – Um homem jovem, de cabelos curtos em um quase moicano vestindo um terno completamente negro, nos cumprimentou com um sorriso largo. – Meu nome é Peter, sou o *host* do clube. Posso ver seus convites?

Lee suspirou e grunhiu para Peter, que sorriu de forma sexy, para ela. Certamente estava acostumado a ver mulheres se derretendo por ele.

Nós três estendemos nossos envelopes para ele, que prontamente abriu e os verificou. Uma olhada séria para Rebecca, um sorriso e logo ele

estava liberando espaço para entrarmos. Aparentemente ele tinha gostado mais de Becca do que de Lee.

– Imagino que já saibam como funciona, senhoritas!

– Não. – Eu respondi por todas.

– Pois aqui está... – Peter começou a nos dar as coordenadas do local.

Orange Kiss é uma casa noturna, apenas para mulheres, que proporciona show e divertimento para o público, garantindo discrição e ótima companhia caso quiséssemos “esticar a noite” com algum dançarino.

Dança e conversa eram permitidas, tocar apenas se o dançarino deixasse durante o show ou depois, quando eles circulavam para “conversar”. Não havia quartos no clube, logo, se eu quisesse sair para transar com algum daqueles prostitutas, eu teria que levá-lo para longe dali.

Os convites não eram fáceis de conseguir. Você poderia obtê-los se algum membro lhes fornecesse, ou se você se tornasse um membro daquele clube. Era uma forma de garantir um pouco de discrição sobre o local. Não que fosse proibido ir a uma boate ver caras sarados e gostosos rebolando, longe disso, mas aparentemente O.K. era um clube que permitia que quem não era permitido estar ali sem problemas maiores.

Deus, eu queria vomitar.

– Pelo número nos convites, vejo que vocês têm amizade com um sócio privilegiado. É o camarote da segunda fileira. – Peter sorriu para nós com nossos convites nas mãos.

– Ah! Por que não a primeira? – Leeta lamentou, fazendo um beicinho para o *host* do local.

– Acredite senhorita, a segunda fileira lhes proporciona uma visão melhor do show. A primeira as deixaria apenas com dor no pescoço e molhadas de suor. – O homem disse enquanto nos direcionava a nossa mesa. Ele afastou a cadeira para cada uma de nós e nos explicou como funcionava a

casa.

– Ouviram? Banho de suor. Nojo! – Resmunguei para Becca e Leeta.

– Não seja dramática. – Leeta murmurou de volta. Rebecca parecia apenas séria demais, olhando para todos os lados.

– Como foi que descobriu esse lugar, Becca? – Lee perguntou, assustando-a um pouco. – O que foi?

– Nada, é só que... Agora que estou aqui, eu meio que... estou com medo...?

Rebecca com medo, era novidade para mim.

Mas eu a entendia, de qualquer forma. Quando uma pessoa não está acostumada a desfilar neste tipo de ambiente, é meio normal isso, eu acho. Mesmo se tratando de Rebecca, a rainha das festas, aquela que se jogava em qualquer coisa perigosa e ilícita.

Olhei em volta, percebendo um pouco mais o local. O palco em “T” era grande e se estendia por todo o salão, deixando espaço para as mesas e alguns camarotes. Um lustre enorme de cristal ocupava quase todo o espaço central do teto; as paredes eram aveludadas, em azul escuro, enquanto as luzes, laranjas quase âmbar, davam o charme obscuro ao local.

Os sofás eram enormes, de couro negro, e cobriam praticamente todas as laterais do clube. A cada lado do palco havia um sofisticado bar que, por sua vez, era o local mais iluminado do clube, com banquetas altas e estofadas em laranja. As mesas, de no máximo quatro lugares, eram redondas e de vidro, e em cima de cada uma, havia um suporte sofisticado de vidro, em forma de gota, com água dentro e uma grossa vela, também laranja, queimando em seu interior. Ao lado, havia a carta de bebidas preta em letras laranjas simples com as variedades de drinks da casa.

Como esperado, eles não vendiam cerveja. Eram apenas vinhos, espumantes, coquetéis e bebidas quentes.

*Eu queria cerveja.*

– Então? – Leeta insistiu com Becca.

– Uma amiga minha me falou do local. Ela disse que teria convites quando eu quisesse. Eu nunca pensei em vir enquanto estava com Jason, então terminamos e eu havia esquecido disso. Quando você me ligou falando do problema de coração partido da P, pensei que seria uma boa oportunidade.

– Becca deu de ombros e voltou a olhar o menu.

– Boa noite, senhoritas. Bem-vindas ao Orange Kiss. Posso trazer algo para vocês?

– Um Cosmo. – Leeta pediu primeiro.

– Martini. *Dry*, por favor. – Becca disse enquanto me passava a carta de bebidas.

Eu analisei por alguns instantes a lista de bebidas e ansiei por uma cerveja, mas eu já sabia que não tinha.

– Por que não há cervejas?

– Sendo um local para senhoras sofisticadas, o dono pensou que seria melhor não colocar cerveja. É para manter a magia da coisa, eu acho. – O garçom respondeu erguendo rapidamente os ombros e me olhou, aguardando o meu pedido.

– Que merda ridícula. – Resmunguei.

– Tente ser legal e escolha uma bebida. – Leeta pediu em voz baixa.

– Apenas uma taça do espumante seco que você tiver. Obrigada. – Sorri, entregando a carta e voltando minha atenção para a história de Rebecca.

Mas ela não tocou mais no assunto e continuou olhando para todos os lados. Realmente era uma novidade ver Becca desconfortável.

O local estava enchendo de mulheres rapidamente. Eu podia ver a variedade de seres do sexo feminino que preenchia o espaço; garotas



escandalosas, aparentando serem mais novas do que eu, mas que usavam maquiagens para parecerem mais velhas, e excitadas de uma forma que esperei não ter confundido esse clube com um show de *Justin Bieber*. Seus gritinhos eram enervantes.

Vi mulheres mais velhas, em roupas sofisticadas; vi mulheres comuns que pareciam ter saído de seus escritórios e resolvido relaxar aqui esta noite; e vi mulheres que pareciam ter hora fixa todas as semanas na mesa de cirurgia do *Dr. Hollywood*. Seus rostos esticados, tentando aparentar vinte anos a menos, quando na realidade pareciam mais com tartarugas. Era realmente patético ver aquelas mulheres.

Então eu lembrei do meu cabelo não natural. Claro que estava bonito, mas eu o mudei na tentativa de fazer meu *ex* notar, mesmo que ele realmente não fosse assistir nada daquilo de camarote, que eu poderia viver sem ele e ter o homem que eu quisesse aos meus pés. Lembrei da minha maquiagem forte, que eu usava raramente, mais precisamente em outubro, mais precisamente dia trinta e um, quando era *Halloween* e eu poderia parecer quem eu não era, sem nenhuma vergonha. Lembrei do meu vestido curto e colado, que estava na moda e todas as garotas usavam para chamar a atenção para o seu corpo.

Então eu soube.

Eu era como elas.

Quem eu pensava ser, para julgar cada uma daquelas mulheres?

Seus rostos esticados, seus cabelos pintados, suas tentativas de esquecer algo, se divertir ou ainda suprir alguma tara que era apenas delas, eu nada tinha a ver com isso e não tinha nenhum direito de julgá-las.

Nossas bebidas chegaram e continuamos conversando, até que as poucas luzes existentes no local foram apagadas e ficamos iluminadas apenas pela luz das velas no centro das mesas. *Alorson Danse*, uma música antiga,

dançante e francesa, começou a tocar, fazendo a boate ganhar um pouco do meu respeito, pois amava aquela música. O palco foi iluminado por um canhão de luz branca. Um homem vestido de mulher, alto, negro, uma cópia fiel de Tyra Banks saiu das cortinas e caminhou até o centro do “T”, se mantendo sob a luz.

– Boa noite, senhoras e... senhoras. – Ela sorriu com a piadinha e assim todas seguiram a deixa, rindo junto com ela. Sua voz era tão feminina... – Bem-vindas a mais uma deliciosa noite na Orange Kiss. Meu nome é Lolita Parker e tenho algumas atrações completamente irresistíveis aqui atrás. – Ela terminou a frase de forma arrastada e sedutora, fazendo com que o salão explodisse em gritinhos excitados. Sim, ela era totalmente a Tyra Banks.

– Sério? O nome dela é Lolita? Jurei que era Tyra. – Fiz um esforço para não rir de Leeta. Ao menos eu não era a única a achar a semelhança bizarra.

Aliás, eu estava em uma experiência bizarra.

Embora fosse quieta, pacífica e observadora, sempre odiei ser tratada como um objeto, e agora estava praticamente dentro de um açougue escolhendo a carne que eu comeria essa noite.

– Espera, ela é uma travesti que faz performance da Tyra Banks? Eu posso jurar que já vi aquele figurino no *The Next Top Model*!

– Cala a boca, Leeta. Claro que é uma travesti. – Becca reclama, sem olhar em direção a ela.

– Antes de começarmos, temos algumas regrinhas para vocês, senhoritas:

*“Vocês não tocam sem permissão.*

*Tratem nossos meninos com respeito, lembrem-se que para nós, não realmente quer dizer não.*

*As conversas, após o show, não são de nossa responsabilidade.*

*Respeitem-se, não atrapalhem as conversas umas das outras.  
E, definitivamente, não se apaixonem!”*

Se apaixonar?

Por um garoto de programa?

O que é isso? *Uma Linda Mulher* invertido?

## UM

Fiquei chocada com a apresentação, mas ao menos eu estava dando boas risadas. Ainda nem tinha visto os gorilas de sunga e gravata borboleta e, bem, eu não estava pensando no babaca do Mark. Ao menos não muito, o que era um grande avanço, considerando que ele havia terminado comigo havia pouco mais de vinte e quatro horas.

De repente, comecei a ficar animada com a situação, não tanto quanto Leeta e Becca, que quicavam em suas cadeiras, mas realmente empolgada com o que aconteceria logo a seguir. Levantei minha mão, chamando o garçom, e pedi mais duas taças de espumante para mim e uma garrafa de água.

– Está quente aqui. – Falei, agitando um pouco meus cabelos. As meninas nem me deram atenção, pois, naquele mesmo momento, Lolita Parker anunciava a primeira atração: – Então, senhoritas. Deem as boas-vindas ao Doutor Robert, um cardiologista perfeito para o seu coração. – Disse a nossa apresentadora, novamente com a voz arrastada, enquanto saía do palco.

– *Não poderia ser um ginecologista?* – Alguém gritou, fazendo com que eu cuspissem meu drinque e gargalhasse.

– Viu? Minha ideia foi boa. – Leeta disse, animada ao me ver rindo.

– *Yeah!* – Respondi, dispensando-a e prestando atenção no palco quando uma sirene tocou e em seguida *Sexy Back*, de Justin Timberlake, começou a tocar.

Um homem extremamente alto e largo entrou, vestindo branco dos pés à cabeça e uma máscara cirúrgica, o que me fez gargalhar um pouco mais. Por sorte, minha gargalhada foi abafada por gemidos e urros de pura satisfação das outras mulheres. Ele rebolou, e por alguns minutos, eu pensei que o próprio Justin estava ali dançando.

NACIONAIS-ACHERON

Enquanto engolia o conteúdo de minhas taças e bebia metade da minha água, Doutor Robert já havia arrancado a máscara, jogado o estetoscópio de lado e tirado a camisa. Apenas usando suas calças e sapatos brancos e mostrando seu peito lustroso de óleo – eu sabia que eles usavam óleo –, ele girava em seu eixo repetidas vezes, antes de ondular seu tronco com as mãos no botão da calça. Isso fez com que algumas mulheres agissem como as tietes dos *Beatles* em um show, puxando os cabelos e sapateando feito loucas.

Elas gritavam para ele tirar, e para a minha total surpresa e sarcasmo, ele tirou. Arrancou as calças, deixando sua sunga à mostra.

*Ok! Não era asa delta, era mais do tipo shortinho, mas continuava tendo óleo no corpo.*

Ele se deitou no chão e se arrastou até uma mulher que lhe mostrava uma nota de dólar entre os dedos. Quando se aproximou, acariciou o rosto da mulher e lhe deu o sorriso mais brilhante e sedutor que podia, antes de pegar o dinheiro. Ele se levantou e ajoelhou na frente dela, deixando que ela passasse a mão ao longo de seu peito e abdômen, fazendo ela quase desmaiar.

Levantei minha mão imediatamente e pedi mais duas taças de espumante para mim.

Depois do médico, tivemos o índio selvagem, o *viking*, o agente do FBI, o Homem de Ferro – neste, confesso que gritei –, que, além de tirar a armadura toda, ainda tinha que tirar o terno de Tony Stark ao som de uma música qualquer do AC/DC. Tive que bater palmas e assobiar para a criatividade daquele homem. Aliás, para o conjunto completo.

Pedi mais algumas taças de espumante. Eu sabia que a bebida iria cobrar o seu preço a qualquer momento, mas era sábado e foda-se, eu tinha um coração partido para curar.

Quando finalmente a última atração da noite foi anunciada, eu já

estava completamente solta, alegre e quente, muito quente. Não era pelos homens, era a bebida mesmo.

Bem, até aquele momento.

– Então, senhoritas, preparadas para ele? – As mulheres gritaram com toda a força, e eu as segui naquela euforia. Provavelmente era o álcool. Que se dane! Aquilo era divertido. – Aí vem ele, donzelas em perigo. Nosso príncipe encantado!

Eu não deveria ter bebido na hora em que aquela mulher estava anunciando a próxima atração. Os cabelos de Leeta ficaram molhados de espumante, tamanha foi a minha cuspidinha. Eu meio que me afoguei um pouco também.

– Jesus, Paige! – Lee reclamou. – Chega de bebidas para você.

– Cala a boca. Príncipe Encantado? Sério? Que besteira!

Aquela merda não existia.

As mulheres histéricas pensavam ao contrário de mim. Príncipes existiam, na opinião delas.

De repente, *Only Hope*, de Switchfoot, começou a tocar, me pegando completamente de surpresa. Eu gostava da música e tudo, mas “*Santa merda, Batman!*”. Era uma música de banda gospel tocando dentro de um antro de perdição!

*Papai ficaria orgulhoso!*

Olhei para o palco e esperei que o prostituto aparecesse. Me arrependi, deveria ter ido ao banheiro ou qualquer coisa parecida, pois, no momento em que coloquei meus olhos naquele homem, não consegui mais desviar.

Príncipe Encantado era... era... Porra! Ele era um Príncipe Encantado. Sua presença no palco era leve, delicada e sensual, eu consegui perceber cinco segundos depois de vê-lo.

Caminhando até o centro do palco e vestindo calças de veludo marrom coladas no corpo, camisa branca, um colete preto para combinar com as botas e um cinturão onde prendia a sua espada, ele simplesmente me fez sentar na ponta da minha cadeira, ereta e incomodada.

Parecia tão másculo, um grande e perfeito suado príncipe que acabou de lutar contra o dragão imenso e está pronto para salvar a sua donzela. Ele caminhava vagorosamente por todo o palco e olhava, ao que parece, para cada uma das mulheres dali. Ele apontou para uma das meninas e a chamou. Imediatamente e histericamente, a garota subiu ao palco e se abraçou nele. Encantado pegou suas mãos e engatou em seu pescoço. Olhando no fundo dos olhos da garota, começou a se embalar, ao ritmo da música lenta. As mulheres foram à loucura.

E eu também.

Tudo bem, então, além de ser uma pessoa de personalidade tranquila, eu também era uma romântica incurável. Culpe Patrick Swayze em “*Dirty Dancing*”, Ashton Kutcher em “Sexo sem Compromisso”, culpe o filho da puta do Ryan Gosling em “Diário de uma Paixão”!

– Puta que pariu! – Eu disse, sem conseguir piscar. – Que porra de homem é esse?

– Não posso evitar! Eu quero ele. – Becca se abanou, assistindo à interação dele com a garota que tinha em seus braços.

Ele ondulou seu corpo junto ao dela e depois a virou de costas para ele e esfregou seu pau na bunda dela, me deixando completamente enciumada. Eu queria para caralho estar no lugar daquela mulher.

Ele dançou mais alguns segundos com ela e a levou de volta para a escada de saída do palco. A garota não pareceu muito feliz com a ideia, mas foi de qualquer forma, então uma outra música começou, uma mais agitada, eletrônica, e chegou a hora do Príncipe Encantado tirar a roupa.

Seu nível de dança era o mesmo dos outros rapazes, mas ele tinha charme e elegância, e eu não saberia dizer se era o personagem ou ele era mesmo assim. O Príncipe esticou um pé para uma das mulheres grudadas ao palco, e ela prontamente puxou sua bota. Ele andou até outra garota e fez o mesmo, assim ficou sem a outra bota. Em dois giros em seu próprio eixo, ele tirou a camisa, mostrando seu peitoral liso, musculoso e seus braços totalmente tatuados. Suas orelhas carregavam alargadores, deixando-o com toda a pinta de menino malvado. Era de tirar o fôlego.

– Cara, eu daria qualquer coisa para lambar aquele peito. – Deixei escapar para as minhas amigas, que gargalharam. Becca ficou me olhando por mais algum tempo. Eu não conseguia decifrar o seu rosto, mas ela parecia me analisar. – O quê?

– Nada. – Ela riu. – Apenas parece que ligaram um botão em você.

Decidi não lhe responder, meu foco estava no príncipe.

Ele tinha o cabelo quase que totalmente raspado, mas, pela cor da pele, eu poderia dizer que ele era loiro ou muito próximo disso. Talvez castanho claro, eu não sabia, mas me peguei supondo. Me estiquei um pouco mais para checar suas pernas assim que ele terminasse de arrancar suas calças as jogasse para o público. Ele as atirou na direção da mesa ao lado da nossa, e eu tive muita vontade de ir até a mesa arrancar das mãos da mulher que as segurava agora. Jesus, eu tinha bebido demais.

Ele dançou com mais uma ou duas mulheres aleatórias, e se fosse mensurar o tempo, eu diria que ele já estava dançando muito mais do que seus amigos. Enquanto checava seu corpo se movimentando, bebi mais algumas taças de espumante. O garçom nem esperava mais pelo meu pedido. Eu não sabia ao certo, mas tinha certeza que minha conta nesse local seria um rombo em meu orçamento.

De alguma forma, eu não me importava naquele momento.



De repente, eu me importava e morria de inveja da garota que estava lambendo o peito do Príncipe Prostituto enquanto ele se agitava e passava as mãos e seus braços perfeitamente tatuados no corpo dela. As mulheres gritavam a um ponto em que não se conseguia mais ouvir a música tocando. Foi então que ele a devolveu e caminhou em direção a nossa mesa, esticando sua mão para Becca lhe acompanhar. Oh, Deus! Por que ele não me escolheu? Por que ele não olhou em volta? Rebecca nem era tão bonita assim para ele não querer outra opção.

Eu queria estar no lugar dela, maldita!

– Ei! O meu coração está partido, não o dela, você deveria estar me escolhendo!

Príncipe Encantado olhou para mim e sorriu, algo brilhava em seus olhos. Ele se voltou para Becca e fez sinal para mim, pedindo permissão para ela. Becca sorriu, mas não de verdade. Parecia tensa e brava. Eu ficaria também. Ela devia estar quente por ele, assim como eu estava, mas balançou a cabeça em consentimento.

Leeta gritou ao melhor estilo “Xena, A Princesa Guerreira”, quando eu peguei a mão daquele homem e o deixei me puxar para perto dele, analisando meu rosto por vários segundos. Seus olhos eram de um estranho tom de verde, emoldurados por cílios grossos e compridos, sobrancelhas bem desenhadas moldando perfeitamente seu rosto, nariz fino, queixo quadrado, boca...

– Sua boca é tão linda. – Disse, fazendo-o sorrir largamente. — Passei as mãos em seus braços fortes.

– Obrigado, Princesa.

– Talvez eu possa beijá-lo agora.

– Que puta! – Ouvi Leeta dizer de forma divertida. Talvez eu estivesse falando alto demais.

Eu tive que concordar com ela, estava sendo uma puta. Mas o que mais eu deveria fazer ao ver aquela boca linda, grossa, perfeitamente desenhada e cheia de dentes brancos, que com certeza tiveram uma relação bem estreita com um aparelho ortodôntico?

– Talvez mais tarde, querida... – Ele disse, me levantando, me colocando em seu ombro e caminhando de volta para o palco. A música foi trocada no momento em que ele me colocou no chão e me virou, colando minhas costas em seu peito e rodeando seus longos, tatuados e grossos braços em volta de mim. – Agora vou fazer você dançar.

E ele fez.

Seu corpo apertado ao meu ondulou, fazendo com que seu pau esfregasse em minha bunda e eu ficasse ainda mais quente por dentro. Continuando o meu ataque de coragem, fechei os olhos e levantei meus braços para cima, deixando eles descansarem em torno de seu pescoço.

– Você é uma delícia. – Ele disse em meu ouvido, enviando arrepios por todo o meu corpo. Meu baixo-ventre se contorceu e eu juntei mais minhas pernas na tentativa de dar algum alívio ao desconforto que estava sentindo. Eu poderia ter respondido, mas depois de gemer como uma atriz pornô, resolvi deixar por isso mesmo.

Ele se esfregou em mim mais um pouco e me girou novamente, me pondo de frente para ele e pegando minha mão. Me reverenciou e beijou os nós dos meus dedos, e só então me direcionou novamente para a minha mesa.

Eu posso ter tropeçado.

Duas vezes.

– Sua vadia sortuda. Era para eu ter o pau dele roçando a minha bunda, não você. – Becca disse com falsa raiva.

– Você não saberia aproveitar.

– Puta!

Nós gargalhamos e chamamos o garçom. Desta vez eu pedi apenas água, mas roubei alguns goles da bebida de Leeta. Eu ainda conseguia me manter de pé, mas definitivamente poderiam me arrancar um siso sem anestesia, que eu provavelmente não sentiria nada.

As luzes pararam de piscar, mas continuavam fracas, dando aquele charme *à lá* bordel. A música se tornou ambiente, quando de repente os rapazes do show começaram a aparecer e conversar com as mulheres.

Eu pude notar algumas se aproximando com agressividade e outras apenas trocando beijinhos como se os conhecessem. Notei que o Príncipe estava conversando e rindo com uma das participantes do grupo de mulheres de negócios. Com terninho e muito discretas, elas pareciam quase mafiosas ali. A mulher distinta conversava com ele seriamente, como se não falassem de um programa, mas ele parecia simpático e atencioso com ela. Até que o seu olhar cruzou com o meu e a mulher foi momentaneamente esquecida.

Ele levantou o seu copo em minha direção, sorrindo. Eu não tinha um copo, então roubei o de Becca e levantei em direção a ele para retornar o brinde. Vendo toda a minha ação, sorriu, balançando sua cabeça em negação. Eu apenas sorri de volta e tentei dirigir a minha atenção para as meninas, que observavam a nossa troca.

– O quê? – Perguntei ao perceber a cara de depravada que as duas usavam para me fitar.

– Compre o programa. – Disse Becca simplesmente. Seu sorriso era mais do que brincalhão, era quase... sádico? Ela estava disputando ele comigo, e agora queria que eu comprasse um programa?

– O quê? Não! – Eu quase gritei. – Estou de coração partido, e não na seca.

– Ele poderia curar esse coração partido. – Lee disse, como se não fosse grande coisa.

– Ou me passar uma DST. É um prostituto. – As palavras saiam cada vez mais enroladas para mim.

– Você não reclamou enquanto escorria seu corpo no dele no palco, como se fosse um macarrão.

– Por cima de nossas roupas. Não seja uma cadela, Rebecca.

– Use camisinha, P. – Lee disse. – Pelo amor de Deus, você realmente acha que esse homem tem alguma doença? Ele não é uma “puta de rua”. Vai lá.

– Ele me parece muito saudável. – Becca analisou. – Um pedaço de carne quente e saudável. – Disse enquanto o encarava. Ele a olhou e logo desviou seu olhar, voltando-o para mim mais uma vez.

– Pelo amor de Deus, pare de encarar. – Resmunguei para minhas amigas, embora eu também estivesse o encarando. Um sorriso dançou em seus lábios, mas ele logo voltou sua atenção para a mulher.

– P, deixe de ser boba, não estamos em uma boate normal, onde ficamos flertando com os caras. Estamos em um clube de mulheres. Ele está acostumado com isso. Simplesmente aproveite, aqui você não precisa disfarçar.

Olhei para ele novamente, continuava conversando com a mulher, mas eu não notava nenhuma investida por parte dela. Eles pareciam apenas conversar. Para falar a verdade, pareciam bons amigos. Quando Lee percebeu que eu estava amarelando, rapidamente chamou o garçom.

– Por favor, um *Cowboy* para ela.

– Chega de bebidas. – Eu pedi.

– Você vai criar coragem. Vá até lá e contrate o programa, leve-o para o nosso apartamento. Vou te dar algumas horas antes de aparecer. – Rapidamente o garçom apareceu com a minha dose de uísque e, sem cerimônia, eu virei e engoli tudo.

Uma coisa boa de estar bêbada é que os saltos assassinos, que antes faziam os meus pés doerem para cacete, agora me permitiam dançar, sapatear ou mesmo correr. Senti que o uísque havia concluído totalmente o seu objetivo em meu sistema, então continuei de forma mais descarada a flertar com o meu Príncipe Encantado. Ele sorria para mim, me dava olhares de cima a baixo, fazendo o meu corpo esquentar completamente. Somente o seu olhar conseguia me deixar muito excitada, mas, ainda assim, não o suficiente para cair em cima dele.

– Ok, chega! Eu vou chamar o bonitão para uma brincadeira. – Rebecca disse, se virando e indo em direção a ele. Aparentemente, álcool não poderia me dar coragem, mas ciúmes, sim. Me atravessei na frente dela e segui mais rápido para encontrá-lo. Olhei para trás, notei Becca e Leeta rindo de mim e lhes mostrei o meu dedo do meio, antes que finalmente me aproximasse para falar com o Príncipe.

– Oi. – Disse, querendo me mostrar o mínimo embriagada possível.

– Olá, princesa. – Sua voz era completamente quente; ele parecia um locutor de rádio. Agora, sem toda a música barulhenta, eu podia ouvir e quase gozar com aquele som com muito mais facilidade. Porra!

– Oi... hum... Príncipe. – Disse, desajeitada.

– Posso ajudá-la?

– Arram. – Respondi, olhando para o copo dele. – Isto é álcool?

– Hum... sim. Cerveja.

– Oh! E por que você tem cerveja, e eu não? Tentei conseguir, mas não me deram. – Eu disse, um tanto indignada enquanto arrancava o copo da mão dele e bebia. Para sentir o gosto do líquido e, é claro, para criar coragem. Porra, a minha ressaca seria digna de um pronto socorro.

– Bem, você não trabalha na casa... – Ele sorriu largamente, mostrando profundas covinhas em cada face do rosto, me fazendo querer

lambê-las. – Se quiser, posso conseguir uma para você... – Ofereceu.

Aquela era a deixa. Aquele era o momento.

Eu estava bêbada, então tinha uma desculpa para fazer o que eu quisesse. O fato de estar bêbada também me dava uma desculpa para dar uma desculpa para fazer o que eu quisesse por estar bêbada... Ah, deixa para lá.

– Ou... você poderia me acompanhar até em casa, e eu poderia te dar algumas cervejas por lá.

*Encantado* levantou a sua sobrancelha para mim e sorriu de lado, sexy, enquanto me analisava dos pés à cabeça mais uma vez. Eu tive a sensação de que fiz o convite de forma errada, eu deveria perguntar quanto era o programa. Se fosse muito além das minhas economias, eu com certeza roubaria as reservas de despesas do apartamento, Lee me devia essa.

– E você tem apenas cerveja para me oferecer, querida? – Ele perguntou, se aproximando. Deus, como poderia existir um homem daqueles?

– Hum... – Comecei, me aproximando o que restava para colar nossos corpos. – Talvez eu tenha a intenção de mostrar algo mais.

– Estou ansioso para isso. – Disse enquanto aproximava seus lábios dos meus. Então me beijou, de forma que deveria ser julgada como crime.

E eu adorei.

Naquele momento, eu decidi que Leeta estava certa.

Mark Jamesen tinha que ser esquecido, e eu merecia ao menos uma noite não sendo eu. Fazendo tudo aquilo que eu simplesmente nunca fiz ou faria, nem mesmo em meus sonhos mais molhados.

Então eu aproveitaria essa noite. Mesmo que me arrependesse depois.

Ah, sim! Eu aproveitaria.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

## **OUTRAS OBRAS DA AUTORA**

### **TRILOGIA ADEUS**

Sem dizer Adeus

Aprender a dizer Adeus

Nunca mais dizer Adeus

### **VOLUMES ÚNICOS**

Orange Kiss

Groupie

Para Roxanne, com amor

### **EM BREVE**

Para sempre Madrinha

Andreas – *Spin-Off de O destino do CEO*



**WATTPAD**

@CarolMoura

**FACEBOOK**

Autora Carol Moura

**INSTAGRAM**

@CarolMoura\_Autora

---

[\[1\]](#) Daniel é protagonista do romance “Improvável Amor”, a ser lançado pela autora C. Caraciolo em 2018. Confira outras obras da autora na Amazon!